

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

ALEX BLASI DE SOUZA

**INVESTIGANDO UM IDEAL DE (CIBER)ATIVISMO PROGRESSISTA NO BRASIL DAS
LUTAS IDENTITÁRIAS: O IDEAL DO BOM ATIVISTA E SEUS REFLEXOS NO CONTEÚDO
DO CANAL DE YOUTUBE *TEMPERO DRAG***

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ALEX BLASI DE SOUZA

**INVESTIGANDO UM IDEAL DE (CIBER)ATIVISMO PROGRESSISTA NO BRASIL
DAS LUTAS IDENTITÁRIAS: O IDEAL DO BOM ATIVISTA E SEUS REFLEXOS
NO CONTEÚDO DO CANAL DE YOUTUBE *TEMPERO DRAG***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: Práticas e Culturas da Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Corrêa Pires Dornelles

Porto Alegre

2021

Ficha Catalográfica

B644i Blasi de Souza, Alex

Investigando um ideal de (ciber)ativismo progressista no Brasil das lutas identitárias : o ideal do bom ativista e seus reflexos no conteúdo do canal de YouTube Tempero Drag / Alex Blasi de Souza. – 2021.

236 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Corrêa Pires Dornelles.

1. Comunicação. 2. Redes sociais digitais. 3. Ativismo. 4. Burnout. 5. Políticas identitárias. I. Dornelles, Beatriz Corrêa Pires. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

ALEX BLASI DE SOUZA

**INVESTIGANDO UM IDEAL DE (CIBER)ATIVISMO PROGRESSISTA NO BRASIL
DAS LUTAS IDENTITÁRIAS: O IDEAL DO BOM ATIVISTA E SEUS REFLEXOS
NO CONTEÚDO DO CANAL DE YOUTUBE *TEMPERO DRAG***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: Práticas e Culturas da Comunicação.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira – UNISINOS

Profa. Dra. Cleusa Maria Andrade Scroferneker – PUCRS

Profa. Dra. Beatriz Corrêa Pires Dornelles – PUCRS

Porto Alegre

2021

AGRADECIMENTOS

À minha família, de origem (Mauro, Marcia e Arthur) e de caminhada (Ricardo, Mariana, Luiz, Bárbara, Bruno, Eduarda e outros), sem cuja escuta e compreensão – especialmente ao longo do último ano de enclausuramento – este trabalho não teria sido possível.

À Maslowa, pelas conversas, pelas risadas e pela exímia topiaria.

À equipe da Paulo Afonso Pereira Propriedade Intelectual, que acolheu e apoiou minha trajetória acadêmica desde o começo.

A meus colegas de academia – em especial, Fernanda e Calvin – pela solidariedade e pelo intercâmbio de ideias, dentro e fora da universidade.

Aos professores Jairo e Cleusa, por suas contribuições para a qualificação e finalização deste trabalho.

Finalmente, à Bia, por ter aceito embarcar nesta jornada comigo. Esta dissertação não teria a forma ou o conteúdo que tem hoje sem a liberdade que recebi para produzi-la.

É impossível, em suma, censurar o discurso do dominante sem sufocar o debate entre todos os grupos sociais e reforçar a ortodoxia dentro dos movimentos de esquerda. Sob tais condições, um movimento não pode integrar novas ideias nem construir apoio baseado em transformações genuínas da consciência, em vez de culpa e/ou medo de ostracismo. Novamente, a vítima é liberdade, tanto como processo quanto como objetivo. O poder se torna tudo o que importa. (WILLIS, 1994, p. 20, tradução nossa¹).

¹ No original: "it's impossible, in short, to censor the speech of the dominant without stifling debate among all social groups and reinforcing orthodoxy within left movements. Under such conditions a movement can neither integrate new ideas nor build support based on genuine transformations of consciousness rather than guilt and/or fear of ostracism. Again the casualty is freedom, both as process and as aim. Power becomes all that matters" (WILLIS, 1994, p. 20).

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo problematizar as relações comunicacionais *online* entre pessoas progressistas no Brasil, com foco no papel das redes sociais digitais na mediação dessas relações, nos efeitos da interação e intersecção de causas progressistas na contemporaneidade e, sobretudo, na investigação de dinâmicas comunicacionais que podem contribuir para o *burnout* (entendido aqui como uma apropriação metafórica). Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa em duas etapas. A primeira, essencialmente teórica, consistiu na realização de uma pesquisa bibliográfica capaz de relacionar diversos aspectos relevantes do objeto: as causas e consequências do *burnout* ativista, com especial destaque para o papel da comunicação (BENEVIDES-PEREIRA, 2014; HAN, 2015; COX, 2011); a evolução histórica do ideal da comunicação como processo emancipatório (BRIGGS; BURKE, 2002; VATTIMO, 1990; CASTELLS; 2015), e as dinâmicas das redes sociais *online* e suas apropriações nas lutas identitárias brasileiras (RECUERO, 2009; BOSCO, 2017; MACHADO; MISKOLCI, 2019). Posteriormente, realizamos uma pesquisa empírica focada no canal de YouTube *Tempero Drag*, usando técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) para qualificar a ocorrência do fenômeno identificado na etapa teórica. Ao final, consideramos que as redes sociais *online* vêm tendo um papel fundamental na consolidação e na disseminação de um ideal inatingível entre as pessoas progressistas no Brasil: a aderência simultânea e incondicional a uma multiplicidade de causas sociais que, além de muito variadas, podem ser inconsistentes entre si. Em função de seu potencial de contribuir para estressores relacionados ao *burnout* ativista, consideramos que esse ideal, que chamamos de *ideal do bom ativista*, tem o potencial de alienar ativistas e simpatizantes de causas progressistas, prejudicando a continuidade dessas causas a longo prazo. Finalmente, os estudos desenvolvidos, em particular a pesquisa empírica, abrem espaço para estudos futuros sobre a recorrência e os efeitos do fenômeno descrito, além de investigações mais aprofundadas sobre as relações entre comunicação, sociabilidade, educação e sofrimento no campo progressista brasileiro. A dissertação é composta por seis capítulos.

PALAVRAS-CHAVE – comunicação, redes sociais digitais, ativismo, *burnout*, políticas identitárias.

ABSTRACT

The present thesis aims to problematize online communication relationships between progressive people in Brazil, focusing on the role of digital social networks in mediating these relationships, on the effects of the interaction and intersection of progressive causes in recent times, and, above all, on investigating communicational dynamics that can contribute to burnout (understood here as a metaphorical appropriation). To fulfill this goal, we developed our research in two stages. First, we reviewed existing literature in order to link various relevant aspects of our object: the causes and consequences of activist burnout, with particular emphasis on the role of communication (BENEVIDES-PEREIRA, 2014; HAN, 2015 ; COX, 2011); the historical evolution of the ideal of communication as an emancipatory process (BRIGGS; BURKE, 2002; VATTIMO, 1990; CASTELLS; 2015), and the dynamics of online social networks and their appropriations in Brazilian identity politics-related struggles (RECUERO, 2009; BOSCO, 2017; MACHADO; MISKOLCI, 2019). Subsequently, we conducted empirical research focused on the YouTube channel *Tempero Drag*, using content analysis techniques (BARDIN, 2011) to qualify our understanding of the phenomenon discussed in the theoretical stage. We considered that online social networks have been playing a central role in the consolidation and dissemination of an unattainable ideal among progressive people in Brazil: the simultaneous and unconditional adherence to a multiplicity of social causes that, in addition to being extremely varied, can be inconsistent with each other. Due to its potential contribution to stressors related to activist burnout, we believe that this ideal, which we call the *good activist ideal*, has the potential to alienate activists and sympathizers from progressive causes, jeopardizing the continuity of these causes in the long run. Finally, the studies we developed, particularly in the empirical stage, present opportunities for future studies on the recurrence and the effects of the phenomenon we describe, in addition to further investigations on the relationships between communication, sociability, education and suffering in the Brazilian progressive field. The thesis consists of six chapters.

KEYWORDS – communication, digital social networks, activism, burnout, identity politics.

RESUMEN

La presente disertación tiene como objetivo problematizar las relaciones comunicacionales en línea entre personas progresistas en Brasil, enfocando el papel de las redes sociales digitales en la mediación de dichas relaciones, los efectos de la interacción e intersección de causas progresistas en la actualidad y, sobre todo, la investigación de dinámicas comunicacionales que pueden contribuir para el *burnout* (entendido aquí como una apropiación metafórica). Para ello, desarrollamos una investigación en dos etapas. La primera, esencialmente teórica, consistió en realizar una investigación bibliográfica capaz de relacionar diversos aspectos relevantes del objeto: las causas y consecuencias del *burnout* activista, con especial énfasis en el papel de la comunicación (BENEVIDES-PEREIRA, 2014; HAN, 2015; COX, 2011); la evolución histórica del ideal de la comunicación como proceso emancipatorio (BRIGGS; BURKE, 2002; VATTIMO, 1990; CASTELLS; 2015), y la dinámica de las redes sociales *online* y sus apropiaciones en las luchas de identidad brasileñas (RECUERO, 2009; BOSCO, 2017; MACHADO; MISKOLCI, 2019). Posteriormente, realizamos una investigación empírica enfocada en el canal de YouTube *Tempo Drag*, utilizando técnicas de análisis de contenido (BARDIN, 2011) para calificar la ocurrencia del fenómeno identificado en la etapa teórica. Al final, consideramos que las redes sociales en línea han jugado un papel fundamental en la consolidación y difusión de un ideal inalcanzable entre las personas progresistas en Brasil: la adhesión simultánea e incondicional a una multiplicidad de causas sociales que, además de ser muy variadas, pueden ser inconsistentes entre sí. Debido a su potencial para contribuir a los estresores relacionados con el *burnout* activista, creemos que este ideal, que llamamos *ideal del buen activista*, tiene el potencial de alienar a activistas y simpatizantes de causas progresistas, comprometiendo la continuidad de estas causas en el largo plazo. Finalmente, los estudios desarrollados, en particular la investigación empírica, abren espacio para futuros estudios sobre la recurrencia y los efectos del fenómeno descrito, además de investigaciones más profundizadas sobre las relaciones entre comunicación, sociabilidad, educación y sufrimiento en el campo progresista brasileño. La disertación consta de seis capítulos.

PALABRAS CLAVE – comunicación, redes sociales digitales, activismo, *burnout*, políticas de identidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Total de receita de jornais dos Estados Unidos (em dólares).....	75
Figura 2 –Receitas anuais de publicidade na internet, desktop vs. móvel (2010-2019), em dólares.....	76
Figura 3 – Captura de tela do vídeo <i>Shame</i> , de ContraPoints.....	126
Figura 4 – Captura de tela do vídeo “ <i>Transtrenders</i> ”, de ContraPoints.....	127
Figura 5 – Rita von Hunty.....	128
Figura 6 – Captura de tela do vídeo <i>Cuscuz Liza Marrocos</i>	129
Figura 7 – Captura de tela de vídeo do <i>Tempero Drag</i> ambientado na sala de estar de Rita.....	130
Figura 8 – Captura de tela de vídeo do <i>Tempero Drag</i> ambientado na biblioteca de Rita.....	131
Figura 9 – Captura de tela da lista de vídeos publicados no canal <i>Tempero Drag</i>	132

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Prevalência de temas nos vídeos do <i>Tempero Drag</i>	138
Gráfico 2 – Recorrência de questões políticas/sociais discutidas nos vídeos do <i>Tempero Drag</i>	141
Gráfico 3 – Quantidade de questões discutidas por vídeo no <i>Tempero Drag</i>	142
Gráfico 4 – Recorrência de questões políticas/sociais discutidas nos 25 vídeos mais assistidos do <i>Tempero Drag</i>	148
Gráfico 5 – Quantidade de questões discutidas por vídeo nos 25 vídeos mais assistidos do <i>Tempero Drag</i>	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perguntas do <i>Maslach Burnout Inventory</i>	28
Quadro 2 – Perguntas do <i>Copenhagen Burnout Inventory</i>	28
Quadro 3 – Sintomas de <i>burnout</i>	29
Quadro 4 – Participação da comunicação em processos de <i>burnout</i> ativista.....	49
Quadro 5 – Palavras-chave que identificam as questões políticas/sociais..... discutidas no <i>Tempero Drag</i>	139
Quadro 6 – Roteiro para execução de análises de expressão e avaliação.....	149
Quadro 7 – Mapeamento de exigências diretas nos vídeos analisados.....	158
Quadro 8 – Identificação e categorização das avaliações nos vídeos analisados.....	163
Quadro 9 – Distribuição dos vídeos pela orientação e intensidade da avaliação.....	165

LISTA DE SIGLAS

BBC – *British Broadcasting Corporation.*

CEO – *Chief Executive Officer.*

CID-11 – Classificação Internacional de Doenças (*International Statistical Classification of Diseases and Health Related Problems 11th Revision*).

Cladem – Comitê da América Latina e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher.

ISMA – *International Stress Management Association.*

LGBT(+) – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais (e outras minorias sexuais e de gênero).

MST – Movimento Sem Terra.

OMS – Organização Mundial da Saúde.

PCD – Pessoas com deficiência.

PIB – Produto Interno Bruto.

PT – Partido dos Trabalhadores.

PT/RS – Partido dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul.

UAF – *Urgent Action Fund for Women's Human Rights.*

UNE – União Nacional dos Estudantes.

Unirio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	<i>BURNOUT</i> EM ATIVISTAS SOCIAIS: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E O PAPEL DA COMUNICAÇÃO.....	22
2.1	O <i>BURNOUT</i> COMO SINTOMA DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	23
2.1.1	<i>Aspectos médicos e psicológicos.....</i>	24
2.1.2	<i>Aspectos sociológicos e filosóficos.....</i>	30
2.2	SUSTENTABILIDADE ATIVISTA, <i>BURNOUT</i> E COMUNICAÇÃO.....	35
2.2.1	<i>Sustentabilidade ativista: do pessoal ao coletivo.....</i>	37
2.2.2	<i>Identificando causas de burnout ativista.....</i>	40
2.2.3	<i>O papel da comunicação no processo de burnout ativista.....</i>	46
3	A COMUNICAÇÃO COMO PROCESSO EMANCIPATÓRIO: UMA VOCAÇÃO POLÍTICA EM CRISE?.....	54
3.1	COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E EMANCIPAÇÃO.....	55
3.2	“AUTOCONSCIÊNCIA (...) POR SIMULTANEIDADE”: O POTENCIAL EMANCIPATÓRIO DA COMUNICAÇÃO DE MASSA.....	61
3.3	“REPROGRAMANDO REDES, RECONNECTANDO MENTES, MUDANDO O MUNDO”: O POTENCIAL EMANCIPATÓRIO DA AUTOCOMUNICAÇÃO DE MASSA.....	67
3.4	SINTOMAS DE UMA VOCAÇÃO EM CRISE.....	72
3.4.1	<i>Algoritmos, filter bubbles e polarização ideológica no ciberespaço.....</i>	73
3.4.2	<i>Fake news versus... real news?.....</i>	79
3.4.3	<i>Ética jornalística: exceção à regra?.....</i>	81
3.4.4	<i>Mídias sociais, liberdade de expressão e os esforços pela (autor)regulamentação.....</i>	84
4	AS REDES PROGRESSISTAS ONLINE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: ESPAÇOS SEGUROS OU CÂMARAS DE PRESSÃO?.....	89

4.1	EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO BRASIL.....	90
4.1.1	<i>Da pretensão de cordialidade ao conflito escancarado.....</i>	91
4.1.2	<i>Da pluralidade de contestações à polarização online.....</i>	94
4.2	REDES SOCIAIS ONLINE, MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS E POLARIZAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL.....	98
4.2.1	<i>Redes sociais online: constituição, dinâmica e capital social.....</i>	98
4.2.2	<i>Apropriações políticas das redes sociais online no contexto dos movimentos identitários.....</i>	103
4.3	TENDÊNCIAS EMERGENTES NO CAMPO PROGRESSISTA BRASILEIRO: REDES DE RESILIÊNCIA E REPÚDIO.....	108
4.3.1	<i>As expectativas: da interseccionalidade à idealização do ativista.....</i>	109
4.3.2	<i>As consequências: do cancelamento ao burnout.....</i>	113
5	“EU PRECISO QUE VOCÊ ENTENDA”: EDUCAÇÃO, IDEALIZAÇÃO E COBRANÇA NO CANAL DE YOUTUBE <i>TEMPERO DRAG</i>.....	117
5.1	APRESENTAÇÃO.....	118
5.1.1	<i>Participação, transmissão, emancipação(?): breve introdução às múltiplas facetas do YouTube.....</i>	118
5.1.2	<i>As potencialidades político-pedagógicas do YouTube: dos influenciadores digitais aos produtores de conteúdo progressistas.....</i>	122
5.1.3	<i>Rita von Hunty e o Tempero Drag: da cozinha à sala de aula.....</i>	127
5.2	METODOLOGIA.....	133
5.2.1	<i>Objetivos.....</i>	134
5.2.2	<i>Procedimentos.....</i>	135
5.3	ANÁLISES TEMÁTICAS.....	136
5.3.1	<i>Identificação de temas (seleção de corpus).....</i>	137
5.3.2	<i>Identificação de palavras-chave (mapeamento de questões discutidas).....</i>	138
5.4	ANÁLISES DE EXPRESSÃO E AVALIAÇÃO.....	147
5.4.1	<i>Construção da argumentação.....</i>	151
5.4.2	<i>Tom.....</i>	154

5.4.3	<i>Vocabulário</i>	157
5.4.4	<i>Exigências diretas</i>	158
5.4.5	<i>Exigências indiretas</i>	163
5.5	INFERÊNCIAS.....	166
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
	REFERÊNCIAS	176
	APÊNDICE A – Análises temáticas	192
	APÊNDICE B – Controle de análises de expressão e avaliação	195
	APÊNDICE C – Fichas para análises de expressão e avaliação	196

1 INTRODUÇÃO

A esquerda iliberal é muito menos ameaçadora que a direita. Isso não quer dizer que ela não existe. (GOLDBERG, 2020, s/ p., tradução nossa²).

Em dezembro de 2020, Camila Coutinho, uma das primeiras influenciadoras de moda do Brasil, publicou um vídeo na plataforma *online* Instagram intitulado *Preciso me posicionar sobre tudo?* Nele, Coutinho critica a pressão que ela sente para se posicionar publicamente acerca de uma miríade de questões, de fenômenos sociológicos contundentes a eventos que, por uma razão ou outra, se tornaram tema de discussão na internet – como exemplos, ela cita o movimento *Black Lives Matter*, o caso Mariana Ferrer, e as eleições de 2020 no Brasil e nos Estados Unidos. Para a influenciadora, a quantidade e a complexidade das questões discutidas nas redes *online* tornam inviável uma manifestação minimamente responsável sobre tudo, já que se posicionar sobre algo requer uma compreensão mínima do que se está falando. Ainda que o vídeo tenha sido publicado perto do fim da conclusão deste trabalho, ele é muito útil para demonstrar não apenas um aspecto central do que buscamos investigar aqui – a pressão, mediada por redes sociais digitais, para conhecer e subscrever a uma ampla multiplicidade de causas – mas também, o que nos parece uma crescente (mas ainda incipiente) percepção da existência desse fenômeno.

Nas últimas décadas, a expansão dos meios de comunicação de massa (CASTELLS, 2015), especialmente as chamadas redes sociais digitais, diminuiu drasticamente as barreiras de acesso para espaços de produção e circulação de sentido, permitindo que pessoas de lugares e tempos diferentes se conectassem e se comunicassem por meio da internet. Essa possibilidade é especialmente importante para pessoas pertencentes a grupos identitários minorizados (de raça, gênero, e sexualidade, por exemplo), que podem encontrar nas redes os laços de solidariedade e apoio que lhe faltam ou são negados no mundo *offline*. À primeira vista, portanto, essa nova era da comunicação representa um avanço notável em direção a uma sociedade mais livre e igualitária, cumprindo, mais do que qualquer outra forma de comunicação anterior, o ideal de progresso social ou emancipação por meio da comunicação delineado por Vattimo (1990).

² No original: “The illiberal left is a lot less threatening than the right. That doesn’t mean it doesn’t exist”. (GOLDBERG, 2020, s/ p.).

No entanto, esse processo de crescente empoderamento do usuário não trouxe apenas benefícios. A formação de *filter bubbles* (ou *bolhas de opinião*) e a proliferação de discursos de ódio em plataformas digitais (fenômenos ligados diretamente à propriedade privada dessas plataformas) vêm levando à eleição de líderes de extrema-direita, como Donald Trump (Estados Unidos) e Jair Bolsonaro (Brasil), ao esfacelamento da própria ideia de verdade, e, em alguns casos, até a violações significativas de direitos humanos. No Brasil, as redes sociais digitais são apontadas como uma das principais razões para a formação de um novo espaço público (BOSCO, 2017), marcado por profundas tensões sociais e por uma gramática social mais abertamente conflituosa e moralista (MACHADO; MISKOLCI, 2019).

Em resposta a essa conjuntura, que escancara o papel central da comunicação na vida política contemporânea, intelectuais e figuras públicas progressistas brasileiros (CESARINO, 2019; PINHEIRO-MACHADO; DE FREIXO, 2020; CAMPOS MELLO, 2020; SANTOS; CIOCCARI; DE MORAES, 2020; TIBURI, 2020) vêm devotando energia significativa à discussão dos discursos e das estratégias comunicacionais da (extrema-)direita, entendendo que compreender melhor esses fenômenos é essencial para combatê-los. Outros, como Bosco (2017) e Risério (2020) preferem voltar suas atenções para as limitações e falhas da esquerda, entendendo que ignorá-las pode ser tão nocivo para os movimentos progressistas quanto os ataques de seus opositores. É aqui que desponta nossa primeira escolha de pesquisa: ao compartilhar várias das preocupações enunciadas por Bosco (2017) e Risério (2020), buscamos focar nosso esforço investigativo na *comunicação online desenvolvida no e pelo campo progressista no Brasil*. Em especial, motivados pelas provocações de Bosco (2017) e pelo trabalho de Lilla (2018) sobre uma situação parecida (ainda que não idêntica) nos Estados Unidos, temos interesse pela dimensão *estratégica* do objeto, ou seja, na possibilidade de que determinadas dinâmicas comunicacionais podem estar prejudicando os movimentos progressistas de alguma maneira.

No entanto, eventualmente nos damos conta de que essa dimensão estratégica, que fala em grupos, movimentos e causas, não pode ser compreendida adequadamente sem alguma investigação da dimensão *humana* do problema, ou seja, dos efeitos pessoais – físicos, mentais, emocionais – que as dinâmicas comunicacionais podem ter sobre as pessoas que elas envolvem. É por isso que esta dissertação parte de um estudo sobre a relação entre a comunicação e o *burnout*

ativista (um transtorno ocupacional que acomete pessoas envolvidas, mais ou menos profissionalmente, com ativismo social) para traçar reflexões sobre as possíveis experiências de pessoas progressistas, inclusive aquelas que se identificam meramente como simpatizantes, que se encontram unidas em redes digitais. Nesse sentido, apropriamo-nos metaforicamente da ideia de *burnout* ativista como ponto de partida para investigar nossa preocupação central: o potencial de sofrimento humano³, entendido também como risco estratégico, contido em dinâmicas disfuncionais na comunicação *online* desenvolvida no e pelo campo progressista brasileiro.

Com base nessa preocupação, articulamos a seguinte pergunta de pesquisa como norteadora deste trabalho: *De que maneira as relações comunicacionais online desenvolvidas no e pelo campo progressista brasileiro podem contribuir para o burnout de seus membros, considerando o uso de mídias sociais e a interação e intersecção de causas progressistas na contemporaneidade?* Em decorrência dessa pergunta, identificamos como nosso objetivo central *problematizar as relações comunicacionais online entre pessoas progressistas no Brasil, com foco no papel das redes sociais digitais na mediação dessas relações, nos efeitos da interação e intersecção de causas progressistas na contemporaneidade e, acima de tudo, na investigação de dinâmicas comunicacionais que podem contribuir para o burnout.*

A consecução desse objetivo se traduziu na realização de uma pesquisa em duas etapas. A primeira, de caráter teórico, buscou relacionar o *burnout* ativista à comunicação *online* em rede, reunindo aportes de diversas áreas, como medicina, psicologia, história, sociologia e, evidentemente, comunicação. Essa etapa se baseou na utilização da técnica de pesquisa bibliográfica, definida por Stumpf (2011) como uma revisão do que já foi publicado sobre o assunto, especialmente trabalhos científicos, de modo a evitar repetições e fornecer amparo às reflexões tecidas, relacionando-se também com o desenvolvimento de referencial teórico conforme Demo (2000). Nesse sentido, o capítulo 2 se dedica a estudar as causas do *burnout* ativista e suas consequências para a sustentabilidade dos movimentos sociais (e dos próprios ativistas), com especial destaque para o papel da comunicação. O capítulo 3 se dedica a examinar a conjuntura em que a comunicação do campo progressista

³ Conforme detalhado no capítulo 2, é interessante observar que o sofrimento humano pode ser, simultaneamente, uma das principais motivações para participar de um movimento social (ativistas combatem sofrimento e injustiça) e uma de seus principais efeitos (ativistas podem sofrer física, psicológica e emocionalmente em função de seu ativismo) (OKECH; CHIGUDU; ANDERSON; QUINTANA, 2017).

brasileiro se insere, abordando a vocação política da comunicação traçando a trajetória histórica do que entendemos como um *ideal da comunicação como processo emancipatório*. O capítulo 4, por sua vez, trata mais diretamente das redes sociais *online* e de suas apropriações nas lutas identitárias brasileiras, investigando a evolução do espaço público no Brasil, as dinâmicas (muitas vezes problemáticas) das redes sociais digitais, e o desenvolvimento do que entendemos como uma idealização do ativismo no campo progressista.

Num segundo momento, desenvolvemos uma pesquisa empírica, entendida como uma pesquisa “dedicada a trabalhar a parte da realidade que se manifesta empiricamente e é, por isso, mais facilmente manejável” (DEMO, 2000, p. 37). Para Jensen (2002),

desenhar um estudo empírico é identificar e delimitar uma parte da realidade – que deve ser examinada com referência a um propósito teoricamente informado, ou conceituação, e de acordo com um procedimento sistemático de coleta de dados e análise (JENSEN, 2002, p. 237, tradução nossa⁴).

Nesta fase da investigação, apresentada no capítulo 5, dedicamo-nos a qualificar nosso entendimento dos fenômenos discutidos a partir da investigação de um caso concreto: o canal de YouTube *Tempero Drag*, que se volta à produção de conteúdo educativo de viés progressista desde 2018. Para tanto, usamos uma combinação de técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), incluindo a análise temática, a análise de expressão e a análise de avaliação, seguindo a recomendação de Bardin (2011) acerca da adaptação da metodologia ao objeto.

Estabelecemos dois objetivos específicos para esta etapa da pesquisa, decorrendo de e complementando os objetivos gerais supramencionados: primeiro, *avaliar a ocorrência do fenômeno teorizado (o ideal do bom ativista) em um caso específico de mídia progressista, o canal Tempero Drag*; e segundo, *refletir sobre os possíveis efeitos desse fenômeno, sugerindo indicadores e considerações de fundo para estudos futuros sobre o tema*. Em decorrência do primeiro objetivo, definimos

⁴ No original: “to design an empirical study is to identify and delimit a portion of reality – which is to be examined with reference to a theoretically informed purpose, or conceptualization, and according to a systematic procedure of data collection and analysis” (JENSEN, 2002, p. 237).

também um objetivo secundário: *avaliar a ocorrência do fenômeno teorizado no caso ao longo do tempo, investigando a evolução no conteúdo do canal.*

É importante destacar que a pesquisa empírica não teve por objetivo *comprovar* nenhum ponto levantado na pesquisa teórica; em vez disso, nossa intenção foi *complementar* as reflexões teóricas por meio da investigação detalhada das tendências contraproducentes identificadas na fase teórica (no caso, a idealização do ativismo e a correlata pressão colocada sobre as pessoas progressistas). Por isso, escolhemos um caso em que identificamos a ocorrência do fenômeno de antemão, focando em qualificar nossa compreensão de como ele se apresenta em vez de medir sua recorrência nas redes sociais digitais (por meio de uma análise de redes sociais, por exemplo), ou, mesmo, examinar seus efeitos sobre pessoas progressistas (por meio de um questionário ou de entrevistas, por exemplo). Em nossa perspectiva, demonstrar *como o fenômeno ocorre* é especialmente importante para amparar estudos futuros sobre sua recorrência e impacto. Mais considerações a esse respeito serão expostas no capítulo 5 e especialmente no capítulo 6, no qual apresentamos uma síntese das reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa, delimitando nosso posicionamento sobre as questões discutidas e identificando aportes para estudos mais aprofundados no futuro.

2 BURNOUT EM ATIVISTAS SOCIAIS: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E O PAPEL DA COMUNICAÇÃO

Ao longo das últimas décadas, pesquisadores têm observado com preocupação o crescimento nos índices de pessoas acometidas por transtornos mentais e emocionais ligados ao trabalho, como estresse, fadiga crônica e síndrome de *burnout*. Embora essa tendência se verifique em diversas áreas, profissões com alto grau de contato com o sofrimento humano, como a medicina, a psicologia e o serviço social, apresentam índices relativamente altos desses transtornos (SÁ, 2017). Em conjunto com outros indicadores, como a prevalência cada vez maior de depressão na população mundial, esses dados ajudam a consolidar a noção de que as doenças mentais são os flagelos típicos de nosso tempo, exigindo atenção cada vez maior de pesquisadores e autoridades de saúde pública.

Dos muitos autores que refletem sobre os problemas associados ao trabalho nos séculos XX e XXI, encontramos em Han (2015) uma perspectiva especialmente interessante. Segundo o filósofo, o principal fator no processo de exaustão dos trabalhadores contemporâneos é uma transição paradigmática relativamente recente nas relações sociais: sob os auspícios do desempenho e do empreendedorismo, a pressão por resultados passou a partir não (somente) de um algoz exterior, mas do próprio indivíduo que trabalha. Essa proposição encontra eco em escritos um pouco mais antigos, como a discussão dos efeitos perniciosos do capitalismo flexível em Sennett (2010) e a ideia de sociedade líquida em Bauman (2001): com sua subjetividade condicionada às promessas e pressões de um mercado cada vez mais fluido e inconstante, o trabalhador vem se tornando cada vez mais refém, não só das estruturas de poder que lhe cercam, mas também de si mesmo.

Ainda que grande parte da literatura corrente sobre *burnout* enfatize sua natureza ocupacional, usando palavras como *emprego* e *ambiente de trabalho*, é preciso atentar para o fato de que determinadas ocupações passíveis de *burnout* se encontram fora do que tipicamente se entende por mercado de trabalho, seja em relação à remuneração, seja em relação ao local de atuação. O ativismo social é uma dessas ocupações: embora frequentemente não-remunerado, com baixo grau de apoio institucional e realizado sem local ou horários fixos, ser ativista implica dedicar recursos (físicos, emocionais, mentais, materiais) a uma causa que desperta determinado grau de envolvimento e/ou identificação pessoal (em certos casos, ao

ponto de expor o ativista a riscos pessoais significativos). É precisamente esse conjunto de fatores, na verdade, que facilita e estimula a ocorrência de sintomas típicos de *burnout*: ao depender majoritariamente de si mesmos para defender causas que lhe são caras, ativistas tendem a apresentar índices elevados de autocobrança, exaustão e culpa, entregando-se a uma espécie de *cultura de martírio* (GORSKI, 2015; BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007). Nas palavras de Maslach e Gomes (2006):

O *burnout* tem sido uma preocupação especial entre muitas ocupações de cuidadores, onde as pessoas costumam trabalhar muito duro por poucas recompensas, mas são fortemente motivados por valores fundamentais. O ativismo compartilha muitas das características deste tipo de compromisso e sacrifício dedicados, por isso não é de surpreender que muitos ativistas, remunerados e não remunerados, relatam *burnout* em algum momento. (MASLACH; GOMES, 2006, p. 43, tradução nossa).⁵

É nessa linha que pesquisadores como Cox (2011) e Chen e Gorski (2015) trabalham com a ideia de *activist burnout*, ou *burnout* ativista. O termo *burnout* também é usado por ativistas para descrever suas próprias experiências, como evidenciam Barry e Đorđević (2007) e Okech, Chigudu, Anderson e Quintana (2017).

Partindo desse entendimento, este capítulo se dedicará a revisar a literatura existente sobre as causas e consequências de *burnout* ativista, buscando identificar aspectos relevantes para o estudo da relação entre comunicação e *burnout* nas redes sociais digitais progressistas no Brasil, sem esquecer que buscaremos apropriar-nos metaforicamente da ideia de *burnout* para refletir sobre a possível exaustão de um público mais amplo. Para tanto, partimos de uma discussão sobre o conceito de *burnout* em si e seu lugar na sociedade contemporânea, revisando seus aspectos médicos, psicológicos, sociológicos e filosóficos.

2.1 O *BURNOUT* COMO SINTOMA DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O aumento na prevalência de *burnout* na contemporaneidade é objeto de discussão significativa em diversos campos da ciência, especialmente no contexto das mudanças nas relações sociais e do trabalho na pós-modernidade. Na área da

⁵ No original: "Burnout has been a special concern among many caregiving occupations, where people often work very hard for few rewards but are strongly motivated by core values. Activism shares many of the characteristics of this kind of dedicated commitment and sacrifice, so it's not surprising that many activists, both paid and unpaid, report burnout at some time". (MASLACH; GOMES, 2006, p. 43).

medicina, Farber (2000) indica que houve uma mudança qualitativa importante no *burnout* em décadas recentes: se, nos anos 1970 e 1980, a condição era associada à incapacidade de atingir expectativas altruístas autoimpostas, o *burnout* relatado na década de 1990 relacionava-se cada vez mais com pressões externas, como competição no mercado de trabalho. Essa proposição tem eco em depoimentos recentes colhidos por Martins (2019) no Brasil: entre outros fatores, os índices elevados de desemprego tornaram os trabalhadores cada vez mais suscetíveis de abraçar uma cultura de trabalho intensa e sub-remunerada – a intrusão do tempo de trabalho no tempo de lazer, mediada pela tecnologia, seria uma das consequências desse processo. Petersen (2019) chega a sugerir que o *burnout* não é mais propriamente uma disfunção, mas um aspecto indissociável da vida no século XXI, especialmente para a geração nascida entre os anos 1980 e meados dos anos 1990.

Mesmo as tendências que os *millennials* popularizaram — como a moda esportiva casual — apelam à nossa auto-otimização. Calças para ioga podem parecer desleixadas para a sua mãe, mas são eficientes: você pode sair de uma aula na academia para uma reunião no Skype, ou para ir pegar as crianças na saída da escola sem interrupções. Usamos serviços de entrega e de compras online porque o tempo que eles poupam nos permitem *trabalhar mais*. (PETERSEN, 2019, grifo da autora).

Um debate amplo e multifacetado como esse requer a combinação de aportes de diferentes áreas do conhecimento. A seguir, examinamos o fenômeno do *burnout* pelas óticas das ciências da saúde e das ciências humanas, com um foco premente na identificação de suas causas, consequências e sintomas.

2.1.1 Aspectos médicos e psicológicos

As olheiras embaixo de seus olhos eram como bolsas que continham as lembranças contrabandeadas de uma vida decepcionante. (GREENE, 2004, p. 23, tradução nossa⁶).

O termo *burnout* (do inglês *burn*: queimar, e *out*: até o fim) denota um estado de esgotamento físico, mental e emocional provocado por estresse ocupacional crônico, fazendo referência à “ideia de um ‘fogo que vai se apagando aos poucos, até definitivamente cessar” (BERNARDES, 2018a, p. 7). Conforme Benevides-Pereira,

⁶ No original: “The pouches under his eyes were like purses that contained the smuggled memories of a disappointing life” (GREENE, 2004, p. 23).

trata-se de uma “metáfora para significar aquilo, ou aquele, que chegou ao seu limite e, por falta de energia, não tem mais condições de desempenho físico ou mental” (BENEVIDES-PEREIRA, 2014, p. 21). Nesse sentido, o fenômeno consiste na “fase final [de um] momento adaptativo cerebral em que o organismo lança mão de recursos endógenos para se adaptar a um estressor” (SHIOZAWA, 2018, p. 23), distinguindo-se do estresse ocupacional, que se relaciona ao exercício da ocupação em si, e não à relação do trabalhador com seu trabalho, e da depressão, que tende a apresentar “maior submissão à letargia e à prevalência aos sentimentos de culpa e derrota, enquanto nas pessoas com *burnout* os sentimentos são de desapontamento e tristeza” (BENEVIDES-PEREIRA, 2014, p. 47).

A palavra *burnout* convive com uma grande diversidade de termos usados na literatura especializada para descrever a mesma condição: estresse laboral, estresse laboral assistencial, estresse profissional, estresse ocupacional, síndrome de queimar-se pelo trabalho, neurose profissional ou neurose da excelência, síndrome de esgotamento profissional, síndrome do assistente desassistido, síndrome do cuidador descuidado e *karoshi* (BENEVIDES-PEREIRA, 2014). No Brasil, o Decreto nº 3.048/1999, que dispõe sobre a regulamentação da Previdência Social, o *burnout* aparece como “Sensação de Estar Acabado (‘Síndrome de Burn-Out’, ‘Síndrome do Esgotamento Profissional’)” (BRASIL, 1999)⁷. Benevides-Pereira (2014) aponta, contudo, que não há nenhuma palavra no português que traduz exatamente o sentido original da palavra inglesa *burnout*. Seja qual for o termo utilizado, o fenômeno em questão tem atraído cada vez mais atenção em diversas áreas do conhecimento, incluindo a psicologia, as ciências sociais, o direito e a administração, especialmente devido às transformações no mundo do trabalho e ao aumento nos índices de doenças mentais nas últimas décadas. Zorzanelli, Vieira e Russo (2016) apontam, inclusive, uma transição no *status* moral do *burnout* em tempos recentes, passando de objeto de ceticismo e estigmatização (decorrentes de sua natureza psíquica) para relativa aceitação social.

Segundo Shiozawa (2018), o *burnout* e transtornos parecidos advêm de uma combinação de fatores biológicos (genéticos e epigenéticos) e psicossociais

⁷ Embora a legislação brasileira tenha reconhecido o *burnout* como um problema de saúde 20 anos antes do estabelecimento de um consenso internacional sobre o tema, Benevides-Pereira (2014) sugere que isto não se refletiu num grau significativo de consciência da condição na sociedade brasileira, com a falta, inclusive, de testes adequados para identificá-la.

(estressores físicos, mentais, emocionais presentes no meio), distinguindo-se fundamentalmente do simples *estresse*:

se as doenças mentais não são determinadas linearmente pela carga genética individual, mas sim pela da [sic] interação complexa entre indivíduo e ambiente, **a habilidade particular de resistir, enfrentar e modular os estressores ambientais** passou a ser encarada em definitivo como um agente fundamental na etiopatogenia, tratamento e prevenção desses transtornos. (SHIOZAWA, 2018, p. 21-22, grifo nosso).

Nesse contexto, assume particular relevância o conceito de *resiliência*, entendido como a “capacidade de recuperação e manutenção do comportamento adaptativo quando a pessoa se sente ameaçada por algum evento estressante” (SHIOZAWA, 2018, p. 20). Para além de aspectos ligados à ocupação em si, como tempo de trabalho, tempo de instituição e cultura organizacional, aspectos pessoais, como idade, personalidade, gênero e estado civil, têm influência direta sobre a probabilidade de sofrer *burnout* (BENEVIDES-PEREIRA, 2014).

Embora estudiosos divirjam a respeito da classificação desse estado como uma doença propriamente dita (BENEVIDES-PEREIRA, 2014), pesquisas indicam que o *burnout* tem efeitos mensuráveis sobre uma parcela considerável da população economicamente ativa no mundo, com prejuízos significativos para a saúde pública e a economia, especialmente em função de despesas relacionadas a saúde mental e absenteísmo (KASCHKA, KORCZAK, BROICH, 2011). A Associação Internacional de Controle do Stress e da Tensão (*International Stress Management Association*, ou ISMA) estima que 27% dos trabalhadores dos Estados Unidos sofrem com *burnout*; no Brasil, a figura gira em torno de 30%, com prejuízo estimado de em torno de 3,5% do PIB (SÁ, 2017). Ainda que o *burnout* possa ocorrer em todas as áreas, as profissões que apresentam os índices mais altos são aquelas que exigem elevado grau de contato com pessoas: médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, bancários, professores, etc. Segundo Shanafelt *et al.* (2015), mais da metade dos médicos estadunidenses sofriam com a síndrome em 2015, após um período de piora significativa nos índices de *burnout* entre 2011 e 2014.

A constatação de que trabalho excessivo tem efeitos prejudiciais à saúde antecede, e muito, a formalização do conceito de *burnout*. Kaschka, Korczak e Broich, (2011) chegam a sugerir que a genealogia da ideia se estende até tempos bíblicos, com o reconhecimento do peso do trabalho em Êxodo (18:17-18) e a descrição do

sofrimento do profeta Elias em I Reis (19:3-4). Mais recentemente, Benevides-Pereira (2014) indica que condições análogas ao *burnout*, como *surmenage* e neurastenia, já eram descritas desde, pelo menos, os anos 1880, ao passo que o termo já era usado com a acepção atual nos anos 1960. No entanto, foi o trabalho de Freudenberger (1974) que uniu definitivamente a palavra ao problema na ciência contemporânea (BENEVIDES-PEREIRA, 2014; BERNARDES, 2018a).

Conforme Maslach, Schaufeli e Leiter (2001), a fase inicial dos estudos de *burnout* focou em descrever, definir e demonstrar a recorrência do *burnout* enquanto transtorno psicológico. Freudenberger (1974), um psicólogo alemão radicado nos Estados Unidos, buscava dar nome aos sentimentos experimentados por ele e seus colegas no atendimento gratuito a dependentes químicos.⁸ Para tanto, ele valeu-se de uma palavra usada coloquialmente para se referir aos efeitos de abuso crônico de drogas: o resultado foi uma imagem de exaustão, desilusão e desmotivação que viria a caracterizar o *burnout*. Ainda nos anos 70, ainda na área da psicologia, Maslach se dedicou a estudar o estresse emocional sofrido por trabalhadores na área de serviço social, chegando a importantes descobertas sobre a importância de estratégias de resiliência para esses profissionais. Segundo Benevides-Pereira (2014), Freudenberger deu origem à concepção clínica do *burnout*, enquanto Maslach evidenciou seus aspectos psicossociológicos.

A chamada fase empírica dos estudos de *burnout* se deu a partir da década de 1980, com foco maior em pesquisas empíricas quantitativas (MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001). Nessa linha, Maslach desenvolveu um método diagnóstico conhecido como *Maslach Burnout Inventory* (Quadro 1), que propunha três dimensões para a delimitação conceitual e identificação clínica de *burnout*: “exaustão esmagadora, sentimentos de cinismo e distanciamento do trabalho, e uma sensação de ineficácia e falta de realização” (MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001, p. 399). No início da década de 2000, pesquisadores dinamarqueses desenvolveram um questionário alternativo, o *Copenhagen Burnout Inventory* (Quadro 2), que também vem sendo largamente utilizado por pesquisadores e psicólogos clínicos (BORRITZ; KRISTENSEN, 2004). Os estudos realizados desde então têm explorado diversas facetas distintas do *burnout*, de sua prevalência sócio-histórica ao papel das organizações em sua ocorrência (BENEVIDES-PEREIRA, 2014).

⁸ Uma área que, até hoje, é acometida por altos índices de *burnout* (OSER, BIEBEL, PULLEN, HARP, 2013).

Quadro 1 – Perguntas do *Maslach Burnout Inventory*

SB1. Sinto-me emocionalmente esgotado(a) com o meu trabalho.
SB2. Sinto-me esgotado(a) no final de um dia de trabalho.
SB3. Sinto-me cansado(a) quando me levanto pela manhã e preciso encarar outro dia de trabalho.
SB4. Posso entender com facilidade o que sentem as pessoas.
SB5. Creio que trato algumas pessoas como se fossem objetos.
SB6. Trabalhar com pessoas o dia todo me exige um grande esforço.
SB7. Lido eficazmente com o problema das pessoas.
SB8. Meu trabalho deixa-me exausto(a)!
SB9. Sinto que através do meu trabalho influencio positivamente na vida dos outros.
SB10. Tenho me tornado mais insensível com as pessoas.
SB11. Preocupa-me o fato de que este trabalho esteja me endurecendo emocionalmente.
SB12. Sinto-me com muita vitalidade.
SB13. Sinto-me frustrado(a) com o meu trabalho.
SB14. Creio que estou trabalhando em demasia.
SB15. Não me preocupo realmente com o que ocorre às pessoas a quem atendo.
SB16. Trabalhar diretamente com as pessoas causa-me estresse.
SB17. Posso criar facilmente uma atmosfera relaxada para as pessoas.
SB18. Sinto-me estimulado(a) depois de trabalhar em contato com as pessoas.
SB19. Tenho conseguido muitas realizações em minha profissão.
SB20. Sinto-me no limite de minhas possibilidades.
SB21. Sinto que sei tratar de forma adequada os problemas emocionais no meu trabalho.
SB22. Sinto que as pessoas me culpam de algum modo pelos seus problemas.

Fonte: BERNARDES, 2018b, p. 29.

Quadro 2 – Perguntas do *Copenhagen Burnout Inventory*

Parte 1 – <i>Burnout</i> pessoal
1. Com que frequência você se sente cansado(a)?
2. Com que frequência você se sente fisicamente exausto(a)?
3. Com que frequência você se sente emocionalmente exausto(a)?
4. Com que frequência você pensa: "não aguento mais"?
5. Com que frequência você se sente exaurido(a)?
6. Com que frequência você se sente fraco(a)? e suscetível a doenças?
Parte 2 – <i>Burnout</i> relacionado ao trabalho
1. O seu trabalho é emocionalmente desgastante?
2. Você se sente esgotado(a) por causa do seu trabalho?
3. Seu trabalho lhe causa frustração?
4. Você se sente exausto(a) ao final da jornada de trabalho?

5. Você fica exausto(a) pela manhã pensando em outro dia de trabalho?
6. Você sente que cada hora de trabalho é cansativa para você?
7. Você tem energia suficiente para família e amigos nos momentos de lazer?
Parte 3 – <i>Burnout</i> relacionado a clientes
1. Você considera difícil trabalhar com clientes?
2. Você considera frustrante trabalhar com clientes?
3. Trabalhar com clientes esgota sua energia?
4. Você sente que dá mais do que recebe em troca quando trabalha com clientes?
5. Você está cansado(a) de trabalhar com clientes?
6. Você às vezes se pergunta por quanto tempo conseguirá continuar trabalhando com clientes?

Fonte: BORRITZ; KRISTENSEN, 2004, p. 1-2, tradução nossa.

O trabalho de Maslach (MASLACH, SCHAUFELI, LEITER, 2001) foi essencial para a reformulação da definição de *burnout* na décima primeira revisão da Classificação Internacional de Doenças, o CID-11 (*International Statistical Classification of Diseases and Health Related Problems 11th Revision*). Embora o *burnout* figurasse na versão anterior da classificação, o CID-10, a nova classificação, que foi aprovada pela Assembleia Mundial da Saúde em 2019 e deve entrar em vigor em janeiro de 2022, estabelece a síndrome como problema associado especificamente ao “emprego ou desemprego”, ressaltando que o termo “não deve ser usado para descrever experiências em outras áreas da vida” (OMS, 2019, s/ p.).

A partir de diversos referenciais da literatura especializada, Benevides-Pereira (2014) oferece um resumo da sintomatologia do *burnout*, dividindo os sintomas em físicos, psíquicos, comportamentais e defensivos (Quadro 3). Evidentemente, nem todos esses sintomas aparecerão na mesma intensidade ou em todos os casos de *burnout*.

Quadro 3 – Sintomas de *burnout*

Âmbito	Sintomas
Físico	Fadiga constante e progressiva; dores musculares ou osteomusculares; distúrbios do sono; cefaleias, enxaquecas; perturbações gastrointestinais; imunodeficiência; transtornos cardiovasculares; distúrbios do sistema respiratório; disfunções sexuais; e, nas mulheres, alterações menstruais.
Psíquico	Falta de atenção, de concentração; alterações de memória; lentidão do pensamento; sentimento de alienação; sentimento de solidão; impaciência; sentimento de impotência; labilidade

	emocional (mudanças bruscas de humor); dificuldade de autoaceitação, baixa autoestima; astenia, desânimo, disforia, depressão; desconfiança, paranoia.
Comportamental	Negligência ou escrúpulo excessivo; irritabilidade; incremento da agressividade; incapacidade para relaxar; dificuldade na aceitação de mudanças; perda de iniciativa; aumento do consumo de substâncias; comportamento de alto risco; suicídio.
Defensivo	Tendência ao isolamento; sentimento de onipotência; perda do interesse pelo trabalho (ou até pelo lazer); absenteísmo, ímpetos de abandonar o trabalho; ironia, cinismo;

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Benevides-Pereira (2014, p. 44).

Para além das consequências pessoais e profissionais associadas aos sintomas acima, como diminuição na qualidade de trabalho, predisposição a acidentes, abandono de emprego e isolamento social, Benevides-Pereira (2014) demonstra que o *burnout* enseja uma série de implicações negativas para as organizações onde ocorre. Entre elas, destacam-se o absenteísmo, a rotatividade, e a baixa produtividade, todos com efeitos diretos sobre os resultados das empresas (inclusive os econômicos).

Como esta seção demonstra, as ciências médicas são de fundamental importância para obter um panorama das causas, consequências e sintomas do *burnout*. No entanto, para ajudar a explicar as razões do recente aumento na prevalência da síndrome, para relacioná-la especificamente ao ativismo social, e para localizar e qualificar sua relação com a comunicação, devemos olhar com atenção também para as contribuições das ciências humanas.

2.1.2 Aspectos sociológicos e filosóficos

As perspectivas sociológicas e filosóficas sobre o *burnout* se inserem num contexto maior de reflexões sobre os efeitos do capitalismo tardio, não só sobre a sociabilidade humana, mas sobre a relação do ser humano consigo mesmo. Em *A sociedade do cansaço*, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2015) atribui a proliferação de transtornos mentais como o *burnout* à substituição progressiva da *disciplina* pelo *desempenho* como paradigma determinante da sociedade ocidental. Os sociólogos Richard Sennett (2010) e Zygmunt Bauman (2001), por sua vez, ressaltam aspectos complementares da sociedade contemporânea que marcam a

relação entre sujeito, trabalho e bem-estar; nomeadamente, sua *flexibilidade* e sua *liquidez*.

Na perspectiva de Han (2015), a sociedade punitivista dos séculos XIX e XX, descrita tão bem por Foucault (2002), tinha como alicerce a negatividade, a privação, o constrangimento da ação individual frente aos desmandos dos detentores do poder. O indivíduo deveria ser *controlado*, coagido, obrigado a cumprir seu papel na sociedade e no trabalho sem exceder os limites das parcas liberdades que, se tanto, lhe eram concedidas. Evidentemente, havia uma limitação inerente a esse paradigma: “a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio (...). A positividade do poder é bem maior que a negatividade do dever” (HAN, 2015, p. 25). Em outras palavras, a busca constante pelo crescimento econômico, pela maximização da produção, teria levado à superação da disciplina como motivador *sine qua non* do trabalho. Em seu lugar, surgiu um novo e potente elemento: o desempenho.

Para Han (2015), a sociedade contemporânea evidencia a substituição da negatividade pela positividade, da privação pela possibilidade, do dever-obedecer pelo poder-ser: libertado de suas amarras, o indivíduo se converte em “senhor e soberano de si mesmo” (HAN, 2015, p. 29). Esse credo, que remete aos ideais das revoluções liberais do século XVIII, notadamente na França (*liberté, égalité, fraternité*) e nos Estados Unidos (*life, liberty and the pursuit of happiness*), seria o cerne ideológico da sociedade ocidental contemporânea, guiando as regras formais e informais que regem o mundo do trabalho. É nesse contexto que florescem fenômenos como o recente enaltecimento das figuras do microempresário e do trabalhador autônomo, mesmo em situações em que esses profissionais são sujeitos a condições de trabalho precárias – a discussão sobre a chamada uberização do trabalho no Brasil é um exemplo notório disso (OLIVEIRA, 2019).

A grande questão é que, longe de constituir uma real emancipação do ser, a sociedade do desempenho não abole o peso da sociedade disciplinar, mas lhe dá uma nova e perversa iteração. A pressão por resultados passa a vir não de um algoz exterior, mas do próprio indivíduo:

[...] a derrocada da instância de domínio não leva a uma real liberdade e falta de coação, uma vez que o sujeito do desempenho também se autoexplora; ou seja, o sujeito que explora é ao mesmo tempo o sujeito explorado. Agressor e vítima aqui coincidem. A autoexploração é muito mais eficiente do que a exploração do outro, pois é acompanhada de um sentimento de

liberdade; o sujeito do desempenho submete-se a uma coação livre, autogerada. (HAN, 2017, p. 117).

Se a narrativa predominante é que trabalho e esforço são a chave para o sucesso pessoal e profissional, se a liberdade de ser quem se quer ser é facultada ao indivíduo, a cobrança por resultados passa a ser ainda mais nociva, constante e inescapável do que antes, dado que provém de ninguém mais que do indivíduo em si. Além disso, Han (2017) observa que os estressores externos também não se dissiparam por completo, apesar da ascensão da autocobrança e do culto do eu: o enaltecimento da transparência e do valor social da exposição colocam o indivíduo em contato constante com os detalhes íntimos das vidas de seus pares, ensejando sentimentos de culpa, insatisfação e inveja. É nesse contexto que o autor situa o *burnout*, a depressão e outros transtornos típicos de nosso tempo: “os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal” (HAN, 2015, p. 30).

De modo semelhante, Sennett (2010) associa a reconfiguração das condições do trabalho nas últimas décadas não só ao agravamento de problemas socioeconômicos coletivos, mas também à erosão ou corrupção de valores pessoais dos trabalhadores, com consequências preocupantes para sua saúde mental e emocional. Escrevendo no final dos anos 1990, quando as organizações já abraçavam a flexibilidade como valor fundamental dos novos tempos, o autor questiona:

Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego. (SENNETT, 2010, p. 27).

A reorganização do trabalho, marcada pela flexibilidade, pela inconstância, pela descentralização dos fluxos e pela rejeição da burocracia formal e da rotina, supostamente beneficiaria os trabalhadores ao lhes proporcionar experiências profissionais mais dinâmicas, mais estimulantes, mais produtivas e, crucialmente, mais livres em relação às relações laborais anteriores. No entanto, o autor argumenta que “a repulsa à rotina burocrática e a busca da flexibilidade produziram novas estruturas de poder e controle, em vez de criarem as condições que nos libertam” (SENNETT, 2010, p. 54), aproximando-se da reflexão de Han (2015) sobre a

armadilha contida na transição aparentemente benéfica entre a sociedade disciplinar e a sociedade do desempenho.

Ao preconizar a reinvenção pela reinvenção (visto que reorganizações internas, muitas vezes resumidas em cortes de pessoal, raramente produzem aumentos de produtividade) e a especialização constante do trabalho em função da demanda, o capitalismo flexível vem aumentando a desigualdade econômica, a concentração do poder nas organizações, e a pressão por resultados cada vez maiores. A oportunidade (sensivelmente flexível) de trabalhar em casa, por exemplo, frequentemente é acompanhada por um aumento nos esforços de controle e na supervisão por parte do empregador, temeroso de que se abuse de sua boa vontade.⁹ Assim, o potencial emancipatório supostamente contido na ideia de flexibilidade se demonstra ilusório: “a estrutura permanece nas forças que impelem as unidades ou indivíduos a realizar; o que fica em aberto é como fazer isso, e o topo da organização flexível raras vezes oferece as respostas” (SENNETT, 2010, p. 65).

Embora a vida profissional certamente impacte o bem-estar pessoal por si só – “é bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade: as pessoas não sabem que riscos serão compensados, que caminhos seguir” (SENNETT, 2010, p. 9) – o impacto da flexibilidade se faz sentir também na esfera mais estritamente pessoal da vida do trabalhador. Para o autor, a rejeição de considerações a longo prazo em favor de atrativos de curto prazo acaba por minar valores interpessoais que dependem de laços sociais consolidados com o tempo, como confiança, lealdade e compromisso mútuo. O resultado são trabalhadores em crise, com dificuldades de praticar os mesmos valores em suas vidas profissional e pessoal: mesmo aqueles que atingem o sucesso que almejam encontram-se sem referenciais morais. Estão à deriva.¹⁰

Esse desprendimento de referenciais na contemporaneidade (ou, mesmo, a ausência deles) é discutido em mais detalhes por Bauman (2001). Em contraste com

⁹ Em anos vindouros, será interessante analisar se a crise sanitária do COVID-19 acelerará o processo de flexibilização do trabalho problematizado por Sennett (2010) há 30 anos. Na medida em que se viram obrigadas a se reinventarem para sobreviver num contexto de isolamento social prolongado, aquelas empresas que foram capazes de continuar suas operações via *home office* talvez abracem ainda mais (ou, em empresas mais resistentes, aceitem) o imperativo da flexibilidade.

¹⁰ Sennett (2010) evidencia diferenças geracionais como um componente fundamental neste processo; dado que ele escreve no final dos anos 1990, fazendo referência às transformações marcadas na sociedade e na economia estadunidenses da geração dos *baby boomers* para a de sua prole, questionamos se as asserções do autor permanecem válidas para transições geracionais mais recentes. Dado que valores pessoais e familiares mudam com o tempo, sob influência de transformações sociais e econômicas mais amplas, é provável que gerações mais novas tenham desafios diferentes dos experimentados por seus pais e avós.

épocas anteriores, mais *sólidas* e *pesadas*, o sociólogo polonês identifica a *liquidez* e a *leveza* como aspectos fundamentais da contemporaneidade, presentes não apenas nas concepções radicalmente transformadas de tempo e espaço, mas também nas noções de individualidade, comunidade e labor.

Na perspectiva de Bauman (2001), a modernidade foi marcada por uma relação de mútua dependência entre o capital e a força de trabalho (relação essa *solidificada* ao longo de muito tempo) que implicava certo grau de previsibilidade nas relações trabalhistas: “quem, como jovem aprendiz, tivesse seu primeiro emprego na Ford, poderia ter certeza de terminar sua vida profissional no mesmo lugar” (BAUMAN, 2001, p. 183). A contemporaneidade, por outro lado, é marcada pela *incerteza*, num sentido novo e talvez até mais desesperador que no passado: trata-se de uma experiência inerentemente solitária que “divide em vez de unir, e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a ideia de ‘interesse comum’ fica cada vez mais nebulosa e perde todo valor prático” (BAUMAN, 2001, p. 186). Nesse sentido, “o trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar autodefinições, identidades e projetos de vida” (BAUMAN, 2001, p. 175), já que, na mesma linha de Sennett (2010), a flexibilidade contemporânea se assenta sobre o reinado do curto-prazismo.

Em suma, se as demandas do trabalho e as cobranças por resultados não diminuíram; mas sim, se *transformaram* (HAN, 2015; SENNET, 2010), e se os referenciais a longo prazo se tornaram cada vez mais inconstantes e incertos (BAUMAN, 2001), é compreensível que as disfunções mentais e emocionais tenham aumentado significativamente nas últimas décadas. Esta situação se agrava quando o discurso predominante, o *pitch* usado para promover o novo paradigma do trabalho, promete liberdade, mas o atrela irremediavelmente à iniciativa pessoal e ao merecimento:

a questão do aperfeiçoamento não é mais um empreendimento coletivo, mas individual; são os homens e mulheres individuais que a suas próprias custas deverão usar, individualmente, seu próprio juízo, recursos e indústria para elevar-se a uma condição mais satisfatória e deixar para trás qualquer aspecto de sua condição presente de que se ressintam. (BAUMAN, 2001, p. 170).

Em outras palavras, o grau de emancipação conquistado pelo sujeito na contemporaneidade não significou o fim de suas aflições, mas o surgimento de

problemas novos e possivelmente mais insidiosos. A ideia de progresso (como detalhado no capítulo 2) deixou de ser um projeto coletivo, uma ponte para um futuro melhor para todos, e se tornou um destino em si mesmo, privatizado e desregulado, cuja perseguição perpétua está intimamente relacionada ao bem-estar individual (BAUMAN, 2001).

Dado que este trabalho foca na realidade brasileira, devemos concluir esta seção com uma ressalva importante. Embora os postulados de Han (2015, 2017), Sennett (2010) e Bauman (2001) possam ser úteis para refletir sobre os rumos gerais da sociedade ocidental, especialmente nos chamados países desenvolvidos, entendemos que a realidade pode ser significativamente diversa quando se fala de determinadas profissões, regiões e classes. Já no final dos anos 1990, Sennett (2010) reconhecia que uma maioria dos trabalhadores estadunidenses seguiam submetidos a rotinas de trabalho pouco flexíveis; para esses trabalhadores, provavelmente persiste a aplicação de preceitos da sociedade disciplinar considerados ultrapassados por Han (2015, 2017). De modo semelhante, num país como o Brasil, com milhares de trabalhadores em situação análoga à escravidão e milhões de desempregados, duvidamos de que a positividade, o desempenho e a flexibilidade possam ter substituído, de forma tão cabal, a negatividade, a disciplina e a rigidez.

Nesse sentido, escolhemos interpretar as reflexões dos autores citados fazendo referência ao famoso postulado de Gramsci (2004) sobre interregnos e seus sintomas mórbidos: o surgimento de novas tendências não significa necessariamente o fim ou a superação de fenômenos antigos, mas a convivência, muitas vezes problemática, entre o que define e o que está por nascer. Como já vimos, ativistas sociais tendem a exercer outras atividades profissionais paralelamente ao seu ativismo; assim, consideramos que o desempenho, a liquidez e a flexibilidade também podem se fazer presentes também no cotidiano dessas pessoas. De que forma essas ideias são apropriadas, resistidas ou abraçadas por ativistas, especialmente no que tange à comunicação, resta a ser examinado.

2.2 SUSTENTABILIDADE ATIVISTA, *BURNOUT* E COMUNICAÇÃO

Embora raramente fosse verbalizado, (...) muitas ativistas sentiam que elas não *mereciam* parar e descansar – elas não haviam feito o suficiente para

merecê-lo. Em termos simples, descansar parece egoísta. (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007, p. 26, tradução nossa, grifo das autoras).¹¹

A sustentabilidade ativista é uma temática recorrente não apenas na literatura acadêmica sobre movimentos sociais (COX, 2011; CHEN; GORSKI, 2015; MASLACH; GOMES, 2006), mas também em produções realizadas por e para ativistas. Na medida em que o ativismo social é reconhecido como uma ocupação sujeita a determinados estressores particulares, frequentemente sem infraestrutura ou remuneração financeira que possa atenuá-los, há uma preocupação compreensível em relação às condições de permanência de ativistas em seus respectivos movimentos. A *Urgent Action Fund for Women's Human Rights* (UAF), por exemplo, promoveu um estudo sobre o assunto junto a sua rede global de ativistas, compilando “reflexões, experiências e estratégias de defensores dos direitos humanos feministas da linha de frente em países tão diversos quanto Polônia, Uganda, Honduras, Turquia e Espanha” (OKECH, CHIGUDU, ANDERSON, QUINTANA, 2017, p. 11, tradução nossa¹²). Suas conclusões se assemelham às indicadas por Gorski (2015): além de existirem fontes significativas de estresse na prática ativista, seus efeitos são agravados por uma espécie de *cultura do martírio*, que impede que ativistas compartilhem, reconheçam ou tratem suas vulnerabilidades adequadamente.

Se o ativismo social é uma ocupação submetida a determinados estressores, o *burnout*, enquanto condição decorrente de estresse severo e crônico, também pode acometer essas pessoas. Nesse sentido, Chen e Gorski (2015, p. 3) entendem o *activist burnout*, ou *burnout* ativista, como o inverso da sustentabilidade: a condição do ativista cujo ativismo se tornou insustentável. Cox (2011, p. 4) situa essa condição num espectro de estresse que também inclui o trauma e o estresse pós-traumático, entendendo-a como um dos “possíveis resultados a longo prazo dessas experiências [de estresse]”.

Dado que nossa pesquisa se dedica a investigar a relação entre comunicação e *burnout* nas redes sociais digitais progressistas no Brasil, o restante deste capítulo se dedica a revisar as principais características do *burnout* ativista, suas

¹¹ No original: “Although it was rarely said aloud, there was an underlying sense that many activists felt that they didn’t *deserve* to stop and rest – they hadn’t done enough to earn it. Quite simply, rest seems selfish” (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007, p. 26).

¹² No original: “reflections, experiences, and strategies from frontline feminist human rights defenders in countries as diverse as Poland, Uganda, Honduras, Turkey, and Spain” (OKECH, CHIGUDU, ANDERSON, QUINTANA, 2017, p. 11).

consequências para os movimentos sociais, e suas possíveis causas, com atenção particular para os possíveis papéis desempenhados pela comunicação. No momento, nossa hipótese é de que a dinâmica da comunicação digital em rede pode proporcionar não apenas estratégias de resiliência, como sugerido pela literatura (MASLACH; GOMES, 2006; COX, 2011; GORSKI, 2015) e por produções de organizações ativistas (OKECH; CHIGUDU; ANDERSON; QUINTANA, 2017), mas também estressores particularmente insidiosos, com consequências nefastas para a dinâmica dos movimentos sociais. Num primeiro momento, no entanto, devemos conceituar melhor o termo *sustentabilidade ativista*, evidenciando a importância da sustentabilidade individual para a continuidade dos movimentos.

2.2.1 Sustentabilidade ativista: do pessoal ao coletivo

Conforme Cox (2011), há uma distinção importante entre a sustentabilidade pessoal do ativista enquanto *indivíduo*, a sustentabilidade de uma *organização* de ativistas, e a sustentabilidade de um *movimento* como um todo. Seguindo essa linha, focamos nossa investigação no nível da sustentabilidade pessoal, com a intenção de esboçar eventuais reflexões sobre seu impacto na sustentabilidade das organizações e dos movimentos sociais. Essa abordagem se ampara na importância do ativismo pessoal para a continuidade dos movimentos: Cox (2011) ressalta que,

embora ativistas ou organizações individuais *são*, a longo prazo, *menos* significativos do que mobilização genuinamente popular em larga escala, e o 'breve ativismo' frequentemente associado a ela, isso não quer dizer que eles *não sejam* significativos. De fato, particularmente onde a continuidade organizacional é menos certa (como no movimento anticapitalista contemporâneo no Norte), a continuidade *individual* entre movimentos ao longo do tempo e na movimentação entre movimentos, é crucial para muitos aspectos do sucesso do movimento, em qualquer nível: análise política, habilidades de organização, contatos pessoais e capacidade de networking estão entre os principais ingredientes que ativistas de longo prazo trazem para esses movimentos e mobilizações (...). (COX, 2011, p. 10, grifos do autor, tradução nossa¹³).

¹³ No original: "individual activists, or organisations, are in the long run less significant than genuinely grassroots mobilisation on a large scale, and the "brief activism" often associated with it, this is not to say that they are not significant. Indeed, particularly where organisational continuity is less of a given (as in the contemporary anti-capitalist movement in the North), individual continuity between movements over time, and in moving between movements, is crucial to many aspects of movement success, at whatever level: political analysis, organising skills, personal contacts and networking ability are among the key ingredients that long-term activists bring to such movements and mobilisations (...)" (COX, 2011, p. 10).

Esta visão encontra respaldo em Chen e Gorski (2015), Maslach e Gomes (2006), e outros: “a maioria dos ativistas de justiça social que [...] experimentam [*burnout*] reduzem seu ativismo ou abandonam completamente os movimentos em que participavam” (GORSKI, 2015, p. 702, tradução nossa¹⁴). Rettig (2006) destaca a perda que isso representa para as organizações e para os movimentos em geral: “quando uma ativista se esgota, [...] ela também priva sua organização e movimento de sua valiosa experiência e sabedoria. O pior problema [...] pode ser que [...] ela priva ativistas mais jovens de uma mentora, tornando-as mais propensas a se esgotarem” (RETTIG, 2006, s/ p., tradução nossa¹⁵). Em outras palavras, forma-se um ciclo vicioso, em que o *burnout* se perpetua pela dissolução de relações de possível apoio mútuo entre ativistas.¹⁶

A relação entre a sustentabilidade pessoal e a sustentabilidade das organizações e dos movimentos também emerge de relatos de ativistas sobre suas experiências (embora, como veremos, a questão em si é pouco abordada ou discutida entre ativistas ou no interior das organizações). Nesse sentido, Barry e Đorđević (2007) concluem que

preocupações sobre alimentar sua família ou aposentar-se sem uma pensão são tão importantes quanto preocupações sobre encontrar financiamento ou combater violência patrocinada pelo Estado. (...) o público e o pessoal não apenas reforçam um ao outro. Eles estão inextricavelmente ligados (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007, p. 8, tradução nossa¹⁷).

É importante ressaltar também que a sustentabilidade ativista é extremamente *variável* (COX, 2011): dada a grande diversidade de experiências possíveis com o fazer ativista, a durabilidade do envolvimento pessoal com o movimento depende de uma gama diversa de fatores. Em primeiro lugar, a sustentabilidade ativista depende

¹⁴ No original: “a majority of social justice activists who experience it scale back on their activism or altogether abandon the movements in which they were participating” (GORSKI, 2015, p. 702).

¹⁵ No original: “When an activist burns out, she typically derails her career and damages her self-esteem and relationships. She also deprives her organization and movement of her valuable experience and wisdom. The worst problem, however, may be that when an activist burns out she deprives younger activists of a mentor, thus making them more likely to burn out. And so it’s a vicious circle, with burnout leading to more burnout”. (RETTIG, 2006, s/ p.).

¹⁶ Como veremos, a responsabilidade que noções como essas engendram – os ativistas se sentem moralmente impelidos a permanecer para auxiliar seus colegas – é, em si, uma causa marcante de *burnout* ativista (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007).

¹⁷ No original: “worries about feeding your family or retiring without a pension are as important as concerns about finding funding or combating state-sponsored violence. (...) the public and the personal don’t just reinforce each other. They are inextricably linked” (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007, p. 8).

de recursos materiais e imateriais que diferentes pessoas possuem e/ou necessitam em diferentes medidas, de condições financeiras e disponibilidade de horários a apoio familiar e acompanhamento psicológico. Em segundo lugar, diferentes tipos de envolvimento são mais ou menos difíceis de sustentar:

se a participação de alguém num movimento é principalmente um emprego, uma identidade, parte de seu cotidiano cultural ou uma resposta à sua vida profissional, dificuldades diferentes surgirão em termos de sustentá-lo” (COX, 2011, p. 2, tradução nossa¹⁸).

Em terceiro lugar, “o contexto cultural mais amplo de participação no movimento obviamente faz diferença” (COX, 2011, p. 2, tradução nossa¹⁹): participar de um movimento nascente ou radical é substantivamente diferente de participar de um movimento consolidado ou moderado.²⁰

Em especial, a variabilidade descrita por Cox (2011) remete à capacidade individual de responder ao estresse, na medida em que essa se constitui como grande ameaça à sustentabilidade ativista. Em sua análise do *burnout* em ativistas sociais, o autor posiciona o *burnout* num espectro de experiências negativas que também inclui estresse, trauma e síndrome de estresse pós-traumático (COX, 2011). O estresse (que, como detalhado na literatura médica e psicológica citada acima, é precursor e constituinte da síndrome de *burnout*) é entendido como uma experiência frequente em sociedades capitalistas, inclusive para não-ativistas; em consonância com as reflexões tecidas por Sennett (2010) e Bauman (2001), trata-se de um subproduto de um sistema cada vez mais incerto, instável e inseguro. No entanto, o autor ressalta que o estresse *também pode constituir “um gatilho frequente para mobilização”* (COX, 2011, p. 5, grifos e tradução nossos²¹), na medida em que experiências de opressão geram estresse e/ou trauma: pessoas que são alvo de preconceito ou violência, como minorias raciais e sexuais, são sujeitas a um grau significativo de estresse que pode

¹⁸ No original: “depending on whether someone's movement participation is primarily a job, an identity, part of their everyday culture or a response to their working life, very different issues are going to arise in terms of sustaining it” (COX, 2011, p. 2).

¹⁹ No original: “the broader cultural context of movement participation obviously makes a difference” (COX, 2011, p. 2).

²⁰ Na medida em que nossa pesquisa empírica se dedicará a estudar as experiências de ativistas progressistas brasileiros também pelo viés da sustentabilidade pessoal, será importante situar os ativistas pesquisados em relação a estes aspectos.

²¹ No original: “[stress is] often a trigger for mobilization” (COX, 2011, p. 5).

levá-los ao ativismo como forma de defesa (mecanismo também aplicável, em menor grau, a terceiros solidários aos grupos oprimidos).

Evidentemente, a intensidade e a duração do estresse na experiência individual, assim como outras características pessoais diversas, contribuem para o grau em que o estresse pode ser usado como motivador. Nas palavras do autor, “estresse e trauma não são características inerentes a uma situação, mas são respostas (ainda que não escolhidas) a uma situação ou atividade que outras pessoas podem experimentar de maneiras diferentes” (COX, 2011, p. 8, tradução nossa²²). Esta asserção dialoga diretamente com a perspectiva médica do *burnout*, detalhada acima: para além de aspectos ligados à experiência ativista em si, aspectos pessoais anteriores e subjacentes a ela têm influência direta sobre a probabilidade de sofrer *burnout* (SHIOZAWA, 2018; BENEVIDES-PEREIRA, 2014).

É dessa diferença fundamental entre a resiliência de uma pessoa e outra, baseada nas mais diversas variações genéticas e epigenéticas que nos tornam quem somos, que sobressai o que Cox (2011, p. 8, tradução nossa²³) chama de “incompreensão ou machismo de movimento”. Num cenário em que se dispense tempo, trabalho e outros recursos valiosos em prol de ideais moralmente elevados, ativistas com maior grau de resiliência podem criar um clima de culpabilização ou condescendência em relação a ativistas com menor grau de resiliência, tornando-se agentes ativos da cultura do martírio descrita por Gorski (2015). Nesse sentido, a incompreensão ou a condescendência em relação à resiliência individual é um fator agravante de processos de *burnout* e, por consequência, uma ameaça para a sustentabilidade pessoal dos ativistas. A seguir, examinaremos melhor as causas diretas de *burnout* ativista, com o objetivo de, eventualmente, relacioná-las a processos e fenômenos comunicacionais.

2.2.2 Identificando causas de burnout ativista

Diversos autores já discutiram os fatores que contribuem para o *burnout* em ativistas sociais (POGREBIN, 1994; MASLACH; GOMES, 2006; CHEN; GORSKI,

²² No original: “stress and trauma are not inherent features of a situation, but are responses (albeit not chosen responses) to a situation or activity which others may experience in different” (COX, 2011, p. 8).

²³ No original: “incomprehension or movement machismo” (COX, 2011, p. 8).

2015; COX; 2011). Nas páginas a seguir, revisaremos algumas dessas contribuições, buscando fornecer aportes para a identificação e qualificação do papel da comunicação no processo de *burnout* ativista. Para ancorar as considerações teóricas na prática ativista, recorreremos também a relatos colhidos diretamente de ativistas (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007).

A ativista Letty Pogrebin, que trabalha na intersecção de feminismo e judaísmo, resume as causas de *burnout* ativista em três: “represália, retrocesso e recriminação” (POGREBIN, 1994, p. 36, tradução nossa²⁴). *Retrocesso* diz respeito à natureza pendular do progresso social; vitórias são frequentemente seguidas por reveses, que podem desincentivar ativistas a continuar lutando e/ou produzir nelas e neles sentimentos de desesperança ou impotência. *Represália*, por sua vez, diz respeito aos ataques sofridos por ativistas de adversários ou não-ativistas, especialmente pessoas pertencentes a classes dominantes: como exemplo, a autora faz referência a campanhas de “cooptação, difamação e desinformação” (POGREBIN, 1994, p. 36, tradução nossa²⁵) lançadas por elites conservadoras contra o movimento feminista dos anos 1970. Finalmente, *recriminação* diz respeito aos efeitos nocivos de relações interpessoais com ativistas que, em função de seu compromisso com a crítica a estruturas de poder, não reconhecem ou aceitam seu próprio “impulso retrógrado em direção à conquista e à dominação” (POGREBIN, 1994, p. 80, tradução nossa²⁶), levando a relações de poder opressoras no interior das organizações e dos movimentos.

Embora a abordagem de Pogrebin (1994) possa parecer datada ou simplista em comparação com outras contribuições teóricas ou práticas de que trataremos a seguir, acreditamos que ela é um bom ponto de partida em função da associação traçada entre as causas de *burnout* e as relações entre o ativista e seu entorno. A percepção de retrocesso advém da relação entre o ativista e o movimento social como um ente despersonalizado; a represália, de conflito entre ativistas e não-ativistas ou ativistas adversários; e a recriminação, de conflito entre ativistas e outros ativistas, especialmente no interior de organizações. Portanto, em conformidade com as considerações de Shiozawa (2018) sobre as origens genéticas e epigenéticas do *burnout*, assim como as de Cox (2011) sobre as respostas variadas a diferentes tipos

²⁴ No original: “backlash, backsliding and backbiting” (POGREBIN, 1994, p. 36).

²⁵ No original: “co-optation, defamation and disinformation” (POGREBIN, 1994, p. 36).

²⁶ No original: “retrograde urge toward conquest and domination” (POGREBIN, 1994, p. 80).

de estressores, depreendemos que o *burnout* ativista está intimamente ligado não só à ocupação ativista, mas às características pessoais dos ativistas.

Maslach e Gomes (2006) explicitam precisamente essa relação ao analisar as condições particulares que levam à eclosão de *burnout* em ativistas e outros profissionais socialmente engajados. Em primeiro lugar, as autoras ressaltam o ponto, já mencionado, de que há grande aproximação entre o ativismo e ocupações como o serviço social, e que as pessoas que desempenham essas atividades também compartilham determinadas características e vulnerabilidades:

a própria natureza do trabalho ativista envolve cultivar e manter consciência de grandes e avassaladores problemas sociais, muitas vezes carregando um fardo de conhecimento que a sociedade como um todo não consegue ou não deseja enfrentar. Isso pode levar a sentimentos de pressão e isolamento que facilmente alimentam o *burnout*. (MASLACH; GOMES, 2006, p. 43, tradução nossa).²⁷

Em segundo lugar, as autoras sustentam que o *burnout* ativista decorre fundamentalmente de um “desequilíbrio, ou incompatibilidade, entre a pessoa e a situação” (MASLACH; GOMES, 2006, p. 45, tradução nossa²⁸). Esse desequilíbrio pode se fazer sentir em pelo menos seis áreas distintas: “excesso de trabalho” (demandas do trabalho vs. capacidade de atender a elas), “falta de controle” (responsabilidade vs. poder decisório, gerada por submissão a líderes ou dinâmicas de trabalho ineficientes), “recompensas insuficientes” (trabalho dispendido vs. satisfação obtida), “colapso de comunidade” (necessidades sociais vs. valorização na relações sociais na comunidade ou organização), “falta de justiça” (princípios igualitários no ambiente de trabalho vs. desigualdades na realidade prática), e “conflitos de valores” (ideais vs. demandas concretas) (MASLACH; GOMES, 2006, p. 45-47, tradução nossa²⁹).

Curiosamente, Barry e Đorđević (2007) indicam que alguns dos conflitos descritos por Maslach e Gomes (2006) como desequilíbrios são compreendidos e aceitos por ativistas como aspectos inelutáveis de sua ocupação. Em relação ao

²⁷ No original: "The very nature of activist work involves cultivating and maintaining awareness of large and overwhelming social problems, often carrying a burden of knowledge that society as a whole is unable or unwilling to face. This can lead to feelings of pressure and isolation that easily feed into burnout". (MASLACH; GOMES, 2006, p. 43).

²⁸ No original: "an imbalance, or mismatch, between the person and the situation" (MASLACH; GOMES, 2006, p. 45)

²⁹ No original: "work overload", "lack of control", "insufficient rewards", "breakdown in community", "lack of fairness", e "values conflicts" (MASLACH; GOMES, 2006, p. 45-47).

excesso de trabalho, por exemplo, as ativistas “quase *universalmente aceitam essa carga de trabalho [excessiva] como um fato inevitável do ativismo*” (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007, p. 23, grifos das autoras, tradução nossa³⁰), mesmo quando admitem que a carga lhes preocupa profundamente. Na perspectiva de uma ativista entrevistada, trata-se de uma situação sem saída: num contexto em que todos os ativistas tendem a estar sobrecarregados, priorizar a própria saúde e diminuir o ritmo equivale a admitir que o trabalho *não será feito por ninguém*, com possíveis prejuízos sérios para o movimento ou populações necessitadas. Esta percepção acaba por colocar sobre os ombros dos ativistas um senso de profunda responsabilidade individual, que dificilmente consegue ser satisfeito ou aplacado: já que sempre há injustiças a serem combatidas, sempre há trabalho a ser feito (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007). No mesmo sentido, o desequilíbrio entre trabalho dispendido e satisfação obtida (*recompensas insuficientes*) – que se relaciona, embora não completamente,³¹ com a “falta de resultados visíveis ou reconhecimento” assinalada por Cox (2011, p. 15, tradução nossa³²) – é uma consequência do ímpeto de colocar necessidades pessoais de lado em favor de avanços na arena pública.

Para além da ideia de desequilíbrio, esperado ou não, Cox (2011) identifica uma série de causas de *burnout* de relevância particular no fazer ativista. Além da “falta de resultados visíveis ou reconhecimento” (COX, 2011, p. 15, tradução nossa³³) citada acima, destacamos as seguintes:

- a) impotência em relação aos objetivos do movimento, muitas vezes ambiciosos, como acabar com o capitalismo, o patriarcado ou outro sistema de dominação de longa data. Esta percepção, que encontra respaldo na ideia de *retrocesso* como um aspecto inevitável do progresso social em Pogrebin (1994), é sentida duramente pelas ativistas entrevistadas por Barry e Đorđević (2007). Ao descrever cenas brutais de violência e sofrimento, ativistas se fazem perguntas como “Por que isto está acontecendo? Por que não pode ser impedido? Por que *eu* não posso

³⁰ No original: “Almost *universally accept this level of work as an inevitable fact of activism*” (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007, p. 23, grifos das autoras).

³¹ Visto que as recompensas citadas por Maslach e Gomes (2006) dizem respeito à satisfação em geral, inclusive pessoal, dos ativistas com seu trabalho, à medida que Cox (2011) faz referência mais explícita a resultados concretos do movimento e reconhecimento do esforço pessoal do ativista.

³² No original: “lack of visible results or recognition” (COX, 2011, p. 15).

³³ No original: “lack of visible results and acknowledgement” (COX, 2011, p. 15).

impedi-lo? Qual é o sentido do meu trabalho?” (BARRY, ĐORĐEVIĆ, 2007, p. 32, grifo das autoras, tradução nossa³⁴).

- b) “repressão e traumatização secundária” (COX, 2011, p. 12, tradução nossa³⁵), decorrentes da exposição direta ou indireta a situações de opressão e violência. Além de remeter a considerações anteriores sobre o elo entre estressores pessoais e o ímpeto de tornar-se ativista, este ponto se relaciona ao que Chen e Gorski (2015, p. 13, tradução nossa³⁶) identificam como “profundas sensibilidades à injustiça” típicas de ativistas sociais e de direitos humanos.
- c) isolamento sectarista, decorrente de situações em que o movimento se posiciona como uma minoria em conflito com tendências culturais majoritárias (uma mentalidade nós vs. o mundo), afastando os ativistas de participação em círculos sociais externos ao movimento.
- d) conflitos interpessoais decorrentes do “ambiente de trabalho ativista” (COX, 2011, p. 13, tradução nossa³⁷) e, numa ótica mais ampla, da “cultura dos movimentos” (COX, 2011, p. 14, tradução nossa³⁸). Enquadram-se aqui, por exemplo, exigências explícitas ou implícitas relacionadas a produtividade, participação em manifestações e disposição a confrontar adversários com agressividade (o chamado *machismo de movimento*). Chen e Gorski (2015, p. 12, tradução nossa³⁹) ajudam a complementar este ponto com suas considerações sobre “conflitos internos e relacionamentos tensos dentro de comunidades ativistas”.
- e) falta de práticas de autocuidado entre ativistas, remetendo às considerações anteriores sobre a dificuldade de dar atenção às necessidades pessoais em um contexto de demandas excessivas e percebidas como mais relevantes.

Este último ponto nos remete diretamente à relação entre o bem-estar do ativista individual e o bem-estar em que ele se insere, conforme destacado na seção

³⁴ No original: “Why is this happening? Why can't it be stopped? Why can't I stop it? What's the point of my work?” (BARRY, ĐORĐEVIĆ, 2007, p. 32, grifo das autoras).

³⁵ No original: “repression and secondary traumatization” (COX, 2011, p. 12).

³⁶ No original: “deep sensitivities to injustice” (CHEN; GORSKI, 2015, p. 13).

³⁷ No original: “the activist ‘workplace’” (COX, 2011, p. 13).

³⁸ No original: “movement culture” (COX, 2011, p. 14).

³⁹ No original: “infighting and tense relationships within activist communities” (CHEN; GORSKI, 2015, p. 12).

anterior. Apesar da aparente obviedade desse elo, tanto a literatura acadêmica quanto as produções de ativistas demonstram que sentimentos de *burnout* não são abertamente discutidos entre os ativistas. Em vez de diálogo e apoio mútuo, predomina uma “cultura de martírio” (GORSKI, 2015, p. 707, tradução nossa⁴⁰) que impede que ativistas dialoguem sobre suas vulnerabilidades, reconheçam seu estresse ou o combatam adequadamente.⁴¹ Nesse sentido, os participantes entrevistados pelo autor descrevem a cultura dos movimentos como dominada por uma espécie de *ética do sofrimento*, onde sacrificar-se em prol de uma causa ou ideal é uma obrigação moral cujo descumprimento traz culpa e vergonha. Essa asserção, que se relaciona intimamente ao senso de responsabilidade pessoal descrito por Barry e Đorđević (2007), encontra amplo respaldo nos depoimentos de ativistas, que reconhecem que a culpa está no cerne da cultura ativista:

(...) ativismo de direitos humanos é sobre responsabilizar-se, individual e coletivamente. Mas, quando o senso de responsabilidade se torna demais, ele se transforma em culpa. E isto se alimenta de muitas outras fontes diferentes. Como crenças culturais e religiosas internalizadas. Culpa de sobrevivente. Culpabilização pessoal e vergonha que restaram das experiências de violência das próprias ativistas. (BARRY, ĐORĐEVIĆ, 2007, p. 32, tradução nossa⁴²).

Os aportes teóricos e relatos práticos elencados acima proporcionam material suficiente para embasar considerações sobre o papel da comunicação no processo de *burnout* de ativistas sociais. A seguir, explicitaremos as causas de *burnout* ativista que interpretamos como intimamente ligadas a processos ou fenômenos comunicacionais, partindo de uma breve consideração a respeito da presença constante da comunicação no fazer ativista.

⁴⁰ No original: “culture of martyrdom” (GORSKI, 2015, p. 707).

⁴¹ Como veremos em seguida, essa talvez seja a mais marcante causa de *burnout* ativista. Dada sua natureza interpessoal, e, portanto, comunicacional, ela também guarda relevância especial para nosso trabalho.

⁴² No original: “(...) human rights activism is about taking responsibility, individually and collectively. But when the sense of responsibility becomes too much, it transforms into guilt. And this feeds on so many other sources. Like internalised cultural and religious beliefs. Survivor guilt. Self-blame and shame left over from activists’ own experiences of violence” (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007, p. 32).

2.2.3 O papel da comunicação no processo de burnout ativista

Antes de nos propor a traçar uma relação entre disfunções comunicacionais e efeitos nocivos sobre a saúde de ativistas, é imprescindível reconhecer que a comunicação cumpre uma ampla diversidade de papéis positivos no nascimento e desenvolvimento de movimentos sociais. Para Peruzzo (2009, p. 36), a comunicação está intimamente ligada aos “processos de mobilização dos movimentos sociais em toda a história e em conformidade com os recursos disponíveis em cada época”, inclusive durante e em desafio direto a regimes autoritários. Nesse sentido, é possível identificar a comunicação como elemento central em uma ampla diversidade de lutas coletivas ao longo da história, tanto aquelas desenvolvidas dentro da institucionalidade (como campanhas políticas de base e protestos pacíficos) quanto aquelas que desafiam o sistema vigente por meio de processos revolucionários (como a Revolução Russa, em 1917, e a Revolução Egípcia, em 2010). Seja pela reforma, seja pela revolução, a produção de mudanças sociais depende da capacidade dos movimentos de *comunicarem* suas reivindicações; é disso que depende a conquista de novos adeptos, a motivação continuada dos participantes e o combate às mensagens veiculadas por adversários (FONSECA, 2011; MARQUES; NOGUEIRA, 2012).

Embora essa asserção permita identificar o papel da comunicação em lutas sociais muito mais antigas, diversos autores (FONSECA, 2011; PERUZZO, 2009; CASTELLS, 2015; 2018) apontam que o entendimento e a apropriação da comunicação pelos movimentos sociais têm mudado significativamente ao longo das últimas décadas. Fonseca (2011) aponta que,

no decorrer do século XX, dos anarquistas das primeiras décadas às novas organizações operárias nos anos 1980, os movimentos sociais urbanos passaram a ter cada vez mais consciência de que os meios de comunicação não poderiam deixar de ser empregados como uma ferramenta estratégica para contribuir na mobilização social, na contestação da ordem capitalista e na conscientização política das classes. (FONSECA, 2011, p. 68).

Como exemplo desse processo de gradativa transformação na comunicação dos movimentos sociais, Peruzzo (2009, p. 38) aponta o surgimento da *comunicação comunitária*, chamada também de popular, participativa, horizontal, ou alternativa, que “ocorre no bojo de uma práxis de atores coletivos que se articulam de modo a provocar

a mobilização social e a realizar ações concretas com vistas à melhoria da consciência política e das condições de existência das populações empobrecidas”. Essa nova forma de comunicação foi concretizada no estabelecimento de jornais e rádios (entre outros meios) por e para comunidades periféricas, buscando visibilizar suas reivindicações diversas em contextos onde os meios de comunicação tradicionais/*mainstream* não o fazia. Além disso, Peruzzo (2002) indica outros dois grandes benefícios desse novo paradigma comunicacional, ambos relacionados à formação de cidadania nas comunidades envolvidas: por um lado, a criação de veículos locais permite a satisfação de necessidades comunicacionais locais (como notícias de relevância local); por outro, “o próprio ato de se envolver na produção de meios de comunicação favorece o desenvolvimento de uma interpretação mais crítica dos cidadãos em relação às mensagens das mídias [*mainstream*]” (FONSECA, 2011, p. 69). Esta perspectiva confere força ao foco premente da autora nas virtudes da comunicação comunitária:

No segmento das experiências que se pautam pelo interesse público, o campo das virtudes é amplo. O meio comunitário contribui para melhorar as condições de vida e de conhecimento das pessoas por meio da conscientização e promoção dos direitos humanos. Esse meio também favorece o exercício da cidadania, ao abrir espaço para difundir a voz do cidadão e possibilitar que este participe ativamente das demais fases do processo comunicativo, como dos próprios planos de geração de conteúdos e da gestão do meio. (PERUZZO, 2009, p. 39).

É importante ressaltar, ainda, dois aspectos vitais para a compreensão da comunicação atualmente desenvolvida pelos movimentos sociais: por um lado, a crescente diversidade de causas sociais no último século, e, por outro, a progressiva ascensão da internet como espaço de ativismo social. Melucci (2001) chama atenção para a crescente dimensão simbólica nas lutas sociais após a II Guerra Mundial, identificando uma série de grupos cujas reivindicações transcendem as demandas por redistribuição de riqueza típicas de movimentos sociais de séculos passados. Esses grupos, como os movimentos feminista, negro e LGBT+, passaram a reivindicar respeito às diferenças, uma maior diversidade de representações sociais, e outros direitos identificados com a terceira geração de direitos humanos (MARQUES; NOGUEIRA, 2012; CASTELLS, 2018).

Em décadas recentes, a ascensão da internet (e, em especial, o advento da autocomunicação de massa) providenciou um espaço novo e substancialmente mais

livre para que reivindicações como essas fossem compartilhadas e visibilizadas. Nesse sentido, para além do potencial de aumentar a visibilidade de determinados movimentos (MARQUES; NOGUEIRA, 2012), ou de contribuir para sua capacidade de organização ou coordenação (FONSECA, 2011; PERUZZO, 2013), os novos meios também se demonstraram espaços privilegiados para a formação de comunidades virtuais baseados no compartilhamento de identidades (CASTELLS, 2015; 2018), permitindo a construção de relações de apoio e reconhecimento que transcendem barreiras geográficas.

Ainda que suas virtudes sejam significativas, o grau crescente de importância e de penetração da comunicação nos movimentos sociais do século XXI permite inferir que *disfunções* comunicacionais também podem engendrar ou alimentar disfunções mais amplas nesses movimentos. A própria Peruzzo (2009) sugere que, além das virtudes já mencionadas, a comunicação comunitária pode ser marcada por distorções, incluindo a apropriação de causas por interesses econômicos ou políticos, “falta de recursos financeiros”, “falta de preparação adequada para o manuseio da comunicação” e “práticas autoritárias de lideranças” (PERUZZO, 2009, p. 39). Essas disfunções têm o potencial de atingir os diversos níveis interdependentes de um movimento, do mais individual (o ativista) ao mais coletivo (o movimento como um todo). A seguir, aplicaremos essa ótica às causas de *burnout* ativista elencadas acima, buscando vislumbrar o papel da comunicação nos estressores que levam ativistas à exaustão.

Retomando as considerações de Pogrebin (1994), julgamos interessante categorizar as causas de *burnout* encontradas na literatura de acordo com o local em que elas se produzem, ou seja, nas relações comunicacionais onde elas despontam como estressoras (Quadro 4). Nesse sentido, entendemos que determinadas causas de *burnout* se localizam nas relações interpessoais entre ativistas, especialmente no interior de organizações sociais (ativista-ativista e ativista-organização), enquanto outras, mais insidiosas, se localizam nas relações dos ativistas consigo mesmo (eu-ativista) e com o movimento como um todo (ativista-movimento).⁴³ Com base na literatura encontrada sobre o tema, nos baseamos na ideia de que os tensionamentos

⁴³ Embora seja possível atribuir todas essas causas, em última análise, à cultura dos movimentos, julgamos importante estabelecer esta categorização aproximada para os fins desta pesquisa (localizar a comunicação no processo de *burnout* ativista). Contudo, reconhecemos que tanto as causas de *burnout* quanto os níveis de análise apresentados são muito mais interdependentes e multifacetados do que nossa sistematização conseguirá demonstrar.

nessas relações derivam, antes de mais nada, de desequilíbrios entre as pessoas e as situações em que elas se encontram (MASLACH; GOMES, 2006), quer esses desequilíbrios sejam reconhecidos e aceitos pelos ativistas, quer não (BARRY; ĐORĐEVIĆ, 2007). A seguir, justificaremos nossa interpretação de cada causa, partindo do nível mais individual ao mais coletivo.

Quadro 4 – Participação da comunicação em processos de *burnout* ativista

Causa de <i>burnout</i> ativista	Relação comunicacional tensionada*		
	EA	AA/AO	AM
Senso de responsabilidade pessoal	X		
Conflitos interpessoais decorrentes do ambiente de trabalho ativista (esp. recriminação)		X	
Falta de justiça		X	
Conflitos interpessoais decorrentes da cultura do movimento (esp. machismo de movimento)		X	X
Cultura de martírio		X	X
Colapso de comunidade		X	X
Isolamento sectarista		X	X
Conflitos de valores			X
Percepção de retrocessos/impotência			X

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Pogrebin (1994), Maslach e Gomes (2006), Cox (2011), Gorski (2015) e Barry e Đorđević (2007).

*Legenda:

EA = eu-ativista

AA = ativista-ativista

AO = ativista-organização

AM = ativista-movimento

Em primeiro lugar, consideramos que a mais íntima das causas de *burnout* tem origem numa disfunção de comunicação intrapessoal, ou seja, do ativista consigo mesmo (localizada, assim, no que chamamos de *eu-ativista*). O *senso de responsabilidade pessoal*, identificado por Barry e Đorđević (2007), Gorski (2015) e Maslach e Gomes (2006) como típico de ativistas sociais e outros profissionais socialmente engajados, faz com que ativistas se sintam pessoalmente responsáveis pelo avanço dos movimentos em que participam. Se, por um lado, esse envolvimento pode tornar os ativistas mais engajados ou produtivos, a tendência de assumir cargas de trabalho excessivas (MASLACH; GOMES, 2006) pode elevar níveis de autocobrança e culpa, especialmente em situações em que o ativista falha ou é

incapaz de participar na medida em que gostaria. Essa personalização da responsabilidade dialoga diretamente com as reflexões de Han (2015) sobre os efeitos prejudiciais da sociedade do desempenho: quando o indivíduo se converte em algoz, em última instância, de *si mesmo*, a cobrança por resultados passa a ser ainda mais nociva, constante e inescapável do que antes. Como agravante, o contexto social em que os ativistas vivem e atuam é eminentemente incerto e inseguro: a lógica da flexibilidade (SENNETT, 2010) e da liquidez (BAUMAN, 2001) que domina a contemporaneidade afeta o fazer ativista não só diretamente, na organização do ativismo individual e coletivo,⁴⁴ mas também indiretamente, ao influenciar ou determinar a realidade social que os ativistas buscam modificar.

Embora a análise mais aprofundada deste tema pertença mais diretamente ao campo da psicologia, uma pesquisa como a nossa não pode deixar de considerar a relevância do senso de responsabilidade pessoal para o processo de *burnout* ativista, especialmente ao se debruçar sobre disfunções comunicacionais entre ativistas, no interior das organizações e decorrentes da cultura geral dos movimentos, como as que seguem. É possível traçar uma relação particularmente próxima entre o senso de responsabilidade pessoal no eu-ativista e disfunções na relação ativista-movimento, dado que estas se manifestam no sujeito ativista a partir do contato com aspectos não necessariamente personalizados (ou mesmo materiais) dos movimentos.

A grande maioria das causas de *burnout* nas quais identificamos a presença da comunicação se produzem a partir de problemas interpessoais entre ativistas e outros ativistas, especialmente aquelas que ocorrem no interior de organizações. Uma pesquisa conduzida nos anos 1990, por exemplo, indicou que relacionamentos com outros ativistas eram, simultaneamente, a maior recompensa e o maior estressor resultante da atuação ativista (MASLACH; GOMES, 2006). Dado que evitar, gerenciar e combater problemas internos como esses são preocupações importantes para a comunicação (organizacional, por exemplo), entendemos que as causas de *burnout* em questão podem ser lidas como disfunções comunicacionais com certa tranquilidade. Essas disfunções podem decorrer mais diretamente da cultura do

⁴⁴ Por um lado, é importante lembrar que muitos ativistas atuam de forma voluntária, dividindo seu tempo entre ativismo e alguma ocupação remunerada; assim, eles são tão ou mais vulneráveis à lógica do mercado quanto qualquer trabalhador *full-time*. Por outro, as tendências apontadas por Sennett (2010) e Bauman (2001) podem atingir a gestão e a cultura das próprias organizações ativistas, expondo até mesmo ativistas profissionais a seus efeitos nocivos.

movimento como um todo ou da dinâmica da organização. Neste último caso, destacamos dois fatores de especial relevância: a recriminação apontada por Pogrebin (1994) e a falta de justiça apontada por Maslach e Gomes (2006). Ambos têm íntima relação com a gestão de poder no interior das organizações.

A *recriminação*, associada por Pogrebin (1994, p. 80, tradução nossa⁴⁵) a atos como “denegrir seus oponentes por trás das costas, diminuir sua opinião, papel ou status no grupo, ou virar outras pessoas contra eles com alguma intriga ou calúnia não-relacionada”, é um problema recorrente em situações de trabalho em grupo. No entanto, a autora destaca a dificuldade particular de combater este problema no meio ativista: na medida em que seu ativismo se dedica a questionar ou combater estruturas de poder socialmente instituídas, os ativistas têm dificuldade de reconhecer e lidar adequadamente com as relações de poder que inevitavelmente transpassam suas organizações e relações interpessoais (POGREBIN, 1994). A *falta de justiça* sinalizada por Maslach e Gomes (2006) vai ao encontro desta preocupação com estruturas de poder problemáticas e pouco visibilizadas na hierarquia organizacional: diante da percepção de injustiças sedimentadas no interior das organizações, como desrespeito, discriminação e favoritismo, pode agravar processos de *burnout* em ativistas sociais, especialmente em conjunto com outros fatores problemáticos.

Embora outras causas de *burnout* se concretizem na instância das organizações, os autores supramencionados tendem a relacioná-las mais diretamente a tendências do movimento como um todo. O *machismo de movimento* descrito por Cox (2011) é um exemplo notável disso: em alguns movimentos, há um estímulo à confrontação e à agressividade que pode alienar determinados ativistas menos inclinados a violência (sobreviventes de determinados traumas, por exemplo). Essa realidade dialoga diretamente com a incompreensão em relação aos diferentes graus de resiliência a estressores, conforme evidenciado em Shiozawa (2018).

A *cultura de martírio* identificada por Gorski (2015), por sua vez, se refere a uma preocupante tendência de menosprezar ou desconsiderar o autocuidado como uma prática importante para a sustentabilidade ativista. Em alguns casos, por exemplo, ter tempo para cuidar de necessidades físicas e psicológicas pessoais é lido como um privilégio incompatível com o compromisso social (GORSKI, 2015). O

⁴⁵ No original: “denigrate your opponents behind their backs, diminish their opinion, role, or status in the group, or turn others against them with some unrelated intrigue or libel” (POGREBIN, 1994, p. 80).

resultado é uma cultura de movimento que idealiza níveis inatingíveis de produtividade e entrega à causa, normalizando os sentimentos de exaustão que levam ao *burnout*.

Movimentos que apresentam características sectaristas, ou seja, que se posicionam (ou são lidos) como minorias diretamente opostas à cultura majoritária, também podem levar ativistas a se retirarem de outros círculos sociais, gerando sentimentos de *isolamento*. Conforme a literatura levantada por Cox (2011), determinados grupos podem utilizar o sectarismo como fonte de engajamento, ou para fomentar reconhecimento e apoio mútuo; todavia, é importante ressaltar os efeitos prejudiciais decorrentes dessa retração. Ao depender unicamente do movimento para satisfazer suas necessidades sociais e emocionais, ativistas podem se tornar especialmente vulneráveis aos estressores mencionados acima. O *colapso de comunidade* apontado por Maslach e Gomes (2006, p. 46, tradução nossa⁴⁶), por exemplo, pode ser particularmente desestabilizador: “quando os relacionamentos em andamento não têm confiança, ou têm conflitos não resolvidos, a comunidade de trabalho não pode funcionar como um grupo coletivo e pode até acabar se rompendo”.

Finalmente, determinadas causas de *burnout* decorrem mais especificamente da relação dos ativistas com aspectos despersonalizados ou imateriais dos movimentos, como seus valores ou a própria dinâmica do progresso social. É nesse sentido que Maslach e Gomes (2006, p. 46, tradução nossa⁴⁷) falam de *conflitos de valores*: trata-se de uma “incompatibilidade entre seus ideais do que você quer fazer e a realidade, às vezes questionável, do que você pode ter que fazer no trabalho”. Se essa disfunção diz respeito mais aos meios pelos quais o ativismo se realiza, Pogrebin (1994) e Cox (2011), entre outros, chamam atenção para a relação dos ativistas com as metas ou fins últimos dos movimentos. Em muitos deles, predomina uma forte sensação de *impotência*, essencialmente gerada pela percepção de que, por mais duro que se trabalhe, o progresso social é um processo lento, árduo, e marcado por uma sucessão incerta de vitórias e reveses.

Na medida em que o ativismo social implica contato interpessoal, seja com outros ativistas (individuais ou organizados), seja com representantes de instituições, seja com as populações defendidas/assistidas, entendemos que a comunicação se

⁴⁶ No original: “When ongoing relationships lack trust, or have unresolved conflict, the work community will be unable to function as a collective group and may even end up tearing itself apart” (MASLACH; GOMES, 2006, p. 46).

⁴⁷ No original: “a mismatch between your ideals of what you want to do and the reality, sometimes questionable, of what you may have to do on the job” (MASLACH; GOMES, 2006, p. 47).

faz presente do início ao final da experiência ativista. Seus possíveis papéis são múltiplos, estendendo-se do ímpeto súbito de dedicar-se ao ativismo (*burning in*) ao possível esgotamento ocupacional (*burnout*), passando pelas tarefas que compõem o cotidiano ativista – produção de campanhas de conscientização, mobilização de recursos, organização de eventos, pronunciamentos públicos, etc. Todavia, é importante ressaltar que a comunicação também se faz presente no processo de *burnout* ativista, levando à eclosão ou agravamento dos sentimentos de exaustão e isolamento que erodem a sustentabilidade individual e, conseqüentemente, a sustentabilidade do movimento como um todo. Ignorar essa realidade não só contribui para o acirramento de uma cultura de martírio que cresce nas sombras do não-dito, mas também descarta o potencial transformador da comunicação para evitar e superar o *burnout* ativista, como previsto em diversas estratégias de combate à síndrome (MASLACH; GOMES, 2006).

A seguir, voltamos nossas atenções para o estudo mais geral da vocação política da comunicação, examinando as transformações sociais decorrentes da ascensão da autocomunicação de massa (CASTELLS, 2015) e discutindo o que vemos como evidências de uma (nova) crise no ideal da comunicação como processo emancipatório. Nossa intenção é fundamentar a posterior discussão das dinâmicas comunicacionais *online* do campo progressista brasileiro, com especial atenção para seu potencial de gerar ou agravar processos de *burnout*.

3 A COMUNICAÇÃO COMO PROCESSO EMANCIPATÓRIO: UMA VOCAÇÃO POLÍTICA EM CRISE?

A tecnologia, em especial a das comunicações, produz as condições de possibilidade de mudanças na estrutura de poder. (UGARTE, 2008, p. 22).

As décadas de 2000 e 2010 foram marcadas pela ascensão e consolidação das chamadas *mídias sociais* como peças-chave da vida social contemporânea. Oferecendo a seus usuários um grau sem precedentes de liberdade na produção e disseminação de informações, plataformas como Facebook e Twitter se posicionaram como arautos de uma nova era, na qual as mídias digitais seriam colocadas a serviço de todos os aspectos da vida em sociedade. As redes sociais *offline* seriam reproduzidas e amplificadas no ambiente *online*, permitindo a superação de barreiras geográficas entre amigos e familiares e a formação de novos laços com pessoas desconhecidas. A democratização do acesso a espaços de produção e circulação de informações ofereceria a todos a possibilidade de expressar e compartilhar suas opiniões, fomentando um espaço de participação política mais horizontal e incentivando populações historicamente marginalizadas a se levantarem contra regimes opressivos (CASTELLS, 2015). Do *networking* profissional aos círculos de amizade, da descoberta de novos *hobbies* ao estabelecimento de relacionamentos amorosos, do debate político à expressão artística, “acreditava-se que as mídias sociais estariam conosco do nascimento à morte, catalogando a jornada no caminho” (GLANCE, 2016, s/ p., tradução nossa⁴⁸).

Menos de 15 anos depois, basta passar o olhar pelo noticiário para constatar que esse ideal está longe de se concretizar. Ainda que o impacto das novas mídias realmente tenha sido tão amplo e profundo quanto se alardeava, acontecimentos recentes indicam que a dificuldade de lidar com os efeitos nocivos das mídias sociais se reflete numa dificuldade marcada de levar a cabo seu potencial emancipatório. A disseminação de desinformação é o maior exemplo disso: o fenômeno, que vem se intensificando especialmente no ambiente digital, é apontado como fator determinante na eleição de líderes populistas, como Donald Trump (GUNTHER; NISBET; BECK, 2018) e Jair Bolsonaro (AVELAR, 2019), na perda de confiança na imprensa e em

⁴⁸ No original: “It was believed that social media would be with us from birth to death, cataloguing the journey on the way” (GLANCE, 2016, s/ p.)

instituições políticas (INGRAM, 2018), e até no estopim de (pelo menos) um genocídio (STEVENSON, 2018).

Num mundo globalizado, “as questões comuns [...] existem porque as diferentes sociedades estão situadas numa teia de relações de forças [...] que as transcendem e as determinam” (ORTIZ, 2015, p. 107). Nesse contexto, é possível presumir que o estado da comunicação contemporânea em nível global se relaciona diretamente com o estado da comunicação no Brasil, especialmente no que diz respeito à política, sobretudo em seu aspecto virtual. Prova disso é o desenrolar do movimento político que nasceu nas jornadas de junho de 2013: a faísca de uma manifestação popular genuína, alimentada pelo poder de conexão das mídias sociais, de algum modo, acabou desembocando num cenário de extrema polarização política, onde a comunicação entre pessoas de afiliações políticas opostas praticamente se rompeu (BOSCO, 2017). É nesse cenário que se localiza e se move o campo progressista brasileiro.

A partir desse entendimento, este capítulo se dedicará a examinar a trajetória histórica do que entendemos como uma *idealização da comunicação enquanto processo emancipatório*, partindo de uma retomada das funções sociais da comunicação – em especial, a de *informar*, entendido aqui no sentido de *dar forma* (BRIGGS; BURKE, 2002). A seguir, discutiremos a esperança depositada nos meios de comunicação de massa na Idade Moderna, relacionando-a ao ideal do progresso como narrativa legitimadora da modernidade e examinando sua crise com o advento da pós-modernidade (VATTIMO, 1990). Finalmente, nos concentraremos na conjuntura atual, em que meios de comunicação que nasceram (pelo menos parcialmente) para superar as deficiências de seus antecessores, entregando aos indivíduos o poder de criar e disseminar suas próprias mensagens (CASTELLS, 2015), vêm se tornando objeto de preocupação e desilusão ao redor do globo. Nosso objetivo premente é situar o campo progressista brasileiro numa conjuntura mais ampla, delineando a vocação política associada à comunicação ao longo das décadas e as causas de sua aparente falência em anos recentes.

3.1 COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E EMANCIPAÇÃO

O estudo da comunicação, assim como os fenômenos comunicacionais em si, desafia definições simples. Ainda que a comunicação tenha se consolidado como uma

ciência social aplicada independente apenas nos últimos dois séculos, a presença da comunicação no cerne das comunidades humanas é uma constante desde os primórdios da civilização ocidental. Da retórica ateniense à consolidação da cristandade, da guerra de palavras e imagens em torno da Reforma Protestante à formação da esfera pública, da explosão das comunicações de massa ao desenvolvimento da internet, a comunicação sublinha todas as grandes movimentações da humanidade (BRIGGS; BURKE, 2002). Se o ser humano é um animal social, é pela comunicação, pelo “compartilhamento de significado por meio da troca de informação” (CASTELLS, 2015, p. 101), pelo “processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência” (MARTINO, 2018, p. 14), que ele realiza seus laços sociais, e, em última análise, desenvolve sua própria consciência (NIETZSCHE, 2001). É nesse sentido que a comunicação está na base da vida política (coletiva, compartilhada, *comum*), especialmente em sociedades democráticas.

A onipresença da comunicação na vida humana provoca um problema peculiar para seu estudo. Se tudo é comunicação, o que a área de comunicação pode reivindicar como seu objeto? Como separá-la, por exemplo, da sociologia, ou de outras ciências humanas que vêm se aproximando cada vez mais da análise de fenômenos comunicacionais (MARTINO, 2018)? O fato de que o campo da comunicação propriamente dito se consolidou relativamente tarde, em meados do século XX, pode guardar a resposta: para Martino (2018), o interesse na comunicação se deveu à expansão dos meios de comunicação de massa – e à percepção do poder que eles poderiam exercer sobre os rumos de uma sociedade. Esse interesse tendeu a se estender retroativamente pela história: segundo Briggs e Burke (2002), por exemplo, “foi na era do rádio que estudiosos começaram a reconhecer a importância da comunicação oral na Grécia Antiga e na Idade Média” (BRIGGS; BURKE, 2002, p. 2, tradução nossa⁴⁹). É nesse sentido que a área da comunicação começou a se delimitar enquanto tal apenas a partir do advento dos meios de comunicação de massa.

O fato de que o campo se consolidou em resposta à expansão dos meios de comunicação de massa – e, crucialmente, à percepção de seu poder de influência sobre as pessoas – se traduziu numa forte preocupação dos primeiros pesquisadores da comunicação com o papel dessas mídias na sociedade moderna. Os propositores

⁴⁹ No original: “it was in the age of radio that scholars began to recognize the importance of oral communication in ancient Greece and in the Middle Ages” (BRIGGS; BURKE, 2002, p. 2).

da chamada teoria hipodérmica, por exemplo, buscaram evidenciar o alto poder de sugestibilidade da mídia; a corrente funcionalista, por sua vez, examinaria as funções sociais da comunicação de massa, da vigilância do poder instituído à integração de sociedades heterogêneas (ARAÚJO, 2018). Membros da Escola de Frankfurt, por sua vez, teceram críticas importantes à dinâmica da indústria cultural e seu papel na manutenção do *status quo* capitalista (RÜDIGER, 2018). Num mundo em transformação, estudar e identificar a função ou o papel da mídia era (e continua a ser) de importância fundamental.

Para Briggs e Burke (2002), as funções sociais da mídia na civilização ocidental podem ser resumidas numa espécie de tripé, cujos elementos variaram de nomenclatura e importância ao longo dos séculos. Os primeiros dois, *educação* e *entretenimento*, aparecem com relativa constância desde a Antiguidade, evidenciando o papel da comunicação na difusão e preservação de conhecimento, por um lado, e na criação de oportunidades de relaxamento e lazer, por outro. Nos últimos séculos, esses papéis experimentaram mudanças significativas: a ênfase na alfabetização em massa e a redução das jornadas de trabalho, considerados fatores cada vez mais importantes para o desenvolvimento socioeconômico, são exemplos marcantes disso (BRIGGS; BURKE, 2002).

O terceiro elemento da “quase sagrada trindade” de Briggs e Burke (2002, p. 188, tradução nossa⁵⁰), *informação*, advém de reflexões mais recentes sobre o papel da mídia, aparentes já no século XVII, mas “assinaladas ainda mais na sociedade comercial e industrial do século XIX, quando noções de velocidade e distância foram transformados” (BRIGGS & BURKE, 2002, p. 188, tradução nossa⁵¹). Os autores ressaltam que os avanços da comunicação, da ciência, da tecnologia e dos costumes sempre estiveram intimamente entrelaçados, lembrando as palavras de McLuhan (2002) sobre o meio enquanto mensagem: “as consequências pessoais e sociais de qualquer meio – isto é, de qualquer extensão de nós – resulta da nova escala que é introduzida em nossos assuntos [por esse meio]” (MCLUHAN, 2002, p. 7, tradução nossa⁵²).

⁵⁰ No original: “almost holy trinity” (BRIGGS; BURKE, 2002, p. 188).

⁵¹ No original: “[The importance of information] was stressed still further in the commercial and industrial society of the nineteenth [century], when notions of speed and distance were transformed” (BRIGGS; BURKE, 2002, p. 188).

⁵² No original: “the personal and social consequences of any medium – that is, of any extension of ourselves – result from the new scale that is introduced into our affairs by each extension of ourselves, or by any new technology” (MCLUHAN, 2002, p. 7).

Embora o peso do meio sobre a mensagem ou da mensagem sobre o meio seja uma questão aberta a debate, o que nos interessa aqui é que cada passo na história da humanidade, cada revolução técnica, cada descoberta, comportou ou implicou determinado desenvolvimento na comunicação. A eclosão da Reforma Protestante não teria sido possível sem o desenvolvimento do tipo móvel de Gutenberg (BRIGGS; BURKE, 2002), assim como a formação da esfera pública burguesa deveu muito à imprensa e à literatura (HABERMAS, 1984). O desenvolvimento do transporte a vapor no século XIX, como os avanços náuticos que possibilitaram as Grandes Navegações centenas de anos antes, implicou, antes de tudo, o estabelecimento de laços de comunicação transoceânicos, superando barreiras geográficas até então intransponíveis entre os povos. Os correios, o rádio, o telégrafo, o telefone, a televisão e, mais recentemente, o computador, foram inovações comunicacionais com impactos amplos e profundos não só sobre a sociabilidade humana, mas sobre a própria formação da mente: “nos tornamos o que vemos... damos forma às nossas ferramentas e então nossas ferramentas dão forma a nós” (CULKIN, 1967, p. 70). É esse aspecto formativo que norteia o conceito de *informação*, apontado por Briggs e Burke (2002) como grande função social da mídia a partir do século XIX. Mais do que simplesmente prover dados ou fatos, acreditava-se (e, até certo ponto, ainda se acredita) que a mídia era responsável por *dar forma* às mentes das pessoas, *transformando-as* de alguma maneira.

Embora o caráter dessa transformação tenha sido questionado repetidas vezes ao longo das décadas, por diversas correntes teóricas, os meios de comunicação de massa nasceram sob um auspício de contribuir *positivamente* para a sociedade política, *engrandecendo* o ser humano tanto no nível individual quanto no coletivo. Briggs e Burke (2002) coletam uma série de evidências desse sentimento ao longo da história, da concepção da imprensa como Quarto Estado (uma referência aos estratos sociais do Antigo Regime francês), passando pela consolidação da liberdade de imprensa nos Estados Unidos com a aprovação da Primeira Emenda, até os manifestos apaixonados de proprietários e defensores dos jornais, que viam a imprensa como fomentadora “[d]a ideia de progresso, especialmente o progresso da justiça, da civilização, da humanidade, da opinião pública, e da ideia e do ideal

democráticos” (PULITZER citado por BRIGGS; BURKE, 2002, p. 204, tradução nossa⁵³).

É aqui que se evidencia o aspecto que mais nos interessa na retomada das funções sociais da comunicação: o que nos parece constituir uma vocação política da comunicação, marcada pela expectativa ou esperança de que ela possibilite a emancipação humana – em outras palavras, uma *idealização da comunicação enquanto processo emancipatório*. Para descrever melhor o que queremos dizer com essa expressão, devemos nos deter brevemente para examinar o sentido com que utilizamos a palavra *emancipação* – e, conseqüentemente, o que entendemos como *progresso*.

Para Kant (2009), a emancipação está intimamente associada ao que o autor chama de *esclarecimento*: a libertação do homem de sua condição de menoridade, ou seja, “[d]a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem” (KANT, 2009, p. 9). Em outras palavras, o ser humano é liberto pelo desenvolvimento intelectual, que ocorre às custas de seu próprio esforço (ressaltando a importância da autonomia individual) e beneficia, em última análise, a sociedade como um todo. Nessa linha, o grande desenvolvimento científico verificado na Europa nos séculos XVI e XVII levou Turgot e Condorcet a “acreditar que, no longo prazo, descobertas científicas e liberdade política se reforçam entre si e, juntas, favorecem [o bem-estar humano]” (LANGE, 2019, s/ p., tradução nossa⁵⁴). Passou-se a entender a história humana como um “*progressivo processo de emancipação*, como a realização, cada vez mais perfeita, do *homem ideal*” (VATTIMO, 1990, p. 74, tradução⁵⁵ e grifos nossos). *Progredir* não seria um caminho possível entre outros, mas o sentido essencial da história humana, que deveria ser respeitado e perseguido a todo custo. É esse o sentido da iluminação buscada por filósofos e cientistas no período iluminista: é pela luz do conhecimento, construído progressivamente ao longo das gerações, que a humanidade se libertará.

O ideal do progresso se enraizou na filosofia moderna de tal modo que diversos autores clássicos incluíram reflexões distintas a seu respeito em escritos

⁵³ No original: “the idea of progress, especially the progress of justice, of civilization, of humanity, of public opinion, and of the democratic idea and ideal” (PULITZER citado por BRIGGS; BURKE, 2002, p. 204).

⁵⁴ No original: “believe that, over the long term, scientific discoveries and political freedom reinforce each other and together further [human well-being]” (LANGE, 2019, s/ p.).

⁵⁵ No original: “progresivo proceso de emancipación, como la realización, cada vez más perfecta, del hombre ideal” (VATTIMO, 1990, p. 74).

sobre a natureza da história (LANGE, 2019). O conteúdo ou a fonte do progresso, em especial, foi objeto de debate significativo, com a expansão e complexificação da equivalência anterior entre desenvolvimento científico e progresso:

Muitos pensadores, incluindo Hegel e Auguste Comte, veem o desenvolvimento de ideias ao longo do tempo como a mudança fundamental que causa melhoria geral. Marx, ao contrário, considera o crescimento dos meios de produção como primário. Kant representa uma terceira categoria, argumentando que uma tensão dentro da própria natureza humana é a fonte de mudança. (LANGE, 2019, s/ p., tradução nossa⁵⁶).

Seja qual for sua origem, a emancipação progressiva do ser humano se constituiu como uma das *grandes narrativas*, ou *narrativas legitimadoras*, que ampararam e subjazeram a produção de conhecimento na Idade Moderna (LYOTARD, 2002). Como outras grandes narrativas, no entanto, o ideal do progresso não chegou aos nossos dias sem sofrer modificações significativas, de modo que há questionamentos sérios em relação ao que se entende por *emancipação progressiva da humanidade* nos dias de hoje.⁵⁷

De qualquer maneira, o que nos interessa aqui é ressaltar que a noção que regeu processos de expansão da comunicação de massa, como a ascensão e a conquista de autonomia da imprensa, e que continua a se fazer sentir hoje, é que a informação provida pela mídia tem um papel fundamental na tomada de consciência das pessoas em relação a si mesmas, seus pares e o restante do mundo. Esse papel é especialmente claro na política: ao atuar como *watchdog* do poder instituído, a mídia providenciaria às pessoas as informações (objetivas, verazes, precisas) de que elas precisam para tomar decisões racionais em favor de seus interesses, seja para eleger representantes, seja para destituí-los (MCQUAIL, 2012). Em outras palavras, concluir-se (ou concluiria-se) logicamente que um cidadão bem-informado – e, por extensão, uma sociedade política bem-informada – é capaz de tomar decisões substantivamente *melhores*. Mas esse ideal, onde o progresso em direção à emancipação se dá sob os auspícios de uma sociedade bem-informada, transcende o nascimento e a

⁵⁶ No original: “Many thinkers, including Hegel and Auguste Comte, view the development of ideas over time as the fundamental change that causes overall improvement. Marx, in contrast, regards the growth of the means of production as primary. Kant represents a third category, arguing that a tension within human nature itself is the source of change”. (LANGE, 2019, s/ p.).

⁵⁷ Bauman (2001) observa que a concepção contemporânea de emancipação é marcadamente diferente da moderna: num contexto social e laboral marcado pela conversão do indivíduo num sujeito autorreflexivo, o autor entende que a libertação do sujeito trouxe, na verdade, novos problemas. Este tema será abordado em mais detalhes no capítulo 4.

organização da mídia: trata-se de um desdobramento da modernidade enquanto perspectiva filosófica.

3.2 “AUTOCONSCIÊNCIA (...) POR SIMULTANEIDADE”⁵⁸: O POTENCIAL EMANCIPATÓRIO DA COMUNICAÇÃO DE MASSA

Em décadas recentes (em especial, desde o fim da II Guerra Mundial), a noção de *modernidade* tem sido objeto de contínua discussão nas ciências humanas. Autores de décadas, países, *backgrounds* intelectuais e afiliações ideológicas diversas vêm debatendo o conceito de modernidade, seu legado, que período histórico pode ser considerado moderno, se a modernidade de fato acabou, e, até mesmo, se ela de fato existiu. Neste estudo, nos interessa retomar um aspecto próximo ao coração desse debate: os ideais, valores ou narrativas que sustentam e legitimam a ideia de modernidade. Para tanto, partimos do raciocínio de Vattimo (1990), que foca na relação entre a sociedade que se constituiu após a modernidade (pós-moderna) e a proliferação e expansão dos meios de comunicação de massa.

Segundo Vattimo (1990), as diversas concepções teóricas sobre a modernidade convergem num ponto relativamente indiscutível: a modernidade pode ser definida e resumida como “a era em que o fato de ser moderno se converte em um valor determinante” (VATTIMO, 1990, p. 73, tradução nossa⁵⁹). Em outras palavras, a modernidade é o período histórico em que ser moderno, novo e original passou a ser considerado superior (e, portanto, preferível) a ser antiquado, tradicional e reacionário. Como muitas mudanças de ordem filosófica, essa transição é visível na arte: gradualmente, a nostalgia pelos modelos clássicos deu lugar à possibilidade de criar novas formas, novas técnicas e, pelo menos a partir de Gutenberg, novas mídias (VATTIMO, 1990).

A noção de que o presente é superior ao passado (e, por conseguinte, que o futuro será superior ao presente) tem origem numa concepção muito específica de história que surgiu sob os auspícios do iluminismo. Conforme Vattimo (1990), essa concepção engloba, pelo menos, dois elementos intimamente interrelacionados: a ideia de *progresso* e a ideia da história como um *processo unitário* (ou *universal*). Em

⁵⁸ No original: “autoconciencia (...) por simultaneidad” (VATTIMO, 1990, p. 80).

⁵⁹ No original: “la modernidad es la época en la que el hecho de ser moderno se convierte en un valor determinante” (VATTIMO, 1990, p. 73).

suas palavras, “só se existe a história se pode falar de progresso” (VATTIMO, 1990, p. 74, tradução nossa⁶⁰, grifo do autor). Como já detalhamos a acepção moderna de progresso acima, focaremos, aqui, na concepção unitária da história.

A ideia de que a humanidade compartilharia uma história única, universal, já se fazia presente, pelo menos, no tempo de Turgot (LANGE, 2019), baseando-se num pressuposto de superioridade civilizacional da Europa em relação ao restante do mundo. Para os iluministas, os avanços filosóficos e científicos da modernidade (fundamentalmente desenvolvidos por pensadores europeus) representariam avanços para a humanidade como um todo, especialmente na medida em que eles fossem exportados para regiões do mundo tidas como primitivas ou atrasadas. Nesse sentido, a centralidade histórica da civilização europeia também foi incorporada à lógica colonialista.

Ao considerar a história da humanidade como um todo, Turgot entende que reveses intelectuais (como falhas científicas) e políticos (como guerras) podem ser lidos como “parte de um padrão de melhoria a longo prazo” (LANGE, 2019, s/ p., tradução nossa). Mais tarde, Hegel desenvolveria essa ideia em sua filosofia política, argumentando que “o mundo como um todo está no processo de desenvolvimento por meio de conflito” (LANGE, 2019, s/ p., tradução nossa⁶¹). Na perspectiva hegeliana, a guerra e a destruição seriam ferramentas de (autor)realização do que o autor alemão entendia como Espírito da história, podendo e devendo ser reconciliadas com a ideia de progresso pela consideração do processo histórico como um todo.

No século XX, tanto a ideia de progresso quanto a ideia de história universal foram duramente atacadas por diversas perspectivas teóricas, que se concentraram basicamente ou em negar que a humanidade estaria progredindo de fato, ou em questionar a possibilidade de avaliar o progresso em si (LANGE, 2019). Adorno, por exemplo, criticou a leniência hegeliana em relação a catástrofes como o Holocausto e a II Guerra Mundial:

O pensamento de que após esta guerra a vida possa prosseguir ‘normalmente’ ou que a civilização possa ser ‘reconstruída’ – como se a reconstrução da civilização por si só já não fosse a negação desta – é uma idiotice. Milhões de judeus foram assassinados, e isso deve ser um mero

⁶⁰ No original: “sólo si existe *la* historia se puede hablar de progreso” (VATTIMO, 1990, p. 74, grifo do autor).

⁶¹ No original: “the world as a whole is in the process of development through conflict” (LANGE, 2019, s/ p.).

entreato e não a própria catástrofe. O que afinal esta civilização ainda espera? (ADORNO, 1993, p. 47).

Benjamin (1987), por sua vez, evidenciou que a ideia de história é, em si mesma, uma construção social, sujeita à dinâmica interna da sociedade que a mantém: a história do Ocidente é, afinal, a história de sua elite (seus reis, seus guerreiros, seus pensadores), que se sobrepõem não só a outros povos e culturas, tidos como primitivos ou atrasados, mas também a grupos subalternos ou minoritários em sua própria sociedade. Amin (2010) também contribuiu para este debate ao denunciar o eurocentrismo implícito no ideal do progresso, que apresentaria todos os grandes avanços civilizatórios como ocidentais, apresentaria a democracia capitalista como ideal e relacionaria o subdesenvolvimento de determinados países a falhas internas passíveis de serem sanadas. Em função de críticas como essas, passou-se a reconhecer que a história da civilização ocidental é apenas uma história entre muitas, que o homem ideal sustentado por Lessing – mas também por “iluministas, Hegel, Marx, [...] positivistas e [...] historicistas de todo tipo” (VATTIMO, 1990, p. 76, tradução nossa⁶²) – é apenas mais um na multidão. De modo similar, o ideal do progresso deixou de ser consenso filosófico devido às transformações na pós-modernidade, ainda que não tenha deixado de exercer influência importante sobre o pensamento e a prática da política (BOWDEN, 2017; MOUZAKITIS, 2017).

Na leitura de Vattimo (1990), o declínio da concepção da história como processo unitário, e, por decorrência, o da concepção da história como processo progressivo, se deu em razão de dois fenômenos fundamentais que dialogam com as críticas mencionadas acima. Por um lado, o fim do colonialismo e a gradual retomada de autonomia por parte das antigas colônias europeias colocou um entrave fático ao unitarismo histórico, visto que outras sociedades recuperaram determinado grau de legitimidade para viver de acordo com suas histórias ou leituras históricas específicas. Por outro lado – e é neste ponto que Vattimo (1990), e nós, nos concentramos – o advento da sociedade de comunicação de massa trouxe um efeito, em grande parte, inesperado: a proliferação de visões de mundo radicalmente diversas, que romperam o ideal da história como um processo unitário progressivo.

⁶² No original: “Los ilustrados, Hegel, Marx, los positivistas, y los ilustrados de todo tipo” (VATTIMO, 1990, p. 76).

Como já mencionamos, a função informativa da comunicação se consolidou enquanto tal há não muito tempo (BURKE; BRIGGS, 2002). Aqui, vislumbramos sua possível origem: de acordo com o ideal de emancipação progressiva da humanidade, os meios de comunicação de massa teriam como finalidade última proporcionar “a perfeita autoconsciência de toda a humanidade por simultaneidade do que acontece, a história e a consciência do homem” (VATTIMO, 1990, p. 80, tradução nossa⁶³). Em outras palavras, uma sociedade plenamente informada pela comunicação de massa (em tempo real) se encontraria significativamente *à frente* de sociedades anteriores – quanto mais informada, mais *iluminada*, mais capaz de tomar decisões racionais para continuar evoluindo em direção à emancipação. É essa a missão que é colocada como razão de ser dos meios de comunicação de massa e como padrão de qualidade para sua atuação nos séculos XIX e XX (subjazendo a função social explícita na ética jornalística e a noção habermasiana de esfera pública, por exemplo).

Dado que a emancipação da humanidade ainda não se concretizou (e, para alguns observadores contemporâneos, dificilmente se concretizará, pelo menos no sentido pretendido pelos iluministas⁶⁴), resta evidente que os meios de comunicação de massa não atenderam à expectativa que lhes foi atribuída na modernidade. O aumento sensível na quantidade de informações veiculadas por meios como a televisão, por exemplo, ajudou a deixar a sociedade *mais* informada, mas não necessariamente *melhor* informada, ou seja, capaz de apropriar as informações mediatizadas para tomar decisões melhores sobre seu futuro. Para críticos de viés marxista, como Adorno (2014), essa falha é um reflexo perverso do poder do capital sobre os meios de comunicação de massa: dado que os meios de comunicação de massa são instrumentos de reprodução do *status quo*, qualquer potencial emancipatório presente nesses meios é ceifado em nome da preservação da ordem socioeconômica vigente. Nessa ótica,

a população é mobilizada a se engajar nas tarefas necessárias à manutenção do sistema econômico e social através do consumo estético massificado articulado pela indústria cultural. As tendências à crise sistêmica e deserção individual são combatidas, entre outros meios, através da exploração mercantil da cultura e dos processos de formação da consciência. Assim sendo, acontece porém que seu conteúdo libertador se vê freado e, **ao invés do conhecimento emancipador em relação às várias**

⁶³ No original: “la perfecta autoconciencia de toda la humanidad por simultaneidad de lo que acontece, la historia y la conciencia del hombre” (VATTIMO, 1990, p. 80).

⁶⁴ Ver as considerações de Bauman (2001) retomadas no capítulo 4.

formas de dominação, as comunicações se veem acorrentadas à ordem social dominante (RÜDIGER, 2018, p. 133, grifos nossos).

Para a corrente funcionalista, de modo similar, a quantidade maior de informações circulando na sociedade não implica, necessariamente, o desenvolvimento de uma sociedade mais bem-informada. Por um lado, “o excesso de informações pode conduzir a um debruçar-se para o mundo particular” em vez do público; por outro, pode “provocar a chamada ‘disfunção narcotizante’” nas audiências, que passam a ser dominadas por apatia e inércia diante da torrente infindável de notícias (WOLF, 1995, p. 68).

Vattimo (1990), no entanto, oferece outra perspectiva. Para ele, o advento da comunicação de massa rompeu definitivamente todo o ideal de progresso histórico unitário, ideal esse que não só sustentava o sonho de uma sociedade moderna plenamente informada, mas também amparava a crítica adorniana à indústria cultural. Em sua visão, a lógica capitalista que rege o mercado da comunicação “reivindica uma contínua dilatação desse mesmo mercado, exigindo, conseqüentemente, que ‘tudo’ se converta, de alguma maneira, em objeto de comunicação” (VATTIMO, 1990, p. 79, tradução nossa⁶⁵). Em decorrência disso, o autor sustenta que o principal efeito do advento e da expansão dos meios de comunicação de massa no século XX foi a visibilização de uma grande diversidade de minorias e subculturas cujas vozes, até então, careciam de reconhecimento: mulheres, negros, LGBTs, *punks*, etc. Embora esse empoderamento tenha se dado principalmente no nível do discurso, visto que o poder político e econômico continuava nas mãos da elite, seu resultado direto foi a implosão das narrativas que legitimavam a ideia de modernidade:

Não apenas em comparação com outros universos culturais (o ‘terceiro mundo’, por exemplo), senão visto também de dentro, o Ocidente vive uma situação explosiva, uma pluralização que parece incontrolável e que torna impossível conceber o mundo e a história segundo pontos de vista unitários. (VATTIMO, 1990, p. 80, tradução nossa⁶⁶).

⁶⁵ No original: “reclama una continua dilatación de este mercado mismo, exigiendo, consiguientemente, que «todo» se convierta, de alguna manera, en objeto de comunicación” (VATTIMO, 1990, p. 79).

⁶⁶ No original: “No sólo en comparación con otros universos culturales (el «tercer mundo» por ejemplo), sino visto también desde dentro, Occidente vive una situación explosiva, una pluralización que parece irrefrenable y que torna imposible concebir el mundo y la historia según puntos de vista unitarios” (VATTIMO, 1990, p. 80).

Com isso, os meios de comunicação de massa tornaram-se vetores da proliferação de distintas visões de mundo, o que terminou por destruir a concepção da realidade histórica como única e orientada pelo progresso. A grande questão, para Vattimo (1990), é que esse processo não representa, necessariamente, um entrave para a emancipação da humanidade. Muito pelo contrário, a multiplicação de *Weltanschauungen*, ou visões de mundo, oferece uma oportunidade de emancipação predicada não no ideal (inatingível) de uma sociedade plenamente informada, mas sim, no reflexo positivo do *estranhamento* entre pessoas com visões de mundo distintas. Em vez do apego nostálgico por uma noção unitária de realidade que ficou para sempre no passado, e em vez do ideal habermasiano de progresso pelo consenso dialogado, “abre caminho um ideal de emancipação a cuja base mesma estão, melhor, a oscilação, a pluralidade, e, definitivamente, a erosão do próprio ‘princípio de realidade’” (VATTIMO, 1990, p. 82, tradução nossa⁶⁷). Nessa leitura, o contato com diferentes perspectivas sobre a realidade conduz à percepção das limitações não só do outro, mas de si mesmo: “se falo meu dialeto em um mundo de dialetos, serei consciente também de que a minha não é a única ‘língua’, senão precisamente um dialeto entre outros” (VATTIMO, 1990, p. 85, tradução nossa⁶⁸). Assim, o autor italiano segue atribuindo aos meios de comunicação de massa um notável potencial emancipatório, ainda que por motivos marcadamente alheios ao ideal do progresso desenvolvido e construído durante a Idade Moderna.

Ocorre que, nos mais de trinta anos desde as reflexões de Vattimo (1990), o mundo da comunicação passou por mudanças significativas, para não dizer gigantescas. O desenvolvimento de novas mídias, aliado à disseminação da telefonia portátil e à expansão de cobertura da internet, pareceu responder às falhas dos meios de comunicação de massa, estendendo ao usuário a possibilidade de expressar, amplificar e fortalecer demandas até então ignoradas, invisibilizadas ou diretamente reprimidas pelas mídias tradicionais. Essa liberdade de produção e disseminação de conteúdo, num grau sem precedentes na história da humanidade, nos parece sugerir um caminho alternativo para a concretização da visão de Vattimo (1990) no que diz respeito à visibilidade, ao reconhecimento e ao empoderamento de grupos

⁶⁷ No original: “se abre camino un ideal de emancipación a cuya base misma están, más bien, la oscilación, la pluralidad, y, en definitiva, la erosión del propio «principio de realidad»” (VATTIMO, 1990, p. 82).

⁶⁸ No original: “Si hablo mi dialecto en un mundo de dialectos seré consciente también de que la mía no es la única «lengua», sino precisamente un dialecto más entre otros” (VATTIMO, 1990, p. 85).

minoritários e subculturas. Com o fim das principais barreiras de acesso aos espaços de produção de sentido, pessoas comuns, de diversas identidades e orientações políticas, passaram a expressar seus pontos de vista e compartilhá-los com quantidades enormes de pessoas – conhecidas, desconhecidas, próximas e longínquas⁶⁹ – com um baixo grau de regulamentação estatal. Nesse cenário transformado, a confiança no potencial emancipatório dos meios de comunicação de massa (imprensa, rádio, televisão) foi substituída pela promessa de um admirável mundo novo, construído de baixo para cima por meio da autocomunicação de massa (as redes sociais *online*). A seguir, examinaremos o potencial emancipatório dessa nova forma de comunicação, para, posteriormente, traçar reflexões sobre seu declínio na contemporaneidade.

3.3 “REPROGRAMANDO REDES, RECONNECTANDO MENTES, MUDANDO O MUNDO”⁷⁰: O POTENCIAL EMANCIPATÓRIO DA AUTOCOMUNICAÇÃO DE MASSA

De nossa perspectiva, situada no início dos anos 2020, é difícil exagerar o impacto social, cultural e econômico do advento da internet – e, particularmente, da chamada autocomunicação de massa (CASTELLS, 2015) – ao longo das últimas três décadas. Seguindo a linha de McLuhan (2002) e Briggs e Burke (2002), que associam as grandes transformações da história humana a transformações nas tecnologias de informação e comunicação, entendemos que os meios de comunicação *online* trouxeram profundas modificações ao tecido social contemporâneo, acelerando processos de globalização já em curso e levando a mudanças notáveis em relações de poder socialmente construídas, especialmente entre Estados e empresas e seus cidadãos e consumidores.

Dada a percepção sensível dessas transformações ao longo das décadas de 1990, 2000 e 2010, é compreensível que se tenha transferido aos meios de comunicação *online* grande parte da esperança outrora depositada nos meios de

⁶⁹ Embora determinadas barreiras permaneçam (a inclusão digital não atinge 100% da população mundial, por exemplo), é inegável que houve um salto substancial em relação a séculos anteriores no que diz respeito ao acesso a espaços de produção e disseminação de informações. Castells (2015) observa que, ainda que a maioria das pessoas não esteja incluída nas redes que constituem a sociedade contemporânea, sua estrutura e dinâmica afetam a todos.

⁷⁰ CASTELLS, 2015, p. 467.

comunicação de massa, no que diz respeito à emancipação humana (em sentido amplo) e à visibilização e ao reconhecimento de grupos historicamente oprimidos ou subalternos (em sentido estreito). Nessa linha, o sociólogo espanhol Manuel Castells (2015) associa a internet e a dinâmica das redes sociais digitais a eventos sociopolíticos marcantes do início do século XXI⁷¹; particularmente, a eleição de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos, em 2008, e a Primavera Árabe, uma onda revolucionária que se espalhou pelo mundo árabe entre 2010 e 2012. Nesses processos, as redes sociais digitais foram identificadas como locais de produção e disseminação de informações marginalizadas pelos meios de comunicação de massa, possibilitando a eclosão e expansão de movimentos descentralizados com significativa adesão popular. A seguir, explicitaremos os principais pontos levantados por Castells (2015) em sua análise da *autocomunicação de massa*, demonstrando a confiança manifesta em seu potencial emancipatório.

No que diz respeito à história da comunicação, o final do século XX foi marcado pela convergência notável de tendências econômicas (comercialização, consolidação e desregulamentação da mídia), socioculturais (inclusive contraditórias, como a individualidade e o comunalismo, a globalização e a valorização de culturas locais) e tecnológicas (digitalização da comunicação e difusão da internet) (CASTELLS, 2015). O produto dessa convergência foi a chamada *sociedade em rede*, uma nova forma de organização social estruturada fundamentalmente “em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica” (CASTELLS, 2015, p. 70) (sem esquecer, contudo, que as redes *online* existem em constante intercâmbio com as *offline*). É nesse e em decorrência desse contexto – múltiplo, complexo, em permanente transformação – que se constitui o potencial emancipatório dos novos meios de comunicação.

Dado que o mundo contemporâneo é um lugar fundamentalmente híbrido, onde tecnologia e tendências socioculturais se mesclam e se influenciam entre si, Castells (2015) sustenta que a internet se popularizou devido não só ao desenvolvimento tecnológico e ao gerenciamento institucional frouxo, mas à ascensão da individuação e da interligação como novas grandes características culturais. Como a “chave para o processo de individuação é a construção de autonomia” (CASTELLS,

⁷¹ Os protestos brasileiros de junho de 2013 são um exemplo mais recente desse fenômeno, que será analisado em maior detalhe no capítulo 4.

2015, p. 38), qualquer meio de comunicação capaz de aumentar a autonomia individual no que diz respeito à produção e circulação de informações se reveste de um caráter potencialmente revolucionário. É precisamente essa a aceção dada pelo autor ao que ele chama de *autocomunicação de massa*, um fenômeno historicamente novo que combina aspectos da comunicação de massa e da comunicação interpessoal, passando a conviver e interagir constantemente com essas formas:

É comunicação **de massa** porque tem o potencial de atingir um público global, como é o caso de um vídeo divulgado no YouTube, um blog com links RSS para várias fontes na internet, ou uma mensagem para uma lista gigantesca de e-mails. Ao mesmo tempo, é **autocomunicação** porque a produção da mensagem é autogerada, a definição do(s) receptor(es) potencial(ais) é autodirecionada e a recuperação das mensagens específicas, do conteúdo da World Wide Web (WWW, a rede de alcance mundial) e de redes eletrônicas de comunicação é autosselecionada. (CASTELLS, 2015, p. 102, grifos nossos).

Em outras palavras, a autocomunicação de massa consiste num processo comunicacional formal e substancialmente novo, decorrente de e fundamentalmente ligado à sociedade em rede, que ocorre predominantemente em redes de comunicação mediadas por computador (especialmente, em décadas recentes, nas chamadas *mídias sociais*). Nessas redes, os usuários, outrora tidos como audiências mais ou menos passivas em relação às mensagens veiculadas, possuem a capacidade de gerar, visualizar e disseminar informações com grau relativamente baixo de controle estatal (dado que legisladores têm dificuldades de acompanhar as rápidas mudanças dos novos meios, especialmente frente à resistência de empresas e organizações da sociedade civil) ou mesmo empresarial (dado que a liberdade é o principal atrativo oferecido pelas corporações proprietárias das novas mídias).

Essa mudança radical na possibilidade de emissão e circulação de informações em rede tem efeitos diretos sobre as relações de poder entre os usuários das novas mídias e as instituições com que eles se relacionam. Providos com os recursos e espaços necessários para se comunicarem entre si e com (ou contra) Estados e empresas, sem a mediação outrora monopolizada pelos meios de comunicação de massa, os usuários podem compartilhar experiências, realizar cobranças, escancarar reclamações e abusos e, no limite, organizar movimentos de resistência aos poderes instituídos. É esse, em suma, o potencial emancipatório da autocomunicação de massa, e o cerne da teoria do poder da comunicação enunciada por Castells (2015): num contexto de tensão constante entre poder (exercido pelas

instituições) e contrapoder (manifestado principalmente pelos movimentos sociais), “o medo [de agir] é superado pelo compartilhamento e pela identificação com os outros em um processo de ação comunicativa” (CASTELLS, 2015, p. 55).

É interessante observar que Castells (2015) também se aproxima de Vattimo (1990) quando sugere que a capacidade da comunicação de engendrar mudanças sociais (ou seja, seu potencial emancipatório) depende fundamentalmente da diversidade de emissores. Dada sua capacidade de simultaneamente abrir e fragmentar os espaços de produção e circulação de informações, podemos inferir que a autocomunicação de massa permite a proliferação e amplificação de vozes dissidentes ou minoritárias num grau sem precedentes, aproximando-se mais do sonho de Vattimo (1990) do que qualquer meio de comunicação de massa.⁷²

Há exemplos abundantes do impacto dessa nova dinâmica sobre a política e a economia do início do século XXI. Castells (2015) foca predominantemente no primeiro, enfatizando o potencial da autocomunicação de massa de engendrar movimentos populares capazes de desafiar ou suplantar instituições políticas opressivas. Essa tendência de apropriação política da autocomunicação de massa está diretamente ligada a uma crise de legitimidade política em curso no mundo; especialmente em função da percepção de corrupção, “uma maioria de cidadãos no mundo não confia em seus governos ou parlamentos, e um grupo ainda maior (...) acha que seu governo não representa a vontade do povo” (CASTELLS, 2015, p. 340). Nesse contexto, “a comunicação livre é a prática mais subversiva de todas, pois (...) as sementes da revolta (...) apenas podem crescer e florescer quando são conectadas a outros indivíduos” (CASTELLS, 2015, p. 31). A Primavera Árabe (2010-2012) é o caso mais nítido disso.

Conforme múltiplas avaliações contemporâneas e subsequentes (HEMPEL, 2016; AL-JENAIBI, 2014; DEWEY *et. al.*, 2012; STEPANOVA, 2011), o acesso a redes de (auto)comunicação digital permitiu que cidadãos de diversos países árabes compartilhassem sentimentos de revolta e insatisfação com seus respectivos governos, especialmente em relação a problemas de longa data, como autoritarismo estatal, violações de direitos humanos, corrupção, pobreza e desemprego. Nesse sentido, a utilização de mídias sociais como o Twitter foi um aspecto indissociável da

⁷² É importante ressaltar que essa aproximação não equivale à realização completa das previsões de Vattimo (1990), dado que a autocomunicação de massa carrega uma dinâmica própria, com relações de poder diversas. Essa dinâmica será examinada em mais detalhes no capítulo 3.

eclosão de conflitos populares de larga escala em países como a Tunísia e o Egito (STEPANOVA, 2011). Momentos mais tarde considerados divisores de águas, como a autoimolação de Mohamed Bouazizi em dezembro de 2010, se espalharam rapidamente pelas redes, intensificando a insatisfação e providenciando o estopim emocional necessário para a irrupção de manifestações públicas (NOUEIHED, 2011). Além disso, o bloqueio da internet em determinados países não só evidenciou a preocupação do governo com o potencial uso das novas mídias, mas também aumentou a percepção dos manifestantes em relação à própria falta de liberdade (COHEN, 2011). Em decorrência desses processos, quatro governos africanos acabaram derrubados e seis outros implementaram reformas em resposta às revoltas, algumas das quais chegaram ao patamar de guerras civis.

Para além da derrubada de regimes ditatoriais, Castells (2015) observa que o potencial emancipatório da autocomunicação de massa também vem se verificando em democracias ocidentais consolidadas. Em 2008, a campanha de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos superou expectativas ao reunir

uma personalidade carismática, um novo tipo de discurso político e uma estratégia de campanha inovadora que transferiu os princípios já testados da organização comunitária nos Estados Unidos para a especificidade do ambiente da internet (CASTELLS, 2015, p. 419).

Com um uso sem precedentes de mídias sociais como o Facebook, a campanha conseguiu posicionar Obama como um mensageiro de esperança num contexto profundamente desesperançoso⁷³, mobilizando a participação ativa de um grande número de eleitores marginalizados ou desencantados com o sistema político. O resultado foi “uma explosão de participação cidadã e de entusiasmo político [que] marcou o renascimento da democracia americana” (CASTELLS, 2015, p. 417) e consolidou a vitória de Obama como o primeiro presidente negro do país mais poderoso do mundo.

No entanto, apesar dos efeitos concretos, aparentemente radicais, dessa nova dinâmica, podemos afirmar que a autocomunicação de massa realmente cumpriu seu potencial emancipatório? Ela conseguiu escapar de constrangimentos

⁷³ Principalmente em função da crise econômica de 2008 e das árduas guerras travadas pelos Estados Unidos no Oriente Médio após os atentados de 11 de setembro de 2001 (CASTELLS, 2015).

estruturais, ao contrário dos meios de comunicação de massa? No que diz respeito à comunicação, estamos tão mais livres, hoje, do que estávamos em 1980?

Eventos recentes indicam que nem a comunicação de massa, nem a autocomunicação de massa foram capazes de atender plenamente à expectativa, ou ao sonho, que balizou grande parte de sua criação e existência. Da falta de ética jornalística endêmica na grande mídia ao esfacelamento da própria ideia de verdade em decorrência de *fake news*, cresce a desconfiança na capacidade da comunicação de construir um mundo substancialmente melhor. Nesse sentido, o ideal da comunicação enquanto processo emancipatório parece se encontrar tão em crise agora, no início dos anos 2020, quanto o ideal do progresso esteve a partir da II Guerra Mundial. A seguir, examinaremos as evidências nesse sentido, demonstrando os problemas que se escondem por trás dos ideais.

3.4 SINTOMAS DE UMA VOCAÇÃO EM CRISE

We've got our friends at CNN here. Welcome, guys, it's great to have you. You guys love breaking news, and you did it, you broke it. (WOLF apud STEWART, 2018, s/ p.).⁷⁴

A essa altura, não é novidade que a imprensa tradicional vem perdendo muita da legitimidade que um dia teve nas sociedades democráticas do Ocidente. Dos baixos índices de confiança de seu público à guerra em torno das *fake news*, a crise do jornalismo contemporâneo tornou-se pauta recorrente na política, na academia e, naturalmente, na própria mídia (GIBSON, 2017). Em especial, o fenômeno tornou-se um ponto de conflito fundamental entre determinados líderes populistas, como Donald Trump e Jair Bolsonaro, e a imprensa de seus respectivos países. Enquanto esses governantes dizem ser vítimas de perseguição por parte de veículos enviesados e dominados por interesses políticos escusos, organizações de notícias acusam os governos de manipular e mentir para seus eleitores, muitas vezes retratando-se como guardiões injustiçados da verdade. Ainda que seja relativamente fácil tomar o partido da imprensa diante de figuras crassas como Trump e Bolsonaro, a narrativa de que a mídia merece voltar a ser reverenciada como guardiã da verdade ignora aspectos

⁷⁴ Optamos por deixar a frase no original para preservar o trocadilho entre a expressão *breaking news* e o verbo *break*, mas arriscamos uma versão aportuguesada aqui: “Nossos amigos da CNN estão aqui. Bem-vindos, pessoal, é bom tê-los aqui. Vocês adoram um furo de reportagem, e vocês conseguiram, vocês colocaram um furo nas notícias” (WOLF, 2018, s/ p.).

problemáticos de sua história que podem e devem ser examinados com atenção. (WIJNBERG, 2018).

Paralelamente, e em relação direta com a crise de confiança nos meios de comunicação tradicionais, a liberdade de expressão inerente à autocomunicação de massa vem se demonstrando fonte de problemas significativos para a democracia ao redor do mundo. Se, por um lado, mídias sociais como Twitter e Facebook foram de grande importância na organização de manifestações populares dentro e fora da institucionalidade (CASTELLS, 2015), por outro, o namoro inicial com a ideia de espaços virtuais para expressão realmente livre vem dando a preocupações cada vez mais urgentes com o uso que se faz desses espaços. A venda de dados pessoais para organizações com interesses escusos, a proliferação indiscriminada de discursos de ódio, a divulgação criminosa de imagens sexuais, e até mesmo o agravamento de divisões étnicas evidenciam o descompasso entre o potencial transformador da tecnologia e a regulamentação necessária para que ela não produza mais danos do que benefícios. Nesse sentido, é importante manter em mente que “o surgimento da autocomunicação de massa (...) aumenta as oportunidades de mudança social, **sem, no entanto, definir o conteúdo e o objetivo dessa transformação**” (CASTELLS, 2015, p. 26, grifos nossos).

A seguir, examinaremos uma série de questões contemporâneas que dialogam com essas preocupações, partindo da noção de interrelação entre humano e máquina assinalada por McLuhan (2002) – ao mesmo tempo em que é responsável pela criação e utilização dos meios de comunicação, o ser humano é inevitavelmente influenciado por eles. Conforme assinalado na abertura deste capítulo, nosso objetivo premente é situar o campo progressista brasileiro em relação às tendências e aos tensionamentos que dominam debates atuais sobre a comunicação em nível global.

3.4.1 Algoritmos, filter bubbles e polarização ideológica no ciberespaço

Em anos recentes, muito se tem debatido sobre os resultados práticos da interação entre a internet, um espaço de produção de sentido limitado e definido por determinadas características técnicas, e seus usuários, sujeitos dotados de determinadas características sociais e psicológicas. Os algoritmos, em especial, têm chamado atenção por seu potencial de reduzir a diversidade de informações

apresentadas a cada usuário, agravando fenômenos psicológicos problemáticos, como dissonância cognitiva e viés de confirmação.

Para compreender a amplitude e o impacto da utilização de algoritmos, é preciso lembrar que a maior parte da receita de veículos midiáticos comerciais vem de anunciantes, não de consumidores diretos (leitores, espectadores ou ouvintes), como evidenciado na Figura 1. Em outras palavras, durante grande parte de sua história, o negócio principal da mídia consistiu não em vender informação a suas audiências, mas em vender *o acesso a essas audiências* a grupos interessados, geralmente econômicos (MCQUAIL, 2012).⁷⁵ Jornais prestigiosos, como *The New York Times*, por exemplo, podiam cobrar valores mais altos por permitir acesso de anunciantes a seus leitores, conhecidos como consumidores de elite (PARISER, 2011).

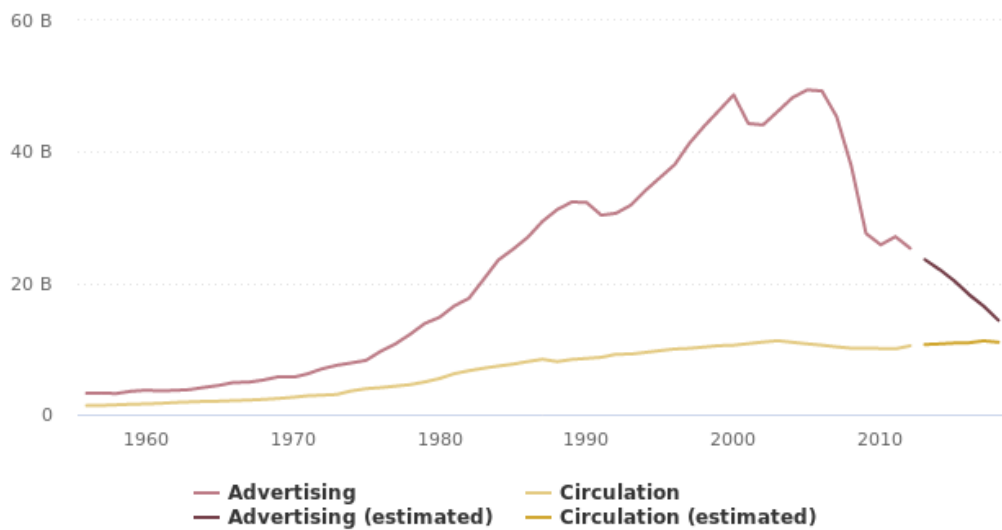
A internet instaurou uma revolução técnica que, entre muitas outras mudanças, abalou decisivamente esse modelo de negócios. Com acesso a uma miríade de informações novas, como “taxas de cliques e outras métricas, empresas de repente sabiam exatamente qual metade⁷⁶ de seu dinheiro era desperdiçado” (PARISER, 2011, p. 48, tradução nossa⁷⁷) em campanhas ineficientes, possibilitando um grau de otimização impossível em qualquer mídia tradicional. O resultado foi um declínio notável na receita publicitária de jornais estadunidenses a partir da popularização da internet, nos anos 2000 (Figura 1).

⁷⁵ Como nos lembra McQuail (2012), estudos indicam que o grau de dependência de determinado veículo em relação a sua receita publicitária tende a limitar sua liberdade na produção de notícias.

⁷⁶ Uma referência à lendária expressão do ramo publicitário “metade do dinheiro que gasto em publicidade é desperdiçado – eu só não sei qual metade” conforme citado por Pariser (2011).

⁷⁷ No original: “[with] click-through rates and other metrics, businesses suddenly knew exactly which half of their money went to waste” (PARISER, 2011, p. 48).

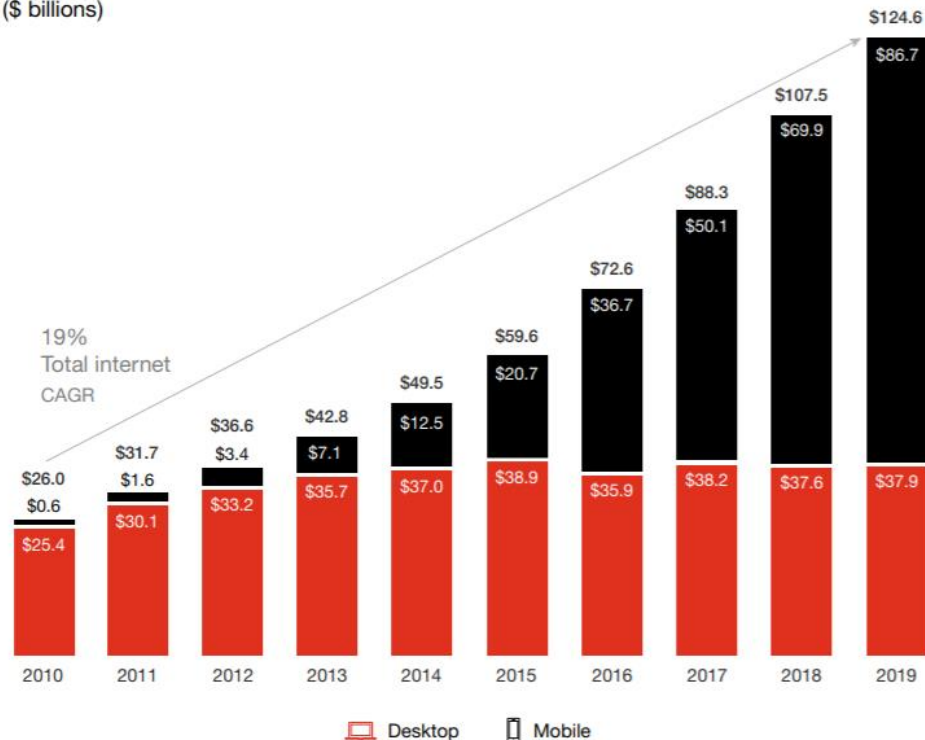
Figura 1 – Total de receita de jornais dos Estados Unidos, em dólares



Fonte: *News Media Alliance; Pew Research Center.*

Enquanto o investimento em publicidade na imprensa declinava, levando muitos jornais à falência ou a reinvenções radicais, investimentos em publicidade *online* aumentaram vertiginosamente. Se a projeção é de que a receita publicitária da mídia impressa estadunidense não chegue a US\$ 20 bilhões em 2020 (Figura 1), a receita publicitária da mídia *online* atingiu mais de US\$ 120 bilhões em 2019 (Figura 2), mais de duas vezes o máximo anual investido na história da publicidade impressa. Em especial, os últimos dez anos foram marcados pela explosão da publicidade em dispositivos móveis, como telefones celulares.

Figura 2 – Receitas anuais de publicidade na internet, desktop vs. móvel (2010-2019), em dólares (\$ billions)



Fonte: Interactive Advertising Bureau, 2019.

Mas de onde vem essa transformação? O que embasa o alto grau de assertividade em relação ao retorno sobre investimento em publicidade oferecido por plataformas *online*? A resposta se encontra na forma como a internet funciona, e os mecanismos usados para aproveitar seu potencial econômico ao máximo.

Essencialmente, o funcionamento da internet permite que os movimentos mais minuciosos da vida *online* de cada usuário – que *sites* visualiza, que *links* segue, que buscas faz – sejam monitorados, catalogados e armazenados pelos grupos (geralmente econômicos) que sustentam e oferecem acesso à rede⁷⁸ (ANON, 2018). Esse volume gigantesco de dados, conhecido genericamente como *big data*, é muito maior que qualquer banco de dados componível a partir de uma pesquisa de campo, visto que retira a necessidade de amostragem tão importante no passado: cada indivíduo da população usuária é examinado em sua individualidade, nos menores detalhes.

⁷⁸ É importante lembrar que, para além da experiência de usuário pela qual elas são mais conhecidas, empresas como Google, Facebook e Amazon têm investido recursos significativos na privatização da infraestrutura da internet, ou seja, nos servidores, cabos óticos e satélites das quais o funcionamento da rede depende. (PEPPER, 2020; FRANCOIS; GEORGE; STOWELL, 2019).

Para processar esses dados, empresas de comunicação *online* se valem de *algoritmos*, complexos conjuntos de instruções computacionais projetados para filtrar e organizar informações de acordo com os objetivos com os quais foram codificados (RAINIE; ANDERSON, 2017). No caso das empresas de comunicação que se apropriam desses dados, o objetivo é construir um perfil detalhado de comportamento para cada pessoa, inclusive traçando elos entre preferências de consumo pouco aparentes – um algoritmo citado por Pariser (2011), por exemplo, previu com sucesso que pessoas que gostam de *O silêncio dos inocentes* também gostam de *O mágico de Oz*. Com essas informações, as empresas de comunicação são capazes de apresentar determinados produtos e serviços às pessoas com maior probabilidade de consumi-las, otimizando os investimentos de seus reais clientes, os anunciantes. No entanto, o impacto dos algoritmos na regulação da vida *online* vai muito além de decisões financeiras.

Além de possibilitar campanhas de marketing mais certeiras, os algoritmos estão por trás de processos de personalização constante que agem em todos os âmbitos da experiência *online*, selecionando que informações cada usuário recebe com base em preferências individuais identificadas anteriormente. É por isso que dois usuários podem ter resultados vastamente diferentes ao realizar buscas pelo mesmo termo num buscador como o Google, por exemplo (PARISER, 2011). Em médio e longo prazo, o resultado da aplicação massiva desse processo é uma espécie de compartimentalização ou fragmentação da internet em espaços menores, onde os usuários passam a ver cada vez mais informações que condizem com suas preferências e cada vez menos informações das quais tenderiam a discordar. Pariser (2011) chama esses espaços de *filter bubbles*, ou *filtros invisíveis*; em português, também são conhecidos como *bolhas de opinião*.

Desde o início da década de 2010, ativistas e acadêmicos têm denunciado a formação de *filter bubbles* como um perigoso empecilho à democracia deliberativa, especialmente no que diz respeito à personalização da exposição a notícias (LEE, 2019). Ao verem um *feed* personalizado de acordo com seus interesses e preferências ideológicos individuais, os usuários acabam não sendo expostos a informações e opiniões que divergem de sua perspectiva individual, diminuindo sua capacidade de entender realidades distintas das suas ou dialogar sobre questões políticas controversas. Com o tempo, *filter bubbles* como esses podem aprofundar divisões ideológicas no interior de uma população, levando a um cenário de polarização onde

o contato entre partidários de diferentes orientações políticas cessa quase totalmente.⁷⁹

Se as práticas comerciais das empresas de comunicação *online* já são eticamente questionáveis por si só, eventos recentes indicam que *big data* e *filter bubbles* também têm sido explorados com sucesso na perpetração de crimes de grande escala. Em março de 2018, jornalistas britânicos publicaram os resultados de uma investigação exaustiva sobre as relações escusas entre o Facebook, a Cambridge Analytica (uma empresa britânica de análise de dados), e as campanhas políticas que levaram à aprovação da saída do Reino Unido da União Europeia e a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, ambas em 2016 (CADWALLADR; GRAHAM-HARRISON, 2018). Em resumo, a Cambridge Analytica foi o pivô de um esquema de roubo de dados que transferiu informações privilegiadas sobre o comportamento de milhões de usuários do Facebook para líderes políticos populistas dos dois lados do Atlântico, potencialmente afetando os resultados das consultas populares em questão. Em vez de esclarecer prontamente sua participação no caso e auxiliar as investigações conduzidas pelas autoridades nos Estados Unidos e no Reino Unido, o Facebook resistiu, como continua a resistir a qualquer proposta de regulamentação ou autorregulamentação de suas políticas (ver 3.4.4).

Tanto na campanha pelo Brexit quanto na campanha presidencial de Trump, dados pessoais e *filter bubbles* foram usados para identificar quais pessoas seriam mais propensas a decidir seu voto de última hora. Convertidos em alvos prioritários, esses usuários passaram a ser bombardeados por informações propositalmente falsas ou politicamente tendenciosas, conhecidas genericamente como *desinformação* ou *fake news*, que supostamente influenciaram suas decisões nas urnas. A seguir, discutiremos em maiores detalhes a polêmica das *fake news*, o movimento que surgiu em contraposição a elas, e a problemática perene da ética jornalística no contexto contemporâneo.

⁷⁹ Aqui, é importante destacar que algoritmos e *filter bubbles* não são os únicos culpados por esses processos; não ouvir ou aceitar opiniões divergentes devido ao desconforto que elas causam (dissonância cognitiva) e acreditar quase cegamente em informações que condizem com visões pré-formadas (viés de confirmação) são tendências psicológicas que antecedem, e muito, o desenvolvimento da internet (TADDICKEN; WOLF, 2020; NICKERSON, 1998).

3.4.2 Fake news versus... real news?

Ainda que a disputa sobre o controle da verdade anteceda a própria consolidação da imprensa moderna (SOLL, 2016), foi apenas na última década que a expressão *fake news* se tornou um *buzzword* digno de primeira página. O grande culpado, para muitos, foi Donald Trump, que se elegeu presidente dos Estados Unidos em novembro de 2016.

Ao longo do processo eleitoral e nos anos que se seguiram ao resultado, Trump promoveu simultaneamente a legitimação de informações falsas ou enganosas (especialmente por meio da dinâmica das redes sociais *online*, como assinalado acima) e a deslegitimação de qualquer notícia da mídia *mainstream* que não coadunasse com sua narrativa (KESSLER; RIZZO; KELLY, 2019). Em outras palavras, passou a promover *fake news* e a tachar de *fake news* qualquer matéria jornalística que não lhe agradasse ou que desmentisse alguma de suas inúmeras mentiras. Desde o sucesso de Trump, outros líderes populistas pelo mundo, como Jair Bolsonaro no Brasil, adotaram a mesma estratégia, questionando a veracidade e a imparcialidade da mídia tradicional e ressignificando notícias fundamentadas como ilusões propagadas por conspirações políticas da oposição (BENITES, 2018; AFONSO, 2019). Em função disso, expressões como *fatos alternativos* e *pós-verdade* se tornaram corriqueiras, com pessoas e organizações de todas as orientações políticas acusando seus adversários ou detratores de mentir ou omitir informações.

Em resposta a essa narrativa, veículos de mídia consolidados (especialmente as de orientação política oposicionista) passaram a se organizar em defesa da veracidade e do rigor jornalístico, retratando-se como guardiões da verdade sitiada. Nos Estados Unidos, jornais como o Washington Post passaram a contabilizar todas as declarações falsas e enganosas emitidas pelo governo (KESSLER; RIZZO; KELLY, 2019). No Brasil, houve movimentos similares, como a criação da Agência Lupa, ligada à revista *Piauí*, e o Instituto E Se Fosse Você, ligado à ex-candidata a vice-presidente Manuela D'Ávila. Para essas e outras organizações de *fact-checking*, a narrativa é simples: o governo representa uma ameaça concreta à democracia e deve ser combatido não só pela exposição sistemática de suas mentiras, mas também pelo enaltecimento das notícias de verdade, ou *real news*.

Até aqui, é relativamente fácil tomar o partido da imprensa contra os absurdos perpetrados por políticos como Trump e Bolsonaro, e nosso objetivo aqui não é

defender essas figuras ou suas mentiras. No entanto, aceitar sem ressalvas a narrativa oferecida pela imprensa tradicional é ignorar uma pergunta mais importante, e mais complexa: o que, de fato, constitui *real news*? O que as empresas de comunicação tradicionais – os grandes jornais, por exemplo – querem preservar ou recuperar?

Responder a essa pergunta implica questionar as práticas e o próprio *ethos* do jornalismo contemporâneo. Para o jornalista holandês Rob Wijnberg, ao contrário do que se prega nas faculdades e nas redações, as notícias em geral tendem a ser predominantemente *sensacionais, excepcionais, negativas e obcecadas com eventos atuais*. Em suas palavras:

Quando você junta tudo isso, significa que as notícias realmente não cumprem sua maior promessa: nos contar o que está acontecendo no mundo. As pessoas que acompanham as notícias sabem principalmente o que *não acontece*. Ele retrata o mundo para nós como uma série interminável de eventos sensacionais, incomuns, terríveis e rapidamente esquecidos. Ao contrário das *fake news*, que são enganosas porque são simplesmente falsas, as *real news* nos enganam de uma maneira mais sutil e fundamental. Isso nos dá uma visão profundamente distorcida de probabilidade, história, progresso, desenvolvimento e relevância. (WIJNBERG, 2018, tradução nossa⁸⁰, grifos do autor).

Essa perspectiva se alinha ao que já vem sendo trabalhado há muito nas ciências humanas: a ideia de que a própria verdade pode ser subjetiva, de que a objetividade real é inatingível, e que a informação que circula no *mainstream* é influenciada por condições de produção de sentido com finalidades específicas. Essa é uma das bases, por exemplo, da ideia althusseriana de mídia como aparelho de reprodução ideológica do Estado: a mídia sustenta o *status quo* por meio da reprodução sistemática de determinada ideologia (ALTHUSSER, 1996). No entanto, parece que essas asserções (identificadas, inclusive, com grandes intelectuais de esquerda que se manifestavam contra os mecanismos de dominação do capitalismo)

⁸⁰ No original: “When you put all this together, it means the news actually fails to deliver on its single biggest promise: to tell us what’s happening in the world. People who follow the news mostly know what doesn’t happen. It portrays the world to us as a never ending string of sensational, unusual, terrible, rapidly forgotten events. In contrast to fake news, which is misleading because it’s simply untrue, real news misleads us in a more subtle and fundamental way. It gives us a deeply skewed view of probability, history, progress, development, and relevance” (WIJNBERG, 2018).

passaram a ser esquecidas ou relevadas por grupos progressistas diante da ascensão política da extrema-direita. No Brasil, por exemplo, a luta pela derrocada de um governante indubitavelmente incompetente (para dizer o mínimo) vem sendo dominada por discursos *contra os retrocessos e pelo retorno à normalidade democrática*, inclusive no que diz respeito ao papel do jornalismo – como se essa normalidade não tivesse duramente criticada à época pelos mesmos grupos que pregam seu retorno (PT/RS, 2019; PT/RS, 2016).

Evidentemente, não se pode esperar perfeição dos jornalistas; como qualquer outra profissão, erros e imprecisões acontecem. A questão central é o grau em que preocupações éticas, com o interesse público, com a integridade do processo de produção de notícias e, no limite, com a veracidade, norteiam o trabalho jornalístico na contemporaneidade. Infelizmente, a história demonstra que a ética costumeiramente associada ao fazer jornalístico nem sempre se aplica na prática.

3.4.3 *Ética jornalística: exceção à regra?*

Em 2006, dois profissionais ligados ao jornal britânico *News of the World* foram presos por operar grampos telefônicos ilegais da família real, aparentemente com o objetivo de obter conteúdo para matérias (BBC, 2007). Ao longo dos anos seguintes, investigações por parte das autoridades e de outras publicações evidenciaram que o crime não era uma exceção, mas a regra do jogo: a *News of the World* havia infringido a privacidade de milhares de pessoas, incluindo civis. O escândalo subsequente levou o Parlamento a instaurar um inquérito especial sobre a ética da imprensa no Reino Unido, incluindo o papel das autoridades e do corpo regulatório independente que, até então, eram responsáveis por garanti-la.

O Inquérito Leveson, cujos resultados foram publicados em 2012, foi categórico: “em ocasiões demais ao longo da última década”, a imprensa teria ignorado uma série de “responsabilidades ao interesse público: de respeitar a verdade, de obedecer a lei e de salvaguardar os direitos e liberdades de indivíduos” (LEVESON, 2012, p. 4, tradução nossa⁸¹). Observa também que, apesar de também ser papel da imprensa “educar e entreter e, ao fazê-lo, ser irreverente, indisciplinado

⁸¹ No original: “responsibilities to the public interest: to respect the truth, to obey the law and to uphold the rights and liberties of individuals” (LEVESON, 2012, p. 4).

e opinativa” (LEVESON, 2012, p. 5, tradução nossa⁸²), isto não quer dizer que ela não pode ser desafiada, ou seja, devem haver limites à sua liberdade.

Essa temática, do condicionamento da liberdade de imprensa a um padrão mínimo de ética jornalística, está no âmago de grande parte dos debates sobre o estado da mídia tradicional, incluindo no que diz respeito à proliferação de *fake news*. Em seu estudo compreensivo dos valores que informam a atuação da mídia, McQuail (2012) estabelece que o próprio conceito de interesse público nasce numa ideia de *quid pro quo*: ao cumprir uma função social vital que exige liberdade (manter a população bem-informada), a imprensa deve ater-se à veracidade e desencorajar o sensacionalismo, entre outras obrigações. A questão é: até que ponto (e/ou com que rigor) compromissos éticos como esse vêm sendo cumpridos?

Basta contemplar a cultura espetacularizada e obcecada com imagem em que vivemos para constatar que, seja como vítima de um movimento cultural maior, seja como seu instigador, seja (mais provavelmente) como ambos, a imprensa nem sempre coloca o interesse público em primeiro lugar. Ainda que tenhamos exemplos notáveis do contrário (no Brasil, vêm à mente os recentes *exposés* do *Intercept* sobre a Operação Lava-Jato), uma quantidade sensível do conteúdo produzido por veículos de comunicação contemporâneos se destina ao *infotimento*, ao consumo rápido, à excitação barata de reações emocionais fugazes. O caso dos supostos túneis nazistas em Ibirubá, no Rio Grande do Sul, é um exemplo recente disso: o programa *Fantástico*, da Rede Globo, buscou associar os túneis a supostos habitantes nazistas já falecidos, usando evidências menos convincentes do que muitas teorias de conspiração desacreditadas no passado pelo próprio programa (FANTÁSTICO, 2019). E quem poderia esquecer erros de julgamento em casos mais famosos e com finais mais trágicos, como a interferência de jornalistas como Sonia Abrão e Luiz Guerra no sequestro e assassinato de Eloá Pimentel, em 2008 (LILY; ISERN, 2018)?

Além da ascensão do *infotimento* e do recrudescimento do sensacionalismo, é importante lembrar que a mídia nem sempre cumpre seu papel de *watchdog* mesmo quando cobre assuntos mais substanciais, reproduzindo informações de fontes oficiais com pouca ou nenhuma checagem de sua veracidade. Talvez o exemplo histórico mais infame dessa tendência tenha se dado durante a Guerra do Golfo, quando a imprensa estadunidense ajudou a legitimar a invasão do

⁸² No original: “educate and entertain and, when doing so, to be irreverent, unruly and opinionated” (LEVESON, 2012, p. 5).

Kuwait com base em informações, posteriormente desmentidas, de que Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa (CASTELLS, 2015). Nas palavras de McQuail (2012),

a maior parte das mídias norte-americana e britânica (com mídias 'aliadas' seguindo em diversos graus) parece ter colaborado de maneira entusiasta no esforço da propaganda de guerra, com poucas tentativas de oferecer versões alternativas ou imparciais dos fatos ou avaliações sobre o que estava acontecendo. (MCQUAIL, 2012, p. 141).

Embora se possa argumentar que constrangimentos estruturais sejam parcialmente culpados por esse fenômeno (MCQUAIL, 2012), nosso ponto aqui é que, de qualquer modo, a mídia acabou não cumprindo o mandato que legitima o grau de liberdade que ela tem.

É evidente que temas dessa contundência não passaram despercebidas nos estudos de comunicação: a hipótese do *newsmaking* e a noção de *gatekeeping*, em especial, versam sobre como as condições de produção das notícias impactam seu conteúdo e efeito sobre audiências (HOHLFELDT, 2018). Pesquisadores da área têm demonstrado grande preocupação com as relações problemáticas entre o interesse público (como já vimos, supostamente intrínseco à profissão jornalística) e interesse(s) privado(s), ou seja, os interesses comerciais e organizacionais decorrentes da organização da imprensa, em sua maioria, em empresas privadas com fins lucrativos (MCQUAIL, 2012). As pesquisas demonstram, de modo recorrente, que as pressões exercidas por anunciantes, proprietários e outras figuras preocupadas com retorno financeiro têm impacto significativo sobre as notícias que são produzidas e as que recebem mais destaque. Nesse sentido, o consumidor/leitor/espectador passou a ser visto não como um *cidadão a ser informado*, como nas leituras clássicas de Lippmann (2008) e Habermas (1984), mas como um *consumidor a ser atendido*.

Ainda que o advento da autocomunicação de massa tenha complexificado as relações de poder entre as empresas e seus consumidores (assim como entre os Estados e seus cidadãos), dizer que as mídias capitularam totalmente aos desejos de suas audiências é ignorar o enorme poder que determinadas empresas de comunicação ainda detêm. Os grandes conglomerados de mídias tradicionais seguem fortes: a família Murdoch, por exemplo, é dona não só de jornais de renome, como o *Wall Street Journal*, mas de editoras, estúdios de cinema e canais de televisão. Quando o jornal *The Guardian* expôs as atividades ilícitas da *News of the World*, um

dos integrantes menos glamourosos desse portfólio, os outros jornais controlados por Murdoch no Reino Unido condenaram a reportagem de modo unívoco. Nas palavras de Alan Rusbridger, editor-geral do *The Guardian* à época:

Foi uma lição de como a organização Murdoch revidava. Mais tarde, um executivo sênior do *Sun* prometeu usar as páginas do *Sunday Times* para mostrar que eu era o 'maior hipócrita do mundo'. Era como se a família de títulos fosse intercambiável ao ser usada para atingir alguém com a ousadia de enfrentar a organização. (RUSBRIDGER, 2018).

Se esse tipo de comportamento é típico dos conglomerados de mídia tradicionais há bastante tempo, as novas gigantes da comunicação não têm se demonstrado muito mais éticas em suas políticas. O debate sobre a regulamentação ou autorregulamentação de mídias sociais é um exemplo extremamente atual dessa realidade: enquanto empresas como o Twitter e o Reddit aumentam suas restrições a discurso de ódio e *fake news*, por exemplo, o Facebook se recusa a limitar substancialmente o conteúdo produzido ou propagado pelos usuários de suas várias mídias sociais. Mais do que a regulamentação das atividades dos usuários, discutem-se formas de limitar o enorme poder auferido pelas empresas de comunicação, colocando em jogo não só seu maior atrativo, a liberdade de expressão, mas também seu maior tesouro – os dados pessoais de milhões de pessoas.

3.4.4 *Mídias sociais, liberdade de expressão e os esforços pela (autor)regulamentação*

Em novembro de 2018, meses após a explosão do escândalo da Cambridge Analytica, o Facebook publicou um relatório que detalhava o impacto humanitário da chegada de sua rede social homônima no Mianmar (WAROFKA, 2018). O documento, redigido por auditores independentes, evidencia um elo entre a falta de controle do Facebook sobre o conteúdo gerado em sua plataforma e a perseguição sistemática da minoria étnica Rohingya, que culminou com genocídio em 2015 (ALLISON-HOPE, 2018; MOZUR, 2018). Ao não tomar medidas para coibir a proliferação de discursos de ódio anti-islâmico, a empresa teria sido negligente num processo de convulsão social que culminou em episódios de violência étnica e migrações forçadas. Ao publicar o relatório (coincidentalmente ou não, às vésperas das eleições nos Estados

Unidos, quando as atenções recaíam sobre outras questões), o Facebook admitiu que errou e prometeu trabalhar para evitar situações como essa no futuro.

Embora certamente extremo, esse caso ajuda a ilustrar um dos grandes problemas que vêm tomando conta de mídias sociais como o Facebook nos últimos anos: a dificuldade de restringir adequadamente a liberdade de expressão dos usuários em nome de outros bens coletivos. É um debate extenso e controverso, que remonta às origens da internet e à cultura democrática que lhe deu origem: A liberdade de expressão deve ser regulada ou limitada? Quem é capaz de definir esses limites sem estabelecer mecanismos de censura passíveis de aparelhamento? As plataformas *online* são corresponsáveis pelas publicações de seus usuários? Se sim, quais leis, de quais países, devem ser aplicadas num espaço eminentemente virtual, e como?

Os abusos certamente existem, e são muitos: de ataques racistas em seções de comentários ao desenvolvimento de uma cultura de ódio *online* (GROSS, 2013; STEIN, 2016), do preocupante crescimento da tendência do *revenge porn* à proliferação de gravações de estupro em sites de pornografia, a internet está repleta de instâncias em que limites éticos e legais foram claramente ultrapassados em detrimento de direitos individuais e coletivos⁸³ (WORRALL, 2020; ISAACS, 2020). Há outros casos, no entanto, em que os limites entre o controverso, o repreensível e o criminoso se confundem (especialmente nos Estados Unidos, onde a liberdade de expressão é um direito menos sujeito a limitações que na maior parte do mundo). Qual é o limite entre uma opinião política conservadora sobre políticas identitárias (inclusive quando veiculadas por pessoas pertencentes a minorias, como a ativista trans Blaire White) e simples discurso de ódio? Propagandas políticas devem ser avaliadas e censuradas se apresentarem informações falsas ou tendenciosas? Em casos como esses, os usuários são capazes de tomar decisões pessoais em relação ao conteúdo a que são expostos, ou reguladores devem interferir para protegê-los?

As empresas de comunicação *online* divergem significativamente em suas respostas a perguntas como essas. Nos últimos anos, especialmente em função do clima altamente polarizado da sociedade estadunidense, várias empresas de mídias

⁸³ Nas palavras da comedianta Ali Wong, no que diz respeito ao consumo de conteúdo doentio, “the images you crave get sicker, and sicker, and sicker, but it’s OK, because the Internet will always catch up to you” ou seja, “as imagens que você deseja ficam cada vez mais doentias, mas está tudo bem, porque a internet sempre vai te alcançar” (WONG, 2017, s/ p., tradução nossa).

sociais começaram a adotar políticas mais restritivas em relação ao conteúdo produzido e disseminado por seus usuários. O Twitter, por exemplo, aboliu propagandas eleitorais pagas e passou a assinalar *tweets* com informações falsas, conforme avaliado por verificadores independentes (STEWART, 2019; CULLIFORD, PAUL, 2020). O Reddit, conhecido há tempos como reduto de grupos extremistas, banuiu milhares de comunidades (*subreddits*) por fomentar discursos de ódio – incluindo, para revolta da extrema-direita estadunidense, sua maior comunidade pró-Trump, *The_Donald* (ROOSE, 2020). O YouTube, que há muito exerce o poder de desmonetizar vídeos de seus criadores para regular o conteúdo que circula em sua plataforma, também se comprometeu a banir conteúdo extremista, colocando milhares de canais em xeque (NEWTON, 2019).

Esses esforços têm sido recebidos com alegria por defensores da (autor)regulamentação das mídias sociais, ainda que alguns tenham denunciado imprecisões e injustiças na aplicação das novas políticas (STEWART, 2019; ALEXANDER, 2019). Outros comentaristas, tipicamente conservadores, veem nas políticas mais restritivas um cerceamento inaceitável da liberdade de expressão: em resposta às ações mencionadas acima, chegou-se até a promover uma nova mídia social, o Parler, como uma alternativa “não-enviesada” ao Twitter (COURTY, 2020, s/ p., tradução nossa⁸⁴). No entanto, o exemplo mais famoso dessa resistência – e, dado seu *status* como a maior mídia social do mundo em número de usuários, talvez o de maior impacto – é o do Facebook.

Ainda que o Facebook tenha manifestado interesse em combater o mau uso de sua plataforma em múltiplas ocasiões (ZUCKERBERG, 2019; MARANTZ, 2019), na prática, sua leniência em relação à disseminação de *fake news* e discursos de ódio tem suscitado a ira de ativistas, autoridades e organizações da sociedade civil nos Estados Unidos. Para muitos, o intuito premente de equilibrar a liberdade de expressão com a defesa de direitos humanos e outros bens coletivos não vem se traduzindo em reformas substanciais, permitindo que postagens falaciosas do agora ex-presidente Donald Trump, entre outras mensagens de conteúdo questionável, circulassem sem nenhum tipo de restrição (ISAAC, HSU; 2020). O CEO e fundador da empresa, Mark Zuckerberg, enunciou seu posicionamento com clareza em 2019, num discurso proferido na Universidade de Georgetown:

⁸⁴ No original: “non-biased” (COURTY, 2020, s/ p.).

Nós não verificamos a veracidade de propaganda política. Não fazemos isso para ajudar políticos, mas porque pensamos que as pessoas devem poder ver, por si sós, o que os políticos estão dizendo. E se o conteúdo for digno de ser noticiado, também não o removeremos, mesmo que entrem em conflito com muitos de nossos padrões. (ZUCKERBERG, 2019, s/ p., tradução nossa⁸⁵).

Em junho de 2020, em protesto às políticas do Facebook, várias organizações não-governamentais estadunidenses estimularam empresas a cortar a contratação de anúncios na plataforma. O boicote, galvanizado pelo recente recrudescimento do movimento Black Lives Matter, foi adotado por centenas de empresas, incluindo grandes marcas, como Adidas, Coca-Cola, Starbucks e Unilever (HSU; FRIEDMAN, 2020). Ainda que o impacto financeiro não tenha sido tão grande (o Facebook contabiliza mais de oito milhões de anunciantes pagos), o dano reputacional foi significativo, levando a empresa a convidar representantes da sociedade civil para discutir mudanças mais substanciais. As conversas não satisfizeram os ativistas, para dizer o mínimo (ISAAC, HSU; 2020).

Ainda que Zuckerberg busque se retratar como um paladino da liberdade de expressão (ZUCKERBERG, 2019), um *underdog* vitimizado por tentativas de censura antidemocrática, ele convenientemente omite o fato de que sua plataforma, como muitas outras de sua geração, não é mais um Davi, e sim um Golias (OVIDE, 2020). O Facebook não é mais uma mídia social alternativa questionando o *status quo* da grande mídia: nos menos de 15 anos desde sua origem num experimento universitário em Harvard, ele se converteu em um dos maiores *players* da mídia global (e seu fundador, em um dos homens mais ricos do mundo). E talvez seja essa a grande questão: quando o controle dos meios de (auto)comunicação de massa está concentrado nas mãos de Zuckerbergs e Murdochs, quem pode seguir acreditando no potencial emancipatório da comunicação, pelo menos nos seus termos originais? Nas palavras de Castells (2015), talvez o caminho realmente seja lutar por uma “internet livre, em relação tanto a governos quanto a corporações, esculpindo um espaço de autonomia de comunicação que constitui a base do novo espaço público

⁸⁵ No original: “We don’t fact-check political ads. We don’t do this to help politicians, but because we think people should be able to see for themselves what politicians are saying. And if content is newsworthy, we also won’t take it down even if it would otherwise conflict with many of our standards”. (ZUCKERBERG, 2019, s/ p.).

da Era da Informação” (CASTELLS, 2015, p. 469) – mas, seguindo essa linha, como estabelecer e aplicar regras de convivência em nome do bem comum?

Mantendo em mente esse cenário complexo e em perene transformação, voltamos nossas atenções para o Brasil, e para as mudanças peculiares que se deram no espaço público brasileiro nos últimos sete anos. Aqui, como nos Estados Unidos de Donald Trump, a crescente polarização política levou ativistas e simpatizantes de causas progressistas a buscar refúgio em redes sociais marcadas por um elevado grau de homofilia, preferindo focar mais no fortalecimento de laços intragrupo que no desenvolvimento de laços intergrupo (LILLA, 2018; BOSCO, 2017). Aqui, como lá, o foco da comunicação progressista parece ter se movido para o reino da *identidade*, onde a solidariedade, o apoio e a resiliência caminham de mãos dadas com o policiamento moral, o repúdio ao dissenso, e a pressão para pertencer.

4 AS REDES PROGRESSISTAS ONLINE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: ESPAÇOS SEGUROS OU CÂMARAS DE PRESSÃO?

O Brasil de 2020 é inegavelmente distinto do Brasil de 2000 ou, mesmo, do Brasil de 2010. Ainda que seja perigoso fazer categorizações excessivamente simples num cenário tão complexo – vide a compreensão confusa das diferenças entre correntes teóricas diversas, como liberalismo e conservadorismo (FAUSTO, 2019) – parece evidente que a sociedade brasileira atual é marcada por um grau significativo de polarização política (MACHADO; MISKOLCI, 2019). Num contexto de fortalecimento de movimentos identitários à esquerda e à direita do espectro político, especialmente em função da popularização das mídias sociais, o espaço público brasileiro parece ter se cindido em um campo preeminentemente *progressista* (repleto de grupos e facções com uma ampla pluralidade de reivindicações) e um campo preeminentemente *conservador* (igualmente diverso, mas fundamentalmente encabeçado pelo governo de Jair Bolsonaro).

Essa fragmentação do campo político, denunciado por polemicistas como Bosco (2017) e Risério (2020), faz recordar a situação dos Estados Unidos, conforme descrita por Lilla (2018): ao concentrar a atenção em movimentos identitários, os progressistas estadunidenses se tornaram incapazes de articular uma visão política capaz de conquistar os votos necessários para obterem e manterem poder. Isolados em universidades, metrópoles litorâneas e guetos comunicacionais em redes sociais digitais, essa nova esquerda sucumbiu a uma ideologia individualista herdada – ironicamente – da era Reagan: o *eu* passou a valer mais que o *nós* (LILLA, 2018). No Brasil, *mutatis mutandis*, o cenário é muito semelhante: ainda que a solidariedade de grupo certamente tenha um papel importante a cumprir, é muito difícil acreditar que o renascimento da esquerda brasileira virá de ativistas entrincheirados em redes sociais homófilas e avessas ao dissenso.

Partindo dessas considerações, este capítulo discutirá a constituição e o conteúdo do *novo espaço público brasileiro* (BOSCO, 2017), examinando sua íntima relação com as dinâmicas das redes sociais *online* (RECUERO, 2009), a cruzada moral empreendida dos dois lados do espectro político (MACHADO; MISKOLCI, 2019), e determinados fenômenos problemáticos do campo progressista que consideramos relevantes, mas pouco visibilizados na academia. Para tanto, partiremos de uma revisão brevíssima da história do espaço público do Brasil,

demonstrando como contradições latentes na sociedade brasileira desembocaram no cenário atual.

4.1 EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO BRASIL

A constituição do espaço público brasileiro é um fenômeno relativamente novo, especialmente em comparação com as democracias do chamado Primeiro Mundo. Se, por um lado, o conceito de sociedade civil era discutido nos Estados Unidos e na Europa já nos anos 1820, Avritzer (2012), observa que, no caso brasileiro, “as primeiras diferenciações modernas entre a economia doméstica e a esfera privada não tiveram lugar no mesmo período, com a grande propriedade rural servindo de ‘locais’ para o exercício da dominação econômica e política” (AVRITZER, 2012, p. 384). Nesse sentido, a distensão da esfera privada e sua relação próxima com a atuação estatal atrasaram significativamente o desenvolvimento de um espaço verdadeiramente público no país, que se deu apenas a partir do golpe militar de 1964.

No contexto das práticas antissociais, tecnocráticas e repressivas adotadas pelo regime, além das profundas mudanças sociais que elas geraram, as “organizações e associações que procuravam posicionar-se de forma autônoma em relação ao Estado” (MARQUES; NOGUEIRA, 2012, p. 140) foram crescentemente identificadas como o início da sociedade civil no Brasil. Nas décadas seguintes, com a liberalização e a posterior derrocada da ditadura, esses grupos passaram a ganhar “contornos específicos, organizando-se em torno de interesses próprios e atuando em diferentes frentes de lutas contestatórias” (MARQUES; NOGUEIRA, 2012, p. 141), com maior diferenciação entre linhas ideológicas distintas. A comunicação teve participação notável nesse momento, como assinala Peruzzo (2002, 2009): a chamada comunicação comunitária, nascida em reação às políticas autoritárias do regime militar, propunha a redefinição da comunicação nos termos das comunidades periféricas, ou seja, *de baixo para cima*. Nos anos 1990 e 2000, tendências como essa fomentaram um otimismo elevado em relação ao potencial da participação da sociedade civil em decisões de Estado, como exemplificado na fama internacional do Orçamento Participativo e do primeiro Fórum Social Mundial, ambos promovidos em Porto Alegre (DAGNINO, 2002; TEIVAINEN, 2002).

No entanto, eventos recentes, como as manifestações de 2013 e a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República, indicam que essa caminhada deve ser

situada no contexto da história mais geral da sociedade brasileira. Em especial, é preciso problematizar a relação entre a relativa despolitização de grande parte da sociedade, generalizada no Brasil durante a maior parte de sua história, e determinados traços culturais associados há muito com o povo brasileiro (BOSCO, 2017). Essas supostas características culturais, das quais destacamos a *cordialidade* de Sérgio Buarque, constituíram a base de um paradigma de pacificação e invisibilização de contradições estruturais no país cujo agravamento velado eventualmente levou à explosão de uma “sociedade crítica, em permanente crise consigo mesma, problematizando todas as dimensões e aspectos da vida social” (BOSCO, 2017, p. 64).

4.1.1 Da pretensão de cordialidade ao conflito escancarado

Até o século XX, sobressaía no Brasil um entendimento mais ou menos consolidado em relação à identidade cultural do povo brasileiro. Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido e Raimundo Faoro, entre outros autores, relacionaram o elevado grau de mistura étnica do povo brasileiro a uma suposta inclinação à sociabilidade, ao afeto e à alegria, usando termos como *cordialidade*, *patrimonialismo* e *dialética da malandragem* para caracterizar a essência da cultura brasileira. Bosco (2017, p. 39) resume esse leque de atributos como “traços pré-modernos”, que marcariam as representações culturais do Brasil por séculos (no futebol e no samba, por exemplo) e impactariam decisivamente o projeto de sociedade que se buscou construir no país.⁸⁶ Se, por um lado, determinados grupos progressistas tenham usado esse *ideal de brasilidade* para nortear processos de transformação social, por outro, o paradigma da cordialidade guardava inconsistências marcantes com a realidade do país, mascarando contradições que se agravariam às margens do processo político por décadas.

Nessa temática, o ponto que mais nos interessa é o que se relaciona mais diretamente ao caráter despolitizado da (maioria da) sociedade brasileira ao longo de sua história: o descompasso evidente entre uma cultura aparentemente viva, plural e

⁸⁶ O autor reconhece que a temática das representações do Brasil comporta muitas imagens e contraimagens diferentes: “escolhi as linhas de força que me parecem ter prevalecido, mas isso não significa que não houve outras linhas de sentido oposto” (BOSCO, 2017, p. 36), como “a corrente eugenista do fim do século XIX, que via na miscigenação a causa maior do atraso do Brasil” (BOSCO, 2017, p. 36).

popular, e uma sociedade incapaz de seguir seu modelo na prática. Nas palavras de Bosco (2017),

o século XX é atravessado quase de cabo a rabo pela presença forte de uma autoimagem cultural afirmativa, baseada nos valores da mistura, da graça, do desrecalque corporal, do princípio do prazer, da apropriação criativa, valores que a cultura brasileira foi capaz de realizar – mas não a sociedade. Esta esteve sempre travada pelas metamorfoses do poder oligárquico, historicamente mudando para permanecer o mesmo, controlando cada oportunidade de transformação social mais estrutural e submetendo-a à lógica da modernização conservadora. (BOSCO, 2017, p. 42).

Até a segunda metade do século XX, portanto, circulava em determinados grupos intelectuais e artísticos a ideia de que o futuro do Brasil se encontrava na tradução de suas representações culturais – miscigenadas, plurais, alegres – à concretude da realidade social. Essa proposição, visível na ideia de antropofagia em Oswald de Andrade, no tropicalismo dos anos 1960, e na célebre frase “o Brasil precisa merecer a bossa nova”, atribuída a Caetano Veloso e citada por Bosco (2017, p. 41), foi duramente reprimida pela ditadura militar, “que solapou à base de censura, perseguições e exílios forçados todo o processo que se vinha fazendo (...) precisamente no sentido de aproximar movimentação cultural e transformação social” (BOSCO, 2017, p. 42). O enaltecimento da mistura e da cordialidade continuaria a figurar com destaque na autoimagem do país, mas distanciado da política, desprovido de qualquer sentido transformador ou emancipatório, como nas novas propagandas turísticas que buscavam “transferir a imagem de um país violento e que não respeitava os direitos humanos para a imagem de um país com lindas paisagens, mulheres bonitas, povo alegre e acolhedor, rico em festas e brilhante no futebol” (FINO; QUEIROZ, 2017, p. 99). O nacionalismo ufanista da ditadura, presente nas canções de Dom e Ravel, por exemplo, serviu não apenas para justificar e acobertar os abusos do próprio regime, mas também para suprimir contradições anteriores.

Paralelamente a essas apropriações diversas, o paradigma da cordialidade foi duramente criticado por uma nova geração de intelectuais, que criticaram e desconstruíram suas premissas, inclusive a partir de lugares de fala menos privilegiados que seus antecessores, geralmente pertencentes à elite. Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, rejeitaram a generalização do povo brasileiro como tipicamente cordial, expondo as relações de

poder profundamente desiguais que lhe subjaziam, especialmente no tocante ao racismo. Em resumo, questionava-se,

a regulação das relações sociais pelo afeto, em vez de por princípios abstratos, é um traço universal e espontâneo da cultura brasileira ou está determinado pelo lugar de classe (no caso dos mais fortes, porque não lhe interessa a impessoalidade republicana; no dos mais fracos, porque não têm força para contestar os mais fortes)? (BOSCO, 2017, p. 45-46).

Enquanto essas novas interpretações teóricas eram desenvolvidas no interior das universidades, as representações tradicionais do Brasil persistiram (e, em alguma medida, continuam a persistir) na prática, tanto na cultura *mainstream* quanto na política. Ainda que determinados grupos tenham ensaiado movimentos parecidos na resistência à ditadura, foi apenas no final da década de 1980, em plena efervescência da reestabelecida democracia brasileira, que novas vozes puderam levar a anticordialidade ao *mainstream*, preparando o caminho para uma transição substancial na dinâmica do espaço público brasileiro.

Na esfera cultural, o grupo de rap Racionais MC's apresentou uma nova leitura da questão racial no país, dividindo um povo que se orgulhava da miscigenação em negros e brancos, *manos* e *playboys*. Tomemos como exemplo a faixa *Negro Drama*: “Desde o início por ouro e prata/Olha quem morre, então veja você quem mata/Recebe o mérito, a farda que pratica o mal/Me ver pobre, preso ou morto já é cultural”. A perspectiva racialista contida em letras como essas, que promovia a união da população negra e escancarava a violência perpetrada contra ela pela elite branca, representou a falência da “tradição do encontro” (BOSCO, 2017, p. 50) que informava a cultura popular brasileira até então. Na cena do rock nacional (notavelmente mais branca), bandas populares como os Paralamas do Sucesso e Legião Urbana declamavam outras críticas a instituições políticas e sociais, como nos discos *Selvagem?* e *Que País é Esse* (MENDONÇA; KOCIUBA, 2019). A sociabilidade e a mistura pacífica e alegre, tão típicas dos sambas de Buarque e Veloso, por exemplo, davam lugar à combatividade e à crueza, ao escancaramento das contradições sobre as quais o Brasil fora construído.

Mais do que isso, no entanto, a virada dos anos 1980 para os anos 1990 também trouxe desafios importantes ao paradigma da cordialidade na esfera política. Manifestações civis encabeçadas pela juventude, como as Diretas Já, o Movimento pela Ética na Política e o movimento dos Caras-Pintadas, inauguraram uma nova

etapa de questionamento aberto do sistema político, pedindo um sistema democrático mais aberto e *accountable* (SCHERER-WARREN, 2014). Ao disputar espaço na institucionalidade, as primeiras candidaturas presidenciais de Luiz Inácio Lula da Silva foram marcadas por um forte discurso de enfrentamento de classe, que conclamava a adesão das massas oprimidas do país a um projeto de oposição à elite. Embora esse tom combativo tenha se abrandado significativamente ao longo dos anos, como veremos em seguida, estavam lançadas as sementes de um processo de transformação no autoentendimento do país – e, por conseguinte, na dinâmica de seu espaço público.

4.1.2 Da pluralidade de contestações à polarização online

Ainda que Lula tenha chegado à relevância nacional como um líder sindical combativo, liderando greves operárias e denunciando a perversão da elite econômica, o homem que venceu a eleição presidencial de 2002 se mostrou bastante disposto a fazer as pazes com o capital. Em sua Carta ao Povo Brasileiro, publicada meses antes da eleição, Lula delimitou um projeto de pacificação da sociedade brasileira, em que diferenças de ideologia, classe e partido seriam superadas ou colocadas de lado em nome do progresso conjunto. “O Brasil quer mudar. Mudar para crescer, incluir, pacificar. (...) A crescente adesão à nossa candidatura assume cada vez mais o caráter de um movimento em defesa do Brasil” (PT, 2018 s/ p.). Em especial, o texto assinalava a adesão de “parcelas significativas do empresariado”, unidas numa “vasta coalizão, em muitos aspectos suprapartidária”, e deixava clara a necessidade premente de “uma ampla negociação nacional, que deve conduzir a uma autêntica aliança pelo país, a um novo contrato social, capaz de assegurar o crescimento com estabilidade” (PT, 2018, s/ p.).

Para Singer (2010), o Partido dos Trabalhadores (PT) passava a comportar “duas almas” que, anos depois, conviveriam “lado a lado, como se um quisesse desconhecer a existência do outro” (SINGER, 2010, p. 108). No entanto, ainda que o PT nunca tenha explicitamente modificado suas reivindicações históricas, a centralidade da luta de classes “foi substituída, como se vê, por um projeto nacional-popular, que não é incompatível com os interesses do capital” (SINGER, 2010, p. 110). Nesse sentido, “o lulismo (...) não deixou de ser (...) a reprodução político-social do modelo conciliador da cultura popular” (BOSCO, 2017, p. 58),

dispondo-se a fazer concessões importantes ao poder econômico e ao *status quo* político-institucional para viabilizar seu projeto político.

A essa altura, é preciso destacar que o governo Lula obteve inúmeras e inegáveis vitórias em muitas de suas propostas, especialmente no que diz respeito ao combate à miséria e ao estímulo à economia interna. No entanto, é igualmente preciso admitir que o lulismo não chegou a encarar os “vícios estruturais do sistema político”, como “as relações promíscuas entre empresas e poder privado”, nem foi “capaz de corrigir as desigualdades brutais do sistema vigente” (BOSCO, 2017, p. 59). A diminuição da pobreza, por exemplo, não foi acompanhada por uma diminuição na concentração de riqueza; pelo contrário, em 2013, 1% da população brasileira detinha 27% de toda a renda (MILÁ, 2015). A classe média, sobretaxada, relegada a segundo plano, privada dos benefícios concedidos pelo Estado tanto às classes baixas (por seu potencial eleitoral) quanto às altas (por seu poder econômico), tornou-se cada vez mais descontente com os rumos do país, especialmente diante da continuidade da corrupção e da impunidade nas altas cúpulas do poder (YOUNG; GARMAN, 2016). Nesse contexto, seguindo a linha de Bosco (2017), a política conciliatória do governo Lula apenas mascarou conflitos que há muito lhe antecediam e que seguiram se aprofundando na sociedade. No entanto, foi apenas no governo de Dilma Rousseff, sucessora política de Lula, que as tensões se tornaram uma crise institucional com consequências amplas para o futuro do país.

Entre abril e maio de 2013, protestos contra o aumento no valor de passagens de ônibus urbanos foram recebidos com truculência por forças policiais no Rio Grande do Sul e em São Paulo, ensejando um sentimento de revolta generalizada na população. Até meados de junho, as manifestações haviam crescido tremendamente, com centenas de milhares de brasileiros tomando as ruas numa das maiores demonstrações populares da história do país. Ainda que o estopim da revolta, uma pauta relativamente limitada, tenha dado lugar rapidamente a uma grande diversidade de reivindicações, Scherer-Warren (2014, p. 149) aponta que os manifestantes eram unidos inicialmente pelo “repúdio à repressão legitimada pelo Estado, por um lado, e a solidariedade à liberdade de expressão da cidadania, por outro”. Além disso, uma pesquisa do Ibope conduzida no pico dos protestos, 20 de junho, indicou que mais de 80% dos manifestantes não se sentiam representados pela classe política, evidenciando que uma crise de legitimidade estava em curso no país. Essa crise de legitimidade – sem dúvida acompanhada por outros fatores importantes, como

movimentações na política internacional, a proximidade da Copa e, como veremos, a adesão às mídias sociais (BOSCO, 2017) – levou à queda nos índices de aprovação da presidente Dilma Rousseff, que quase perdeu sua campanha de reeleição no ano seguinte.

A união aparente dos manifestantes rapidamente deu lugar a uma série de cisões e desavenças, decorrentes não só da notável pluralidade de reivindicações econômicas, políticas e sociais que foram levadas às ruas, mas também de uma disputa narrativa que legitimava determinadas causas e deslegitimava outras. Afinal, as pautas abordadas variavam das mais específicas, como os gastos com a preparação para a Copa do Mundo de 2014, às mais difusas, como a corrupção endêmica no país, expandindo-se em todas as direções do espectro político. Para Scherer-Warren (2014, p. 420), “dois conflitos foram expressivos: em relação ao sistema de informação e ao sistema político-partidário”. O primeiro envolvia a complexa interação entre o uso inovador de redes sociais *online* para convocar protestos, “o que trouxe o povo para rua quase em tempo real, ampliando o número de manifestantes e os locais de protestos” (SCHERER-WARREN, 2014, p. 417); a importância das redes sociais *offline* constituídas por movimentos sociais preexistentes, que aproveitaram o momento para visibilizar suas pautas específicas; e o papel da grande mídia na cobertura dos protestos, que não foi isento de controvérsias.⁸⁷ O segundo conflito dizia respeito às diversas abordagens ao problema político do país:

Em relação ao sistema político-partidário, as manifestações também expressaram antagonismos na política, desde a opção por siglas partidárias até à intolerância em relação a sua presença na praça pública. Assim sendo, as expressões estéticas e verbais foram de partidarismo, apartidarismo e antipartidarismo, cujas explicitações se reproduziram nas redes sociais, demonstrando, frequentemente, intolerâncias recíprocas. (SCHERER-WARREN, 2014, p. 419).

Diante da crescente indefinição do sentido do movimento como um todo, “boa parte da esquerda se retirou; sentindo o prejuízo, a esquerda governista se retirou completamente” (BOSCO, 2017, p. 62). Contudo, e crucialmente, percebeu-se que “as ruas, historicamente ocupadas pela esquerda, também passaram a ser disputadas por grupos que se opunham tanto ao Partido dos Trabalhadores quanto aos demais

⁸⁷ Um forte indício da falência da confiança na comunicação de massa, conforme assinalado no capítulo 3.

movimentos esquerdistas” (FLORESTI, 2018), fomentando o desenvolvimento de novas forças políticas de direita que eventualmente suplantariam os partidos tradicionais. Entre essas forças, destacamos o Movimento Brasil Livre, que aproveitaria o aprendizado e o engajamento decorrentes das manifestações de 2013 para conclamar novos protestos nos anos seguintes, incluindo os que pediram o *impeachment* da presidente Dilma. Nesse sentido, Bosco (2017) entende que 2013 assinalou o começo do fim não só para o paradigma da cordialidade, em sentido amplo, mas também para o lulismo, em sentido específico. Quebrado o paradigma de despolitização e passividade que acompanhara a sociedade brasileira durante grande parte de sua história, expostas as profundas feridas estruturais que governos anteriores não haviam tentado ou conseguido suturar, o cenário estava armado para a derrubada dos então governantes e a proposição de novas alternativas políticas. E, no final do curto e controverso governo de Michel Temer (2016-2018), uma alternativa supostamente nova se apresentou.

Jair Bolsonaro, deputado federal eleito pelo Partido Social Cristão do Rio de Janeiro, concorreu à presidência da República pelo Partido Social Liberal com uma plataforma política altamente controversa, que combinava elementos de liberalismo econômico e conservadorismo social a um discurso populista de feições extremistas. Defendendo valores familiares tradicionais, um recrudescimento na violência policial como solução para a insegurança pública, e reformas econômicas liberais capazes de sanar as supostas tendências comunistas de governos anteriores, Bolsonaro conseguiu mobilizar uma parcela significativa do eleitorado, capitalizando em cima do clima de insatisfação e incerteza que dominava o país. A polarização política, que se consolidara com os movimentos Fora Dilma e Fora Temer nos anos anteriores (MACHADO; MISKOLCI, 2019), atingiu um novo patamar: se, por um lado, Bolsonaro fomentava o ódio contra grupos de esquerda, genericamente identificados como comunistas ou *petralhas*, por outro, os setores contrários à sua candidatura promoviam manifestações de repúdio, virtuais e de rua, sob o estandarte da #EleNão (ROSSI; CARNEIRO; GRAGNANI, 2018). Esse confronto em torno da figura de Bolsonaro dominou toda a eleição.

Nem a eventual vitória de Bolsonaro, nem o ecossistema comunicacional que lhe subjazeu – e que se aprofundou desde então – podem ser adequadamente compreendidos sem levar em consideração o papel das mídias sociais. Assim, passamos a voltar nossas atenções à questão da dinâmica das redes na internet, com

foco especial em suas potencialidades políticas no contexto da expansão e do fortalecimento de movimentos identitários de diversas orientações políticas.

4.2 REDES SOCIAIS *ONLINE*, MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS E POLARIZAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL

A polarização política no Brasil está intimamente relacionada à expansão de movimentos identitários de orientações ideológicas diversas, que se expandem, se fortalecem e se opõem com participação inquestionável das mídias sociais *online* (BOSCO, 2017). Antes de problematizar essa relação, no entanto, devemos fazer uma breve revisão de determinados conceitos vitais para a compreensão das redes sociais *online*.

4.2.1 *Redes sociais online: constituição, dinâmica e capital social*

Ainda que os termos *redes sociais* e *mídias sociais* tendam a ser tratados como intercambiáveis no linguajar cotidiano, é preciso atentar para as especificidades decorrentes da formação de redes sociais *na internet*. Esse fenômeno – historicamente recente, visto que a internet comercial tornou-se disponível em 1995 – ensejou transformações revolucionárias na capacidade humana de se comunicar, possibilitando a superação instantânea de barreiras geográficas, a expansão do grau de anonimato na comunicação interpessoal, e, crucialmente, a formação e manutenção de laços sociais sem dispêndio significativo de energia (RECUERO, 2009). Com uma conexão de internet e um computador (ou, mais recentemente, um dispositivo móvel), é possível criar uma conta de usuário numa mídia social qualquer, conectar-se com pessoas conhecidas em diversas partes do mundo, e passar a acompanhar as postagens de celebridades ou figura públicas, tudo em questão de minutos.

Em sua essência, as redes sociais *online* são estruturas comunicacionais compostas por um número indefinido de possíveis atores, unidos uns aos outros por conexões mediadas por computador. Essas redes podem ser de proporções e graus de complexidade variáveis: “em *clusters* ou comunidades, por exemplo, a distribuição das conexões tende a ser mais igualitária” (RECUERO, p. 68-69), enquanto as mídias sociais contemporâneas tendem a apresentar determinados atores “altamente

conectados (*hubs* ou conectores) e uma grande maioria de [atores] com poucas conexões” (RECUERO, 2009, p. 67). Embora sua escala comporte a coexistência de diversas redes menores com características próprias, as redes formadas em mídias sociais tendem a compartilhar determinadas características gerais que ajudam a compreender suas apropriações políticas.

Em primeiro lugar, essas mídias são um local privilegiado para a formação de redes *associativas*, ou *de filiação*, nas quais os atores se conectam não por interações mútuas, mas por interações reativas com efeito social. Como observado por Recuero (2009),

essas redes podem ser muito grandes, muito maiores do que redes sociais *off-line*, justamente porque manter os laços ali estabelecidos não tem custo para os atores. Enquanto essas conexões não forem deletadas, ali permanecem, independentemente de interação social e de investimento em capital social. (RECUERO, 2009, p. 98).

Ainda que essas redes não *requeiram* interações mútuas para se constituírem ou se manterem, elas podem ser geradas a partir de redes *offline* anteriores, além de possibilitar o posterior desenvolvimento de laços sociais mais próximos entre seus membros. No contexto dos movimentos identitários, como veremos em seguida, o sentimento de *pertencimento* a uma rede de pessoas com a mesma identidade ou posicionamento político pode ter um efeito extremamente poderoso.

Em segundo lugar, as redes decorrentes de mídias sociais, assim como as redes sociais *offline*, não são estáticas; pelo contrário, as interações entre seus membros, o capital social que nelas circula, e o baixo custo associado à constituição e eliminação de conexões fazem com que elas tendam a estar em constante movimento. Recuero (2009) ressalta três dinâmicas possíveis dessas movimentações, todas passíveis de coexistência e interrelação: *cooperação*, entendida como o ímpeto de trabalhar em prol de um objetivo comum; *competição*, entendida como a disputa de recursos, como capital social, e *conflito*, marcada pela hostilidade. Para a autora,

cada um desses processos tem, assim, impacto diferenciado na estrutura social. Enquanto a cooperação é essencial para a criação e a manutenção da estrutura, o conflito contribui para o desequilíbrio. A competição, por outro lado, pode agir no sentido de fortalecer a estrutura social, gerando cooperação para atingir um fim comum, proporcionar bens coletivos de modo mais rápido, ou mesmo gerar conflito, desgaste e ruptura nas relações. (RECUERO, 2009, p. 82-83).

Em terceiro lugar, a dinâmica das redes *online* também está intimamente relacionada ao conteúdo das conexões entre os atores, que pode variar de meras interações reativas, como *curtir* uma foto ou *seguir* um amigo, a interações mútuas, onde há conversação explícita (PRIMO, 2011). Em especial, é nas e pelas conexões que se faz presente o *capital social*, compreendido aqui como

um conjunto de recursos de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam). Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bourdieu) e é determinado pelo conteúdo delas. (RECUERO, 2009, p. 82).

Nessa linha, *capital social* deve ser compreendido como uma categoria altamente heterogênea, abrangendo recursos de naturezas tão diversas quanto o conteúdo das relações sociais nas quais ele se faz presente. Dado o escopo deste estudo, nos concentraremos aqui na obra de Putnam (2000), que oferece aportes especialmente importantes em função de seu foco no papel do capital social na constituição de comunidades cívicas.

Para o autor, uma das distinções mais importantes a se fazer entre os tipos de capital social diz respeito à contraposição entre *bonding social capital* e *bridging social capital*. Essas categorias – traduzidas por Recuero (2009, p. 53) como capital social “conector” e “fortalecedor”, respectivamente – se diferenciam no sentido em que operam e em seu efeito sobre a constituição da rede. O capital social *conector* (ou *inclusivo*) diz respeito ao potencial da rede de agregar ou incluir participantes de recortes sociais que os diferenciam, em alguma medida, dos participantes que já fazem parte da rede. O capital social *fortalecedor* (ou *exclusivo*), por outro lado, foca em robustecer as relações sociais no interior da rede, reforçando “identidades exclusivas e grupos homogêneos” (PUTNAM, 2000, p. 22, tradução nossa⁸⁸) e estimulando a reciprocidade e a solidariedade entre seus participantes. Nesse sentido, “o capital social conector pode gerar identidades e reciprocidade mais amplas, enquanto o capital social fortalecedor reforça nosso eu mais estreito” (PUTNAM, 2000, p. 23, tradução nossa⁸⁹).

⁸⁸ No original: “exclusive identities and homogeneous groups” (PUTNAM, 2000, p. 22).

⁸⁹ No original: “bridging social capital can generate broader identities and reciprocity, whereas bonding social capital bolsters our narrower selves” (PUTNAM, 2000, p. 23).

Ainda que a diferença entre essas categorias seja marcante, é preciso ressaltar que elas frequentemente coexistem numa mesma rede, pelo menos na medida em que essa rede mantém algum grau de coesão interna (*fortalecimento*) e tende a se movimentar (*conexão*) ou se manter (*manutenção*) ao longo do tempo. Nas palavras de Putnam (2000),

conexão e fortalecimento não são categorias mutuamente exclusivas nas quais as redes sociais podem ser perfeitamente divididas, mas dimensões aproximadas com base nas quais podemos comparar diferentes formas de capital social (PUTNAM, 2000, p. 23, tradução nossa⁹⁰).

No entanto, a presença demasiada de um ou outro tipo de capital social pode levar a disfunções socialmente problemáticas, especialmente no caso do capital social fortalecedor, que, ao fomentar “forte lealdade entre os participantes do grupo, também pode criar forte antagonismo em relação a não-participantes” (PUTNAM, 2000, p. 23, tradução nossa⁹¹). Decorre disso a observação do autor em relação aos efeitos deletérios do capital social, como “sectarismo, etnocentrismo e corrupção” (PUTNAM, 2000, p. 22, tradução nossa⁹²); no entanto, ele não se detém na análise desses efeitos, preferindo focar nas nos efeitos sociais positivos do capital social para as comunidades cívicas e o perigo associado a seu declínio na segunda metade do século XX. No entanto, Putnam (2000) dedica um capítulo a tendências que considera indicativas de uma contramaré na sociedade estadunidense, identificando traços de manutenção e crescimento de reservas de capital social em grupos pequenos, movimentos sociais e, de modo incipiente, na comunicação mediada por computador.

Em suas palavras, “movimentos sociais e capital social são tão intimamente conectados que às vezes é difícil distinguir qual é a galinha e qual é o ovo” (PUTNAM, 2000, p. 152, tradução nossa⁹³). Por um lado, os movimentos sociais surgem e se expandem a partir de redes preexistentes de relações interpessoais, ou seja, de capital social; por outro, “movimentos sociais também *criam* capital social ao fomentar novas identidades e estender redes sociais” (PUTNAM, 2000, p. 153, grifo do autor,

⁹⁰ No original: “bonding and bridging are not 'either-or' categories into which social networks can be neatly divided, but 'more or less' dimensions along which we can compare different forms of social capital” (PUTNAM, 2000, p. 22).

⁹¹ No original: “by creating strong in-group loyalty, may also create strong out-group antagonism” (PUTNAM, 2000, p. 23).

⁹² No original: “sectarianism, ethnocentrism, corruption” (PUTNAM, 2000, p. 22).

⁹³ No original: “social movements and social capital are so closely connected that it is sometimes hard to see which is chicken and which egg” (PUTNAM, 2000, p. 152).

tradução nossa⁹⁴). Por exemplo, “o próprio ato de protestar coletivamente cria laços duradouros de solidariedade” (PUTNAM, 2002, p. 153, tradução nossa⁹⁵). Nesse sentido, diversos exemplos históricos sugerem que (pelo menos no contexto estadunidense) o crescimento sustentado de movimentos politicamente ativos se deveu à preexistência de redes sociais fortes, capazes de fomentar solidariedade interpessoal e comprometimento cívico.

Dado que sua pesquisa foi concluída por volta da virada do milênio, Putnam (2000) não pôde fazer mais do que tecer reflexões preliminares sobre o papel da comunicação mediada por computador na reconstrução das comunidades cívicas nos Estados Unidos. Muitas de suas sugestões mais interessantes, como (a) a noção de que a internet, como o telefone, não seria capaz de transformar fundamentalmente as redes sociais preexistentes, e (b) a noção de que comunidades *online* poderiam ser mais igualitárias em função da invisibilização de traços identitários em detrimento de interesses e valores compartilhados, parecem ter sido refutadas por desenvolvimentos tecnológicos e sociais mais recentes (CASTELLS, 2015; STEIN, 2016). No entanto, ao refletir sobre os obstáculos à apropriação da comunicação mediada por computador para fomentar o engajamento cívico, o autor levanta pelo menos três questões cuja relevância perdura até nossos dias: o grau de penetração social das novas tecnologias (ou seja, até que ponto determinados grupos sociais têm acesso aos novos meios e os efeitos decorrentes desse acesso), o impacto da ausência de recursos de comunicação não-verbal sobre a comunicação mediada por computador (em especial, o potencial de redução das relações sociais a interações casuais *online*, sem amparo em relações *offline*), e os efeitos deletérios da *ciberbalcanização*, (detalhado no capítulo 3 como a formação de *filter bubbles*).

Para examinar como essas questões se aplicam ao caso brasileiro, no entanto, as considerações de Putnam (2000) em relação à realidade sócio-histórica dos Estados Unidos até o fim do milênio são insuficientes. Assim, examinaremos as apropriações políticas das redes sociais *online* no Brasil com base em autores mais próximos e mais recentes, como Bosco (2017) e Machado e Miskolci (2019).

⁹⁴ No original: “social movements also *create* social capital, by fostering new identities and extending social networks” (PUTNAM, 2000, p. 153).

⁹⁵ No original: “the act of collective protest itself creates enduring bonds of solidarity” (PUTNAM, 2000, p. 153).

4.2.2 Apropriações políticas das redes sociais online no contexto dos movimentos identitários

Ainda que a internet tenha sido usada para fins de ativismo político no Brasil desde a década de 1990, Machado e Miskolci (2019) indicam que o estágio atual da polarização política *online* se desenvolveu a partir da popularização das mídias sociais, fenômeno possibilitado pela expansão de acesso à internet no país entre as décadas de 2000 e 2010. No contexto da ascensão da autocomunicação de massa, incluindo sua apropriação política na Primavera Árabe e em outras manifestações populares ao redor do mundo (CASTELLS, 2015), encontrou-se na internet e nas redes sociais *online* uma potente oportunidade de fomentar laços de revolta e resistência entre populações historicamente marginalizadas. Essa tendência começou a despontar no Brasil no início da década de 2010, com a convocação de protestos como a Marcha das Vadias, em 2011, mas “foi só em 2013, com as chamadas Jornadas de Junho, que o uso político das redes sociais comerciais alcançou impacto em toda a sociedade” (MACHADO; MISKOLCI, 2019, p. 950). Para Bosco (2017), os protestos “contribuíram decisivamente para consolidar as redes sociais digitais como um novo espaço público”, marcado por características como

democratização do acesso à fala pública; relativização da produção da realidade feita pelas corporações de mídia; autoedição de informações do mundo inteiro; facilitação da auto-organização de movimentos sociais; tensionamento da política institucional, tentando abrir-lhe brechas; e (...) **mobilização da sociedade para lutas de reconhecimento**, que em âmbito digital são disputadas por corações e mentes, mais do que tentativas de transformação institucional limitada (BOSCO, 2017, p. 69-70, grifos nossos).

No entanto, os autores citados apontam que a nova realidade da sociedade política brasileira também trouxe problemas significativos. Machado e Miskolci (2019), buscando explicar o recrudescimento das cruzadas morais empreendidas pela direita brasileira desde 2013, apontam que há uma íntima relação entre os aspectos técnicos das novas tecnologias de comunicação, as tendências sociais e psicológicas de seus usuários, e a constituição de um cenário em que a política vem sendo “privatizada” e inserida em uma “nova gramática de disputas, mais conflitiva e moralista” (MACHADO; MISKOLCI, 2019, p. 950).

Em sua análise, o acesso individual às redes sociais digitais e a utilização cada vez mais personalizada dessas tecnologias (muito em função do poder dos

algoritmos e da formação de *filter bubbles*, como detalhado no capítulo 2, mas também de mecanismos de modulação voluntária das relações sociais, como a seleção ou bloqueio manual de contatos) acabam por extrapolar a tendência à homofilia nas redes sociais *online*, tornando-as cada vez mais homogêneas e avessas ao conflito (ou seja, com predominância de capital social fortalecedor). Além disso, a impessoalidade nas relações entre os usuários (ainda que mais diretas) e a natureza cada vez mais competitiva das mídias sociais, onde usuários são incentivados a conquistar popularidade e reconhecimento por meio de curtidas, compartilhamentos e seguidores (RECUERO, 2009), estimulam a formação de consensos polarizados, já que “comportamentos e opiniões que não seriam tolerados em relações face a face passam a se expressar gerando apoios e rejeições” (MACHADO; MISKOLCI, 2019, p. 954). Em resumo, os usuários passam a “viver dentro de uma ‘bolha de opinião’ que reforça suas convicções e amplia suas divergências em relação a outras não apenas no que se refere a temas macropolíticos, mas sobretudo comportamentais” (MACHADO; MISKOLCI, 2019, p. 954).

Nesse contexto, “pautas coletivas ganham mais apoio quanto mais se traduzem em um repertório moral” (MACHADO; MISKOLCI, 2019, p. 954), ensejando a ascensão de discursos que transladam a luta política a questões da vida privada. Ainda que os autores mencionem características que, como veremos a seguir, podem ser aplicadas com facilidade ao campo progressista – por exemplo, o fato de que as “plataformas tendem a incentivar um tipo de associação política que frequentemente induz à vigilância alheia criando ondas de denúncias, perseguições e até linchamentos *online*” (MACHADO; MISKOLCI, 2019, p. 954) – seu foco principal é a cruzada moral do campo conservador, especialmente no que diz respeito à polêmica luta anticorrupção. Em sua perspectiva, foram sintomáticas a crescente demonização da palavra *político* e a pretensão antipartidária e antissistema dos movimentos de direita que cresceram a partir de 2013:

discursos anti-institucionais foram se tornando mais poderosos, em especial por adversários que transformam adversários em inimigos por meio da oposição simplificadora entre ‘pessoas de bem’ contra as supostas encarnações do ‘Mal’. A retórica anticorrupção progressivamente foi sendo associada e/ou substituída por pautas moralistas/moralizantes no que se refere a gênero e sexualidade, que passaram a se fortalecer (...). Essa nova direita que se articula após 2013 evita discutir substancialmente temas como crescimento econômico, desemprego, meio ambiente, educação ou saúde. Em vez disso, seu foco está na disseminação do medo, recorrendo ao expediente de criação de pânico morais – como os do fantasma da ‘ideologia

de gênero' ou de um possível retorno ao 'comunismo'. (MACHADO; MISKOLCI, 2019, p. 956-957).

Se Machado e Miskolci (2019) preferem focar suas atenções na cruzada moral empreendida pela direita, Bosco (2017) volta seu olhar para tendências análogas na esquerda, sobretudo decorrentes da interação entre as redes sociais *online* e movimentos identitários predicados na luta por reconhecimento.⁹⁶ Ainda que o foco deste trabalho recaia sobre exatamente o impacto dessas tendências, à *esquerda* do campo político, é importante ressaltar que elas não podem ser dissociadas dos fenômenos preocupantes verificados à direita: se, como veremos, as redes sociais progressistas são marcadas por capital social fortalecedor, é provável que o ambiente de polarização e medo criado pela ascensão da extrema-direita tenha contribuído diretamente para isso. Afinal, num contexto em que opositores políticos são genericamente tachados de *petralhada* e ameaçados de fuzilamento pelo eventual presidente da República (RIBEIRO, 2018), nos parece lógico supor que relações sociais mais próximas, seguras e consonantes entre membros de comunidades minoritárias tenham um apelo significativo.

Na perspectiva de Bosco (2017), assim como na de Castells (2015), a ascensão dos movimentos identitários na última década guarda uma relação íntima com as potencialidades da comunicação *online*. Mas, em que consistem as *políticas identitárias* que se fazem presença com tanta força nas redes sociais progressistas?

Em resumo, a expressão se refere a uma ampla diversidade de grupos minoritários que, frente a séculos de marginalização social e invisibilização no processo político, passaram a reivindicar o *reconhecimento de sua diferença* como o caminho para políticas públicas mais progressistas (entre os exemplos mais evidentes, os movimentos negro, feminista e LGBT+). Essa leitura, que parte da ideia de que a realidade humana é uma experiência intersubjetiva – existimos a partir do momento em que o outro reconhece nossa existência – diverge fundamentalmente da abordagem economicista da esquerda tradicional marxista, que prega a redistribuição de riqueza e a eliminação de diferenças de classe como o caminho para o progresso

⁹⁶ Aqui, é importante lembrar que, conforme Castells (2015), um movimento identitário não se limita a movimentos progressistas ou de esquerda. As *jihads* islâmicas são, em seu âmago, movimentos identitários, assim como o mais recente recrudescimento da extrema-direita: conforme pesquisa da Universidade da Pensilvânia, a eleição de Donald Trump se deveu não à ansiedade econômica de determinada parcela do eleitorado, mas ao seu medo de perder *status* social ou simbólico enquanto homens, brancos e cristãos – em outras palavras, uma ameaça identitária (CHOSKI, 2018).

(BOSCO, 2017). Ainda que muito se debata a respeito da relação entre redistribuição e reconhecimento – Fraser (2003), por exemplo, considera que os dois devem ser perseguidos igualmente, enquanto Honneth (2003) entende que a redistribuição nada mais é que uma modalidade de reconhecimento – parece claro que as redes sociais digitais propiciam o desenvolvimento de pautas identitárias por diversas razões. Nas palavras de Bosco (2017),

esse reconhecimento de si mesmo é o que os movimentos sociais identitários procuram proporcionar aos indivíduos de seu grupo por meio de **redes identitárias de reconhecimento**, que, estruturadas em organizações representativas, fortalecendo assim os indivíduos, lutam para melhorar as condições de reconhecimento social do grupo e, por meio dessa mudança de mentalidade, traduzi-la em conquistas de direitos, em âmbito propriamente jurídico, legal. (BOSCO, 2017, p. 77, grifos nossos).

Assim, para além da tensão preexistente entre minorias historicamente marginalizadas e um sistema político pouco afeito a mudanças, parece haver uma “relação consubstancial entre a natureza das lutas identitárias e a natureza do novo espaço público”, na medida em que ambas “operam no campo do reconhecimento” (BOSCO, 2017, p. 71, grifo nosso). Afinal, as redes sociais *online* são espaços ostensivamente mais democráticos que o espaço público tradicional, onde pessoas excluídas de processos deliberativos tradicionais podem se fazer ouvir e se conectar a correligionários com interferência reduzida de *gatekeepers*. Crucialmente, esse processo é potencializado pela ação de algoritmos, que, como vimos no capítulo 3, tendem a amplificar a tendência humana à homofilia e contribuir para a formação de *filter bubbles*, nos quais o capital social fortalecedor cumpre papel essencial. Além disso, na linha das considerações de Machado e Miskolci (2019), o novo espaço público *online* trabalha fundamentalmente com o imaginário, “formando uma vasta economia do reconhecimento” onde as tendências narcísicas dos usuários interagem (BOSCO, 2017, p. 78). Finalmente, “deve-se observar que as redes digitais são colossais espaços públicos, instâncias capazes de alta concentração do olhar, isto é, de difundir uma imagem, uma ideia, para milhões de pessoas” (BOSCO, 2017, p. 78), capacidade compartilhada com os meios de comunicação em massa, mas sem seus filtros ou mecanismos de controle.

Se o novo espaço público brasileiro é terreno fértil para movimentos sociais de cunho identitário, o capital social que circula nesse espaço também guarda uma relação íntima com as políticas identitárias. Para Bosco (2017, p. 21), “a história das

lutas identitárias, no Brasil e fora dele, conhece diversos episódios de *bridging* como de *bonding*". Na seara da luta antirracista, por exemplo, se destacariam os movimentos que culminaram na abolição da escravidão, no Brasil, e na conquista de direitos civis, nos Estados Unidos (ambos exemplos de *bridging*), assim como a perspectiva racialista levada ao *mainstream* brasileiro pelos Racionais MC's (exemplo típico de *bonding*). Ainda que ambas as estratégias tenham benefícios interessantes, como assinalado por Putnam (2000), o autor avalia que,

no momento, a balança vem pendendo muito para o lado da formação de laços grupais com uma forte dose de dogmatismo, com as consequências de hostilidade com os 'de fora' (mesmo os que em boa medida defendem os pleitos do grupo) e de maior dificuldade para avançar agendas concretas. Essas lutas identitárias, uma vez que constitutivamente possuem a dimensão segregacionista da identidade (atualmente pouco equilibrada com o princípio oposto, de *bridging*), produzem um choque com a autoimagem historicamente dominante da cultura brasileira: o país do encontro, da mistura, da cordialidade. (BOSCO, 2017, p. 24, grifos nossos).

Ainda que a validade ou a utilidade das políticas identitárias seja um assunto aberto a debate, parecem haver fortes indícios de que a predominância de capital fortalecedor nas redes sociais *online* progressistas vem tendo efeitos questionáveis, para dizer o mínimo. Para Bosco (2017), o novo espaço público brasileiro realmente é mais democrático do que o antigo em função da ascensão da autocomunicação de massa (CASTELLS, 2015); contudo, ao eliminar "os traços de impessoalidade e do filtro de qualidade argumentativa" associados (ainda que pretensamente) ao *gatekeeping* dos meios de comunicação de massa, "ele tem se revelado mais polarizado, dogmático e violento do que o espaço público tradicional" (BOSCO, 2017, p. 70). Em especial, a "copresença imaginária dos participantes" em redes *online* propicia a eclosão de "comportamentos grupais violentos e covardes: as 'lacrações', os *public shamings*, os escrachos digitais, os linchamentos" (BOSCO, 2017, p. 71). Como veremos a seguir, esse processo pode estar sendo potencializado pela interação entre a grande diversidade de causas sociais que convivem no campo progressista, colocando sobre o indivíduo progressista o dever moral de conhecer e subscrever, necessariamente, a todas elas.

4.3 TENDÊNCIAS EMERGENTES NO CAMPO PROGRESSISTA BRASILEIRO: REDES DE RESILIÊNCIA E REPÚDIO

A discussão sobre tendências iliberais na esquerda, mesmo na moderada, não é um assunto novo. Em 1994, no auge das chamadas *feminist sex wars*, a jornalista e ativista estadunidense Ellen Willis argumentou que o movimento feminista anti-pornografia se aproximava substancialmente da direita conservadora no que dizia respeito a seu apreço pela censura. Em sua avaliação, esse posicionamento flertava perigosamente com o cerceio à liberdade de expressão que, em última análise, permitia que movimentos sociais como o feminista se desenvolvessem e expandissem seu repertório de modo democrático. Ela conclui que

é impossível, em suma, censurar o discurso do dominante sem sufocar o debate entre todos os grupos sociais e reforçar a ortodoxia dentro dos movimentos de esquerda. **Sob tais condições, um movimento não pode integrar novas ideias nem construir apoio baseado em transformações genuínas da consciência, em vez de culpa e/ou medo de ostracismo.** Novamente, a vítima é liberdade, tanto como processo quanto como objetivo. O poder se torna tudo o que importa. (WILLIS, 1994, p. 20, grifos nossos, tradução nossa⁹⁷).

Essa perspectiva dialoga diretamente com as preocupações de Bosco (2017) sobre o desequilíbrio entre capital social conector e fortalecedor nas redes sociais digitais progressistas: afinal, conforme Putnam (2000, p. 411, tradução nossa⁹⁸), “construir capital social conector requer que transcendamos nossas identidades sociais, políticas e profissionais para nos conectarmos com pessoas diferentes de nós” – uma prática que, como veremos a seguir, vem se tornando escassa também no campo progressista.

Em função da expansão dos movimentos identitários em rede e da polarização política da sociedade brasileira, o campo progressista vem sendo marcado por uma espécie de binarismo moral extremado, que divide *nós*, os progressistas, e nossos ídolos morais que *nunca erram*, e um grande grupo de *outros*,

⁹⁷ No original: “it’s impossible, in short, to censor the speech of the dominant without stifling debate among all social groups and reinforcing orthodoxy within left movements. Under such conditions a movement can neither integrate new ideas nor build support based on genuine transformations of consciousness rather than guilt and/or fear of ostracism. Again the casualty is freedom, both as process and as aim. Power becomes all that matters” (WILLIS, 1994, p. 20).

⁹⁸ No original: “to build bridging social capital requires that we transcend our social and political and professional identities to connect with people unlike ourselves” (PUTNAM, 2000, p. 411).

seja opositores políticos autodeclarados, seja antigos aliados que erraram ou desviaram de nosso programa ideológico em algum momento. Para esses grupos, reserva-se doses semelhantes de humilhação, cancelamento e linchamento virtual, que precludem e impedem o diálogo dentro dos grupos e “transformações genuínas da consciência” (WILLIS, 1994, p. 20, grifos nossos, tradução nossa⁹⁹) fora deles.

Enquanto Bosco (2017) prefere questionar a justiça desses fenômenos, preferimos seguir a linha de Lilla (2018) e focar em suas consequências estratégicas, ou seja, nos possíveis efeitos da disseminação dessas mensagens sobre a manutenção do movimento e a consecução de seus objetivos (seja resistir ou sobreviver, no caso do capital social fortalecedor, seja lograr mudanças políticas ou sociais, no caso do conector). Nesse sentido, este subcapítulo busca (a) problematizar as expectativas que subjazem a participação em redes sociais *online* de cunho progressista no Brasil, e (b) ilustrar as consequências nefastas do descumprimento dessa expectativa, tecendo considerações preliminares sobre o impacto do que percebemos como um *ideal do bom ativista* no campo progressista brasileiro.

4.3.1 As expectativas: da interseccionalidade à idealização do ativista

No contexto brasileiro, notadamente polarizado e permeado por discursos de ódio e violência contra minorias, não é de se surpreender que muitos movimentos identitários progressistas tenham se aproximado entre si. Para além da ideia de solidariedade entre movimentos perseguidos – muitas vezes rotulados com epítetos generalizantes e pouco esclarecidos – a intersecção entre as lutas sociais também vem sendo assumida crescentemente como preocupação epistemológica. A ideia de *interseccionalidade*, desenvolvida na seara do feminismo acadêmico para descrever a intersecção entre sexismo e racismo nos corpos das mulheres negras, conclama ao reconhecimento de que diferentes marcadores identitários suscitam diferentes formas de opressão (ASSIS, 2019). Nesse sentido, passou-se a entender que um feminismo realmente inclusivo deve tomar determinados cuidados em relação a recortes *além* de gênero, como raça e classe social, para não ofender ou invalidar as experiências e reivindicações de mulheres que também pertencem a outros grupos minoritários.

⁹⁹ No original: “genuine transformations of consciousness” (WILLIS, 1994, p. 20).

Ao partir da realidade vivida para complexificar o entendimento de vivências minoritárias, a interseccionalidade oferece ferramentas indubitavelmente úteis para as ciências sociais. No entanto, parece-nos que a interação entre a ascensão da interseccionalidade, a visibilização crescente de causas sociais diversas e, crucialmente, a dinâmica problemática das redes sociais *online* vem colocando sobre as pessoas progressistas o peso de uma expectativa inalcançável. Em outras palavras, parece ter se constituído um *ideal do bom ativista* que, além de inexequível, é usado para pressionar e desmoralizar até simpatizantes das próprias causas progressistas.

Conforme a descrição de Castells (2015), a autocomunicação de massa vem permitindo a expressão cada vez mais democrática de grupos tradicionalmente marginalizados – aliás, contribuindo muito mais para a realização do ideal da comunicação como processo emancipatório em Vattimo (1990) do que qualquer veículo de comunicação em massa que lhe precedeu. A visibilização cada vez maior desse grande número de movimentos identitários nos remete à leitura de Maffesoli (1987) acerca da dinâmica da pós-modernidade: para o autor, o individualismo típico da modernidade deu lugar ao redescobrimto das coletividades, denominadas por ele *tribos* ou *comunidades emocionais*. Em vez de cumprir uma função de acordo com seu lugar na sociedade, os sujeitos pós-modernos vivem muitos *papéis*, atrelando-se uns aos outros em coletivos simultaneamente distintos e sobrepostos. Numa primeira leitura, não há nada de problemático nisso – nem na diversidade de causas, nem em seu aspecto sensível ou emocional, nem em sua crescente agitação (adequada, aliás, para uma conjuntura de retrocesso e recrudescimento de violência). Não questionamos, de forma alguma, a legitimidade de cada um desses grupos, nem a relevância da interseccionalidade enquanto lente paradigmática.

O problema é que, na prática, vem se colocando sobre o indivíduo progressista o dever *moral* de conhecer e subscrever, *necessariamente*, a *toda* essa multiplicidade de causas (ou, pelo menos, de tentar fazê-lo por meio de esforços de aprendizado constantes). Ativistas que defendem e/ou se identificam como pessoas pobres, negras (pretas, pardas, retintas), indígenas (ticuna, guarani, caingangue, macuxi), imigrantes (da Venezuela, do Haiti, de Cuba, de países africanos), umbandistas, candomblecistas, judias (mas não pró-israelitas), budistas, hinduístas, muçulmanas, do ~~sexo~~ gênero feminino, transsexuais (binárias e não-binárias), intersexo, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, assexuais, *queer*, *two-spirit*, gordas,

com deficiências físicas, com deficiências mentais, com transtornos psicológicos, com dificuldades de aprendizado, muito jovens, muito idosas, de áreas rurais, de periferias urbanas, entre outras tantas categorias que escapam à memória e certamente reivindicariam menção (para não falar em suas incontáveis combinações e recombinações), vieram a esperar que todas as pessoas que se identificam como indivíduos progressistas atentem para suas necessidades e especificidades. Errar o pronome de uma pessoa transsexual ou não-binária (*misgendering*), por exemplo, pode ser categorizado *a priori* como uma agressão simbólica que merece represália antes de qualquer outra coisa – mesmo quando a pessoa supostamente agressora é (ou poderia ser) uma aliada.

Essa situação é complicada ainda mais pela realidade (muito pouco discutida) de que os sistemas de opressão se combinam de maneiras muito mais complexas do que o discurso médio sugere. A feminista negra bell hooks já apontou, por exemplo, que o machismo e a homofobia cresceram na comunidade negra dos Estados Unidos muito *em função* do movimento pela emancipação negra: para libertar-se de suas correntes, o homem negro imprimiu a força de sua masculinidade sobre seus irmãos e irmãs mais vulneráveis (HOOKS, 2001). A homossexualidade, antes relativamente aceita, passou a ser tachada como uma doença branca, introjetada nas comunidades negras para privá-las de homens fortes. No Brasil, essa lógica continua a se fazer presente até os dias de hoje, especialmente na obra de grupos com uma perspectiva explicitamente racista: até outubro de 2019, pelo menos, os Racionais MC's seguiam cantando a letra “Em troca de dinheiro e um carro bom/Tem mano que rebola e usa até batom”, denunciando travestis como traidores da cultura negra. Por outro lado, uma pesquisa de 2014 indicou que homens negros homossexuais são, na verdade, *favorecidos* em relação a homens negros heterossexuais em determinadas entrevistas de emprego, aparentemente porque a feminilidade associada ao homossexual compensaria ou cancelaria a agressividade associada ao homem negro (PEDULLA, 2014).

Os exemplos não se restringem ao campo da raça. Se progressistas ocidentais costumam posicionar as mulheres trans como uma das minorias mais oprimidas do mundo (inclusive no interior do movimento LGBTQ+), exemplos de outros países convidam a reflexões distintas. No Irã, transsexuais têm direito a realizar todo o processo de transição com subsídios do governo, ao passo que homossexuais são sujeitos ao ostracismo e, em alguns casos, à pena de morte (SOBEL, 2018). No

Marrocos, onde a homossexualidade também é ilegal, uma influenciadora digital trans recentemente conclamou seus seguidores a usar contas falsas em aplicativos de encontros para expor homens gays, levando vários gays a serem expulsos de casa ou chantageados (GREENSPAN, 2020).

Diante de fatos como esses, não haveria nem como afirmar que as opressões apenas se *somam* umas às outras, nem como elencar uma escala definitiva de opressões e combinações de opressões, visto que elas variam fundamentalmente de acordo com o contexto. Nosso ponto aqui é: *o discurso que se construiu no campo progressista em torno da interseccionalidade parece exigir da pessoa progressista a aderência simultânea e incondicional a uma multiplicidade de causas que, além de impossivelmente variadas, podem ser inconsistentes entre si*. Espera-se que a pessoa progressista ignore essas contradições internas, reconhecendo seus privilégios, se conscientizando sobre suas opressões, e dedicando sua vida a ouvir e aprender sobre as opressões das outras pessoas sem ter uma opinião própria a respeito. O *tweet* da página feminista Não Me Kahlo expressa exatamente esse ideal:

Nunca é tarde demais para rever suas posturas. Ninguém nasce *desconstruído da porra*. Todo mundo já foi racista, machista, homofóbico mais de uma vez na vida. E muita gente mesmo se policiando dá uma escorregada, pede desculpas e não repete o erro. **Escute, estude, aprenda.** (NÃO ME KAHLO, 2019, grifo nosso).

Como viver e circular num meio dominado por esse discurso sem sentir-se constantemente culpado – num primeiro nível (este inescapável), por qualquer privilégio que porventura se carregue, e num segundo, por simplesmente não conseguir satisfazer as expectativas de todas as alteridades? Nesse sentido, a pressão posta sobre a interseccionalidade não promoveria uma expectativa irreal e fundamentalmente inatingível do que constitui o bom ativismo, levando a consequências negativas para a saúde mental dos ativistas e, por extensão, dos movimentos? A seguir, exemplificaremos algumas das estratégias usadas para expressar essa pressão, demonstrando o potencial repressivo das redes progressistas, e relacionando-as às causas de *burnout* identificadas no capítulo 2.

4.3.2 As consequências: do cancelamento ao burnout

De certo modo, os próprios militantes progressistas já percebem a dificuldade de manter um posicionamento moralmente coerente em relação a todos os grupos que convivem no campo progressista. No entanto, sua abordagem costuma ser mais persecutória do que pedagógica, concentrando-se não na educação de correligionários ou na conquista de novos adeptos, mas na exposição, na condenação e na execração moral de qualquer transgressão – incluindo o simples dissenso. Essa tendência já era observada por Willis (1994) nos anos 1990:

Muitas vezes, são os radicais dissidentes que estão sujeitos aos ataques mais cruéis: o movimento anti-pornográfico acusa suas oponentes feministas de celebrar o patriarcado e a violência contra as mulheres; feministas negras são vilificadas como aliadas da estrutura de poder branco por criticar o sexismo entre os negros. (WILLIS, 1994, p. 20, tradução nossa¹⁰⁰).

Crucialmente, essa tendência é potencializada pela lógica das redes sociais *online*, que, como vimos, tende a formar comunidades onde a solidariedade e o apoio mútuo caminham de mãos dadas com a repressão ao pensamento divergente. Nesses ambientes, marcados pela competição e pelo anseio por popularidade (RECUERO, 2009), há um forte incentivo social para seguir o dogma do grupo, especialmente num contexto em que a exclusão do grupo (ou seja, a fonte de reconhecimento e solidariedade) é impensável. Nesse sentido, em resposta à crescente tomada do espaço público pela direita (MACHADO; MISKOLCI, 2019), os defensores brasileiros das minorias identitárias recuaram para detrás de barricadas virtuais, criando *espaços seguros* onde *avisos de gatilho* e *lugares de fala* sacrificam a dissidência no altar do bem-estar (RISÉRIO, 2020). A partir desses espaços, ciberativistas empreendem campanhas de *cancelamento* contra figuras públicas, como celebridades e políticos, mas também contra pessoas comuns que simplesmente cometeram erros ou têm posições diferentes sobre determinada questão (BOSCO, 2017; DOUTHAT, 2020). Essas campanhas, frequentemente marcadas por contradições semelhantes às expostas acima, demonstram que a autocomunicação de massa enseja não só a ampliação da visibilidade das lutas identitárias (CASTELLS, 2015), mas também a

¹⁰⁰ No original: “Often it is dissenting radicals who are subject to the most vicious attacks: the anti-porn movement accuses its feminist opponents of celebrating patriarchy and violence against women; black feminists are vilified as allies of the white power structure for criticizing sexism among blacks”. (WILLIS, 1994, p. 20).

ampliação da vigilância e da repressão social, que passaram a ser democratizadas (HAN, 2017).

Ainda que o termo venha sendo banalizado pelo uso corrente, o cancelamento propriamente dito implica não só o repúdio nas redes, mas também consequências pessoais e profissionais mais concretas na vida dos cancelados. Para Douthat (2020), isso faz com que pessoas realmente poderosas, a quem o cancelamento originalmente se dirigia, não sofram tantas consequências: “a cultura do cancelamento é mais eficaz contra pessoas que ainda estão subindo em seus campos e influencia muitas pessoas que na verdade não são canceladas” (DOUTHAT, 2020, s/ p., tradução nossa¹⁰¹). Nos Estados Unidos, o jornalista Jon Ronson vem se dedicando a estudar casos como esse, em que pessoas privadas relativamente desconhecidas se tornaram notórias no tribunal das mídias sociais, com perturbações significativas a suas vidas sem a possibilidade de se defender.

Uma das ocorrências mais emblemáticas desse processo se deu em 2013, quando a executiva estadunidense Justine Sacco publicou um *tweet* racista (em uma conta com menos de 200 seguidores) logo antes de embarcar num voo para a África do Sul. Ao ligar o celular novamente horas depois, já no aeroporto da Cidade do Cabo, ela descobriu que estava no topo dos *trending topics* do Twitter, com milhares de mensagens de repúdio, e que havia sido sumariamente demitida de seu emprego. Enquanto o teor da mensagem certamente tenha sido condenável,

o furor em função do *tweet* de Sacco se tornou não apenas uma cruzada ideológica contra seu suposto preconceito, mas também uma forma de entretenimento ocioso. Sua completa ignorância de sua situação por essas 11 horas emprestou ao episódio uma ironia dramática e um arco narrativo agradável (RONSON, 2015, s/ p.)

às hordas virtuais, que não pouparam esforços para vê-la sofrer por sua transgressão. Um internauta chegou a ir até o aeroporto na África do Sul para fotografar sua chegada (RONSON, 2015).

No Brasil, um exemplo semelhante desse processo – consideravelmente mais leve que o anterior, mas ainda interessante para nossos propósitos – vem da seara do feminismo. Em junho de 2019, a advogada Máira Costa Fernandes foi desligada do Comitê da América Latina e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher

¹⁰¹ No original: “cancel culture is most effective against people who are still rising in their fields, and it influences many people who don’t actually get canceled”. (DOUTHAT, 2020, s/ p.)

(Cladem) por defender o jogador de futebol Neymar Jr. de acusações de estupro (FÓRUM, 2019). Fernandes, que tem trajetória conhecida no ativismo feminista, se manifestou em defesa de Neymar em postagens no Facebook, dizendo ter visto os autos do processo e se convencido da inocência do jogador. Além disso, ela pontuou que, em seu entendimento, “um registro falso de estupro não contribui em nada para diminuir ou combater esse crime” (FERNANDES, 2019, s/ p.) – ou seja, que sua decisão de assumir o caso decorria, inclusive, de sua perspectiva enquanto feminista. O resultado foi uma onda de ataques nas redes e o subsequente desligamento da advogada da Cladem. Segundo a coordenadora nacional da entidade, Soraia Mendes, o desligamento de Fernandes adveio de uma preocupação ética:

o que significa neste momento se colocar como advogada feminista, termo usado nas postagens de Maíra? Ela lança mão de ser feminista, de ser defensora dos direitos das mulheres e assume mais uma forma de desqualificar essa mulher. (MENDES apud TREVISAN, 2019, s/ p.).

Em outras palavras, Fernandes foi desligada de uma organização ativista por apresentar um posicionamento divergente sobre a causa feminista – amparado, inclusive, no direito civil à presunção de inocência.

Bosco (2017) já apontou que a causa de fenômenos problemáticos como esses se encontra no desequilíbrio entre capital social fortalecedor e capital social conector. Porém, diante das reflexões tecidas acima, nosso questionamento vai além desse simples intercâmbio de *bonding* por *bridging*: se as redes sociais *online* progressistas são tão afeitas ao cancelamento e à moralização *inclusive de seus próprios membros*, o capital social fortalecedor está contribuindo, de fato, para o fortalecimento dos indivíduos e do movimento? Ou, lembrando as palavras de Willis (1994, p. 20, tradução nossa¹⁰²), um movimento incapaz de debate “não pode integrar novas ideias nem construir apoio baseado em transformações genuínas da consciência, em vez de culpa e/ou medo de ostracismo”?

Para além do cancelamento e do cerceio ao debate, a conclamação progressista para se educar cada vez mais, para evoluir e atingir novos patamares de consciência, nos remete à cultura de desempenho e autocobrança discutida no capítulo 2. Na medida em que indivíduos progressistas atrelam sua realização política

¹⁰² No original: “(...) nor build support based on genuine transformations of consciousness rather than guilt and/or fear of ostracism”. (WILLIS, 1994, p. 20).

e pessoal a um processo de crescimento e aperfeiçoamento contínuos, o ideal do bom ativista lembra muito o *empreendedorismo de si mesmo* assinalado por Magno e Barbosa (2011) e Han (2015) em sua denúncia dos efeitos perversos do capitalismo tardio sobre a sociabilidade. Dado que o objetivo desse processo de aperfeiçoamento é, como vimos, inexecutável, consideramos que ele pode contribuir para sintomas de exaustão ou *burnout* – conceito entendido aqui como uma apropriação metafórica, visto que dinâmicas de cobrança, autocobrança e exaustão se aplicam não apenas a ativistas mais ou menos profissionais, mas também a pessoas progressistas em geral. Nesse sentido, entendemos que o ideal do bom ativista pode estar relacionado aos seguintes estressores identificados no capítulo 2 como causas de *burnout* potencializados pela comunicação: *senso de responsabilidade pessoal, conflitos interpessoais, falta de justiça, cultura do martírio, e percepção de impotência*. Além disso, o fenômeno adquire matizes especialmente problemáticos em função de sua inserção num contexto de crescente polarização e moralização do discurso, onde são fortes os incentivos ao isolamento sectarista – outra causa de *burnout*.

A seguir, complementaremos as reflexões teóricas desenvolvidas até aqui com o estudo de um caso em que a pressão colocada sobre as pessoas progressistas é visível, com uma multiplicidade de exigências sendo articuladas no mesmo espaço, expressas pela mesma voz e recebidas pela mesma audiência. Esse espaço é o canal de YouTube *Tempero Drag*, e essa voz é a de Rita von Hunty, talvez a *drag queen* intelectual por excelência do campo progressista brasileiro.

5 “EU PRECISO QUE VOCÊ ENTENDA”: EDUCAÇÃO, IDEALIZAÇÃO E COBRANÇA NO CANAL DE YOUTUBE *TEMPERO DRAG*

Ao longo da construção do projeto que deu origem a esta dissertação, muito de nosso interesse de pesquisa se concentrou nos possíveis *efeitos* do fenômeno em tela, ou seja, aquilo que definimos como um *ideal do bom ativista* no campo progressista *online*. Essa preocupação permeia grande parte do referencial teórico trabalhado até aqui, do estudo do papel da comunicação no *burnout* ativista, no capítulo 2, à problematização de tendências na comunicação progressista *online*, no capítulo 4. Como a idealização do ativismo teoricamente toma forma e adquire relevância a partir da ação de uma *multiplicidade* de causas e movimentos progressistas sobre as *mesmas* pessoas, dedicar-nos ao estudo de um recorte do campo (os membros de uma causa ou movimento específico, por exemplo) não serviria muito aos nossos propósitos. Assim, passamos a enxergar como ponto culminante desta dissertação a realização de uma pesquisa quantitativa-qualitativa voltada a dimensionar os efeitos mesmos do fenômeno, buscando em seus supostos sujeitos (ativistas progressistas) evidências de seu impacto (sinais de *burnout* relacionados à dinâmica comunicacional do campo progressista *online*).

No entanto, para além do desafio de conduzir uma pesquisa como essa num ano de pandemia global (tanto pelos constrangimentos práticos quanto pelo surgimento do coronavírus e do isolamento social como potenciais causas de ansiedade e exaustão), eventualmente nos demos conta de que o espírito desta dissertação poderia ser melhor servido por outro esforço de pesquisa. Antes de examinar os *efeitos* do fenômeno, percebemos que seria importante expandir nosso entendimento do fenômeno em si – descrevê-lo, caracterizá-lo melhor, e encontrar na realidade empírica aportes para guiar futuros estudos mais aprofundados a seu respeito. A partir dessa percepção, nossa pesquisa rumou para um caminho muito distinto do que imaginávamos originalmente: em vez de uma pesquisa quantitativa-qualitativa conduzida junto aos sujeitos do fenômeno, focando em seus efeitos, nos detivemos no estudo de um caso específico de produção de conteúdo *online*, focando nos dois elementos que constituiriam o fenômeno: (a) a copresença digital de pessoas ostensivamente progressistas e (b) a expressão de discursos que convocam a aderência simultânea dessas pessoas a uma ampla diversidade de causas.

5.1 APRESENTAÇÃO

A partir das considerações acima, optamos por realizar uma análise do canal de YouTube *Temporo Drag*, que, desde 2018, se dedica à produção de conteúdo educativo de viés progressista. Antes de explicar a seleção desse caso, no entanto, devemos contextualizá-lo, realizando uma breve revisão da literatura sobre o YouTube enquanto local de produção de sentido político, relacionando-o à realidade conturbada do Brasil contemporâneo.

5.1.1 *Participação, transmissão, emancipação(?)*: breve introdução às múltiplas facetas do YouTube

O YouTube é, atualmente, o maior site de compartilhamento de vídeos do mundo, apresentando níveis astronômicos de produção e consumo de conteúdo e ocupando a posição de segundo site mais acessado da Internet (ALEXA, 2021). Ainda que a plataforma tenha se popularizado em função de seu foco premente no conteúdo gerado por usuários, posicionando-se inicialmente como um espaço de livre produção e circulação de conteúdo audiovisual que desafiaria diretamente os meios de comunicação de massa (VAN DIJCK, 2013; BURGESS; GREEN, 2009b; STRANGELOVE, 2010), essa identidade eventualmente se modificou em função da adoção de um modelo de negócios mais tradicional. A partir de 2011, o YouTube abandonou o célebre *slogan Broadcast Yourself (Transmita-se por conta própria, numa tradução aproximada)* e atualizou a interface da plataforma, minimizando ou removendo elementos de estímulo à sociabilidade (como as seções de comentários e a possibilidade de adicionar amigos) em favor de elementos típicos da televisão (como a organização dos vídeos em canais) (VAN DIJCK, 2013). Onde antes se incentivava a produção de conteúdo amador por usuários independentes, passou-se a fomentar o desenvolvimento de audiências passivas e canais cada vez mais profissionalizados,¹⁰³ com a atuação notável de algoritmos (ver capítulo 3).

¹⁰³ Nesse sentido, é importante deixar claro que um *canal de YouTube* não é um canal ou meio de comunicação conforme conceituado pelas teorias da comunicação: pelo contrário, ele consiste no espaço onde *um determinado produtor de conteúdo* publica seus vídeos para que eles sejam assistidos e comentados por outros usuários da plataforma. Assim, entendemos que o canal de YouTube se relaciona muito mais ao polo *emissor* da comunicação que ao meio.

Ainda que seja tentador rotular o YouTube como uma máquina comercial que imita e compete com as mídias tradicionais, ou, pelo viés inverso, enaltecer acriticamente seu potencial participativo ou emancipatório, van Dijck (2013) ressalta que a realidade fática, como é de seu feitio, tende a ser muito mais nuançada. Assim, embora o atual modelo de exploração comercial do YouTube realmente se assemelhe ao dos meios de comunicação tradicionais, também é verdade que os vídeos hospedados na plataforma podem, sim, ter influência (contra)cultural significativa, tanto no mundo *offline* quanto no *online*. Afinal,

o compartilhamento de conteúdo aumenta a conexão entre as pessoas e também ajuda muitas a adquirir uma plataforma (global) para visibilização pública. Mais do que qualquer coisa, o conteúdo *cultural* – seja texto, música ou vídeos – extrai opiniões sobre o que as pessoas gostam e não gostam, o que desejam ou detestam, o que lhes interessa e o que não. (VAN DIJCK, 2013, p. 35, grifo do autor, tradução nossa¹⁰⁴).

Especificamente no que diz respeito à proliferação de discursos políticos, há razão para acreditar que a plataforma contribui, pelo menos em alguma medida, para debates entre ou no interior de uma variedade infindável de grupos, cada qual com identidades, enfoques e pontos de vista distintos. Há uma década, Strangelove (2010) sustentava que

o YouTube é um feroz campo de batalha sobre a opinião pública e sobre a legitimidade de vários grupos e crenças (...). A comunidade do YouTube é uma comunidade politicamente engajada e importante. Tanto grupos organizados quanto indivíduos isolados tentam minar seus oponentes religiosos ou políticos por meio de todos os tipos de vídeos que ‘falam’ uns com os outros e com a aldeia global conectada. (...) O YouTube é uma nova arena global onde a opinião pública é formada e expressa (STRANGELOVE, 2010, p. 155-156, tradução nossa¹⁰⁵).

Embora determinados elementos dessa perspectiva possam ser contestados nos dias de hoje – a formação de bolhas de opinião (PARISER, 2011), por exemplo,

¹⁰⁴ No original: “The sharing of content enhances connectedness between people and also helps many acquire a (global) stage for public viewing. More than anything, cultural content – whether text, music, or videos – draws out opinions on what people like and dislike, what they covet or loathe, what interests them and what does not” (VAN DIJCK, 2013, p. 35, grifos do autor).

¹⁰⁵ No original: “YouTube is a fierce battleground over public opinion and over the legitimacy of various groups and beliefs (...). The YouTube community is a politically engaged and consequential community. Both organized groups and isolated individuals try to undermine their religious or political opponents through all manner of videos that ‘speak’ to each other and the wired global village. (...) YouTube is a new global arena where public opinion is formed and expressed” (STRANGELOVE, 2010, p. 155-156).

pode ser um empecilho para o real *debate público* no sentido de contato entre pessoas com posicionamentos políticos distantes (ver capítulo 3) – nos parece que grande parte desse potencial político-pedagógico permanece inscrito na plataforma e na cultura do YouTube. Strangelove (2010), por exemplo, destaca o potencial emancipatório contido na própria possibilidade de (a) debater política (b) num meio audiovisual (c) utilizando *discurso vernacular*, ou seja, linguagem cotidiana, não demasiadamente complicada ou acadêmica. O autor entende que o debate político no YouTube consiste numa espécie de *conversação pública* entre “vozes que não são normalmente ouvidas na representação midiática de massa da sociedade civil” (STRANGELOVE, 2010, p. 144, tradução nossa¹⁰⁶), referindo-se literalmente aos recursos discursivos empregados, apropriados e modificados livremente pelos usuários/produtores de conteúdo da plataforma.

Para além da expressão e disseminação de pontos de vista, o YouTube pode ser um espaço para o estabelecimento, manutenção ou expansão de laços sociais. Entre os inúmeros canais de comentário político, há aqueles que promovem relações de solidariedade e resiliência entre suas audiências: Samantha Lux, por exemplo, é uma jovem trans que usa seu canal para refletir criticamente sobre vídeos ou discursos transfóbicos, simultaneamente buscando *educar* (promover seu ponto de vista sobre o assunto) e *apoiar* pessoas que podem se sentir ofendidas ou desrespeitadas por esses vídeos ou discursos. É nesse sentido que Burgess e Green (2009b, p. 77, tradução nossa¹⁰⁷) afirmam que “a cultura popular comercial às vezes pode ser literalmente tão constitutiva da cidadania cultural quanto o espaço da política formal, especialmente para mulheres, pessoas *queer* e minorias raciais ou étnicas”, grupos cuja participação na produção e circulação de conteúdo midiático foi historicamente suprimida ou invisibilizada. De modo semelhante, Strangelove (2010, p. 9, tradução nossa¹⁰⁸) observa que, “quando audiências assistem e contribuem para o YouTube, elas estão participando de uma forma milenar de poder de representação – o poder de contar suas próprias histórias”.

¹⁰⁶ No original: “voices that are not normally heard in mass media’s representation of civil society” (STRANGELOVE, 2010, p. 144).

¹⁰⁷ No original: “commercial popular culture can sometimes be literally as constitutive of cultural citizenship as the space of formal politics, especially for women, queers, and racial or ethnic minorities” (BURGESS; GREEN, 2009b, p. 77).

¹⁰⁸ No original: “When audiences watch and contribute to YouTube they are participating in an ancient form of representational power – the power to tell their own stories” (STRANGELOVE, 2010, p. 9).

A princípio, essa asserção do potencial emancipatório do YouTube permitiria entrever na plataforma a consecução mais próxima do ideal vattimiano de proliferação de visões de mundo (VATTIMO, 1990), conforme detalhado no capítulo 2: com critérios ostensivamente democráticos de acesso a um espaço virtualmente ilimitado de produção e circulação de conteúdo, uma infinidade de grupos e comunidades teoricamente pode compartilhar e promover suas visões de mundo distintas em pé de igualdade. Por outro lado, ainda que o acesso tenha sido flexibilizado, é importante manter em mente que as plataformas digitais ainda exercem poder significativo sobre a *visibilização* desse conteúdo, tipicamente de acordo com seus interesses comerciais. Também conforme detalhado no capítulo 2, os algoritmos são potentes formas de mediação da realidade *online*, fornecendo *feeds* personalizados de acordo com as preferências individuais (conscientes ou não) de cada usuário e agindo para maximizar a capacidade da plataforma de monetizar sua atenção. Assim como ocorre em outras plataformas, van Dijck (2013) identifica a *popularidade* como um elemento crucial na lógica algorítmica do YouTube, com a substituição de conceitos qualitativos (relacionamentos com graus variáveis de proximidade) por valores quantificáveis (números de inscritos por canal e de curtidas por vídeo); nesse sentido, o autor aponta para uma problemática fusão das ideias de “conexão humana e conectividade automatizada” (VAN DIJCK, 2013, p. 13, tradução nossa¹⁰⁹). Além disso, a própria quantidade de canais distintos trabalha para fragmentar a atenção – quantos canais uma mesma pessoa pode acompanhar? A quantas visões de mundo ela pode subscrever, ou mesmo apoiar?

As perguntas não se encerram aí. Se no YouTube convivem aspectos potencialmente emancipatórios ou antissistema e aspectos que perpetuam lógicas muito mais antigas de comercialização e manipulação de atenção, quais aspectos predominam? Quem vence esse cabo de força pela alma da plataforma? Felizmente, não cabe a este trabalho investigar as complexidades e sutilezas do YouTube como um todo; no que diz respeito a essas questões, seguimos van Dijck em sua avaliação de que tanto a teoria da convergência de Jenkins (2006), que enfatiza o potencial emancipatório das novas mídias, quanto a abordagem mais pessimista da economia política, que foca na concentração de capital e poder nas plataformas digitais, evidenciam apenas *facetas distintas*, ainda que dissonantes e contraditórias, do

¹⁰⁹ No original: “human connectedness and automated connectivity” (VAN DIJCK, 2013, p. 13).

mesmo objeto. É na confluência dessas facetas, entre a comercialização e o potencial de emancipação, que atuam os novos produtores de conteúdo.

Segundo Burgess e Green (2009a),

as práticas e identidades associadas à produção e ao consumo de cultura, a empreendimentos comerciais e não comerciais, e a profissionalismo e amadorismo interagem e convergem de novas maneiras. (BURGESS; GREEN, 2009a, p. 90, tradução nossa¹¹⁰)

Assim, para além do debate sobre a dicotomia entre *usuário* e *produtor de conteúdo* (seja superada no contexto da cultura participativa, seja reafirmada pelo foco crescente em aspectos da lógica de *broadcasting*) os autores apontam para o surgimento de uma nova classe de *vloggers empreendedores*, que operariam na fronteira entre a exploração comercial da plataforma e a expressão genuína de pontos de vista pessoais ou grupais (BURGESS; GREEN, 2009a). Entre essas figuras – ou melhor, entre sua versão contemporânea, os *influenciadores digitais* – passaremos a tratar daquelas que se voltam para questões *políticas e sociais*, refletindo sobre o papel político-pedagógico que desempenham em suas respectivas comunidades. Entre elas, destacaremos Rita von Hunty, cujo canal, o *Temporo Drag*, é objeto deste estudo.

5.1.2 As potencialidades político-pedagógicas do YouTube: dos influenciadores digitais aos produtores de conteúdo progressistas

Ainda que o potencial econômico ou mercadológico dos influenciadores digitais seja o mais visível e discutido na atualidade, é preciso lembrar que o mecanismo central do *influenciar* é apresentar um *modelo de comportamento* que pode ser emulado pela audiência (seja na prática, seja na fantasia) em determinado aspecto de sua vida. Dadas as particularidades técnicas e culturais do YouTube, descritas acima, o resultado disso vem sendo a ascensão de uma miríade de sites, canais e perfis com as mais diferentes temáticas e enfoques – padrão de alimentação, rotina de exercícios, técnicas de maquiagem, dicas de leitura, sexo e relacionamentos, etc. Assim, nos arriscamos a dizer que, muito mais que influenciar as pessoas a

¹¹⁰ No original: “the practices and identities associated with cultural production and consumption, commercial and non-commercial enterprise, and professionalism and amateurism interact and converge in new ways” (BURGESS; GREEN, 2009a, p. 90).

comprar produtos ou serviços, os influenciadores digitais podem levar as pessoas a comprar *ideias*, incluindo – e é aqui que estreitaremos nosso foco – *posicionamentos políticos*. Ao falar deste tema, devemos partir de uma distinção importante entre o influenciador digital que *assume ou promove* posições políticas (recebendo ou não pagamento para tanto) e o influenciador digital que *produz ou dissemina, primariamente*, conteúdo sobre política.

No contexto de crescente polarização política que se tem percebido não só no Brasil, mas em diversos outros países (em especial, os Estados Unidos), não é de se surpreender que os influenciadores digitais tenham se manifestado politicamente – seja por iniciativa própria, seja por pressão de suas audiências. No Brasil, lembramos o caso de Felipe Neto, um YouTuber que se alçou ao estrelato com vídeos cômicos para o público infanto-juvenil (apenas no YouTube, são mais de 40 milhões de inscritos), mas que vem se posicionando cada vez mais explicitamente contra a ascensão do bolsonarismo (ZACCARO, 2020). Ainda que a recepção dessa postura tenha sido variada (especialmente em função do passado de Neto, julgado como apolítico ou reacionário durante grande parte de sua carreira *online*), a vastidão da audiência do influenciador vem lhe conquistando algum reconhecimento de mídias mais tradicionais: em maio de 2020, ele participou do *Roda Viva*, um dos mais antigos e renomados programas de debates da televisão brasileira.

Num nível mais amplo, e de modo diretamente relacionado à consolidação e continuidade da cultura de cancelamento (ver capítulo 4), influenciadores digitais vêm recebendo cobranças de suas audiências para tomar determinadas posições sobre determinados assuntos, do mais genérico (apoiar um candidato em vez de outro) ao mais específico (promover e/ou se educar sobre determinada causa ou movimento social). Em dezembro de 2020, Camila Coutinho, uma das primeiras influenciadoras de moda do Brasil (KARWAHI, 2016), publicou um vídeo em seu Instagram compartilhando sua experiência com essa realidade. No vídeo, intitulado *Preciso me posicionar sobre tudo?*, Coutinho diz que não se sente à vontade para comentar sobre um assunto sobre o qual não têm um mínimo de propriedade, afirmando que é inviável posicionar-se sobre absolutamente todos os assuntos que estão em voga na internet em todos os momentos.

Ainda que o fenômeno da cobrança de influenciadores e celebridades seja um tema bastante relevante (que, aliás, pretendemos abordar em estudos futuros), nosso interesse aqui se volta para aqueles influenciadores que efetivamente *produzem*

conteúdo político, dedicando-se primariamente a externalizar seus posicionamentos, apresentar pontos de vista diversos, e/ou promover debates sobre questões políticas e sociais. Nos Estados Unidos e no Brasil, dois países marcados por conjunturas políticas extremamente polarizadas, esse tipo de conteúdo vem adquirindo relevância crescente nos últimos anos, notavelmente com a explosão de canais de YouTube voltados à extrema-direita. Especialistas ouvidos pelo jornal *The New York Times*, por exemplo, sugeriram que o YouTube teve um papel significativo na ascensão do radicalismo à direita nos Estados Unidos ao combinar “um modelo de negócios que recompensa vídeos provocantes com exposição e verbas publicitárias, e um algoritmo que orienta os usuários por caminhos personalizados para mantê-los colados às telas” (ROOSE, 2019, s/ p., tradução nossa¹¹¹). Uma análise do *The Intercept Brasil*, por sua vez, evidenciou que canais de extrema-direita brasileiros experimentaram um *boom* de popularidade durante o período eleitoral de 2018, com canais como *Folha Política* e *O Giro de Notícias* recebendo milhões de visualizações – segundo a publicação, muito em função do destaque que lhes foi dado por um dos sistemas de recomendação do YouTube (GHEDIN, 2019).

Ainda que as publicações supramencionadas sugiram que os sistemas de recomendações do YouTube (e os interesses comerciais que os sustentam) estão entre os principais responsáveis pela ascensão do extremismo *online*, devemos observar que o valor científico dessa asserção é disputado na academia, não menos porque se trata de um fenômeno recente e inacabado. Se, por um lado, Ribeiro et al. (2020) dão certo respaldo à ideia de um *caminho de radicalização* (*radicalization pipeline*) em espaços digitais, Munger e Phillips (2019) propõem um modelo que dá mais ênfase à lógica de oferta e demanda, vendo no YouTube um espaço propício para que produtores de conteúdo extremistas encontrem audiências *já* socialmente alienadas. Contudo, o que nos interessa nessa discussão não é propriamente a relação específica entre o YouTube e o florescimento de conteúdo extremista, mas sim, a noção de que *a existência de um caminho de radicalização no YouTube, não obstante sua validade teórica, é uma narrativa (midiática) consolidada*. É essa narrativa que vem motivando o surgimento de YouTubers *anti*-extremistas, que usam

¹¹¹ No original: “by combining two things: a business model that rewards provocative videos with exposure and advertising dollars, and an algorithm that guides users down personalized paths meant to keep them glued to their screens” (ROOSE, 2019, s/ p.).

a linguagem da plataforma (e dos próprios radicais) para desradicalizar outros usuários (ROOSE, 2019).

Um grande exemplo desse movimento é Natalie Wynn, uma ex-doutoranda de filosofia que resolveu criar vídeos no YouTube para combater noções equivocadas ou falsas sobre ideias progressistas. O nome de seu canal, *ContraPoints* (que se tornou uma alcunha da própria criadora), já remete a seu propósito central: propor *contrapontos* a discursos extremistas e reacionários sobre questões como socialismo, racismo, feminismo e, em especial, transgeneridade (Wynn iniciou sua transição durante a trajetória do canal). Desde seu lançamento, em 2016, o canal acumulou mais de um milhão de inscritos e dezenas de milhões de visualizações; em 2020, ele recebeu o prêmio Streamy inaugural de melhor canal de comentário.

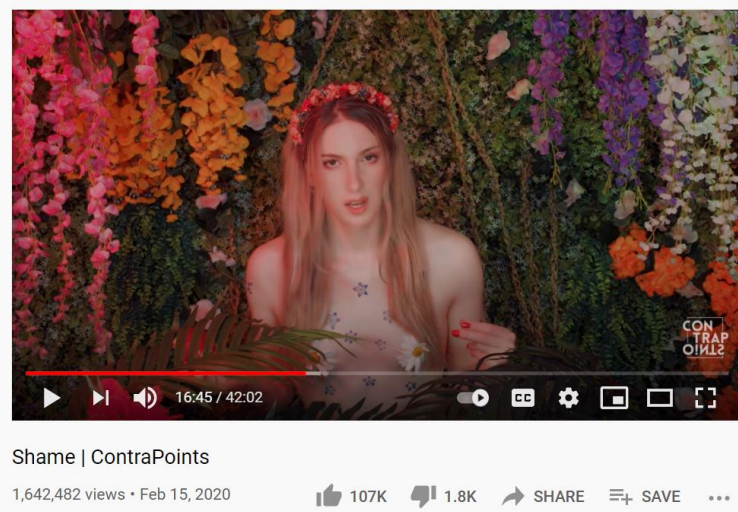
O trabalho de Wynn/ContraPoints – e de outros criadores, como D’Angelo Wallace, Steven Bonnell (*Destiny*) e Abigail Thorn (*PhilosophyTube*) – vem recebendo atenção na mídia estadunidense em função de seu papel na desradicalização de extremistas (ROOSE, 2019; HALL, BROWNSTEIN, 2019; ROBINSON, 2018; SINGAL, 2017; QUIRK, 2020). Entre os fatores apontados como cruciais para seu sucesso nessa empreitada, se destaca seu domínio das normas culturais preexistentes do YouTube,¹¹² como apelo à estética, linguagem acessível, e humor. Os vídeos de ContraPoints, por exemplo, são extremamente sofisticados, unindo uma estética elaborada, uma linguagem didática e um senso de humor ácido (em “*Are Traps Gay*”, ela comenta que não restringirá a liberdade de expressão de homens heterossexuais em seu canal – a não ser que ela receba críticas a sua maquiagem, que serão deletados) para apresentar ideias progressistas complexas de um modo atraente (Figura 3). A descrição do canal – *sexo, drogas e justiça social (sex, drugs, and social justice)* diz tudo: “do contexto da comédia a memes transfóbicos, ContraPoints está fazendo o aparentemente impossível: deixar debates políticos polêmicos e cheios de nuances *sexy* e envolventes” (HALL; BROWNSTEIN, 2019, s/p., tradução nossa¹¹³). É essa combinação de fatores que leva pessoas como Caleb Cain, um jovem estadunidense que entrou numa espiral de vídeos de extrema-direita

¹¹² Em 2009, esse domínio da lógica e da linguagem do YouTube já era apontada por Burgess e Green (2009a), como fator importante para o sucesso na plataforma.

¹¹³ No original: “From the context of comedy to transphobic memes, ContraPoints is doing the seemingly impossible: making nuanced and controversial political debates both *sexy* and engaging” (HALL; BROWNSTEIN, 2019, s/p.).

a partir de 2015, a reexaminar, questionar e abandonar suas crenças a partir de vídeos de ContraPoints (ROOSE, 2019).

Figura 3 – Captura de tela do vídeo *Shame*, de ContraPoints



Fonte: *ContraPoints*/YouTube.

Para os fins deste estudo, ressaltamos que *evitar dogmatismo* é outro ponto importante da cartilha de ContraPoints: conforme observado por Robinson (2018), seus vídeos frequentemente incluem críticas à esquerda, seja por suas fantasias utópicas, seja por sua dificuldade de promover diálogo produtivo, seja por sua incapacidade de vender melhor suas ideias. Diversos vídeos incluem representações de pessoas conservadoras sem transformá-las, automaticamente, em objeto de piada ou humilhação; no vídeo “*Transtrender*”, por exemplo (Figura 4), Wynn promove num debate entre três personagens de diversas posições ideológicas (todos interpretados por ela), nenhum dos quais sai totalmente vitorioso ou totalmente vencido ao final. Nesse sentido, ContraPoints demonstra uma humildade rara, dispondo-se a reconhecer que não sabe tudo, que também está aprendendo, e, talvez sobretudo, que quer *engajar* sua audiência sem *pregar* para ela.

Figura 4 – Captura de tela do vídeo “Transtrenders”, de ContraPoints



Fonte: *ContraPoints*/YouTube.

Destacamos *ContraPoints* não apenas por seu *status* emblemático nas atuais guerras culturais do YouTube, mas também pelas diversas semelhanças (pelo menos superficiais) entre o canal de Natalie Wynn e o de Rita von Hunty. A seguir, explicitaremos essas semelhanças, traçando um breve perfil do canal *Temporo Drag* e sua conversão em uma ferramenta pedagógica da esquerda brasileira, antes de passar à análise de conteúdo propriamente dita do canal. Para tanto, recorreremos a entrevistas e outros materiais documentais disponíveis sobre a história e a evolução do *Temporo Drag*, partindo da figura que se tornou sinônimo do canal: sua apresentadora, Rita von Hunty.

5.1.3 Rita von Hunty e o *Temporo Drag*: da cozinha à sala de aula¹¹⁴

Rita von Hunty é o nome artístico de Guilherme Terreri Lima Pereira, um ator e professor paulistano de 30 anos que começou a fazer *drag* em 2013. Em alguns curtos anos, Rita participou da primeira temporada da websérie *Academia de Drags* (2014), apareceu em rede nacional no programa Xuxa Meneghel (2015), e abriu shows para *drag queens* internacionais, como Willam e Jinkx Monsoon (JORNAL DO

¹¹⁴ A partir desta seção, faremos diversas referências a vídeos publicados no canal *Temporo Drag*, incluindo citações diretas e indiretas. Como esses vídeos compõem o objeto de nossa pesquisa empírica (e a título de síntese), omitiremos as referências do corpo do texto, deixando o endereço digital de cada vídeo nos Apêndice A, B e C.

CAMPUS, 2015). Nessa época, ainda que o trabalho de Rita pareça ter se voltado mais para as apresentações típicas de *drag* (performances em casas noturnas com dublagem e coreografia) que à discussão de questões políticas/sociais, já se podem ver fortes traços de sua estética e persona atuais.

Figura 5 – Rita von Hunty



Fonte: Juliana Meres/Jornal do Campus.

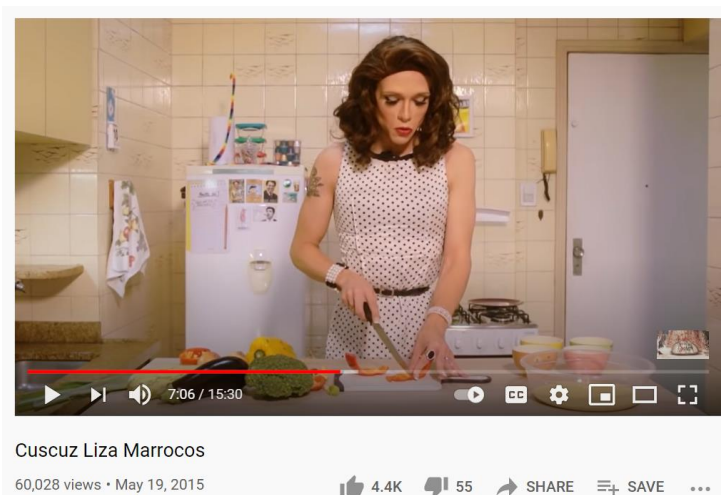
Em *Academia de Drags*, Rita cita como referências Sophia Loren, Betty Boop e Carmen Miranda; ícones de sensualidade de décadas passadas, com um pé na elegância clássica e outro no *sex appeal* moderno – numa entrevista em 2020, ela citaria também Rita Hayworth e Dita von Teese (PÕE NA RODA, 2020). Seguindo essa linha, sua estética incorpora elementos da moda dos anos 1950 a 1970, dos mais conservadores (vestidos poá, fascinadores, colares, leques, como na Figura 5) aos mais ousados (corseletes e vestidos curtos inspirados no *pin-up*).

A persona de Rita, marcada por uma dicção perfeita, um tom de voz agudo, e um forte sotaque, remete a uma tradicional dona de casa de classe média, numa “paródia escrachada do comportamento das elites conservadoras” (JORNAL DO CAMPUS, 2015, s/ p.). Nas palavras de Terreri, “esse humor mordaz, que machuca, me interessa muito. O Gil Vicente falava que através do riso se critica a moral, se criticam os costumes. E eu sempre achei que ele estava muito certo, que o riso é uma arma política fortíssima” (TERRERI apud JORNAL DO CAMPUS, 2015, s/ p.). Essa sátira do conservadorismo brasileiro se transformaria num diferencial importante de Rita quando, em 2015, ela aceitou um convite de funcionários de uma produtora de

vídeos para estrelar um projeto audiovisual *online* (JORNAL DO CAMPUS, 2015); ela sugeriu um programa de culinária vegana.

Nasceu então o conceito original do *Tempero Drag*. Munida de seu senso de humor ácido e frequentemente acompanhada por convidados (entrevistadas durante o processo à *la Ana Maria Braga*), Rita ensinaria os espectadores a executar receitas veganas em vídeos com roteiro improvisado, filmados na cozinha de sua casa com uma equipe pequena. O primeiro vídeo nessa linha, *Cuscuz Liza Marrocos* (Figura 6), foi publicado em 19 de maio de 2015; o último, *Rita Bonita Brownie com Marcos Souza – Bakeoff Brasil*, foi publicado em 27 de fevereiro de 2018.

Figura 6 – Captura de tela do vídeo *Cuscuz Liza Marrocos*



Fonte: *Tempero Drag*/YouTube.

Com conteúdo culinário como esse, o *Tempero Drag* atingiu sucesso relativamente modesto em seus primeiros anos de produção, com uma média de 28 mil visualizações por vídeo. A partir de meados de 2018, no entanto, diversos aspectos do canal passaram por mudanças que levariam as visualizações a saltar para as centenas de milhares.

Entre o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, e a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, os vídeos do *Tempero Drag* passaram a explicitar um tom mais nitidamente político, mudança humoristicamente sinalizada pela incorporação de mensagens e ímãs (*#FicaDilma*, *#ForaTemer*) na geladeira da cozinha de Rita. O conteúdo culinário foi gradualmente substituído por vídeos dedicados a explicar ou comentar, inicialmente de forma resumida, questões políticas e sociais correntes,

começando pela série *Rita em 5 minutos*, de 2018. É muito interessante, aliás, observar como esse processo de transição foi comunicado (ou melhor, *narrado*) em tela: no primeiro *Rita em 5 minutos*, sobre redes sociais, um breve esquete mostra que a cozinha de Rita está em reformas, obrigando-a a ir para a sala e “gravar vídeo militando”. A partir de então, grande parte dos vídeos do canal seriam ambientados não na cozinha (espaço privado, tradicionalmente reservado à mulher), mas na sala de estar (onde os homens tradicionalmente conversariam sobre política e questões *públicas*) (Figura 7); mais tarde, Rita passaria a gravar em outros cenários, como um escritório, um estúdio de gravação e, mais recentemente, sua biblioteca pessoal (Figura 8), evidenciando ainda mais sua crescente ênfase em conteúdo intelectual. Assim, aproveitando uma audiência já estabelecida (à época, com menos de 50 mil pessoas), o *Tempo Drag* se converteu de canal de culinária em canal de educação política – e Rita, eventualmente, de dona de casa conservadora a professora de ciências humanas (PÕE NA RODA, 2020). Seu novo bordão? “Eu preciso que você entenda”.

Figura 7 – Captura de tela de vídeo do *Tempo Drag* ambientado na sala de estar de Rita



Fonte: *Tempo Drag*/YouTube.

Figura 8 – Captura de tela de vídeo do *Tempero Drag* ambientado na biblioteca de Rita



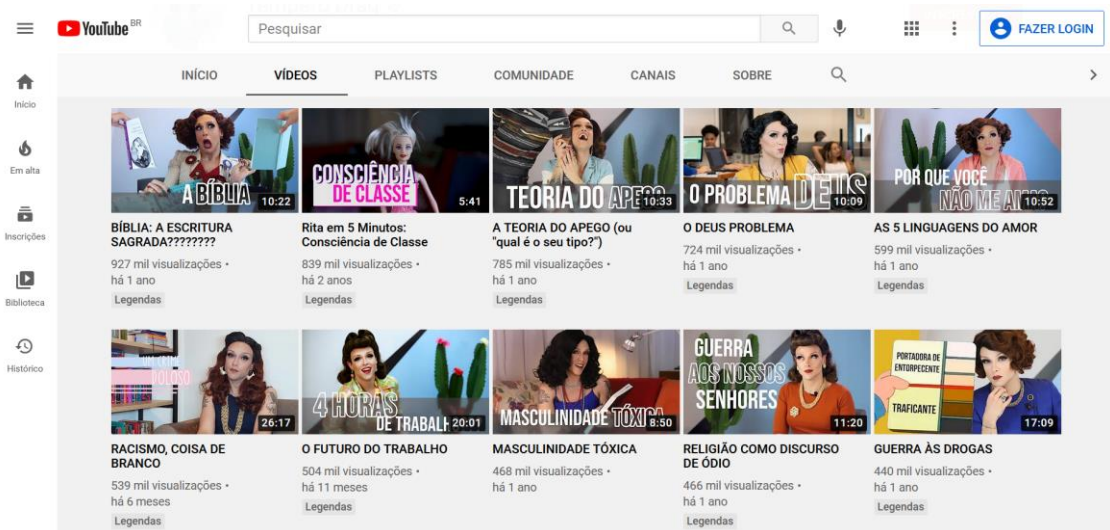
Fonte: *Tempero Drag*/YouTube.

Devemos destacar que essa guinada política do *Tempero Drag* (assim como seu conteúdo culinário anterior) tem muito a ver não só com Rita, mas com Terreri, que é graduado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Em entrevista à *Claudia*, ele comenta que a nova fase de Rita fez com que a separação entre artista e personagem se tornasse cada vez mais tênue: “Costumo dizer que, agora, as opiniões são do Guilherme, e a Rita é a forma de apresentá-las” (TERRERI apud PAIVA, 2019). Nesse sentido, ao unir sua formação intelectual militante à estética *drag*, Terreri conseguiu criar e ocupar um nicho na mídia progressista brasileira: para além de seu sucesso no YouTube, Rita acabou sendo convidada a produzir conteúdo para publicações consagradas, como a *Le Monde Diplomatique*, a *Piauí*, a *Carta Capital* e a *Revista CULT*. Em uma entrevista de 2020, o próprio Terreri comenta que foi nessa época (2018-2019) que ele realmente sentiu que tinha atingido sucesso (BATISTUTI, 2017).

Frente ao sucesso do *Rita em 5 minutos*, em 2018 (cada um dos 26 vídeos foi visto por, em média, 203 mil pessoas) o *Tempero Drag* acabou se dedicando quase inteiramente ao conteúdo político. A partir de 2019, os vídeos se tornaram mais longos, mais aprofundados, focando ora em questões mais correntes (*VESTIBULAR PARA XS TRANS*, *O CANUDO DE PLÁSTICO NÃO É SEU INIMIGO*, *ESSA AMAZÔNIA NÃO É NOVIDADE*), ora em questões mais gerais (*IDEOLOGIA*, *FELICIDADE*, *ESTEREÓTIPO*), ora na obra de determinados autores e ativistas

(*BRECHT E O NOSSO TEMPO*, a série *MULHERES FODA*). A Figura 9 dá um indício preliminar da diversidade de assuntos tratados nesses vídeos.

Figura 9 – Captura de tela da lista de vídeos publicados no canal *Tempero Drag*



Fonte: *Tempero Drag*/YouTube.

Aqui, julgamos interessante traçar uma breve comparação entre o *Tempero Drag* e o *ContraPoints*, canal de YouTube citado anteriormente. À primeira vista, os canais e suas respectivas locutoras são bastante semelhantes: nos dois casos, uma pessoa progressista, com educação superior em ciências humanas, produz conteúdo para o YouTube a título de educação ou discussão política, entendendo esse esforço como uma forma de militância mais efetiva que a reflexão acadêmica. Basta assistir a alguns vídeos dos dois canais, no entanto, para observar que as semelhanças acabam aí. Rita (ou melhor, seu intérprete, Terrerri) é um homem gay cisgênero que alega usar *drag* para satirizar normas em torno da discussão de assuntos políticos e sociais sérios; Wynn, por sua vez, é uma mulher transgênero lésbica que usa elementos de *drag* para atrair atenção para seu conteúdo, revestindo seus argumentos numa estética visual altamente elaborada. Rita e Terrerri geralmente não apresentam perspectivas ou opiniões que divergem da sua, chegando a comentar que Rita acaba se tornando uma extensão de Terrerri a partir da ênfase em questões políticas e sociais. Wynn, por sua vez, cria e interpreta personagens com posicionamentos diversos, chegando a promover debates entre eles sem um vencedor claro. Essa diferença parece estar relacionada diretamente com o fato de

que Wynn, conforme mencionado acima, trabalha principalmente para *desradicalizar extremistas de direita*, enquanto Rita fala predominantemente para pessoas que *já são progressistas/de esquerda*. Isso fica evidente no vídeo *FURANDO A BOLHA feat. Rita von Hunty (Tempero Drag) | feat 011*, gravado para o canal *Tese Onze*, em que Rita e sua amiga e colega, Sabrina Fernandes, rejeitam a ideia de bolha de opinião como falsa e explicam que moderar um discurso político para que ele atinja mais pessoas significa ser cooptado pela lógica do sistema (capitalista). Essas diferenças permitem entrever elementos importantes do discurso adotado no *Tempero Drag*, que servirão de arcabouço para nossa investigação empírica.

Ao posicionar-se explicitamente como uma *comunicadora progressista* disposta a produzir *conteúdo* online sobre uma *ampla multiplicidade de causas* para uma *audiência que compartilha, de modo geral, seu posicionamento político*, e em função de sua visibilidade relativamente alta – no momento de nossa medição (2 de janeiro de 2021), o *Tempero Drag* contava com cerca de 687 mil inscritos no YouTube, e Rita, cerca de 523 mil seguidores no Instagram – Rita von Hunty e seu *Tempero Drag* surgem como um caso interessantíssimo para os fins deste estudo. Nesse sentido, nosso interesse é verificar até que ponto o canal pode ser considerado um exemplo do fenômeno que é objeto desta dissertação (o ideal do bom ativista nas redes progressistas *online* no Brasil), e de que maneira a dinâmica teorizada (de cobrança e exigência de adesão) opera em seu conteúdo.

5.2 METODOLOGIA

Enquanto a primeira parte desta dissertação teve caráter eminentemente *teórico* (ver capítulos 2 a 4), o restante deste capítulo focará na realização de uma pesquisa *empírica*, entendida aqui como uma pesquisa “dedicada a trabalhar a parte da realidade que se manifesta empiricamente e é, por isso, mais facilmente manejável” (DEMO, 2000, p. 37). Para Jensen (2002),

desenhar um estudo empírico é identificar e delimitar uma parte da realidade – que deve ser examinada com referência a um propósito teoricamente informado, ou conceituação, e de acordo com um procedimento sistemático de coleta de dados e análise. (JENSEN, 2002, p. 237, tradução nossa¹¹⁵).

¹¹⁵ No original: “to design an empirical study is to identify and delimit a portion of reality – which is to be examined with reference to a theoretically informed purpose, or conceptualization, and according to a systematic procedure of data collection and analysis” (JENSEN, 2002, p. 237).

Como a anterior, esta etapa será predominantemente *qualitativa*, embora assinalemos que, em determinados momentos (especialmente nas etapas iniciais da pesquisa), nos atentaremos também para dados quantitativos. Nesse sentido, partimos do entendimento de Flick (2008) de que, em função da “mudança social acelerada e a conseqüente diversificação das esferas de vida” (FLICK, 2008, p. 21) na contemporaneidade, a abordagem qualitativa triunfa ao proporcionar a sensibilidade, a profundidade e a flexibilidade necessárias para abarcar os novos objetos de estudo. Ainda conforme Flick (2008), a pesquisa qualitativa é marcada por seu objetivo, que reside

menos em testar aquilo que já é bem conhecido (por exemplo, teorias já formuladas antecipadamente) e mais em descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente fundamentadas. Além disso, a validade do estudo é avaliada com referência ao objeto que está sendo estudado, sem guiar-se exclusivamente por critérios científicos teóricos, como no caso da pesquisa quantitativa. (FLICK, 2008, p. 21).

Nesse sentido, nossas inferências devem ser entendidas, primeiro, como pertinentes exclusivamente ao caso em tela (visto que dificilmente poderemos generalizar nossas considerações a todos os espaços de comunicação progressistas), e segundo, como um ponto de partida para estudos futuros, mais aprofundados e mais representativos da realidade empírica do fenômeno estudado.

5.2.1 *Objetivos*

Partindo dos objetivos mais amplos desta dissertação (ver capítulo 1), estabelecemos dois objetivos para esta etapa da pesquisa: primeiro, *avaliar a ocorrência do fenômeno teorizado (o ideal do bom ativista) em um caso específico de mídia progressista, o canal Tempero Drag*; e segundo, *refletir sobre os possíveis efeitos desse fenômeno, sugerindo indicadores e considerações de fundo para estudos futuros sobre o tema*. Em decorrência do primeiro objetivo, definimos também um objetivo secundário: *avaliar a ocorrência do fenômeno teorizado no caso ao longo do tempo, investigando a evolução no conteúdo do canal*.

Com esses objetivos em mente, escolhemos amparar nossa investigação no método de *análise de conteúdo*, entendida aqui como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

5.2.2 Procedimentos

Conforme Bardin (2011, p. 36), “não existe coisa pronta em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis”, o que exige a reinvenção constante do método. Nesse sentido, escolhemos e adaptamos os procedimentos de pesquisa de acordo com nossos objetivos e as particularidades de nosso objeto (um conjunto de vídeos disponíveis na internet), partindo do reconhecimento de que plataformas de autocomunicação de massa – inclusive aquelas onde o formato predominante do conteúdo é audiovisual – constituem um domínio passível de estudo por meio da análise de conteúdo.

Bardin (2011) estabelece três etapas básicas para a realização da análise de conteúdo: a *pré-análise*, a *exploração* dos materiais visando à obtenção de resultados (realizada por meio da aplicação de técnicas de análise específicas) e a formulação de *inferências* a partir desses resultados. Contudo, como detalharemos a seguir, rapidamente percebemos que a melhor forma de realizar os propósitos das primeiras duas etapas (preparar e explorar o material) seria *mesclá-las*, simultaneamente *seleccionando* os componentes do *corpus* e *categorizando-os* numa primeira fase de análise temática. Conforme Bardin (2011), essa técnica consiste numa modalidade de análise categorial que busca identificar os *núcleos de sentido* de cada documento para, posteriormente, categorizá-los, tendo como unidade de registro o *tema*, “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 2011, p. 135). A análise temática permitiu identificar não só quais vídeos discutem questões políticas e sociais (ou seja, compunham o *corpus*), mas também quais questões são discutidas, quantos vídeos discutem cada questão, e quantas questões são discutidas por vídeo, todas informações interessantes para nossos propósitos.

A partir dessa análise inicial, pudemos determinar a extensão do *corpus* e selecionar uma amostra para realizar uma análise mais aprofundada, centrada nas palavras e frases enunciadas nos vídeos. Para tanto, combinamos elementos das técnicas de *análise de expressão* e *análise de avaliação*, visando a investigar como Rita von Hunty interage com sua audiência (especificamente, se ela articula exigências e/ou apelos de mudança de comportamento) e de que maneira ela avalia os objetos de que fala (visto que a avaliação intensamente positiva ou negativa das questões discutidas pode ser compreendida como um incentivo ou rechaço implícito ou indireto a determinada atitude). Conforme Bardin (2011), a análise de expressão consiste numa técnica de análise de conteúdo que parte dos elementos formais do documento (em nosso caso, as palavras e frases enunciadas por Rita) para chegar aos seus elementos semânticos (a presença de exigências e/ou apelos de mudança de comportamento). Entre outras aplicações, trata-se de uma técnica particularmente indicada para analisar “discursos políticos ou os que são suscetíveis de veicular uma ideologia (retórica)” (BARDIN, 2011, p. 248). A análise de avaliação, por sua vez, “tem por finalidade medir as atitudes do locutor quanto aos objetos de que ele fala” (BARDIN, 2011, p. 203); no nosso caso, as questões políticas e sociais discutidas por Rita. Essa análise se ampara na avaliação da orientação (positiva/negativa) e da intensidade (intensa/intermediária/branda) da atitude do locutor. A seguir, detalhamos cada uma dessas etapas de pesquisa e seus respectivos resultados.

Em função de nosso interesse secundário na *evolução* da discussão de questões políticas e sociais no canal, optamos por analisar os vídeos de cada recorte em ordem cronológica, buscando evidências de como o conteúdo se modificou ao longo do tempo.

5.3 ANÁLISES TEMÁTICAS

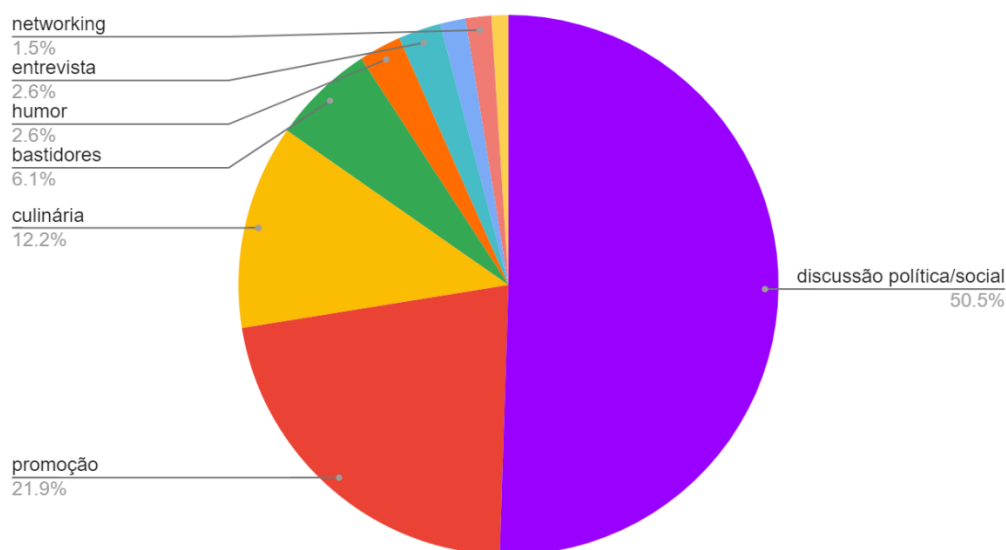
Dado nosso interesse no conteúdo político/social propriamente dito discutido no *Tempero Drag*, resolvemos selecionar o *corpus* com base no critério de *pertinência*, ou seja, “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2011, p. 128). Nesse sentido, decidimos excluir todos os vídeos dedicados a culinária e qualquer outro conteúdo que não *primariamente* voltado à discussão de questões políticas e

sociais, esforço que somente foi possível por meio de uma análise temática inicial de todos os 196 vídeos.

Para organizar a execução desse processo e sistematizar os dados encontrados, recorreremos à elaboração de um quadro (Apêndice A) que reúne os seguintes dados: número do vídeo em ordem cronológica (1-196), data de publicação, título, endereço, duração, número de visualizações, número de curtidas (*likes*), número de descurtidas (*dislikes*), número de comentários, tema e palavras-chave (comentado mais adiante). Os dados de engajamento (número de visualizações, número de *likes*, número de *dislikes*, número de comentários) foram colhidas em 2 de janeiro de 2021, enquanto a visualização dos vídeos e a análise correspondente ocorreram entre 11 de janeiro de 2021 e 17 de janeiro de 2021. A seguir, apresentamos as informações depreendidas dessa etapa, começando pelos temas identificados.

5.3.1 Identificação de temas (seleção de corpus)

Dos 196 vídeos produzidos pelo *Tempo Drag* entre 2014 e 2020, consideramos que 99 (50,5%) têm como tema primário a discussão de questões políticas/sociais, enquanto os 97 vídeos restantes (49,5%) cobrem outros temas diversos: 43 servem para promover o canal ou outros projetos de Rita (21,9%), 24 são vídeos culinários (12,2%), 12 permitem entrever os bastidores da produção do canal, inclusive para gerar afinidade com a audiência (6,1%), 5 são predominantemente vídeos de humor (2,6%), outros 5 consistem basicamente de entrevistas (2,6%), 3 são tutoriais de maquiagem (1,5%), outros 3 fomentam *networking* ou interação com outros criadores de conteúdo (1,5%) e 2 são vídeos de dança (1%). Esses dados estão apresentados no Gráfico 1 (que, para fins de visualização, omite as categorias minoritárias de maquiagem e dança da legenda).

Gráfico 1 – Prevalência de temas nos vídeos do *Temporo Drag*

Fonte: elaborado pelo autor.

A visualização dos vídeos e a identificação dos temas também permitiram estabelecer uma divisão *cronológica* na produção do *Temporo Drag*, cujas linhas gerais seriam confirmadas no vídeo *LIVE RITINHA 52K*, de 16 de abril de 2019. A *primeira temporada* do canal (publicada entre 2014 e 2015, aproximadamente), focou primariamente em conteúdo culinário (desconsiderando, evidentemente, vídeos promocionais gravados para promover os culinários). Essa ênfase continuou na *segunda temporada* (publicada entre 2016 e a primeira metade de 2018, aproximadamente), mas a equipe do canal começou a experimentar com novos tipos de conteúdo, como entrevistas e tutoriais de dança. Foi na *terceira temporada* (publicada entre a segunda metade de 2018 e o início de 2019, aproximadamente) que o conteúdo passou a ser quase exclusivamente político, com a publicação da série *Rita em 5 minutos*. O foco em questões políticas e sociais se manteve desde então, com a *quarta temporada* (publicada a partir de 2019) incluindo vídeos mais longos e aprofundados.

5.3.2 Identificação de palavras-chave (mapeamento de questões discutidas)

Imediatamente após determinar seu tema, os 99 vídeos que julgamos pertencentes ao *corpus* (categoria *discussão política/social*) foram submetidos a uma

segunda fase de análise temática, buscando identificar (a) *quais* questões políticas/sociais foram discutidas e (b) *em quantos vídeos* cada questão foi discutida. Além disso, atentamos especialmente para (c) vídeos em que se discutiu *mais de uma causa*, evidenciando, para além da multiplicidade de questões discutidas no canal, uma multiplicidade de questões discutidas no *mesmo vídeo*. A visualização e comparação sucessiva dos vídeos permitiu a identificação de 26 questões políticas/sociais que foram discutidas ao longo da trajetória do *Tempero Drag* (Quadro 5).

Quadro 5 – Palavras-chave que identificam as questões políticas/sociais discutidas no *Tempero Drag*

<i>ambientalismo</i>	<i>história</i>	<i>PCD</i> ¹¹⁶
<i>anarquismo</i>	<i>humor</i>	<i>política brasileira</i>
<i>capitalismo</i>	<i>judaísmo</i>	<i>relações/sociabilidade</i> ¹¹⁷
<i>ciência</i>	<i>LGBT+</i> ¹¹⁸	<i>religião</i>
<i>classe</i>	<i>linguagem</i>	<i>saúde</i>
<i>colonialidade/decolonialidade</i> ¹¹⁹	<i>marxismo</i>	<i>sistema prisional</i>
<i>cultura</i>	<i>MST</i> ¹²⁰	<i>tecnologia</i>
<i>fascismo</i>	<i>negritude</i>	<i>trabalho</i>
<i>gênero</i>	<i>ódio</i>	

Fonte: elaborado pelo autor.

Aqui, algumas ressalvas importantes se fazem necessárias: primeiro, levamos em consideração apenas a(s) questão(ões) que consideramos *central(is)* de cada vídeo, visto que Rita frequentemente traça paralelos, oferece exemplos, faz brincadeiras, ou se refere brevemente diversas questões de modo secundário (principalmente no que diz respeito à *política brasileira* e a grupos minorizados, como *gênero*, *negritude* e *LGBT+*). Embora entendamos que referências pequenas como essas podem conter exigências (inclusive impensadas) cuja identificação ajudaria na

¹¹⁶ Pessoas com deficiência.

¹¹⁷ Concernente a relacionamentos interpessoais (especialmente amorosos) e sociabilidade humana.

¹¹⁸ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero e outras denominações pertinentes a grupos minorizados de sexualidade e/ou gênero.

¹¹⁹ Concernente ao debate sobre os reflexos epistemológicos do colonialismo em antigas colônias (colonialidade) e o movimento que se construiu em contraposição a eles (decolonialidade ou estudos decoloniais). Conforme Santos (2018, p. 3), “o decolonial seria a contraposição à “colonialidade”, enquanto o descolonial seria uma contraposição ao “colonialismo”; “mesmo com a descolonização, permanece a colonialidade”.

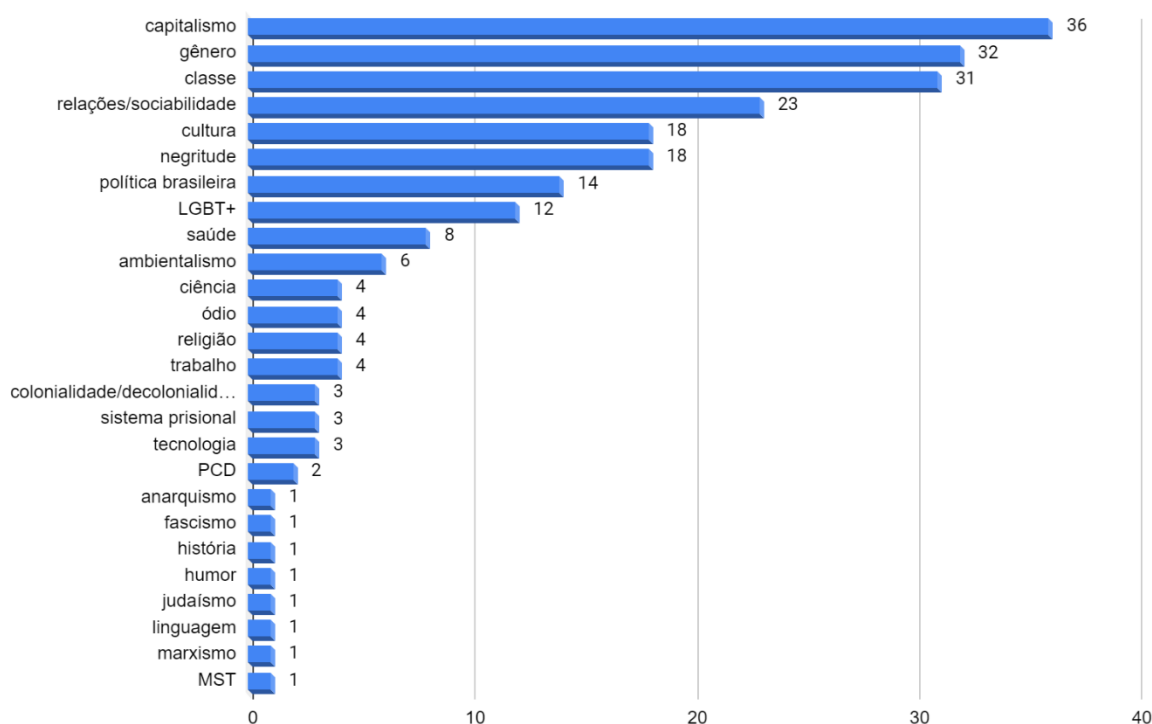
¹²⁰ Movimento Sem Terra.

consecução de nossos objetivos, preferimos levá-las em consideração apenas na posterior etapa de análise de expressão, equilibrando nossa necessidade de identificar as exigências com nossa necessidade anterior de identificar os temas de modo minimamente produtivo. Mesmo assim, como detalharemos a seguir, consideramos que a grande maioria dos vídeos trata de duas ou mais questões políticas/sociais, de modo que preferimos nos referir a essas questões como *palavras-chave*, e não propriamente categorias temáticas – que, para Bardin (2011), devem ser mutuamente excludentes.

Segundo, antecipamo-nos à argumentação de que diversas das palavras-chave apresentadas poderiam ser sintetizadas numa única denominação, seja pela realidade fática (*LGBT+* poderia englobar determinadas questões de *gênero*, como transgeneridade), seja por pressupostos teóricas (*capitalismo*, *marxismo*, *trabalho* e *classe* poderiam tender a estar agrupados), seja pelas considerações de Rita (*capitalismo* poderia ser encontrado em *ambientalismo*, *relações/sociabilidade*, *cultura*, etc.). Nossa análise nesse sentido foi cuidadosa (passando, inclusive, por procedimentos repetidos de leitura de anotações e consolidação de palavras-chave), e asseveramos que as palavras-chave indicadas denotam questões que, embora muitas vezes, relacionadas, são tratadas separadamente em um ou mais vídeos. Por exemplo, o vídeo *INDÚSTRIA DO MEDO* aborda o papel do capitalismo no sistema prisional, sem falar explicitamente da relação entre o sistema prisional e a negritude; os vídeos *AI, NÃO ACREDITO!* e *UM BANHEIRO PARA AS TRANS?*, por sua vez, tocam em pontos de divergência ou conflito entre gays e mulheres em geral e entre mulheres trans e mulheres cis, respectivamente, justificando a aplicação das palavras-chave *LGBT+* e *gênero* em ambos.

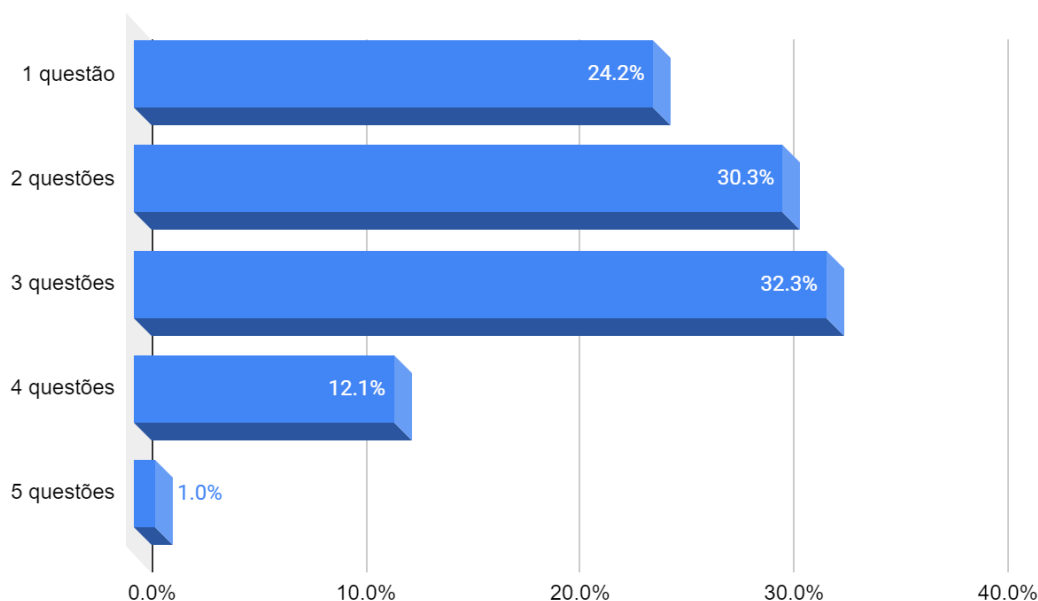
Discutidos esses pontos e identificadas *quais* as questões discutidas, passamos a examinar *quantos* vídeos discutem cada uma das questões acima arroladas (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Recorrência de questões políticas/sociais discutidas nos vídeos do *Tempero Drag*



Fonte: elaborado pelo autor.

A análise demonstrou que oito questões foram discutidas em mais do que 10% dos vídeos analisados nesta etapa: *capitalismo* (36 vídeos), *gênero* (32 vídeos), *classe* (31 vídeos), *relações/sociabilidade* (23), *cultura* (18 vídeos), *negritude* (18 vídeos), *política brasileira* (14 vídeos) e *LGBT+* (12 vídeos), enquanto dez outras questões (*saúde*, *ambientalismo*, *ciência*, *ódio*, *religião*, *trabalho*, *colonialidade/decolonialidade*, *sistema prisional*, *tecnologia*, e *PCD*) foram discutidas em mais do que dois vídeos. Finalmente, oito questões (*anarquismo*, *fascismo*, *história*, *humor*, *judaísmo*, *linguagem*, *marxismo* e *MST*) foram discutidas em apenas um vídeo. Além disso, esta etapa permitiu identificar que a grande maioria dos vídeos analisados (75,8%) discutiu *duas ou mais questões políticas/sociais* (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Quantidade de questões discutidas por vídeo no *Tempo Drag*

Fonte: elaborado pelo autor.

Para além dos dados quantitativos provenientes da análise temática, assistir a todos os vídeos do canal em ordem cronológica permitiu acrescentar alguns aportes qualitativos a este estudo, auxiliando-nos a expandir nossa compreensão da trajetória do canal (descrita sumariamente acima) e contribuindo para o desenvolvimento da etapa de análise de expressão e avaliação (descrita a seguir). Esses aportes se concentram em três pontos interrelacionados: (a) como discussões sobre questões políticas/sociais se tornaram o tema primário do canal, substituindo a culinária, (b) como a persona de Rita von Hunty, sua apresentadora, evoluiu à medida que essa transição temática se deu; e (c) como Rita e o restante da equipe do canal reagiram ao seu sucesso crescente – e às expectativas crescentes de sua audiência.

A visualização dos vídeos permitiu identificar que referências a questões políticas/sociais surgiram e aumentaram gradualmente ao longo da trajetória do canal, aparecendo primeiro em brincadeiras (no título de *Telegrama Truqueiro #RitaFica #NãoVaiTerGolpe*, publicado em 1º de abril de 2016, e no esquete humorístico *Operação Lava-Prato*, publicado em 28 de maio do mesmo ano), em sutis mudanças na abertura dos vídeos (que passaram a citar “problematizar no Facebook” como um passatempo de Rita, além de incluir afirmações aleatórias como “o crime é produto dos excessos sociais”), e em perguntas feitas a convidados (Rita discute questões LGBT+ com Regina Volpato e conversa com as *drag queens* Hidra e Musa Von Carter

sobre a interação entre pobreza e criminalidade, por exemplo). Aos poucos, a persona de Rita von Hunty adquiriu novos matizes: de uma sátira de dona de casa conservadora que adere ao veganismo, mas abusa sua criadagem, ela começou a apresentar aspectos de real preocupação social – um processo que, conforme outros vídeos atestam, não pode ser descolado nem da pessoa que criou e interpreta Rita, Guilherme Terreri, nem das mudanças em curso na conjuntura política brasileira na segunda metade dos anos 2010.

Em *De Cara Limpa com Dacota Monteiro*, publicado em 14 de março de 2018, Guilherme e sua amiga, a também *drag queen* Dacota Monteiro, discutem sobre a crescente fusão entre as personas *drag* e as personas de seus criadores: Terreri diz ter “certeza que a gente já não tem mais artista, assim, artista enquanto uma instituição artística que independa da pessoa” – um sentimento que terá eco mais tarde, na entrevista de *Claudia* citada acima (PAIVA, 2019), em que ele observa a crescente proximidade entre Rita e sua persona *out of drag*. Essa fusão, ou indefinição, entre as duas personas fez com que questões políticas, muito caras a Terreri, passassem a se fazer presentes com cada vez mais proeminência em seu trabalho artístico como Rita. Em *LIVE RITINHA 52K*, vídeo publicado em 16 de abril de 2019, é Guilherme que aparece para comemorar a marca de 52 mil inscritos no canal, fazendo uma retrospectiva interessantíssima de sua evolução e compartilhando as decisões que o levaram a se tornar um canal de discussão política/social:

talvez lá em 2014, falar sobre veganismo era um ato revolucionário, mas agora a gente [a equipe do *Tempero Drag*] sente que não trazer nossos diálogos, nossas inquietações ao YouTube, seria falso, seria (...) leviano.

Sua amiga e produtora do canal, Carol Perroni (conhecida no *Tempero Drag* como Roxelly), concorda, e expressa uma percepção muito positiva da evolução temática do canal: “a gente encontrou nosso nicho”; “a gente tá fazendo um serviço muito melhor hoje em dia”.

Em *DELIVERY DE CONHECIMENTO*, publicado em 3 de março de 2020, mais detalhes emergem sobre a motivação da guinada no conteúdo do canal: Rita/Terreri¹²¹ explica que foi motivado a produzir o primeiro vídeo propriamente

¹²¹ Como nosso objetivo aqui é explicitar como a persona Terreri guiou a evolução temática do conteúdo apresentado por Rita, fazendo referência a suas experiências pessoais, julgamos pertinentes refletir esta amalgamação em nossa identificação de quem fala.

político, *Rita em 1min: Apolíticos*, de 14 de setembro de 2017, depois de ouvir colegas da faculdade manifestando desinteresse em relação à política brasileira (à época, dominada pela disputa eleitoral entre Dilma Rousseff e Aécio Neves¹²²). Nas palavras de Rita/Terreri,

[d]esse momento, eu decido reverter a plataforma para este caminho porque eu percebo que é gritante o grau de despolitização no qual a gente chegou, de não perceber que tudo no nosso cotidiano é política. (...) Então, é a partir daí que a gente decide que a gente vai falar única e exclusivamente sobre política no canal, sem falar exatamente sobre política no canal, e a gente começa falando sobre redes sociais, padrão de beleza, monogamia (...) pra que as pessoas comecem a perceber que tudo isso está permeado e existe um pano de fundo que é única e exclusivamente político.

Foi nesse sentido que o *Temporo Drag* lançou *Rita em 5 minutos*, uma série de 26 vídeos, publicados ao longo de 2018, que discutem diversas questões políticas, sem falar exatamente em política, de maneira rápida e relativamente didática.

O didatismo e a acessibilidade passariam a ser preocupações centrais de Terreri nessa nova fase: em *LIVE RITINHA 52K*, publicado após o fim do *Rita em 5 minutos*, ele relata ter medo de o canal “ficar um pouco acadêmico demais” e afirma que a sua “ideia é poder discutir as coisas aqui, ‘na mesa do bar’, pra que todos participem dessas discussões” (grifo de Terreri). Nesse sentido, ele rejeita o “pedantismo acadêmico” e o uso de palavras rebuscadas, considerando a produção acadêmica voltada para o consumo da própria academia sua “cruz”: para ele, “a gente precisa produzir para quem está aqui fora”, na sociedade em geral. Aqui, é importante observar que o canal já se encontrava em sua quarta temporada, e que a duração e a profundidade dos vídeos estavam em vias de aumentar significativamente; enquanto apenas 10% dos vídeos publicados entre o início de 2019 e *LIVE RITINHA 52K* totalizavam mais de dez minutos de duração, essa proporção aumentaria para 67,6% entre os vídeos publicados entre *LIVE RITINHA 52K* e o final de 2019. A inclusão cada vez maior de referências teóricas e a ênfase em pedagogias de autonomia, ambos discutidos em *DELIVERY DE CONHECIMENTO*, indicam que o canal optou por aprofundar suas discussões, ainda que o didatismo e a acessibilidade linguística (supostamente) continuavam a ser aspectos importantes na produção de conteúdo.

¹²² Rita/Terreri deixa claro que esse episódio ocorreu “antes de 2015”, mas não explica por que o vídeo resultante só foi publicado em setembro de 2017.

No entanto, o processo de politização do *Temporo Drag* não se deu sem percalços. No vídeo *DELIVERY DE CONHECIMENTO*, um dos últimos a revelar os pensamentos (e sentimentos) por trás da produção do conteúdo, Rita/Terreri assume um tom de desabafo em relação a cobranças que teriam sido formuladas por sua audiência a partir da popularização do canal, entre 2018 e 2019. Segundo ele, as exigências de produzir vídeos com mais frequência, comentando sobre episódios recentes da política brasileira ou discutindo determinada questão específica, eram impossíveis de atender sem sacrificar a qualidade do conteúdo – e, crucialmente, seu propósito, que passou a ser enunciado com mais clareza. Em suas palavras,

Nunca foi minha intenção vir [para o YouTube] dar a minha opinião sobre alguma coisa, chegar aqui e falar ‘eu acho’, ‘eu penso’, ‘eu imagino’, e eu sempre procurei (...) falar sobre coisas que eu estudo, ou estudei, ou sei um pouquinho sobre.

Nesse sentido, o propósito do canal seria a produção e circulação de *conhecimento*, entendido como “uma crença verdadeira e justificada”, o que requer “que a gente faça pesquisa, (...) tenha acúmulo teórico, (...) tenha empirismo na realidade, (...) discuta com os nossos pares”, permitindo tempo para “maturação”, sem esquecer que “todo conhecimento é também um modelo provisório” sujeito a atualizações. Rita/Terreri sustenta que “nunca foi meu intuito vir pra cá tecer um comentário político” ou fazer “*delivery* de conhecimento”; em vez disso, seu objetivo é promover *educação* política, evitando tornar o conhecimento um “produto” a ser transferido:

educar é construir um ambiente onde o conhecimento possa ser produzido, circulado, apreendido, criticado, debatido, e é isso que eu proponho aqui, (...) deixando as referências, os *links*, os materiais, pra que vocês possam ler e se tornar multiplicadores, assistir e se tornarem críticos, debater e se tornarem proponentes de novas realidades.

Rita/Terreri também rebate a exigência de produtividade, dizendo que “é impossível que uma só pessoa dê cabo de todas essas facetas da realidade; é impossível ser um teórico a respeito de tudo”, e “quem se propuser a comentar tudo que está acontecendo vai fazer comentários rasos, que não saem do senso comum, ou então vai tornar o conhecimento simplista”. É por isso que uma “rede de apoio” seria tão importante: ele encerra o vídeo divulgando uma lista de 20 outros produtores de conteúdo progressistas e recomendando que sua audiência procure acompanhá-

los. Esse tipo de divulgação científica é recorrente, especialmente no último ano do canal; em 2020, o *Tempero Drag* publicou dois vídeos (*FALA CAMARADA!*, de 25 de fevereiro, e *FALA CAMARADA #2*, de 1º de julho) voltados especificamente à divulgação de outros canais de YouTube progressistas.

Em linhas mais gerais, no entanto, o desabafo enunciado em *DELIVERY DE CONHECIMENTO* nos lembrou de um vídeo mais antigo do canal, o *Rita em 5 minutos: Nota Dez*, publicado em 28 de agosto de 2018. Nele, Rita parte do programa de televisão *RuPaul's Drag Race* para criticar as exigências impostas e autoimpostas sobre as pessoas na contemporaneidade. Ao problematizar o bordão *in a world full of nines, be a ten* (num mundo cheio de 'noves', seja um 'dez'), da *drag queen* RuPaul Charles, Rita argumenta que ser um 'dez' em todos os aspectos da vida – profissional, pessoal, sexual, intelectual – é impossível, e que persegui-lo pode ser uma causa para os altos índices de depressão na atualidade. Rita chega, inclusive, a relacionar essa narrativa de busca constante pela perfeição ao capitalismo: “o capital e o mercado estão (...) fazendo uma festa em cima da nossa agonia, porque é muito interessante que você, ser humano único, corra atrás de 22 mil sonhos”. Além disso, tentar “abraçar o mundo com a perna” seria uma receita de fracasso: Rita aponta para o Império Romano, o Império Napoleônico e a Alemanha Nazista como exemplos disso, atribuindo sua ruína ao fato de que teriam se expandido para além do que conseguiam gerir. Ela conclui dizendo que “num mundo cheio de notas 2 e 3, um 4 já tá bom demais”.¹²³

As observações qualitativas acima nos permitiram avançar na consecução do primeiro objetivo que embasou esta pesquisa empírica, qualificando nosso entendimento da diversidade de questões políticas e sociais discutidas pelo *Tempero Drag* e da forma como esse conteúdo veio a ser trabalhado no canal. Resta averiguar se, e de que maneira, a audiência foi sujeita a *exigências*, diretas ou indiretas, em relação a essas questões.

¹²³ Essa afirmação, e o vídeo em geral, nos remetem fortemente às questões discutidas no capítulo 2 desta dissertação, no que diz respeito ao *burnout* como um fenômeno social típico do capitalismo tardio.

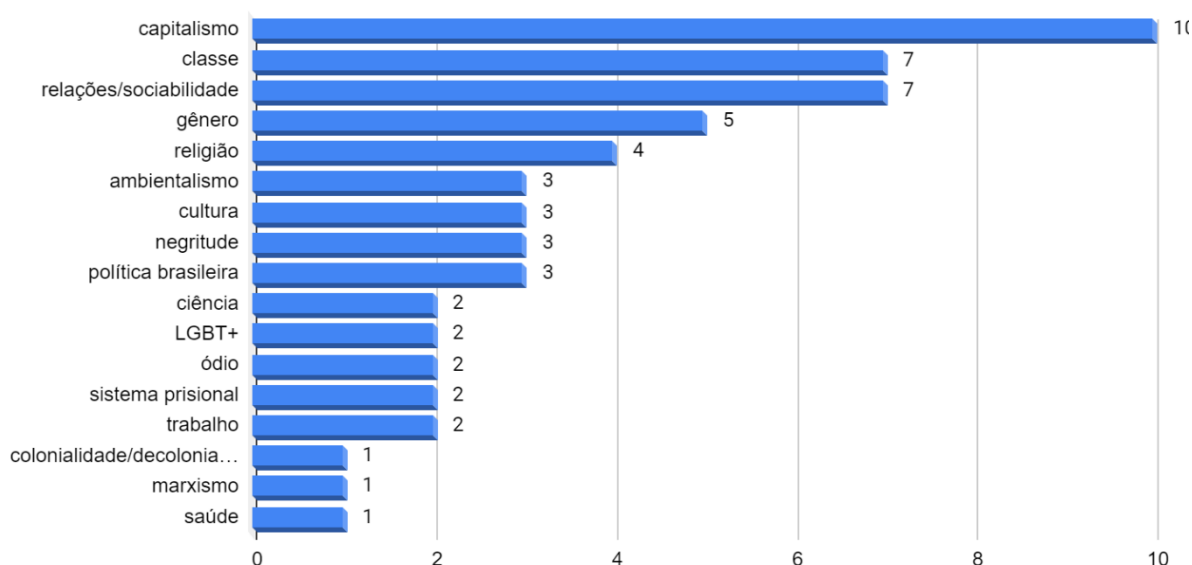
5.4 ANÁLISES DE EXPRESSÃO E AVALIAÇÃO

Após a realização da análise temática, submetemos uma amostra do *corpus* (ou seja, uma amostra dos 99 vídeos do *Tempero Drag* que discutem questões políticas/sociais) a uma *análise de expressão e avaliação*, visando a investigar como Rita von Hunty se dirige à sua audiência (com atenção especial para exigências diretas, tanto positivas quanto negativas) e como ela avalia as questões que discute (entendendo que essa avaliação pode carregar uma exigência indireta ou implícita). Para tanto, nos detivemos basicamente na identificação, avaliação holística e interpretação de dois indicadores lexicais: a estrutura sintática (como verbos nos modos imperativo ou subjuntivo ligados a verbos de ação) e a conotação das palavras (como adjetivos e substantivos que indicam a avaliação da locutora em relação ao objeto de sua fala).

Nossa análise se restringiu aos 25 vídeos de discussão política/social mais visualizados do *Tempero Drag*, organizados em ordem cronológica, conforme elencado no Apêndice B. Esta escolha se deu em função da necessidade de estabelecer um recorte pertinente e conveniente aos nossos objetivos de pesquisa (os 99 vídeos totalizam mais de 23 horas de gravações, exigindo uma quantidade proibitiva de transcrições e análises), da nossa preocupação implícita com o *impacto* das eventuais exigências sobre a audiência do canal (por isso, a escolha por estudar os vídeos mais visualizados), e ao nosso interesse em acompanhar a *evolução* das discussões realizadas pelo canal (e das eventuais exigências) ao longo do tempo.

No que diz respeito a dados quantitativos, verificamos que, das 26 questões tratadas ao longo dos 99 vídeos focados em discussão política/social, 17 questões são discutidas nos 25 vídeos mais assistidos (ou seja, uma amostra de 25% dos vídeos permite entrever como Rita trata de 65% das questões). O Gráfico 4 mostra a recorrência de cada tema nos vídeos que compõem a amostra.

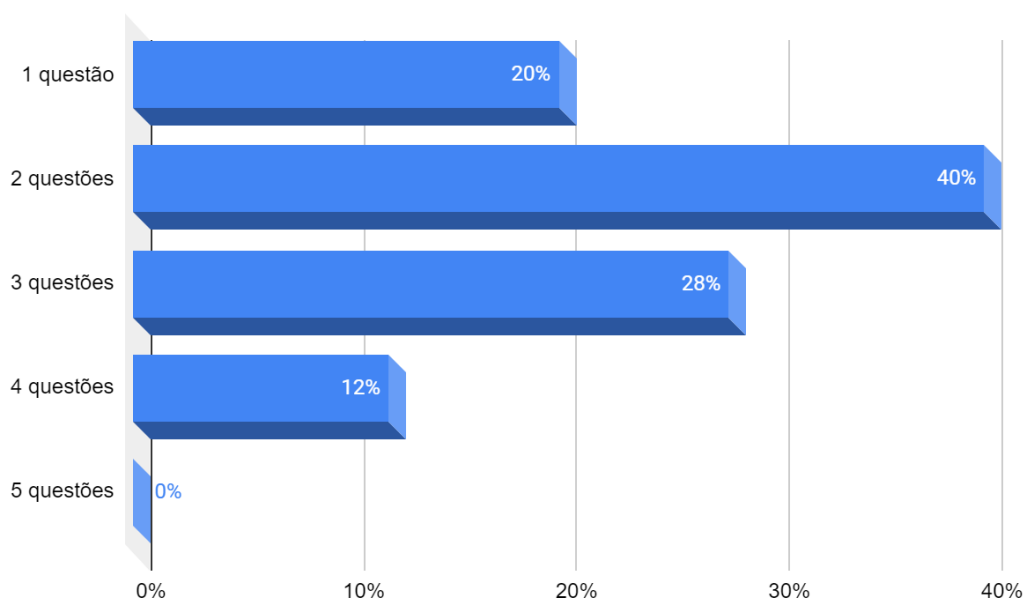
Gráfico 4 – Recorrência de questões políticas/sociais discutidas nos 25 vídeos mais assistidos do *Tempo Drag*



Fonte: elaborado pelo autor.

Avaliamos que, dos 25 vídeos mais vistos do canal, 10 discutem capitalismo (40%), 7 discutem classe (28%), 7 discutem relações/sociabilidade (28%), 5 discutem gênero (20%), 4 discutem religião (16%), 3 discutem ambientalismo, 3 discutem cultura, 3 discutem negritude, 3 discutem política brasileira, 2 discutem ciência, 2 discutem questões LGBTQ+, 2 discutem ódio, 2 discutem sistema prisional, 2 discutem trabalho, 1 discute colonialidade/decolonialidade, 1 discute marxismo, e 1 discute saúde. Além disso, 80% dos vídeos da amostra tratam de mais de uma questão (Gráfico 5); em média, cada vídeo trata de mais de duas questões.

Gráfico 5 – Quantidade de questões discutidas por vídeo nos 25 vídeos mais assistidos do *Tempo Drag*



Fonte: elaborado pelo autor.

Evidentemente, para muito além dos dados quantitativos, o conteúdo dos vídeos oferece um rico material qualitativo para a execução das análises. Para executar esta etapa, visualizamos novamente cada um dos 25 vídeos selecionados e nos debruçamos sobre suas respectivas transcrições, registrando nossos achados em fichas de análise, que se encontram, na íntegra, no Apêndice C. Apresentamos a seguir o roteiro utilizado (Quadro 6), destacando as quatro perguntas que se destinam especificamente aos propósitos das análises de expressão e de avaliação.

Quadro 6 – Roteiro para execução de análises de expressão e avaliação

Título:
Endereço do vídeo:
Data de publicação:
Número do vídeo:
Número de visualizações (e posição entre os 25 vídeos mais vistos):
Descrição [publicada em conjunto com o vídeo]¹²⁴:
Resumo [elaborado por nós]:

¹²⁴ Aqui, optamos por excluir as menções às redes sociais do *Tempo Drag* e/ou de Rita von Hunty, que se repetem em praticamente todas as descrições dos vídeos do canal, para deixar as fichas mais sintéticas e manuseáveis.

Palavra(s)-chave:***Como Rita se dirige à audiência?******A audiência é instada a fazer algo (exigência positiva)?******A audiência é instada a não fazer algo (exigência negativa)?******Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)?***

Fonte: elaborado pelo autor.

Durante o processo de análise (especificamente, a partir do vídeo *NARCISO E ECO*, o 11º a ser analisado), passamos a incluir mais um campo nas fichas, registrando as **referências** citadas por Rita no decorrer de cada vídeo.¹²⁵ Como detalharemos a seguir, essa inclusão se deu como parte de um esforço de análise para qualificar e contextualizar as exigências expressas por Rita; para os fins desse esforço, também identificamos as referências citadas nos dez vídeos anteriores a *NARCISO E ECO*.

Observamos que tanto a análise de expressão quanto a análise de avaliação pressupõem certo grau de subjetividade do analista em função das peculiaridades do objeto – no caso, Rita von Hunty recorre frequentemente a brincadeiras, piadas, sarcasmo e figuras de linguagem na construção de seus argumentos. Nesse sentido, nos amparamos em nossa experiência anterior com o material (nossa visualização de todos os 196 vídeos), considerando que temos uma noção razoável de como Rita (e Terreri) se expressa. Com esse ponto esclarecido, sintetizamos a seguir os resultados desse processo de análise, focando nas quatro questões formuladas especificamente para os fins da análise de expressão e avaliação. Comentaremos os resultados gerais e ressaltaremos determinados casos excepcionais que julgamos dignos de nota.

Em primeiro lugar, nos concentramos na forma como Rita se dirige à audiência, atentando para aspectos como a *construção da argumentação*, o *tom* adotado e o *vocabulário* escolhido. A seguir, registramos a ocorrência ou não de *exigências diretas*, entendidas como apelos a mudança comportamental explicitamente verbalizados por Rita von Hunty, que categorizamos em *positivas* (aquelas que exigem a *tomada* de determinada ação ou atitude) e *negativas* (aquelas que exigem a *cessão* de determinada ação ou atitude). Finalmente, passamos a nos concentrar nas *exigências indiretas*, ou seja, aquelas que podem ser depreendidas da

¹²⁵ Aqui, entendemos como *referências* autores e pensadores que ajudaram a *guiar ou fundamentar* as reflexões de Rita em cada vídeo, excluindo autores, pensadores e outras figuras a quem Rita se *opõe*. As razões para isso serão explicadas adiante.

forma como Rita avalia os objetos de que fala (por exemplo, uma intensa promoção ou condenação de determinada ação ou atitude). Ainda que esses dados tenham sido registrados nas fichas de análise, nosso processo de sistematização envolveu a adição de sete campos ao quadro que constitui o Apêndice B, permitindo a visualização do recorte no que diz respeito à construção da argumentação (clara/confusa), ao tom (calmo/agressivo/emotivo), ao vocabulário (acessível/pouco acessível/muito pouco acessível), à presença de exigências diretas positivas (sim/não) e negativas (sim/não) e à avaliação das questões discutidas (de orientação positiva/negativa/neutra e intensidade intensa/intermediária/branda).

Para fins de concisão, removemos determinados marcadores da oralidade ao transcrevê-las aqui; por exemplo, Rita tende a falar em períodos bastante longos, usando *né* para conectar uma sequência relativamente grande de orações. Nesses casos, buscamos remover os *né* e pontuar as orações da maneira que, em nossa avaliação, melhor representasse o pensamento da locutora.

5.4.1 Construção da argumentação

Ao comparar nossas anotações sobre a forma como Rita se dirige à audiência em cada um dos 25 vídeos analisados, avaliamos que, em sua grande maioria (22 dos 25 vídeos, ou 88%), a construção da argumentação é bastante clara e coerente. Os vídeos geralmente incluem sínteses ao final que ressaltam os principais pontos da discussão ou o objetivo de Rita ao desenvolvê-lo; além disso, as falas são pontuadas por brincadeiras, que chegam a incluir esquetes de vários minutos em alguns poucos vídeos (como em *ADORNO E A INDÚSTRIA DA CULTURA*, de 10 de dezembro de 2019). Há poucas ocorrências significativas de digressão (como em *AMOR NA PANDEMIA: PARTE 1*, de 26 de maio de 2020), de possível confusão ou contradição no raciocínio apresentado (como em *NARCISO E ECO*, de 8 de outubro de 2019), ou de erro fático (como em *VOLTEI! QUE HORAS SÃO?*, de 12 de novembro de 2019¹²⁶). Os assuntos costumam ser abordados de forma dialogada, com a formulação de perguntas retóricas e exemplos para guiar a compreensão da audiência.

No entanto, apesar de os vídeos serem geralmente bem-construídos, nossa análise nos levou a questionar a asserção de Rita de que ela promove *educação*

¹²⁶ Nesse vídeo, Rita afirma que uma maioria no Congresso é calculada a partir do número de partidos, e não do número de parlamentares.

política, pelo menos no sentido de *compartilhar verdades justificadas*. Ainda que ela deixe claro em diversos momentos que parte de uma tradição intelectual específica (os estudos culturais marxistas) e de uma posição política definida (eventualmente definida como ecossocialismo), Rita raramente chama atenção para as limitações dessas perspectivas ou agrega perspectivas distintas em seus vídeos (a não ser, é claro, para rechaçá-las), muito embora um de seus vídeos (*A REALIDADE É SUBJETIVA*, de 21 de janeiro de 2020) admita a subjetividade das lentes teóricas em ciências humanas. Além disso, algumas das colocações de Rita carecem de embasamento científico claro e/ou se amparam em dados anedóticos, incluindo argumentos relativamente simplistas sobre suas questões centrais. Essa tendência é visível em determinados vídeos sobre relacionamentos (*AMOR NA PANDEMA: PARTE 1*) e sobre religião (*FOCO, FORÇA, FÉ E FEUERBACH; BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA?????????*; *O DEUS PROBLEMA*; *RELIGIÃO COMO DISCURSO DE ÓDIO*).¹²⁷

No primeiro caso, é importante distinguir o exemplo citado dos vídeos em que Rita claramente pretende trazer perspectivas mais simples ou resumidas (como ocorre nos vídeos da série *Rita em 5 minutos* que focam em relações/sociabilidade) e daqueles em que ela apenas compartilha um aporte teórico/terapêutico, sem promovê-las como uma verdade a ser estudada e aprendida (como ocorre em *A TEORIA DO APEGO*, de 19 de julho de 2019, e *AS 5 LINGUAGENS DO AMOR*, de 22 de outubro de 2019). Em *AMOR NA PANDEMA: PARTE 1*, Rita expressa uma visão altamente negativa de aplicativos de relacionamento, encarando-os como “quase a faceta final da reificação da consciência” (ou seja, a “coisificação” das pessoas, em termos marxistas) e argumentando que as subjetividades contemporâneas “não são capazes de sustentar relações através do discurso, do diálogo, da interação, da troca de ideias”. Nesse sentido, ela considera inviável a condução de relacionamentos virtuais ou à distância durante a pandemia de COVID-19, dado que o “encontro físico, corporal, sexual” entre os parceiros é impossível (ou não-recomendado). Rita não cita dados científicos que embasem ou comprovem essa asserção e não abre espaço para outras realidades possíveis, descartando os

¹²⁷ Coincidentemente, como a própria Rita reconhece em *O DEUS PROBLEMA*, “Deus e amor” são os assuntos mais populares do *Tempero Drag*; quatro dos cinco vídeos mais vistos do canal são total ou parcialmente sobre *religião* e *relações/sociabilidade*.

aplicativos de relacionamento como produtos do capitalismo e da intrusão do mercado sobre a afetividade – uma visão deveras simplista.

Os vídeos religiosos citados sofrem de um problema parecido. Neles, Rita adota uma atitude altamente negativa em relação à religiosidade em geral, condenando a religião como um mero instrumento de dominação de classes (*FOCO, FORÇA, FÉ E FEUERBACH*) que mascara discursos de ódio (*RELIGIÃO COMO DISCURSO DE ÓDIO*) e inviabiliza o pensamento crítico (*O DEUS PROBLEMA*). Além disso, ela defendendo que o texto da Bíblia cristã, em especial, se resume em “mentiras” que não podem ou não deveriam ser usadas como referência, nem para a vida individual, nem para a vida em sociedade (*BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA????????*). Ainda que ela mencione que está tratando da religião como macroestrutura (*FOCO, FORÇA, FÉ E FEUERBACH*), e ainda que ela dê a entender que há pelo menos algum valor positivo nos ensinamentos bíblicos (*RELIGIÃO COMO DISCURSO DE ÓDIO*), nenhuma atenção é dada a possíveis benesses sociais da religiosidade, como elementos do texto bíblico que refletem qualidades ou atitudes socialmente positivas.

Para além desse simplismo que se reveste de ares de verdade absoluta, Rita incorre em erros fáticos e omissões que parecem demonstrar ou pouco conhecimento específico sobre o que está dizendo, ou uma atitude seletiva em relação aos fatos que lhe interessam mencionar. Ao contrário do que afirma em *BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA????????*, por exemplo, a Bíblia não foi escrita na Idade dos Metais, ou seja, entre 3000 a.C. e 1000 a.C.; o consenso acadêmico atual é que o Antigo Testamento foi escrito nos séculos VI a V a.C., enquanto o Novo Testamento, por óbvio, foi escrito depois de Cristo (EHRMAN, 1997; LIM, 2005). Mais curioso, no entanto, é o fato de que duas das maiores referências de Rita/Terreri, Paulo Freire e Terry Eagleton, foram profundamente influenciados pela fé cristã, uma realidade que Rita não reconhece, sustentando que “acreditar que existe uma força que tudo rege, tudo guia, e sabe o que é melhor pra você, nos tira da posição de indagadores do universo, inquisidores da realidade”. Rita não cita, por exemplo, que “Freire afirma que sua visão de mundo **inclui a crença em Cristo, em combinação com as leituras de Karl Marx**, (...) não dicotomizando jamais a transcendentalidade da mundanidade” (MARTINS, 2010, p. 67, grifos nossos), ou parece conhecer o potencial emancipatório da teologia da libertação. Rita também não dialoga com as críticas tecidas por Eagleton ao Novo Ateísmo desde a década de 2000. Em uma resenha de *Deus, um*

delírio, livro de Richard Dawkins que conclui que a crença em Deus em si é um delírio (e que defende ideias muito parecidas com as sustentadas por Rita), Eagleton chega a escrever uma frase que descreve bem a experiência de ouvir Rita falando sobre religião:

Imagine alguém discursando sobre biologia cujo único conhecimento do assunto é o Livro dos Pássaros Britânicos, e você tem uma ideia aproximada de como é ler Richard Dawkins sobre teologia. (EAGLETON, 2006, s/ p., tradução nossa¹²⁸).

5.4.2 Tom

Avaliamos que, na maioria dos vídeos (19 dos 25, ou 76%), Rita adota um tom bastante calmo e pacífico na exposição de seus pensamentos. Em geral, o recurso frequente ao deboche, traço perene da persona *drag* de Rita von Hunty, contribui para que os vídeos adquiram matizes de entretenimento, aliviando parte do peso do conteúdo tratado. No entanto, determinados vídeos apresentam particularidades importantes que merecem ser citadas, especialmente no que diz respeito à *agressividade* do deboche, que, por vezes, se materializa em escárnio, nojo e desconsideração, e à (por vezes correlata) expressão de *emoção*, que avaliamos como intimamente ligada ao grau de interesse ou paixão pelo tema discutido. Em dois vídeos, *AI, NÃO ACREDITO!* e *UM BANHEIRO PARA TRANS?* a própria Rita reconhece que está produzindo o conteúdo de um lugar de raiva (“pistolice”, em suas palavras), o que tem efeito direto sobre o tom adotado.

O primeiro exemplo desse tom mais agressivo se dá em *Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe*, de 6 de novembro de 2018. Nesse vídeo, o primeiro publicado após a eleição de Jair Bolsonaro à presidência, Rita inicia identificando sua audiência como progressista (“olá, amiguinho politizado”), mas logo depois se lança num ataque feroz contra “você pobre de direita ou classe média baixa que tem certeza que é rico”. Ela debocha desse interlocutor invisível (“Tudo que a gente tem na vida, anjo, é a nossa *força de trabalho* para vender”; “Vou dar até cinco segundos pra você se recompor do choque que foi esse vídeo”), formula perguntas retóricas em tom sarcástico (“Nós somos o oitavo melhor país para se morar? Nós somos o oitavo lugar

¹²⁸ No original: “Imagine someone holding forth on biology whose only knowledge of the subject is the Book of British Birds, and you have a rough idea of what it feels like to read Richard Dawkins on theology” (EAGLETON, 2006, s/ p.).

em educação? Em saúde? Em saneamento?”) e, talvez mais notavelmente, usa uma boneca que “acha que é uma Barbie” para simular a situação risível de seu alvo:

A gente, que sabe o que é uma Barbie, olha pra Roxellycsen e fala ‘Hihihi! Que ridícula ela se fazendo de Barbie’, e é mais ou menos isso que a *elite* sente quando olha para você, classe média, posando de rico, de hipster do Instagram.

Em *AI, NÃO ACREDITO!*, publicado em 11 de julho de 2019, Rita também adota um tom agressivo para responder a um comentário específico; desta vez, se trata de um inscrito gay (ou seja, um membro da audiência) que questiona a produção de conteúdo sobre mulheres no canal. Rita chama o autor de comentário de “palhaço” e “uma pessoa misógina e atrasada”, dizendo que ele foi “cooptado pela lógica” do oprimido que sonha em ser opressor, citando Paulo Freire. Em suas palavras,

quando você, viado, não aceita que a luta dos viados – todos eles, as lésbicas, os viados, as travestis, as trans – que a nossa luta é, sim, paralela à luta feminista, você acabou de se tornar um macho escroto.

Ao longo do restante do vídeo, o tom combativo permanece, com o uso frequente de perguntas retóricas sarcásticas:

Aí só rapidinho – você já ouviu falar de feminicídio? Você entende que o Brasil precisou que a Jandira Feghali ajudasse a redigir uma lei chamada Lei Maria da Penha porque somos um país que mais agride e mais mata mulheres no planeta? E você sabe que essas mulheres morrem nas mãos de seus companheiros, dos seus pais, (...) dentro de casa? **Esse dado está claro para você?** Que além de sermos o país que mais violenta e mata pessoas LGBT, nós também somos o país que mais violenta e mata mulheres. **E você está entendendo que os dados são congruentes? Que eles têm a mesma origem?** (grifos nossos).

Rita chega a corrigir a ortografia do comentário que critica, assinalando o uso equivocado de colchetes em lugar de parênteses (“não sei, acho que é matemático”) e de apóstrofe para marcar plural (“LGBT’s”, com apóstrofe, ‘s’, não sei por quê”) – reproduzindo, aliás, um comportamento que ela mesma havia condenado anteriormente, no vídeo *5 Minutos: Modos de Usar a Língua*, de 17 de julho de 2018. Mais que uma reprimenda intelectual, no entanto, a ideia geral é de uma *intervenção moral*:

O vídeo de hoje vai ser só sobre isso. Só porque é impossível que, em 2019, dentro de um canal que eu tô construindo há mais de, sei lá, quatro anos, de repente apareça uma pessoa que fale isso, e esse comentário passe sem que a gente se debruce sobre ele e fale: **demos errado como civilização, demos errado como comunidade, e demos errado como seres humanos.** (grifos nossos).

Para além desses casos – raros – de agressividade, também é importante ressaltar momentos em que Rita assume um tom mais *emotivo*, demonstrando um grau diferenciado de paixão pela questão discutida. Verificamos matizes disso nos vídeos *UM BANHEIRO PARA TRANS?*, em que Rita condena a expulsão de uma mulher trans de um banheiro feminino, e *Haverá Arte Depois do Coronavírus?*, em que ela lê um poema escrito por sua avó para assinalar a importância da arte na resistência e superação da barbárie. Contudo, em nossa avaliação, o exemplo mais marcante de emoção na voz de Rita se dá no vídeo *Racismo, Coisa de Branco*, de 19 de junho de 2020, no qual ela deixa transparecer uma forte reação emocional à questão discutida – provavelmente em função de seu aspecto de resposta à recente morte do menino Miguel.¹²⁹

No vídeo, um dos únicos do *Temporo Drag* endereçado a um público específico, Rita parte de um quase-diálogo com sua audiência branca, reproduzindo e respondendo a questionamentos hipotéticos de pessoas brancas com dificuldades para reconhecer seus privilégios. Suas falas são marcadas por raiva (“para encerrar o vídeo, antes que eu tenha uma úlcera (...) ou desista de fazer o que eu tô me pretendendo [sic] fazer aqui”), com nojo (“essa elite nojenta brasileira, racista”; “esse corrupto, esse nojento, esse crápula, esse salafrário”; “essa gente nojenta que se acha branca”, “aquela nojenta da Princesa Isabel”, etc.), e ilustra sua fala com colocações incisivas e irônicas, que conferem ainda mais força à sua exposição:

Eu não sei se sabem desse dado bizarro, né, mas depois que brasileiros começaram a ir para Portugal, as construtoras em Portugal estão construindo apartamento com quarto de empregada, um negócio que não existia lá, mas (...) a elite nojenta do Brasil, que está acostumada a ter a senzala anexada à casa grande, sonha, né, em ter o quatinho da empregada nos seus apartamentos.

¹²⁹ Em 2 de junho de 2020, Miguel Santana da Silva, filho de cinco anos da doméstica Mirtes Santana de Souza, caiu do nono andar do prédio residencial em que a mãe trabalhava, em Recife, após ser colocado no elevador por Sari Corte Real, patroa de Mirtes. Corte Real foi autuada em flagrante por homicídio culposo e liberada após pagar uma fiança de R\$ 20 mil; hoje, ela responde em liberdade por abandono de incapaz (ALVES, 2020).

Em determinados momentos, a emoção toma conta da fala de Rita; ela quase chora ao relatar que Sari Corte Real, responsável pela morte de Miguel, está sendo processada por homicídio doloso, comentando que “a gente tem uma mulher adulta que coloca um bebê de cinco anos de idade sozinho dentro de um elevador e aperta o nono andar, e ela não tem o dolo, ela não tem a vontade de matar essa criança”. Também é forte o relato pessoal de Rita sobre sua reação à notícia da morte de Miguel: “Eu cancelei todos os meus compromissos, eu voltei para cama e eu tentei fingir que eu não existia, que eu não morava no Brasil, que eu não estava vivendo essa realidade”. Essas expressões de emoção ajudam a conferir força ao vídeo, que já conta com uma exímia argumentação racional, complexificando uma atitude que, à primeira vista, pode parecer meramente agressiva em seu deboche.

5.4.3 Vocabulário

Em relação às palavras usadas por Rita, percebemos que, na maioria dos vídeos (16 dos 25, ou 64%), há, pelo menos, alguns termos que consideramos relativamente complicados – seja palavras rebuscadas ou estrangeiras, que poderiam razoavelmente ser substituídas por outras, mais acessíveis (“vocífera”, “profícua”, “concatenaram”, “*blockbusters*”, “*ipsis litteris*”, “*tête-à-tête*”, “*revival*”, “*hipster*”, etc.), seja conceitos cuja compreensão requer alguma bagagem teórica de antemão (“dogma”, “espólio”, “decodificação”, “salário máximo”, “*commodities*”, “transexualidade” vs. “cisgeneridade”, “fetiche da mercadoria” vs. “fetiche no sentido freudiano”, “fascista” vs. “neofascista”, etc.). Em alguns casos, Rita explica os termos (“oxímoro”, “reificação”, “politeístas”, “homoparticipativas”, etc.); a maioria das palavras, no entanto, é usada naturalmente, como parte da linguagem corriqueira de Rita, sem grandes esclarecimentos sobre seu significado.

É interessante observar que, ao longo de cada vídeo, não é raro que determinadas apareçam escritas na tela – geralmente, sílaba por sílaba – para ressaltar seu uso por Rita. Ainda que algumas das palavras que aparecem são relativamente acessíveis, a maioria pertence ao grau de complexidade mencionada acima.

5.4.4 Exigências diretas

Nosso estudo identificou exigências diretas (ou seja, pedidos expressos de mudança de comportamento direcionados à audiência, geralmente identificados pelo uso de verbos nos modos imperativo ou subjuntivo ligados a verbos de ação) em pouco mais de a metade dos vídeos analisados (13 de 25, ou 52%). Desses, 12 apresentam exigências positivas (pedidos para que a audiência tome determinada ação ou atitude), enquanto apenas dois (8% do recorte) apresentam exigências negativas (pedidos para que a audiência deixe de tomar determinada ação ou atitude). Ao analisar o conteúdo dessas exigências, consideramos que elas se concentram em dois eixos interrelacionados, a *convocação à educação* e a *convocação à ação política*.

Quadro 7 – Mapeamento de exigências diretas nos vídeos analisados

Data	Título	Foco e orientação da exigência		
		Educação	Ação política	Outro
18/09/18	<i>Rita em 5 Minutos: Monogamia</i>			Positiva
06/11/18	<i>Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe</i>	Positiva		
21/05/19	<i>BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA????????</i>	Negativa		
11/07/19	<i>AI, NÃO ACREDITO!</i>	Positiva	Positiva + Negativa	
24/09/19	<i>O DEUS PROBLEMA</i>	Positiva		
08/10/19	<i>NARCISO E ECO</i>	Positiva		
12/11/19	<i>VOLTEI! QUE HORAS SÃO?</i>		Positiva	
26/11/19	<i>RELIGIÃO COMO DISCURSO DE ÓDIO</i>		Positiva	
31/11/19	<i>DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL...</i>	Positiva		
14/01/20	<i>UM BANHEIRO PARA TRANS?</i>	Positiva		
28/01/20	<i>O FUTURO DO TRABALHO</i>	Positiva		
28/04/20	<i>LIBERDADE DE ESCOLHA</i>	Positiva		
19/06/20	<i>RACISMO, COISA DE BRANCO</i>		Positiva	

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme demonstrado no Quadro 7, avaliamos que oito dos 13 vídeos apresentam exigências que convocam à educação; três apresentam exigências que convocam à ação política, um apresenta exigências relacionadas aos dois eixos, e um apresenta exigências que não se relacionam à questão central nele discutida (especificamente, trata-se de um pedido por maior engajamento da audiência com os vídeos do canal). De acordo com nossos objetivos e interesses de pesquisa, excluímos este último das considerações a seguir.

Compreendemos como *convocações à educação* todas as exigências que orientam, solicitam ou cobram que a audiência se conscientize sobre determinada questão ou consuma determinado conteúdo educativo. Em *Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe*, por exemplo, Rita pede que a audiência “olhe para o lugar que vocês ocupam na sociedade e tentem entender de qual lado vocês deveriam estar da história”, enfatizando que “até que você desnude sua visão para entender quem é você na pirâmide social e qual classe você ocupa, o seu discurso será alheio, inclusive pra você mesmo”. Ela admite que este não é um processo fácil “porque muitas vezes, para que nos conscientizemos dos nossos [des]privilégios [sic], a gente precisa passar por uma dor”, mas que considera esse processo indispensável, desejando “boa dor, bom crescimento”. Esse discurso de *incentivo ao desnudamento da realidade* também aparece em outros vídeos: em *BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA????????*, Rita alerta que “a gente não deve olhar pra qualquer escritura (...) como qualquer coisa que não seja essa, um projeto de captura do espírito, de um tempo através de uma forma literária”. Em *O DEUS PROBLEMA*, Rita pede que seus espectadores “contestem as coisas, não aceitem que a realidade é. Percebam que as coisas estão, e se elas estão, elas podem ser alteradas”. Em *LIBERDADE DE ESCOLHA*, Rita faz “um pedido encarecido” para que sua audiência “assista [a] dois documentários e perceba a urgência da nossa escolha, que é escolher e construir um sistema que possibilite vida no planeta”.

Em determinados vídeos, Rita articula exigências em relação a como esse processo educativo deve se dar. Em *O FUTURO DO TRABALHO*, ela pede que as pessoas assistam ao vídeo e anotem as referências citadas à mão, em vez de pedir para que ela as deixe, por escrito, na descrição do vídeo (sarcasticamente, ela chega a pausar o vídeo para mostrar como se faz para conseguir anotar a referência). Mais tarde, em *LIBERDADE DE ESCOLHA*, ela reitera sua reprimenda (“(...) eu já gravei o vídeo, já editei o vídeo, já fiz a pesquisa e subi. Não custa nada você anotar, o bracinho não cai”¹³⁰) e conclui com uma exigência/ameaça feita em tom de brincadeira (“corre atrás de assistir os documentários e ler a referência bibliográfica senão vai ter chinelada na bundinha”).

¹³⁰ Esta fala é seguida diretamente pela inserção de um meme em vídeo que mostra um cavalo dando um coice, indicando que Rita ou a pessoa responsável pela edição percebem seu grau de agressividade.

Em *NARCISO E ECO*, Rita tece uma exigência mais substantiva em relação às referências (culturais e teóricas) que sua audiência deve usar. Além de pedir que a audiência busque se educar sobre estudos decoloniais (“se você nunca ouviu falar em estudos descoloniais [sic] eu preciso que você saia daqui para sua primeira pesquisa a respeito desse tema”), Rita replica a convocação de Lélia González de que “é preciso enegrecer as referências” (ou seja, usar menos autores brancos/estrangeiros, e mais autores negros/latino-americanos, para descolonizar o pensamento). Ainda que Rita mencione que o *Tempo Drag* também está num processo de enegrecer suas referências, nossa análise das referências citadas ao longo do recorte sugere que isto não se deu de fato. Antes da publicação de *NARCISO E ECO*, Rita cita uma estadunidense negra (Angela Davis) e um brasileiro branco (Paulo Freire); o restante de suas referências são pessoas brancas do Norte global (geralmente homens). Após a publicação de *NARCISO E ECO*, a quantidade de referências do Sul aumentou, mas as referências do Norte predominam e a representatividade negra continua praticamente nula: os únicos negros citados diretamente por Rita são pessoas que aparecem em um documentário a que ela assistiu. Em *RACISMO, COISA DE BRANCO*, o único vídeo a apresentar referências a autores negros em sua descrição, Rita só fala diretamente em obras de pessoas brancas.

Para além das recomendações de livros e filmes e das frequentes referências a autores, Rita incentiva sua audiência diretamente a consumir conteúdo de seus colegas, YouTubers progressistas. Em *DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL...*, ela pede

que vocês se apoderem e se apropriem dos vídeos produzidos pela Sabrina [Fernandes], uma das intelectuais que eu mais respeito nesse assunto, que vocês corram para o canal do Thiago [Ávila], e que a gente possa começar 2020 com um desejo real de mudança real.

Em *UM BANHEIRO PARA TRANS?*, ela pede que quem porventura não tenha se sensibilizado com o vídeo de uma mulher trans sendo arrastada para fora de um shopping assista aos vídeos de outras mulheres trans sobre o caso (Luiza Marilac, Maria Clara Spinelli e Magô Tonhon).

A ideia geral presente em todas essas convocações à educação, enunciada claramente por Rita no vídeo *DELIVERY DE CONHECIMENTO*, é que a audiência

use os vídeos do *Temporo Drag* como ponto de partida para sua própria jornada de aprendizado, seguindo a pedagogia da autonomia freireana. Nesse sentido, a promoção desse processo, o incentivo à divulgação científica como via de educação autônoma, seria um dos objetivos maiores do canal.

Contudo, Rita também deixa abundantemente claro que seu trabalho envolve a promoção de determinada práxis, rechaçando o academicismo e a falta de diálogo entre teoria e prática; por isso, vários de seus vídeos convocam mais diretamente à ação. Nesse sentido, compreendemos como *convocações à ação política* todas as exigências que incentivam, cobram ou promovem a tomada de determinada ação política ou a adesão a determinado movimento político (seja enquanto indivíduo, seja enquanto membro de um grupo ou organização), além de sugerir, estabelecer ou promover normativas em relação a como essa ação deve se dar ou como esse movimento deve se comportar. Ao final de *VOLTEI! QUE HORAS SÃO?*, por exemplo, Rita convoca a audiência a participar mais ativamente da política por meio de uma organização:

Nunca antes na história desse canal eu quis tanto que vocês soubessem que agora já é mais do que hora de vocês fazerem parte de um movimento social ou estarem ligados a um partido onde vocês possam estender, alongar e aprofundar as discussões que a gente tem por aqui. O cenário tá se acirrando e é muito importante que a gente tenha, agora, rede de apoio.¹³¹

Em *AI, NÃO ACREDITO!*, ao responder a um comentário que ela avalia como machista, Rita enuncia tanto uma diretriz de conduta individual, quanto uma diretriz para a condução das lutas de grupos minorizados:

Ao fazer um comentário desses, você precisa parar e se analisar, e não se deixar cooptar por uma lógica e uma cultura que é, sim, maior do que a gente, mas que **é nosso dever ser um movimento de contracultura, que é nosso dever se aliar às pautas feministas, e que é nosso dever, dentro dos nossos espaços e canais, ceder voz e dar espaço pra mulheres que nos apoiam e que caminham juntas conosco na luta contra a homofobia, a misoginia, o machismo, o racismo, todos os outros preconceitos que surgem do patriarcado e do capitalismo.** Pra encerrar, eu indico aqui a leitura de Angela Davis sobre mulher, sobre raça, e sobre classe, pra que a gente consiga **começar a alinhar os nossos discursos e perceber que as nossas lutas não podem se tornar segmentárias, fragmentárias, e dissidências [sic]. As nossas lutas têm que ser contra um inimigo comum.**

¹³¹ Esse sentimento encontra eco mais tarde, quando Rita promove uma vertente ecossocialista do PSOL (*DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL...*), ainda que não tenhamos considerado essa referência uma exigência propriamente dita.

Rita levanta essa bandeira novamente logo depois, em *RELIGIÃO COMO DISCURSO DE ÓDIO*, ao defender que, num cenário de crise como o que a política brasileira enfrenta, “a gente precisa ter muito evidente na cabeça quem somos nós e quem são eles, qual é a moral, a ética e os bons costumes deles e quais deveriam ser os nossos”. Nesse sentido, Rita prescreve a união, aparentemente das pessoas e dos movimentos progressistas, como caminho para o combate à direita religiosa: “nunca foi tão importante que a gente tivesse unido para que a gente aprendesse como agir em conjunto”.

Finalmente, *RACISMO: COISA DE BRANCO* contém uma das mais fortes convocações a ação política pessoal de todos os vídeos do *Tempero Drag*, partindo da asserção de Rita de que o objetivo do vídeo é exigir uma mudança de comportamento de sua audiência branca:

Eu tô falando tudo isso porque eu tô chula da vida de ver gente branca tirando o seu da reta e falando ‘eu não vou me meter, não é um assunto que...’ e é exatamente o assunto no qual você tinha que se meter, né, porque você é mais ou menos responsável pelo que está acontecendo, e sem que você se meta, advogue, se torne realmente um antirracista e não ficar apenas fazendo (...) postagem com *hashtag* na internet, a situação muda de forma muito mais difícil. A sua ação é necessária para que esse sistema mude.

Mais tarde, ao final do vídeo, Rita diz que espera

que esse vídeo sirva para alguma coisa, se você ainda faz parte de uma parcela da branquitude que nunca parou para pensar os seus privilégios, ou qual é o seu papel dentro do racismo estrutural. Enquanto a gente não mudar essa estrutura, e enquanto a gente não se valer das nossas posições para alterar o que acontece à nossa volta, para incluir, para agregar, para apoiar, para fomentar projetos, a gente nunca vai ver a barbárie da sociedade brasileira acabar.

De modo geral, embora as exigências diretas presentes nos vídeos do *Tempero Drag* sejam relativamente poucas, acreditamos que identificá-las permite entrever nuances importantes no pensamento de seus produtores e nas mensagens que eles produzem. Consideramos positivo, por exemplo, o baixo número de exigências negativas detectadas nos vídeos: Rita raramente formula seus argumentos de modo a condenar ou proibir determinada ação problemática (como, por exemplo, consumir produtos da indústria cultural ou permanecer num relacionamento monogâmico). Em vez disso, seu foco prioritário é pedir que a audiência reflita sobre

seu comportamento, educando-se a respeito de uma faceta supostamente oculta da realidade e/ou agindo politicamente para mudar essa realidade.

5.4.5 Exigências indiretas

Investigada a forma como Rita se dirige à audiência e mapeadas as exigências diretas presentes em suas falas, voltamo-nos às exigências *indiretas* ou *implícitas*, ou seja, aquelas que podem decorrer da avaliação que Rita faz das questões de que fala. Para determinar a *orientação* da avaliação (qualificada como positiva, negativa ou neutra) e a *intensidade* da avaliação (qualificada como intensa, intermediária ou branda), identificamos os principais *objetos de atitude* de cada vídeo, ou seja, “os objetos sobre os quais recai a avaliação” (BARDIN, 2011, p. 204), e realizamos uma avaliação holística dos termos e expressões avaliativos a eles relacionados. Os Quadros 8 e 9 sistematizam os resultados dessa análise.

Quadro 8 – Identificação e categorização das avaliações nos vídeos analisados

Vídeo	Objeto de Atitude	Orientação	Intensidade
<i>Rita em 5 minutos: Padrão de Beleza</i>	Padrão de beleza ocidental	Negativa	Branda
<i>Rita em 5 Minutos: Monogamia</i>	Monogamia	Neutra	Branda
<i>Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe</i>	Consciência de classe	Positiva	Intensa
<i>FOCO, FORÇA, FÉ E FEUERBACH</i>	Religião	Negativa	Intensa
<i>MASCULINIDADE TÓXICA</i>	Masculinidade tóxica	Negativa	Intensa
<i>BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA????????</i>	Religião	Negativa	Intensa
<i>INDÚSTRIA DO MEDO</i>	“Indústria do medo”	Negativa	Intensa
<i>AI, NÃO ACREDITO!</i>	Falta de solidariedade entre grupos minorizados	Negativa	Intensa
<i>A TEORIA DO APEGO (ou "qual é o seu tipo?")</i>	Teoria do apego	Positiva	Branda
<i>O DEUS PROBLEMA</i>	Religião	Negativa	Intermediária
<i>NARCISO E ECO</i>	Colonização do pensamento	Negativa	Intermediária
<i>AS 5 LINGUAGENS DO AMOR</i>	Teoria das cinco linguagens do amor	Positiva	Branda
<i>VOLTEI! QUE HORAS SÃO?</i>	[Estado do] sistema político brasileira (ver abaixo)	Negativa	Intermediária
<i>RELIGIÃO COMO DISCURSO DE ÓDIO</i>	Religião	Negativa	Intensa
<i>ADORNO E A INDÚSTRIA DA CULTURA</i>	Indústria cultural	Negativa	Intermediária

Vídeo	Objeto de Atitude	Orientação	Intensidade
<i>GUERRA ÀS DROGAS</i>	Guerra às drogas	Negativa	Intensa
<i>DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL...</i>	Desenvolvimento sustentável	Negativa	Intermediária
<i>UM BANHEIRO PARA TRANS?</i>	Transfobia no Brasil	Negativa	Intensa
<i>A REALIDADE É SUBJETIVA</i>	Noção da realidade como subjetiva e acessível pelas ciências humanas	Positiva	Intensa
<i>O FUTURO DO TRABALHO</i>	Condições atuais/futuras de trabalho	Negativa	Intensa
<i>HAVERÁ ARTE DEPOIS DO CORONAVÍRUS?</i>	Resposta do governo e do empresariado brasileiros ao COVID-19	Negativa	Intensa
	Arte como resistência à barbárie	Positiva	Intensa
<i>LIBERDADE DE ESCOLHA</i>	Noção de liberdade de escolha no capitalismo	Negativa	Intermediária
<i>FELICIDADE</i>	Socialismo como caminho para felicidade	Positiva	Intensa
<i>AMOR NA PANDEMIA: PARTE 1</i>	Relacionamentos amorosos mediados pela internet	Negativa	Intermediária
<i>RACISMO, COISA DE BRANCO</i>	Racismo no Brasil	Negativa	Intensa

Fonte: elaborado pelo autor.

O Quadro 8 evidencia os principais objetos de atitude discutidos em cada vídeo – permitindo entrever o(s) real(is) assunto(s) trabalhados por Rita – e nossa avaliação acerca da orientação e da intensidade das avaliações. Em diversos casos, os objetos de atitude não são imediatamente visíveis no título dos vídeos: em *UM BANHEIRO PARA TRANS?*, por exemplo, o principal objeto de avaliação não é “o acesso de pessoas trans a banheiros”, mas sim, “transfobia no Brasil”, de modo que a avaliação é intensamente negativa. Também é interessante ressaltar que, em *HAVERÁ ARTE DEPOIS DO CORONAVÍRUS?*, dois objetos de avaliação coexistem, cada um com uma avaliação distinta: a resposta do governo e do empresariado brasileiros à crise do COVID-19 (intensamente negativa) e o recurso à arte como resistência à barbárie (intensamente positiva). Finalmente, em função de certa confusão no discurso adotado em *VOLTEI! QUE HORAS SÃO?*, não soubemos identificar a avaliação exata de Rita sobre o sistema político brasileiro, dado que ela simultaneamente critica seu funcionamento e expressa otimismo sobre seu potencial de derrubar o presidente Bolsonaro. Contudo, como predomina um tom de crítica, seja ao sistema, seja ao presidente, optamos por categorizar a avaliação presente neste vídeo como negativa e intermediária.

Quadro 9 – Distribuição dos vídeos pela orientação e intensidade da avaliação

AVALIAÇÃO	Negativa	Neutra	Positiva
Intensa	<i>FOCO, FORÇA, FÉ E FEUERBACH;</i> <i>MASCULINIDADE TÓXICA;</i> <i>BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA????????;</i> <i>INDÚSTRIA DO MEDO;</i> <i>AI, NÃO ACREDITO!;</i> <i>RELIGIÃO COMO DISCURSO DE ÓDIO;</i> <i>GUERRA ÀS DROGAS;</i> <i>UM BANHEIRO PARA TRANS?;</i> <i>O FUTURO DO TRABALHO;</i> <i>Haverá arte depois do coronavírus?;</i> <i>AMOR NA PANDEMIA: PARTE 1;</i> <i>RACISMO, COISA DE BRANCO</i>	-	<i>Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe;</i> <i>A REALIDADE É SUBJETIVA;</i> <i>Haverá arte depois do coronavírus?</i>
Intermediária	<i>O DEUS PROBLEMA;</i> <i>NARCISO E ECO;</i> <i>VOLTE!! QUE HORAS SÃO?;</i> <i>ADORNO E A INDÚSTRIA DA CULTURA;</i> <i>DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL...;</i> <i>LIBERDADE DE ESCOLHA</i>	-	<i>FELICIDADE</i>
Branda	<i>Rita em 5 minutos: Padrão de Beleza</i>	<i>Rita em 5 Minutos: Monogamia</i>	<i>A TEORIA DO APEGO (ou "qual é o seu tipo?");</i> <i>AS 5 LINGUAGENS DO AMOR;</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

O Quadro 9 demonstra que a maioria das avaliações identificadas (19 de 26, ou 73%) são *negativas*, evidenciando que os vídeos tendem a discutir ou partir da discussão de fenômenos ou ideias dos quais seus produtores divergem, em vez de discutir ou partir da discussão de ideias que eles defendem. Dessas avaliações negativas, a maioria (12 de 19, ou 63%) são intensas e apenas uma é branda, sugerindo que as ideias ou fenômenos em questão tendem a despertar um elevado grau de rechaço ou condenação. *UM BANHEIRO PARA TRANS? E RACISMO:*

COISA DE BRANCO, por exemplo, partem de episódios severos de transfobia e racismo para desenvolver críticas pesadas a esses fenômenos (e às pessoas que os reproduzem e perpetuam).

As avaliações *positivas* são menos frequentes (6 de 26, ou 23%), mas também merecem atenção. *Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe*; *A REALIDADE É SUBJETIVA* e *HAVERÁ ARTE DEPOIS DO CORONAVÍRUS?* são marcadas por intensas defesas da consciência de classe, das ciências humanas, e da arte como instrumento de resistência à barbárie, respectivamente. *A TEORIA DO APEGO* (ou "qual é o seu tipo?") e *AS 5 LINGUAGENS DO AMOR*, por outro lado, apresentam um tom mais brando; Rita apenas compartilha aportes teóricas-terapêuticos que ela julga interessantes ou úteis para a educação sentimental de sua audiência.

Finalmente, consideramos apenas uma avaliação neutra, no sentido de não haver uma avaliação conclusiva acerca da questão discutida. No vídeo em questão, *Rita em 5 Minutos: Monogamia*, Rita expõe aspectos favoráveis ("uma receita de amadurecimento interpessoal") e desfavoráveis ("nossa velha e conhecida mania de confundir felicidade com estabilidade") de relacionamentos monogâmicos, sem chegar a uma conclusão definitiva.

Expostos os resultados das análises temáticas e das análises de expressão e avaliação, passamos à etapa final da pesquisa empírica: a formulação de *inferências* que conectarão o material resultante das análises aos objetivos e interesses mais gerais desta dissertação.

5.5 INFERÊNCIAS

Segundo Bardin (2011), as inferências decorrentes de uma análise de conteúdo podem se concentrar em diferentes *polos*, remetendo aos componentes do mecanismo clássico da comunicação: emissor, receptor, mensagem, meio. Para os fins desta pesquisa, concentramos nossas atenções no polo da *mensagem*, ou seja, o que a análise permite entrever sobre o conteúdo mesmo dos vídeos analisados, sem ignorar sua ligação íntima com o polo do *emissor* (ou seja, as condições de produção do conteúdo, incluindo os objetivos e características dos produtores) e o polo do *receptor* (ou seja, a audiência – ou audiências – a quem os vídeos se destinam). A seguir, sintetizamos nossas reflexões nesse sentido.

As análises permitiram qualificar nossa compreensão inicial da diversidade temática presente no canal *Temporo Drag*, indicando que 26 questões políticas/sociais foram discutidas ao longo de 99 vídeos entre 2018 e 2020, com a maioria dos vídeos discutindo mais de uma questão (65% das questões discutidas no canal apareçam no recorte dos 25% mais vistos). Ainda que o marxismo seja uma lente paradigmática consistente ao longo da história do canal – algo evidente tanto no discurso de Rita von Hunty quanto na recorrência de vídeos sobre questões como *capitalismo* e *classe* – Rita discute uma ampla variedade de questões que não seriam abordadas por marxistas tradicionais, algo que ela admite prontamente. Em *UM BANHEIRO PARA TRANS?*, um vídeo que faz referência à teoria *queer*, por exemplo, ela chega a criticar “alguns entusiastas intelectuais de esquerda” que protestariam contra a discussão da transgeneridade, afirmando entender que “o materialismo histórico opera com a assimilação de novos conceitos”.

Além de demonstrar consciência da variedade de questões discutidas, Rita e sua equipe tendem a discutir (ou partir da discussão de) fenômenos políticos e sociais que lhes despertam fortes *emoções negativas* – algo evidente tanto na quantidade de avaliações intensamente negativas que detectamos nos vídeos analisados, quanto na admissão expressa de que o canal começou a discutir política em função da situação política brasileira (*LIVE RITINHA 52K*). Em função desse ar premente de denúncia ou contestação, é compreensível que Rita tende a enfatizar a *necessidade* e a *urgência* de enfrentar vários dos fenômenos de que fala, como o racismo estrutural, a transfobia, o aquecimento global e (em diversas ocasiões) o capitalismo: em determinado momento, ela chega a citar Žižek, dizendo que “o verdadeiro teste ético não é a prontidão em salvar as vítimas, mas também, e até mais, a implacável dedicação em aniquilar as pessoas que as transformaram em vítimas”. Essa ideia de urgência, que emerge nos vídeos desde a escolha da questão a ser discutida, se concretiza na formulação de exigências explícitas, que se concentram em dois eixos: a *ação política* (é preciso tomar uma atitude em relação ao que está acontecendo no mundo) e a *educação* (o primeiro passo para transformar a realidade é compreendê-la). Para além disso, Rita deixa claro que as lutas progressistas “não podem se tornar segmentárias, fragmentárias, e dissidências [sic]”; os homens gays, por exemplo, têm o *dever* de “se aliar às pautas feministas”, o que se traduz em

ceder voz e dar espaço pra mulheres que nos apoiam e que caminham juntas conosco na luta contra a homofobia, a misoginia, o machismo, o racismo, todos os outros preconceitos que surgem do patriarcado e do capitalismo.

A partir desses aportes, chegamos a uma primeira aproximação da mensagem geral do canal: *há uma miríade de problemas políticos e sociais, em grande parte atribuíveis à mesma origem [o cisheteropatriarcado branco e capitalista], que requerem atenção igualmente urgente por parte da audiência.* Essa atenção pode se traduzir na *ação política* e na *educação autônoma* em relação as questões envolvidas. Esclarecido, em termos gerais, *o que é exigido*, torna-se importante examinar *como* essas exigências são articuladas.

Enquanto a ação política geralmente é promovida em termos relativamente vagos (“se valer das nossas posições para alterar o que acontece à nossa volta, para incluir, para agregar, para apoiar, para fomentar projetos”), a educação é tratada como o aspecto mais imediatamente importante do trabalho do canal. Em diversos vídeos, Rita expressa sua noção de que o *Temporo Drag* é um canal educacional que promove *conhecimento*, no sentido de *crenças verdadeiras e justificáveis*, e que sua intenção é lançar a audiência em jornadas educativas autônomas, guiadas (mas não limitadas) pelas referências que compartilha nos vídeos. Ao posicionar-se dessa maneira, Rita se assume como educadora, fazendo diversas referências à pedagogia de Paulo Freire, e agrega características novas à sua persona *drag* que merecem atenção especial, especialmente porque todo o conteúdo aqui analisado é expresso por ela.

Se, na época dos vídeos culinários, o requinte, a elegância e a boa dicção eram traços da elite paulistana a serem satirizados, a transição para conteúdo político os transformou em marcadores de autoridade intelectual, dando uma forma atraente à exposição de um conteúdo que Rita (pelo menos aparentemente) domina. Esse elemento ajuda a dar uma aparência de consistência e veracidade às afirmações feitas, ainda quando elas poderiam ser melhor descritas como opiniões ou perspectivas simplistas que análises amparadas em fatos. É aqui que emerge a primeira contradição entre o discurso e a prática em Rita von Hunty: ainda que ela afirme explicitamente que não pretende compartilhar opiniões ou tecer meros comentários políticos, e sim *educar* e *divulgar conhecimento* de modo aprofundado, diversos vídeos apresentam afirmações que facilmente comportam perspectivas distintas (como o pessimismo de Rita em relação a relacionamentos mediados pela

internet em *AMOR NA PANDEMIA, PARTE 1*), incluem erros fáticos (como a asserção de que uma maioria no Congresso é calculada a partir do número de partidos, em *VOLTEI! QUE HORAS SÃO?*) ou consistem de interpretações simplistas, ou mesmo preconceituosas, dos objetos discutidos (como a condenação taxativa da religião em *BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA????????*). De modo semelhante, o recorte analisado não contém nenhuma referência significativa às limitações teóricas do marxismo ou do materialismo histórico, apesar de mencionar que a realidade é subjetiva e que diferentes lentes teóricas permitem diferentes interpretações da realidade (*A REALIDADE É SUBJETIVA*).

Mais do que não entreter perspectivas dissonantes ou reconhecer os limites de sua própria, no entanto, Rita promove um clima abertamente hostil a críticas ou dissidências por parte de sua audiência. Para além do deboche que ela frequentemente usa como recurso em suas exposições, em pelo menos duas ocasiões (*BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA????????* e *AI, NÃO ACREDITO!*), Rita usa comentários deixados pela audiência como exemplos de crenças inaceitáveis e moralmente repreensíveis, partindo deles para tecer suas argumentações:

é impossível que, em 2019, dentro de um canal que eu tô construindo há mais de, sei lá, quatro anos, de repente apareça uma pessoa que fale isso, e esse comentário passe sem que a gente se debruce sobre ele e fale: demos errado como civilização, demos errado como comunidade, e demos errado como seres humanos.

Ainda que ela jamais tenha identificado os autores dos comentários em questão, a mensagem é clara: os delinquentes, os ignorantes, que não aprenderam com o canal e não têm lugar nele, terão suas visões retrógradas publicamente expostas e dissecadas para a (suposta) educação do restante da audiência. Essa abordagem punitiva – e muito pouco reabilitadora – encontra eco no apoio explícito de Rita ao cancelamento online (*LIVE 68/80K*), desde que, em suas palavras, seja feito de forma “consciente” (algo que, como qualquer pessoa minimamente familiarizada com o tema saberia, é um oxímoro). A identificação dessa dinâmica, que nos remete à ideia de disciplina em Foucault (2002), nos levou a refletir com mais cuidado sobre a relação entre Rita e sua audiência.

Conforme mencionado anteriormente, Rita não só tem consciência de que sua audiência é predominantemente progressista, mas ela também afirma não ter interesse em atingir públicos de outras orientações políticas, chegando a rejeitar (com

base numa argumentação relativamente fraca e contraditória¹³²) a existência de *bolhas de opinião* (*filter bubbles*). Pelo contrário, em mais de uma oportunidade, ela defende a *união* das pessoas progressistas e a constituição de *redes de apoio* como aspectos fundamentais da luta política contemporânea, enfatizando a separação entre “nós”, progressistas, e “eles”, nossos inimigos à direita. Nesse sentido, entendemos que Rita reproduz, inclusive no discurso, a lógica de supervalorização de capital social fortalecedor em detrimento de capital social conector que, segundo Bosco (2017), predomina no progressismo (*online*) brasileiro. Para além de simples educação, ou mesmo convocação à ação política, o *Tempero Drag* pode ser lido como um espaço de *luta compartilhada*, um nó de uma rede de apoio progressista que une produtores de conteúdo e audiências que buscam alento e apoio em uma conjuntura política desfavorável. É por isso que, em vídeos como *Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe, AI, NÃO ACREDITO, e BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA????????*, o tom agressivo adotado por Rita para criticar atitudes preconceituosas ou retrógradas dá ao conteúdo um aspecto *catártico* que remete mais ao entretenimento que à educação. *Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe*, publicado quase em resposta à eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, humilha impiedosamente pessoas que não têm consciência de classe – não porque essas pessoas estão assistindo (muito menos, sendo convencidas de seu erro), mas porque quem está assistindo (e quem está produzindo) o vídeo precisa ter sua ira reconhecida e validada. Cabe ressaltar que esse é o 2º vídeo mais visto do *Tempero Drag*, com mais de 837 mil visualizações.

Finalmente, acreditamos que é razoável esperar que alguém que se entenda como um educador (ainda que para apenas determinadas pessoas), e que formula exigências morais cujo descumprimento é passível de exposição e chacota, pelo menos, cumpra suas próprias orientações. Contudo, nossas análises demonstram que Rita von Hunty e seu canal incorrem em diversas contradições, em diversos níveis, que atentam contra seus princípios mais básicos. Rita diz subscrever à pedagogia de Paulo Freire, mas seu uso contínuo de palavras rebuscadas, sua ênfase em pregar para os convertidos, e seu deboche da ignorância alheia demonstram compreensão

¹³² Em *FURANDO A BOLHA feat. Rita von Hunty (Tempero Drag) | feat 011*, sua colaboração com Sabrina Fernandes no canal *Tese Onze*, Rita rejeita a ideia de *bolha de opinião* porque “a gente não vive em bolhas, a gente vive integrado em sociedade, (...) a nossa vida social é circular entre meios”. Já em *RACISMO, COISA DE BRANCO*, ela sustenta que o apartheid racial (que, em nossa perspectiva, formaria bolhas por definição) é uma realidade no Brasil porque determinados bairros são ocupados majoritariamente por negros, e outros, por brancos.

limitada do que isso significa. Rita critica a lógica capitalista de autocobrança, além das repetidas cobranças recebidas de sua audiência, mas não se responsabiliza pelas cobranças que faz, em múltiplas frentes, nem por humilhar quem não as cumpre. Rita oscila entre responsabilizar o indivíduo pela perpetuação de problemas e atribuir essa responsabilidade a uma superestrutura opressora que ceifa a liberdade individual. Rita enfatiza a importância de “enegrecer as referências” e “descolonizar” o pensamento, mas se demonstra incapaz de fazê-lo em seu próprio canal, recorrendo constantemente ao trabalho de autores brancos e estrangeiros.

É importante ressaltar que o *Temporo Drag* faz diversas contribuições positivas ao campo progressista brasileiro *online*, tornando determinados conteúdos mais acessíveis (ainda que de maneira menos acessível do que parece acreditar) para um público que provavelmente anseia por ele, seja por sede de conhecimento, seja por um anseio por comunidade. No entanto, os aportes expostos acima nos levam a considerar que o canal é marcado por dinâmicas e discursos problemáticos que limitam seu potencial educacional e emancipatório, especialmente em função de sua ênfase em aspectos morais e de sua promoção de um ideal inexequível (o esforço por agir politicamente e/ou se educar a respeito de uma multiplicidade de causas sociais, tidas igualmente urgentes e necessariamente consonantes entre si – ou seja, o ideal do bom ativista). A seguir, em nossas considerações finais, unimos essa perspectiva do caso específico do *Temporo Drag* aos resultados de nossa pesquisa teórica sobre a idealização do ativismo e seus possíveis efeitos, oferecendo uma espécie de síntese e apontando encaminhamentos para estudos mais aprofundados sobre o assunto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou responder à seguinte pergunta de pesquisa: *De que maneira as relações comunicacionais online desenvolvidas no e pelo campo progressista brasileiro podem contribuir para o burnout de seus membros, considerando o uso de mídias sociais e a interação e intersecção de causas progressistas na contemporaneidade?* Com base nas considerações teóricas detalhadas nos capítulos 2 a 4, consideramos que as redes sociais *online* de viés progressista no Brasil, marcadas pela homofilia, pela disputa por popularidade (RECUERO, 2009) e por uma espécie de economia do reconhecimento (MACHADO; MISKOLCI, 2019), vêm tendo um papel fundamental na consolidação e na disseminação de um ideal fundamentalmente inatingível entre as pessoas progressistas: a aderência simultânea e incondicional a uma multiplicidade de causas sociais que, além de muito variadas, podem ser inconsistentes entre si. Esse ideal, que chamamos de *ideal do bom ativista*, está posicionado numa conjuntura marcada não só por cobrança de pureza ideológica (BOSCO, 2017; RISÉRIO, 2020), mas também de autocobrança e valorização do desempenho pessoal (HAN, 2015). Em função de seu potencial de contribuir para estressores relacionados ao *burnout* ativista, como conflitos interpessoais no interior dos movimentos, isolamento sectarista, e sentimentos de responsabilidade pessoal, impotência e injustiça, consideramos que essa idealização do ativismo tem o potencial de alienar ativistas e simpatizantes de causas progressistas, prejudicando a continuidade dessas causas a longo prazo.

Ainda que nossa intenção original tenha sido conduzir uma pesquisa qualitativa junto a pessoas progressistas ativas em redes sociais digitais, buscando evidências dos possíveis efeitos do ideal do bom ativista, acabamos optando por aprofundar nosso entendimento de como esse ideal é expresso, ou seja, como produtores de conteúdo *online* articulam as exigências que o constituem. Por isso, escolhemos realizar um estudo dos vídeos publicados no canal de YouTube *Tempero Drag* (capítulo 5) usando uma combinação de técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Nossas análises indicaram que o canal promove uma ampla variedade de causas progressistas com orgulho, imprimindo em seu discurso uma forte carga de exigência moral: é preciso enfrentar, *simultaneamente*, a um amplo leque de problemas que impedem a justiça social e ameaçam o pleno exercício dos

direitos humanos (racismo, transfobia, aquecimento global, capitalismo, etc.). Esse imperativo moral é reforçado pelo repúdio ao dissenso, pela exposição e humilhação de comentários críticos, e pela expressão de fortes emoções em relação a determinados assuntos. Por meio de exigências diretas (verbalizadas) e indiretas (implícitas nas avaliações das questões discutidas), o *Temporo Drag* conclama sua audiência a enxergar o mundo por uma lente paradigmática determinada (fundamentalmente marxista, ainda que com elementos de outras correntes teóricas) e a tomar ação concreta em relação aos problemas discutidos. Essa conclamação à ação se concentra na tomada de ação política direta (preferencialmente organizada) e na educação autônoma.

Ao qualificar nosso entendimento de como o ideal do bom ativista é construído e expresso, a análise do *Temporo Drag* permitiu identificar aportes para estudos futuros mais aprofundados sobre a recorrência e os possíveis efeitos concretos dessa idealização. Em especial, desponta como relevante a ênfase do canal em se apresentar como *educativo*, repudiando o rótulo de comentário político e se posicionando como replicador de *conhecimento*, no sentido de *crenças verdadeiras e justificáveis*. Como detalhamos no capítulo 5, essa autoimagem é questionável: o conteúdo do canal inclui afirmações que poderiam ser melhor categorizadas como opiniões que fatos científicos; reproduz erros fáticos que denotam uma falta de conhecimento básico sobre o assunto tratado; não reconhece suas limitações teóricas ou dialoga com perspectivas dissonantes; disciplina pessoas consideradas ignorantes por meio de humilhação, ironia e deboche; e não consegue seguir suas próprias diretrizes, como na crítica de Rita von Hunty às cobranças recebidas da audiência, na tendência de usar palavras rebuscadas ou demasiadamente complexas mesmo valorizando a acessibilidade e repudiando o academicismo, e na incapacidade de incorporar mais referências negras mesmo após pregar a necessidade premente de fazê-lo. Além disso, determinados vídeos apresentam um tom tão agressivo que percebemos seu intuito como muito mais *catártico* que propriamente educativo – ao humilhar pessoas sem consciência de classe em *Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe*, por exemplo, Rita não parece realmente preocupada com ensinar essas pessoas, mas sim, com compartilhar sua frustração com sua audiência, reconhecidamente progressista.

Nesse contexto, parece-nos que o potencial negativo de se articular tantas exigências é exacerbado pela *forma* como elas são articuladas, com a adoção de um

discurso de acessibilidade, diálogo e educação autônoma, a concomitante adoção de uma postura de superioridade intelectual (e moral) do emissor em relação à audiência, e a perda de oportunidades valiosas de construir reflexões progressistas a partir de visões de mundo distintas (como no rechaço taxativo à religiosidade). A partir disso, nos vimos tomados por questionamentos sobre como uma educação realmente libertadora sobre causas progressistas poderia ser articulada: é possível educar as pessoas sobre tantos assuntos sem incorrer na educação bancária denunciada por Freire (2002) (supondo, claro, que esses assuntos podem ser harmonizados entre si)? Como a noção freireana de entender o mundo a partir de referenciais do educando comporta o aprendizado sobre questões alienígenas à realidade do educando? É realmente preciso empreender um esforço intelectual-moral-espiritual para aderir a determinada causa? É possível esperar isso de todas as pessoas progressistas em relação a todas as causas progressistas?

A importância dada à educação, a ênfase discursiva em seu potencial de libertação e transformação da realidade, e a ocorrência de comportamentos que atentam contra esses princípios nos provocam interesse em desenvolver estudos mais aprofundados sobre as relações entre comunicação, sociabilidade, educação e sofrimento no campo progressista brasileiro, partindo dos questionamentos acima e da noção preliminar de uma possível *pedagogia do sofrimento* em ação. Nesse sentido, pretendemos empreender estudos futuros sobre a comunicação progressista no Brasil à luz da pedagogia de Paulo Freire, tão cara à esquerda brasileira, e da Escola de Palo Alto, que trabalha a comunicação como um processo interacional permeado por paradoxos. Este último aporte, aliás, nos foi sugerido quando da qualificação deste trabalho; ainda que não tenhamos conseguido abraçá-lo a tempo da conclusão da dissertação, nos interessamos por seguir nossa caminhada nessa direção.

Em suma, consideramos ter satisfeito nossa pergunta de pesquisa, identificando e qualificando um ideal de ativismo que, em nossa visão, representa um problema importante para o progressismo brasileiro atual. Terminamos por reiterar uma ressalva importante: ainda que este trabalho tenha se dedicado a examinar disfunções na comunicação progressista, de modo algum pretendemos questionar ou invalidar as pessoas, as organizações e os movimentos que constituem o campo progressista brasileiro. Muito pelo contrário, esta pesquisa nasce de uma preocupação (tanto pessoal quanto acadêmica) com a continuidade dessas organizações e

movimentos e com o bem-estar das pessoas que deles participam; conforme enunciado no capítulo 1, acreditamos que evitar lançar um olhar de autocrítica para a comunicação que desenvolvemos enquanto progressistas é um erro que pode ter sérias consequências estratégicas e humanas no longo prazo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Minima moralia**: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática, 1993.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação. *In*: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 99-138.

AFONSO, Nathália. 64,5% das vezes em que Bolsonaro fala em 'fake news' são ataques à imprensa. **Lupa**, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/12/23/bolsonaro-fake-news-imprensa/>.

ALEXA, 2021. **The top 500 sites on the web**. Disponível em: <https://www.alexa.com/topsites>.

ALEXANDER, Julia. YouTube's new policies are catching educators, journalists, and activists in the crossfire. **The Verge**, Washington, 7 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.theverge.com/2019/6/7/18657112/youtube-hate-policies-educators-journalists-activists-crossfire-takedown-demonetization>.

AL-JENAIBI, Badreya. The nature of Arab public discourse: Social media and the 'Arab Spring.' **Journal of Applied Journalism & Media Studies**, Bristol, v. 3, n. 2, p. 241-260, junho de 2014.

ALLISON-HOPE, Dunstan. Our Human Rights Impact Assessment of Facebook in Myanmar. **Business for Social Responsibility**, 5 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.bsr.org/en/our-insights/blog-view/facebook-in-myanmar-human-rights-impact-assessment>.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma Investigação). *In*: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 105-142.

ALVES, Pedro. Caso Miguel: família de menino que morreu ao cair de prédio pede indenização de quase R\$ 1 milhão a Sari Corte Real. **G1**, 24 de agosto de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/08/24/caso-miguel-familia-de-menino-que-caiu-de-predio-pede-indenizacao-de-quase-r-1-milhao-a-sari-corte-real.ghtml>.

AMIN, Samir. **Eurocentrism**. Nova York: Monthly Review Press, 2010.

ANON, Dennis. How cookies track you around the web and how to stop them. **Privacy.net**, 24 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://privacy.net/stop-cookies-tracking/>.

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. *In*: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINO, Luiz; HOHLFELDT, Antonio. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 119-130.

ASSIS, Dayane. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, 2019.

AVELAR, Daniel. WhatsApp fake news during Brazil election 'favoured Bolsonaro'. **The Guardian**, Londres, 30 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2019/oct/30/whatsapp-fake-news-brazil-election-favoured-jair-bolsonaro-analysis-suggests>.

AVRITZER, Leonardo. Sociedade civil e Estado no Brasil: da autonomia à interdependência política. **Opinião Pública**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 383-398, novembro de 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARRY, Jane; ĐORĐEVIĆ, Jelena. **What's the point of revolution if we can't dance?** Boulder: Urgent Action Fund for Women's Human Rights, 2007.

BATISTUTI, André. **[Entre Rainhas:] Capítulo 1 - Rita Von Hunty**. YouTube: 6 de junho de 2017. 1 vídeo (12 min 52 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bivWoZATaqE&t=3s>.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BBC. Pair jailed over royal phone taps. **BBC**, Londres, 26 de janeiro de 2007. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/6301243.stm.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. *Burnout*: O processo de adoecer pelo trabalho. In: BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. (org.). **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014, p. 21-91.

BENITES, Afonso. A máquina de 'fake news' nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp. **El País**, 28 de setembro de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BERNARDES, Pablo Ferreira. Síndrome de *burn-out* – Considerações iniciais. In: MENDANHA, Marcos Henrique; BERNARDES, Pablo Ferreira; SHIOZAWA, Pedro. **Desvendando o burn-out**: uma análise interdisciplinar da síndrome do esgotamento profissional. São Paulo: LTr, p. 7-11, 2018a.

BERNARDES, Pablo Ferreira. Sintomas e sinais do *burn-out*. In: MENDANHA, Marcos Henrique; BERNARDES, Pablo Ferreira; SHIOZAWA, Pedro. **Desvendando o burn-out**: uma análise interdisciplinar da síndrome do esgotamento profissional. São Paulo: LTr, p. 25-31, 2018b.

BORRITZ, Marianne; KRISTENSEN, Tage. **Copenhagen Burnout Inventory (English version) used in the PUMA study**. Det Nationale Forskningscenter for Arbejdsmiljø, 2004. Disponível em: <https://nfa.dk/da/Vaerktoejer/Sporgeskemaer/Sporgeskema-til-maaling-af-udbraendthed/Copenhagen-Burnout-Inventory-CBI>.

BOSCO, Francisco. **A vítima tem sempre razão?: Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro**. São Paulo, Todavia: 2017.

BOWDEN, Brett. **The Strange Persistence of Universal History in Political Thought**. Londres: Palgrave Macmillan, 2017.

BRASIL. **Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999**. Aprova o Regulamento da Previdência Social, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3048.htm.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **A social history of the media: from Gutenberg to the internet**. Cambridge: Polity, 2002.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. The Entrepreneurial Vlogger: Participatory Culture Beyond the Professional-Amateur Divide. *In*: SNICKARS, Pelle; VONDERAU, Patrick (ed.). **The YouTube Reader**. National Library of Sweden: Estocolmo, 2009a, p. 89-107).

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube: Online Video and Participatory Culture**. Polity: Malden, 2009b.

CADWALLADR, Carole; GRAHAM-HARRISON, Emma. Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach. **The Guardian**, Londres, 17 de março de 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>.

CAMPOS MELLO, Patricia. **A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CESARINO, Leticia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 530-557, dezembro de 2019.

CHEN, Cher; GORSKI, Paul. Burnout in Social Justice and Human Rights Activists: Symptoms, Causes and Implications. **Journal of Human Rights Practice**, Oxford, v. 7, n. 3, p. 1-25, novembro de 2015.

CHOSKI, Niraj. Trump Voters Driven by Fear of Losing Status, Not Economic Anxiety, Study Finds. **The New York Times**, Nova York, 24 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/04/24/us/politics/trump-economic-anxiety.html>.

COHEN, Noam. Egyptians Were Unplugged, and Uncowed. **The New York Times**, Nova York, 20 de fevereiro de 2011. Acessível em: <https://www.nytimes.com/2011/02/21/business/media/21link.html>.

COURTY, Audrey. Parler: what you need to know about the 'free speech' Twitter alternative. **The Conversation**, 13 de julho de 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/parler-what-you-need-to-know-about-the-free-speech-twitter-alternative-142268>.

COX, Laurence. **How Do We Keep Going?:** Activist Burnout and Personal Sustainability in Social Movements. 2011. Disponível em: http://eprints.nuim.ie/2815/1/LC_How_do_we_keep_going.pdf.

CULKIN, John. A schoolman's guide to Marshall McLuhan. **The Saturday Review**, Londres, p. 51-53 e 71-72, 18 de março de 1967.

CULLIFORD, Elizabeth; PAUL, Katie. With fact-checks, Twitter takes on a new kind of task. **Reuters**, 30 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-twitter-factcheck/with-fact-checks-twitter-takes-on-a-new-kind-of-task-idUSKBN2360U0>.

DAGNINO, Evelina (org.). **Sociedade civil e espaços públicos no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento:** metodologia científica no caminho de Habermas. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DEWEY, Taylor; KADEN, Juliane; MARKS, Miriam; MATSUSHIMA, Shun; ZHU, Beijing. **The Impact of Social Media on Social Unrest in the Arab Spring**. [Relatório preparado para a *Defense Intelligence Agency*]. Stanford: Stanford University, 20 de março de 2012. Disponível em: <http://www.pters.org.br/2019/05/barrar-o-retrocesso-defender-a-democracia-a-soberania-nacional-e-os-direitos-sociais/>.

DOUTHAT, Ross. 10 Theses About Cancel Culture. **The New York Times**, Nova York, 14 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/07/14/opinion/cancel-culture-.html?action=click&module=Opinion&pgtype=Homepage>.

EAGLETON, Terry. Lunging, flailing, mispunching. **London Review of Books**, Londres, v. 28, n. 20, 19 de outubro de 2006. Disponível em: <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v28/n20/terry-eagleton/lunging-flailing-mispunching>.

EHRMAN, Bart D. **The New Testament:** A Historical Introduction to the Early Christian Writings. Oxford: Oxford University Press, 1997.

FANTÁSTICO. Túneis secretos em cidade do RS teriam sido usados por nazistas fugitivos. **G1**, 6 de outubro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/10/06/tuneis-secretos-em-cidade-do-rs-teriam-sido-usados-por-nazistas-fugitivos.ghtml>.

FARBER, Barry. Introduction: Understanding and treating burnout in a changing culture. **Journal of Clinical Psychology**, Hoboken, n. 56, p. 589-594, abril de 2000.

FAUSTO, Sergio. Que falta faz uma boa direita: Bolsonaro e o liberalismo no Brasil. **Piauí**, setembro de 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/que-falta-faz-uma-bo-a-direita/>.

FERNANDES, Maíra. [Postagem no Facebook], 6 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/maira.fernandes.5095/posts/1096214897255143>.

FINO, Patrícia; QUEIROZ, Odaléia. O uso dos estereótipos turísticos durante o regime militar brasileiro. **Dos Algarves**, Faro, n. 30, p. 97-111, 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Penso, 2008.

FLORESTI, Felipe. Manifestações de 'Junho de 2013' completam cinco anos: o que mudou? **Galileu**, 20 de junho de 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/06/manifestacoes-de-junho-de-2013-completam-cinco-anos-o-que-mudou.html>.

FONSECA, Andre Azevedo da. A comunicação nos movimentos sociais: do panfleto de protesto à educação para a cidadania. **Espaço Acadêmico**, Maringá, ano XI, n. 126, p. 67-71, novembro de 2011.

FÓRUM. Feminista, advogada de Neymar é expulsa de associação e se defende nas redes. **Fórum**, 6 de junho de 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/feminista-advogada-de-neymar-e-expulsa-de-associacao-e-se-defende-nas-redes/>.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 25ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOWLER, Jeff. [Tweet], 2 de maio de 2019. Disponível em: <https://twitter.com/fowltown/status/1124056098925944832?lang=en>.

FRANCOIS, Michael; GEORGE, Chris; STOWELL, Jayne. Introducing Equiano, a subsea cable from Portugal to South Africa. **Google**, 28 de junho de 2019. Disponível em: <https://cloud.google.com/blog/products/infrastructure/introducing-equiano-a-subsea-cable-from-portugal-to-south-africa>.

FRASER, Nancy. Social Justice in the Age of Identity Politics: Redistribution, Recognition, and Participation. *In*: FRASER, Nancy; HONNETH, Axel. **Redistribution or Recognition?: a Political-Philosophical Exchange**. Nova York: Verso, 2003, p. 7-109.

FREUDENBERGER, Herbert. Staff Burn-Out. **Journal of Social Issues**, Hoboken, v. 30, ed. 1, p. 159-165, inverno de 1974.

GHEDIN, Rodrigo. Cinco dos dez canais que explodiram no ranking do YouTube durante as eleições são de extrema-direita. **The Intercept Brasil**: Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/>

GIBSON, Janine. A crisis of relevance. **Columbia Journalism Review**, outono de 2017. Disponível em: https://www.cjr.org/special_report/news-janine-gibson-newspapers-audience.php

GLANCE, David. Social media has lost its youthful promise and is looking old, tired and grumpy. **The Conversation**, 8 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://theconversation.com/social-media-has-lost-its-youthful-promise-and-is-looking-old-tired-and-grumpy-54363>.

GORSKI, Paul. Relieving Burnout and the “Martyr Syndrome” Among Social Justice Education Activists: The Implications and Effects of Mindfulness. **The Urban Review**, Nova York, v. 47, p. 696-716, agosto de 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GREENE, Graham. **A Burnt-Out Case**. Londres: Penguin, 2004.

GREENSPAN, Rachel. Gay men in Morocco say they are 'living in constant fright' after an influencer's video sparked a trend of people using dating apps to out them. **Insider**, 17 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.insider.com/moroccan-instagram-influencer-moussa-gay-men-outed-adam-eli-2020-4>.

GROSS, Doug. 'Don't feed the trolls': Racism on YouTube. **CNN**, 14 de março de 2013. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2013/03/11/tech/youtube-racism-sxsw/index.html>.

GUNTHER, Richard; NISBET, Erik; BECK, Paul. Trump may owe his 2016 victory to 'fake news,' new study suggests. **The Conversation**, 15 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://theconversation.com/trump-may-owe-his-2016-victory-to-fake-news-new-study-suggests-91538>.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Jake; BROWNSTEIN, Billie. ContraPoints Is the Opposite of the Internet. **VICE**, 9 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/qvygkv/contrapoints-interview-2019-natalie-wynn>.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEMPEL, Jessi. Social Media Made the Arab Spring, But Couldn't Save It. **WIRED**, 26 de janeiro de 2016. Acessível em: <https://www.wired.com/2016/01/social-media-made-the-arab-spring-but-couldnt-save-it/>.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneos de pesquisa em comunicação. *In*: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINO, Luiz; HOHLFELDT, Antonio. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 187- 240.

HONNETH, Axel. Redistribution as Recognition: a Response to Nancy Fraser. *In*: FRASER, Nancy; HONNETH, Axel. **Redistribution or Recognition?**: a Political-Philosophical Exchange. Nova York: Verso, 2003, p. 110-197.

HOOKS, bell. **Salvation**: Black People and Love. Nova York: HarperCollins, 2001.

HSU, Tiffany; FRIEDMAN, Gillian. CVS, Dunkin', Lego: The Brands Pulling Ads From Facebook Over Hate Speech. **The New York Times**, Nova York, 26 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/26/business/media/Facebook-advertising-boycott.html>.

INGRAM, Mathew. Most Americans say they have lost trust in the media. **Columbia Journalism Review**, 12 de setembro de 2018. Disponível em: https://www.cjr.org/the_media_today/trust-in-media-down.php.

ISAAC, Mike; HSU, Tiffany. Facebook Fails to Appease Organizers of Ad Boycott. **The New York Times**, Nova York, 7 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/07/07/technology/facebook-ad-boycott-civil-rights.html>.

ISAACS, Kate. Pornhub needs to change – or shut down. **The Guardian**, Londres, 9 de março de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/mar/09/pornhub-needs-to-change-or-shut-down>.

JENKINS, Henry. **Convergence culture**: where old and new media collide. Nova York/Londres: New York University Press, 2006.

JENSEN, Klaus Bruhn. The qualitative research process. *In*: JENSEN, Klaus Bruhn (ed.). **A Handbook of Media and Communication Research**: Qualitative and quantitative methodologies. Londres/Nova York: Routledge, 2002, p. 235-253.

JORNAL DO CAMPUS. Aluno da FFLCH dá vida a drag queen. **Jornal do Campus da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 5 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2015/11/aluno-da-fflch-da-vida-a-drag-queen/>.

KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: que é o Iluminismo? *In*: KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 2009.

KASCHKA, Wolfgang; KORCZAK, Dieter; BROICH, Karl. Burnout: a Fashionable Diagnosis. **Deutsches Ärzteblatt International**, Colônia, v. 108, n. 46, p. 781-787, 2011.

KESSLER, Glenn; RIZZO, Salvador; KELLY, Meg. President Trump has made 12,019 false or misleading claims over 928 days. **The Washington Post**, 12 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/2019/08/12/president-trump-has-made-false-or-misleading-claims-over-days/>.

LANGE, Margaret. Progress. In: ZALTA, Edward (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Stanford: Stanford University, inverno de 2019. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/progress/>.

LEE, Terry. The global rise of “fake news” and the threat to democratic elections in the USA. **Public Administration and Policy**, v. 22, ed. 1, p. 15-24, 2019.

LEVESON, The Right Honourable Lord Justice. **The Leveson Inquiry: an inquiry into the culture, practices and ethics of the press, executive summary**. Londres: The Stationery Office, 2012. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/229039/0779.pdf.

LILLA, Mark. **O progressista de hoje e o do amanhã: desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LILY, Isabella; ISERN, Laura. A influência da mídia no Caso Eloá. **Medium/Singular Plural**, 26 de março de 2018. Disponível em: <https://medium.com/singular-plural/a-influ%C3%A2ncia-da-m%C3%ADdia-no-caso-elo%C3%A1-3303cec700ed>.

LIM, Timothy H. **The Dead Sea Scrolls: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2005

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização da política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, n. 3, p. 945-970, setembro-dezembro de 2019.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNO, Attila; BARBOSA, Silva. O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. **Sociologia Política**, Curitiba, v. 19, n. 38, p. 121-140, fevereiro de 2011.

MARANTZ, Andrew. Facebook and the “Free Speech” Excuse. **The New Yorker**, Nova York, 31 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/daily-comment/facebook-and-the-free-speech-excuse>.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; NOGUEIRA, Erika Cristina Dias. Estratégias de visibilidade utilizadas por movimentos sociais na internet. **Comunicação Midiática**, v. 7, n. 2, p.138-161, maio/agosto de 2012.

MARTINO, Luiz. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. *In*: MARTINO, Luiz; HOHLFELDT, Antonio. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 15ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018, p. 27-38.

MARTINS, Eduardo. **Paulo Freire e a Teologia da Libertação**: Aproximações. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

MARTINS, Elisa. O impacto do *burnout* sobre 20 milhões de brasileiros. **Época**, 13 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/o-impacto-do-burnout-sobre-20-milhoes-de-brasileiros-24135840>.

MASLACH, Christina; GOMES, Mary. Overcoming Burnout. *In*: MACNAIR, Rachel (ed.). **Working for peace**: a handbook of practical psychology and other tools. Atascadero: Impact, 2006, p. 43-49.

MASLACH, Christina; SCHAUFELI, Wilmar; LEITER, Michael. Job Burnout. **Annual Review of Psychology**, Palo Alto, n. 52, p. 397-422, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding media**: the extensions of man. Cambridge/Londres: The MIT Press, 2002.

McQUAIL, Denis. **Atuação da mídia**: comunicação de massa e interesse público. Porto Alegre: Penso, 2012.

MENDONÇA, Joêzer; KOCIUBA, Yara. Politização e despolitização no rock nacional: um comparativo das letras de bandas de rock no Brasil dos anos 1980 e 2000. **Vórtex**, v. 7, n. 2, p. 1-20, 2019.

MILÁ, Marc. **Income Concentration in a Context of Late Development**: An Investigation of Top Incomes in Brazil using Tax Records, 1933-2013. Dissertação – Paris School of Economics. Paris, 2015. Disponível em: <http://piketty.pse.ens.fr/files/MorganMila2015.pdf>.

MOUZAKITIS, Angelos. Modernity and the Idea of Progress. **Frontiers in Sociology**, Lausanne, v. 2, art. 3, março de 2017. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fsoc.2017.00003>.

MOZUR, Paul. A Genocide Incited on Facebook, With Posts From Myanmar’s Military. **The New York Times**, Nova York, 15 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/15/technology/myanmar-facebook-genocide.html>.

MUNGER, Kevin; PHILLIPS, Joseph. A Supply and Demand Framework for YouTube Politics [relatório de pesquisa]. **Penn State Political Science: Pennsylvania State University**, 1 de outubro de. 2019.

NÃO ME KAHLO. [Tweet], 19 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://twitter.com/naokahlo/status/1093967341824688129?lang=en>.

NEWTON, Casey. YouTube just banned supremacist content, and thousands of channels are about to be removed. **The Verge**, 5 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.theverge.com/2019/6/5/18652576/youtube-supremacist-content-ban-borderline-extremist-terms-of-service>.

NICKERSON, Raymond. Confirmation Bias: A Ubiquitous Phenomenon in Many Guises. **Review of General Psychology**, v. 2, ed. 2, p. 175-220, junho de 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOUEIHED, Lin. Peddler's martyrdom launched Tunisia's revolution 2011. **Reuters**, 20 de janeiro de 2011. Acessível em: <https://www.reuters.com/article/ozatp-tunisia-protests-bouazizi-idAFJOE70J05L20110120>.

OKECH, Awino; CHIGUDU, Hope; ANDERSON, Katrina; QUINTANA, Soledad. **Feminist Resistance and Resilience: Reflections on Closing Civil Space**. Nairóbi: Urgent Action Fund, 2017.

OLIVEIRA, Tatiana de. A uberização das relações de trabalho. **Carta Capital**, 9 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/a-uberizacao-das-relacoes-de-trabalho/>.

OMS. World Health Assembly Update, 25 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/detail/25-05-2019-world-health-assembly-update>.

ORTIZ, Renato. **Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2014.

OSER, Carrie; BIEBEL, Elizabeth; PULLEN, Erin; HARP, Kathi. Causes, Consequences, and Prevention of Burnout among Substance Abuse Treatment Counselors: A Rural versus Urban Comparison. **Journal of Psychoactive Drugs**, Abingdon-on-Thames, v. 45, n. 1, p. 17-27, janeiro-março de 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3652635/>.

OVIDE, Shire. The tech giants' invisible helpers. On Tech [newsletter], **The New York Times**, Nova York, 8 de julho de 2020.

PAIVA, Letícia. Conheça Rita von Hunty, a drag queen que ensina sociologia no YouTube. **Claudia**, São Paulo, 20 de outubro 2019 [atualizado em 17 de fevereiro de 2020]. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/conheca-rita-von-hunty-a-drag-queen-que-ensina-sociologia-no-youtube/>.

PARISER, Eli. **The filter bubble**: what the internet is hiding from you. Londres: Penguin Books, 2011.

PEDULLA, David. The positive consequences of negative stereotypes: race, sexual orientation, and the job application process. **Social Psychology Quarterly**, v. 77, n. 1, p. 75-94, março de 2014.

PEPPER, Robert. Facebook Connectivity Investments to Deliver Over \$200 Billion in Economic Benefits. **Facebook**, 6 de julho de 2020. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2020/07/facebook-connectivity-economic-benefits/>.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Pensamento Comunicacional Latino Americano**, São Paulo, v. 4, n.1, p. 1-10, 2002.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. **Fronteiras**, São Leopoldo, v. 11, p. 33-43, 2009.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que o gigante acordou(?). **Matrizes**, São Paulo, v. 7, p. 73-93, 2013.

PETERSEN, Anne Helen. Como os *millennials* se tornaram a geração do *burnout*. **BuzzFeed News**, 11 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/annehelenpetersen/millennials-burnout-geracao-esgotamento>.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; DE FREIXO, Adriano (orgs.). **Brasil em transe**: Bolsonaro, nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

POGREBIN, Letty. Staying Fired Up: Antidotes for Activist Burnout. **Tikkun**, Berkeley, v. 9, n. 4, p. 35-38 e 80, 1994.

PÕE NA RODA. **24 Perguntas pra RITA VON HUNTY: Bolsonaro | Preconceito entre LGBT | Linguagem neutra - Põe Na Roda**. YouTube, 3 de novembro de 2020. 1 vídeo (13 min 15 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3LAQzVWGIVQ>.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. 3ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PT. Há 16 anos, Lula lançava a “Carta ao Povo Brasileiro”. **PT**, 22 de junho de 2018. Disponível em: <https://pt.org.br/ha-16-anos-lula-lancava-a-carta-ao-povo-brasileiro/>.

PT/RS. Barrar o retrocesso: Defender a Democracia, a Soberania Nacional e os Direitos Sociais. **PT/RS**, 13 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.pt.rs.org.br/2019/05/barrar-o-retrocesso-defender-a-democracia-a-soberania-nacional-e-os-direitos-sociais/>.

PT/RS. Rede Globo mente e censura defesa de Lula. **PT/RS**, 14 de março de 2016. Disponível em: <http://www.ptrs.org.br/2016/03/rede-globo-mente-e-censura-defesa-de-lula/>.

PUTNAM, Robert. **Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community**. Nova York: Simon & Schuster, 2000.

QUIRK, Trevor. Can This Notorious Troll Turn People Away From Extremism? **WIRED**, São Francisco, 15 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.wired.com/story/twitch-politics-online-debate/>.

RAINIE, Lee; ANDERSON, Janna. Code-Dependent: Pros and Cons of the Algorithm Age. **Pew Research Center**, 8 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2017/02/08/code-dependent-pros-and-cons-of-the-algorithm-age/>.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RETTIG, Hillary. **The Lifelong Activist: How to Change the World Without Losing Your Way**. Nova York: Lantern Books, 2006. Disponível em: <https://lifelongactivist.com/#>.

RIBEIRO, Janaína. “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre. **Exame**, 3 de setembro de 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>.

RIBEIRO, Manoel; OTTONI, Raphael; WEST, Robert; ALMEIDA, Virgílio, MEIRA JR., Wagner. Auditing Radicalization Pathways on YouTube. *In: CONFERENCE ON FAIRNESS, ACCOUNTABILITY, AND TRANSPARENCY*, 4., 2020, Barcelona. **FAT* '20: Proceedings of the 2020 Conference on Fairness, Accountability, and Transparency**. Barcelona, janeiro de 2020, p. 131-141.

RISÉRIO, Antonio. **Sobre o Relativismo Pós-Moderno e a Fantasia Fascista da Esquerda Identitária**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2020.

ROBINSON, Nathan. God Bless ContraPoints. **Current Affairs**, Nova Orleans, 6 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.currentaffairs.org/2018/05/god-bless-contrapoints>.

ROBINSON, Jon. How One Stupid Tweet Blew Up Justine Sacco's Life. **The New York Times**, Nova York, 12 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/02/15/magazine/how-one-stupid-tweet-ruined-justine-saccos-life.html>.

ROOSE, Kevin. The Making of a YouTube Radical. **The New York Times**, Nova York, 8 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2019/06/08/technology/youtube-radical.html>.

ROOSE, Kevin. Reddit's C.E.O. on Why He Banned 'The_Donald' Subreddit. **The New York Times**, Nova York, 30 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/30/us/politics/reddit-bans-steve-huffman.html>.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia; GRAGNANI, Juliana. #EleNãO: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil, vista por quatro ângulos. **Época Negócios**, 30 de setembro de 2018. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/09/elenao-manifestacao-historica-liderada-por-mulheres-no-brasil-vista-por-quatro-angulos2.html>.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINO, Luiz; HOHLFELDT, Antonio. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 15ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018, p. 131-150.

RUSBRIDGER, Alan. Who broke the news? **The Guardian**, Londres, 31 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/aug/31/alan-rusbridger-who-broke-the-news>. São Paulo: Boitempo, 2015.

SÁ, Fabiane de. *Burnout*: mais próximo do setor da saúde do que se imagina. In: **FEHOESP 360**, ed. 9, p. 17-23, maio de 2017.

SANTOS, Romer Mottinha; CIOCCARI, Deysi; DE MORAES, Thiago Perez Bernardes. O clã Bolsonaro e o Twitter: comunicação política e influência na rede social. **Mediapolis**, n. 10, p. 65-81, 2020.

SANTOS, Vívian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. In: **Psicologia & Sociedade**, v. 30, ed. 200112, dezembro de 2018.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, v. 27, n. 71, p. 417-429, maio-agosto de 2014.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SHANAFELT, Tait; HASAN, Omar/ DYRBYE, Lotte; SINSKY, Christine; SATELE, Daniel; SLOAN, Jeff; WEST, Colin. Changes in Burnout and Satisfaction With Work-Life Balance in Physicians and the General US Working Population Between 2011 and 2014. [correção publicada aparece em Mayo Clin Proceedings, Nova York, v. 91, n. 2, p. 276, fevereiro de 2016]. **Mayo Clinic Proceedings**, Nova York, v. 90, n. 12, p. 1600-1613, dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26653297>.

SHIOZAWA, Pedro. A origem do *burn-out*: o inato e o ambiente. In: MENDANHA, Marcos Henrique; BERNARDES, Pablo Ferreira; SHIOZAWA, Pedro. **Desvendando o burn-out**: uma análise interdisciplinar da síndrome do esgotamento profissional. São Paulo: LTr, 2018, p. 18-24.

SINGAL, Jesse. This YouTuber Is Figuring Out How to Counter the Alt-Right's Dominance of the Site. **New York Magazine**: Nova York, 30 de outubro de 2017. Disponível em: <https://nymag.com/intelligencer/2017/10/contrapoints-profile.html>.

SINGER, André. A segunda alma do Partido dos Trabalhadores. **Novos Estudos**, n. 88, p. 88-111, novembro de 2010.

SOBEL, Ariel. Iran Offers Acceptance for Transgender People but Death to Gays. **Advocate**, 21 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.advocate.com/transgender/2018/5/21/iran-offers-acceptance-transgender-people-death-gays>.

SOLL, Jacob. The long and brutal history of fake news. **Politico**, 18 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.politico.com/magazine/story/2016/12/fake-news-history-long-violent-214535>.

STEIN, Joel. How Trolls Are Ruining the Internet. **TIME**, 18 de agosto de 2016. Disponível em: <https://time.com/4457110/internet-trolls/>.

STEPANOVA, Ekaterina. The Role of Information Communication Technologies in the "Arab Spring": Implications beyond the region. *In*: PONARS Eurasia. **PONARS Eurasia Policy Memo No. 159**, maio de 2011. Acessível em: http://pircenter.org/kosdata/page_doc/p2594_2.pdf.

STEVENSON, Alexandra. Facebook Admits It Was Used to Incite Violence in Myanmar. **The New York Times**, Nova York, 6 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/11/06/technology/myanmar-facebook.html>.

STEWART, Emily. Twitter is walking into a minefield with its political ads ban. **Vox**, 15 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.vox.com/recode/2019/11/15/20966908/twitter-political-ad-ban-policies-issue-ads-jack-dorsey>.

STEWART, Emily. Wonder what Michelle Wolf said to make everyone so mad? **Vox**, 30 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.vox.com/policy-and-politics/2018/4/30/17301436/michelle-wolf-speech-transcript-white-house-correspondents-dinner-sarah-huckabee-sanders>.

STRANGELOVE, Michael. **Watching YouTube: Extraordinary Videos by Ordinary People**. University of Toronto Press: Toronto/Bufalo/Londres, 2011.

STUMPF, Ida. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2011, pp. 51-61.

TADDICKEN, Monika; WOLFF, Laura. 'Fake News' in Science Communication: Emotions and Strategies of Coping with Dissonance Online. **Media and Communication**, v. 8, ed. 1, p. 206-217, 2020.

TEIVAINEN, Teivo. The World Social Forum and global democratisation: Learning from Porto Alegre. **Third World Quarterly**, v. 23, n. 4, p. 621-632, 2002.

TIBURI, Marcia. **Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo**. Rio de Janeiro, Record, 2020.

TREVISAN, Maria Carolina. Comitê feminista afasta advogada de Neymar: "cortamos na própria carne". **UOL**, 7 de junho de 2019. Disponível em: <https://mariacarolinatrevisan.blogosfera.uol.com.br/2019/06/07/comite-feminista-expulsa-advogada-de-neymar-cortamos-na-propria-carne/>.

UGARTE, David de. **O poder das redes**: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VAN DIJCK, José. **The Culture of Connectivity**: A Critical History of Social Media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VATTIMO, Gianni. **La sociedad transparente**. Barcelona: Paidós, 1990.

WAROFKA, Alex. An Independent Assessment of the Human Rights Impact of Facebook in Myanmar. **Facebook**, 5 de novembro de 2018. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2018/11/myanmar-hria/>.

WIJNBERG, Rob. The problem with real news — and what we can do about it. **Medium/The Correspondent**, 12 de setembro de 2018. Disponível em: <https://medium.com/de-correspondent/the-problem-with-real-news-and-what-we-can-do-about-it-f29aca95c2ea>.

WILLIS, Ellen. Porn-free: MacKinnon's neo-statism and the politics of speech. **Transition**, n. 63, p. 4-23, 1994.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.

WONG, Ali. Ali Wong: Baby Cobra (2016) – Full Transcript. **Scraps from the Loft**, 19 de setembro de 2017. Disponível em: <https://scrapsfromtheloft.com/2017/09/19/ali-wong-baby-cobra-2016-full-transcript/>.

WORRALL, William. The Worst Cases of Revenge Porn. **Hacked**, 10 de julho de 2020. Disponível em: <https://hacked.com/the-worst-cases-of-revenge-porn/>.

YOUNG, Cliff; GARMAN, Christopher. A era da classe média raivosa. **Época**, 6 de junho de 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/07/era-da-classe-media-raivosa.html>.

ZACCARO, Nathalia. **Felipe Neto**: com a luta política, eu perdi mais que ganhei. Revista Trip: São Paulo, 11 de dezembro de 2020.

ZORZANELLI, VIEIRA, RUSSO, 2016 Diversos nomes para o cansaço: categorias emergentes e sua relação com o mundo do trabalho. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 20, n. 56, p. 77-88, 2016.

ZUCKERBERG, Mark. In: Facebook. Mark Zuckerberg Stands for Voice and Free Expression. **Facebook**, 17 de outubro de 2019. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2019/10/mark-zuckerberg-stands-for-voice-and-free-expression>.

APÊNDICE A – ANÁLISES TEMÁTICAS

#	DATA	TÍTULO	ENDEREÇO	DURAÇÃO	VISUALIZ.	LIKES*	DISLIKES*	COMENT.	TEMA	PALAVRAS-CHAVE
1	26/04/2015	Temperamental	https://www.youtube.com/watch?v=buXLO7rX6Q	0:00:37	33.351	2.200	16	21	Promoção	Canal
2	29/04/2015	Uma amostra do tempero da Rita!	https://www.youtube.com/watch?v=Zm0CZ1tV6s	0:00:56	27.381	1.700	17	17	Promoção	Canal
3	14/05/2015	Perna Cabulada	https://www.youtube.com/watch?v=Xz45Q8VW8r8	0:00:37	22.280	1.500	9	8	Promoção	Canal
4	18/05/2015	Pré Estrela Temporero Drag no Season One	https://www.youtube.com/watch?v=Ye5qU-YNp24	0:00:07	17.600	1.300	10	38	Promoção	Canal
5	19/05/2015	Cuscuz Liza Marrocos	https://www.youtube.com/watch?v=VfsgU-YNp24	0:15:31	59.944	4.400	55	215	Quilinaia	N/A
6	27/05/2015	Guacacura ativa fora do mete com local	https://www.youtube.com/watch?v=OLVfCYHXY	0:17:19	67.179	3.800	101	114	Quilinaia	N/A
7	29/05/2015	Leite de Soja	https://www.youtube.com/watch?v=CHNzZcC-w	0:00:52	13.179	1.000	12	17	Promoção	Canal
8	03/06/2015	Yasmin Carraroli na cozinha da Rita	https://www.youtube.com/watch?v=VpJd1CBV1W	0:18:26	8.049	498	9	7	Promoção	Canal
9	05/06/2015	Bolo vegano Kiss Kiss Carraroli (cenoura com choc)	https://www.youtube.com/watch?v=veVMMVYrTQ	0:18:26	45.041	2.600	32	106	Quilinaia	N/A
10	09/06/2015	Toda esgadia	https://www.youtube.com/watch?v=UzJzBkwmnsK	0:01:16	17.433	1.200	30	16	Promoção	Canal
11	16/06/2015	Flávia Durante na cozinha da Rita *	https://www.youtube.com/watch?v=HvEm-v4F4	0:00:29	4.675	308	16	4	Promoção	Canal
12	17/06/2015	Pimentão Aquecido*	https://www.youtube.com/watch?v=GaCmUeJt0k	0:17:49	25.979	1.700	21	34	Quilinaia	N/A
13	24/06/2015	Veja Radicula	https://www.youtube.com/watch?v=VpJd1CBV1W	0:00:46	10.707	874	3	12	Promoção	Canal
14	03/07/2015	Sarco Acorda Viado	https://www.youtube.com/watch?v=4KkK1QpF5I	0:25:06	126.086	9.300	157	255	Quilinaia	N/A
15	03/07/2015	Alexia Twister performando na cozinha da Rita	https://www.youtube.com/watch?v=27Kqj0hJq	0:01:22	13.341	1.000	4	26	Promoção	Canal
16	10/07/2015	Na geladeira	https://www.youtube.com/watch?v=VpJd1CBV1W	0:02:10	7.402	633	6	15	Promoção	Canal
17	13/07/2015	Please, don't stop the mouse	https://www.youtube.com/watch?v=6Xh0t6z0l	0:26:50	96.548	6.800	63	257	Quilinaia	N/A
18	24/07/2015	Valentini performando na cozinha da Rita	https://www.youtube.com/watch?v=TL2vMlBulao	0:00:29	5.963	321	11	3	Promoção	Canal
19	24/07/2015	Cookie Rita	https://www.youtube.com/watch?v=JmR1L1BmPlus	0:24:24	40.688	3.000	22	118	Quilinaia	N/A
20	07/08/2015	Antepasto Divino	https://www.youtube.com/watch?v=75nKqUeFudQ	0:24:57	82.005	5.900	85	281	Quilinaia	N/A
21	07/08/2015	Diva Depressão performa Lua de Cristal	https://www.youtube.com/watch?v=4vJ8sbdlmR8	0:01:26	16.416	1.000	12	40	Promoção	Canal
22	17/08/2015	Em breve: Cozinheiro e cantando com Rita	https://www.youtube.com/watch?v=NDp-3-3G2N2Q	0:00:47	5.935	490	5	18	Promoção	Canal
23	28/08/2015	Tagaragadeiro	https://www.youtube.com/watch?v=AL-DOXV6AAQo	0:17:50	46.083	2.800	40	86	Quilinaia	N/A
24	28/08/2015	Lipsync Duda Dello Russo	https://www.youtube.com/watch?v=VpJd1CBV1W	0:00:41	14.976	670	9	19	Promoção	Canal
25	11/09/2015	FAQ Me	https://www.youtube.com/watch?v=9NLUjB7s9ak	0:12:46	16.248	1.700	13	91	Bastidores	Afimdade
26	23/09/2015	Chiquinhoque	https://www.youtube.com/watch?v=028vON38ZM	0:21:24	37.296	2.300	42	112	Quilinaia	N/A
27	14/10/2015	Cozinheiro e Cantando com Rita FULL ALBUM	https://www.youtube.com/watch?v=zencu3OX07Q	0:03:45	16.644	1.200	32	75	Promoção	Canal
28	26/10/2015	Temporo Drag Race	https://www.youtube.com/watch?v=ZvJm1tBks	0:04:56	10.932	972	8	25	Promoção	Canal
29	18/11/2015	Chamao Drag	https://www.youtube.com/watch?v=5fG6UJf8g	0:01:04	8.887	684	15	20	Promoção	Canal
30	28/11/2015	Roxelle Produções	https://www.youtube.com/watch?v=CF03V0Ull-w	0:01:22	6.969	642	3	12	Promoção	Canal
31	29/12/2015	Calendar 2016	https://www.youtube.com/watch?v=5h3NMMVFI	0:01:22	8.227	627	5	28	Promoção	Calendario
32	31/12/2015	VHS	https://www.youtube.com/watch?v=UJz0b0c0EIQ	0:02:16	8.521	465	5	13	Promoção	Canal
33	13/01/2016	Baile de Favela	https://www.youtube.com/watch?v=UJz0b0c0EIQ	0:01:16	32.114	2.000	47	47	Promoção	Canal
34	29/01/2016	Como é o seu Couis Couis pra Pimenta? #01 com Ravenna Creole	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:18:41	11.651	1.800	8	72	Quilinaia	N/A
35	09/02/2016	Flora do Merchan	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:03:05	5.532	618	4	20	Promoção	Calendario
36	21/02/2016	Como é o seu Couis Couis pra Pimenta? #02 com Ravenna Creole	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:03:05	5.532	618	4	20	Promoção	Calendario
37	28/03/2016	Contrato Internacional	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:07:22	14.290	1.500	19	87	Promoção	Canal
38	01/04/2016	Temporo Drag - Nova Temporada	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:04:53	28.059	1.700	96	79	Promoção	Canal
39	01/04/2016	Telegrama Truqueiro #RitaFica #MioVaTer Golpe	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:16:39	234.185	22.000	276	1.213	Promoção	Canal
40	28/04/2016	Enquanto isso, nos bastidores do Temporo Drag...	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:00:35	8.960	510	2	23	Promoção	Canal
41	28/05/2016	Operação Lava-Plato	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:01:45	10.074	816	19	29	Promoção	Canal
42	31/05/2016	Férias da Roxelle na DragCon 2016	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:11:51	12.350	1.300	8	71	Bastidores	Networking
43	02/07/2016	Curra Gay com April Carrón	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:18:19	43.407	3.400	35	170	Quilinaia	N/A
44	08/07/2016	Premiere do Temporo Drag no Season One	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:08:13	6.468	827	5	37	Promoção	Canal
45	16/07/2016	Chilcano Click com Hilda e Missa Von Carier	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:18:00	31.191	3.000	27	166	Quilinaia	N/A
46	13/08/2016	Torta de Chão com Regina Volpato	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:21:11	84.169	7.600	51	371	Quilinaia	N/A
47	19/08/2016	Crema Craaker	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:02:44	11.232	1.800	12	43	Promoção	Canal
48	03/09/2016	Picuíubá com Vera Ronzella	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:15:19	21.130	1.800	26	65	Quilinaia	N/A
49	27/09/2016	Mesnorada Escândalo com Mamma Bruschetta	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:21:21	62.897	4.300	49	89	Quilinaia	N/A
50	07/10/2016	Temporo Drag na YouFACOn 2016	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:05:10	10.503	1.600	4	82	Bastidores	Networking
51	12/10/2016	Temporo Drag Nds	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:12:56	81.672	9.700	69	273	Entrevista	N/A
52	21/10/2016	Ritmo aos 20k inscritos	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:00:52	6.767	711	5	17	Promoção	Canal
53	29/10/2016	Rita Von Hunty - Drag Me As a Queen	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:04:43	39.208	2.700	38	74	Promoção	Rita
54	31/10/2016	#50tons - 50 tons de Rita	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:09:13	65.761	9.000	68	156	Entrevista	Afimdade
55	30/01/2017	Estragabote de Família com Família Plovezan	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:15:20	12.508	1.300	11	79	Quilinaia	Afimdade
56	15/02/2017	Como é o seu Couis Couis pra Pimenta? #2 com Hera Now, Raquel Winehouse e Lorenzou Schiavoni	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:17:46	9.096	922	7	64	Quilinaia	N/A
57	26/03/2017	Broa da Broaca com Mina de Lyon	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:20:14	34.710	3.400	32	161	Quilinaia	N/A
58	31/03/2017	Tune in next week on Temporo Drag...	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:00:35	2.974	322	3	12	Promoção	Canal
59	03/04/2017	Highlight Street Burger na Castro Burger	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:18:28	19.416	2.500	12	290	Entrevista	Quilinaia
60	06/05/2017	Pu-jean de leite com Penelope Jean	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:02:54	73.235	5.800	52	234	Quilinaia	N/A
61	16/06/2017	Tapacora da Rita no Luz da Vila	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:17:05	23.817	2.800	13	81	Entrevista	Quilinaia
62	18/06/2017	Dia de Princesa no Luz da Vila	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:07:21	25.471	2.800	9	60	Promoção	Patrocinador
63	22/06/2017	Uma plateia do nosso Temporo	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:01:06	19.624	1.300	13	26	Promoção	Canal
64	11/07/2017	Vegan Fitness	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:00:52	3.201	456	2	26	Promoção	Canal
65	12/07/2017	Wine-Graetech: Swiss Swiss Bish	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:01:23	8.406	991	1	56	Promoção	Canal
66	20/07/2017	Vegana Fitness #01: Fazer Falsa - MC Livinho	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:11:19	26.372	3.900	27	166	Promoção	N/A
67	30/08/2017	Vegana Fitness #02: Paradinha - Anira	https://www.youtube.com/watch?v=8XZ4r8kP-A	0:13:25	16.508	2.000	23	70	Dança	N/A

68	14/09/2017	Rita em 1 min: Apolíticos	https://www.youtube.com/watch?v=Dp1mteqk4	0:01:06	13.508	2.200	12	72	Discussão	Política Brasileira
69	11/10/2017	Ceviche de Banana da Terra sem Ikero Kadashi	https://www.youtube.com/watch?v=ZrKdEh7A	0:15:19	6.751	1.000	7	81	Culinária	N/A
70	23/02/2017	Rita no Telexon 2017	https://www.youtube.com/watch?v=HRVzE0UPjIA	0:01:43	6.133	747	4	25	Promoção	Rita
71	21/11/2017	Waz: Ritinha no Volante	https://www.youtube.com/watch?v=7L3V1DmXRXE	0:01:39	8.131	996	2	51	Promoção	Rita
72	06/12/2017	WOT CARA A CARA com Amy Candy	https://www.youtube.com/watch?v=zkmv4yqJ08	0:10:50	13.360	1.700	14	108	Maquiagem	Entrevista
73	30/12/2017	Falafel com Frito	https://www.youtube.com/watch?v=8b4dHDYC8	0:22:11	39.748	4.200	63	150	Culinária	N/A
74	15/01/2018	Ceviche de banana da terra sem Ikero Kadashi - O RETORNO	https://www.youtube.com/watch?v=mt1odfOPpK	0:15:10	27.023	3.300	26	99	Culinária	N/A
75	24/01/2018	Lugares para NÃO dançar Pablo Vittar	https://www.youtube.com/watch?v=PKWpD3Egngis	0:02:09	28.412	4.300	82	150	Humor	N/A
76	27/02/2018	De Cara Limp com Dacota Monteiro	https://www.youtube.com/watch?v=Cf6FtRkNM	0:24:21	26.265	2.600	16	104	Culinária	N/A
77	14/03/2018	De Cara Limp com Dacota Monteiro	https://www.youtube.com/watch?v=PjFH14SE	0:08:43	57.177	6.000	21	102	Entrevista	N/A
78	17/04/2018	WOT CARA A CARA com Hírida e Musa Von Carter (+18)	https://www.youtube.com/watch?v=PE4nEPwq4	0:08:19	14.146	1.700	7	54	Maquiagem	Entrevista
79	14/05/2018	Eu sobrevivi: a história do bebê Joseph	https://www.youtube.com/watch?v=16WVratic	0:02:41	22.355	3.200	36	100	Humor	Promoção
80	22/05/2018	Rita em 5 minutos: Redes Sociais	https://www.youtube.com/watch?v=CaeNM1B0GM	0:05:22	256.686	33.000	73	454	Discussão	Tecnologia; Capitalismo; Relações/Sociabilidade
81	29/05/2018	Rita em 5 minutos: Responsabilidade Emocional	https://www.youtube.com/watch?v=J5zVUJUU	0:04:50	199.420	25.000	85	297	Discussão	Relações/Sociabilidade; Classe; Gênero
82	05/06/2018	Rita em 5 minutos: Padrão de Beleza	https://www.youtube.com/watch?v=Inq9oJeleSQ	0:04:54	431.168	59.000	220	853	Discussão	Relações/Sociabilidade; Classe; Gênero
83	12/06/2018	Rita em 5 minutos: Amor a Longo Prazo	https://www.youtube.com/watch?v=VnGbdSLvz60	0:05:01	314.137	49.000	246	810	Discussão	Relações/Sociabilidade
84	19/06/2018	Rita em 5 minutos: Linguagem e Ilusão	https://www.youtube.com/watch?v=6AqY5GwA	0:05:01	118.545	17.000	44	380	Discussão	Capitalismo; Relações/Sociabilidade
85	26/06/2018	Rita em 5 minutos: Dias Pop e Ilusão	https://www.youtube.com/watch?v=8zPOCp0v6v0	0:05:09	126.258	19.000	45	434	Discussão	Capitalismo; Cultura; Gênero
86	03/07/2018	Rita em 5 minutos: Referência e Autoria	https://www.youtube.com/watch?v=4m1E1C0se	0:05:01	65.180	9.100	28	199	Discussão	Cultura
87	10/07/2018	Rita em 5 minutos: Relacionamento Aberto	https://www.youtube.com/watch?v=3D0d6V0m1o	0:05:01	139.841	15.700	20	127	Discussão	Capitalismo; Relações/Sociabilidade; Cultura; LGBT+
88	17/07/2018	Rita em 5 minutos: Modos de Usar a Língua	https://www.youtube.com/watch?v=7P0d6V0m1o	0:05:07	105.901	19.000	60	738	Discussão	Relações/Sociabilidade; Cultura; LGBT+
89	24/07/2018	Rita em 5 minutos: Pensamento Binário	https://www.youtube.com/watch?v=7P0d6V0m1o	0:05:04	178.753	27.000	82	344	Discussão	Relações/Sociabilidade; Gênero
90	31/07/2018	Rita em 5 minutos: Hábitos Alimentares	https://www.youtube.com/watch?v=1Z24d3S6w	0:05:01	281.427	41.000	121	422	Discussão	Saúde
91	07/08/2018	Rita em 5 minutos: Dieta da Rita	https://www.youtube.com/watch?v=DPH0zPvMg	0:05:07	108.673	15.000	51	249	Basidiótes	Alimentação
92	14/08/2018	Eu sobrevivi: Le petit cañon d'Arde	https://www.youtube.com/watch?v=0DmnpXnik_s	0:01:45	17.753	1.100	18	28	Humor	Promoção
93	21/08/2018	Rita em 5 minutos: Biscoito para Assasino	https://www.youtube.com/watch?v=FOdR1msQ	0:05:10	72.611	9.300	22	158	Discussão	Classe
94	28/08/2018	Rita em 5 minutos: Nota Dez	https://www.youtube.com/watch?v=Ox11W95F20	0:04:57	134.088	20.000	49	442	Discussão	Capitalismo; Relações/Sociabilidade; Saúde
95	04/09/2018	Risco de Queda	https://www.youtube.com/watch?v=ECV453BVMic	0:01:35	10.930	1.600	18	48	Promoção	Canal
96	11/09/2018	Rita em 5 minutos: Por quê?	https://www.youtube.com/watch?v=JlTfF1mB4	0:04:22	211.654	29.000	135	1.040	Basidiótes	Gênero
97	18/09/2018	Rita em 5 minutos: Monogamia	https://www.youtube.com/watch?v=Px20VBUa1k	0:05:00	400.386	67.000	391	1.423	Discussão	Relações/Sociabilidade
98	25/09/2018	Rita em 5 minutos: Educação Sentimental	https://www.youtube.com/watch?v=Id3On3TrU	0:05:08	242.753	34.000	89	671	Discussão	Relações/Sociabilidade; Cultura; Capitalismo
99	02/10/2018	Rita em 5 minutos: Amor no Ocidente	https://www.youtube.com/watch?v=IQ0R1NH0k	0:04:42	194.824	25.000	65	349	Discussão	Relações/Sociabilidade; Cultura; Capitalismo
100	09/10/2018	Rita em 5 minutos: Eleições 2018 - Primeiro Turno	https://www.youtube.com/watch?v=7vblLgR6iG8	0:08:38	74.475	12.000	81	388	Discussão	Política Brasileira
101	16/10/2018	Rita em 5 minutos: Ao Farol do Marxismo	https://www.youtube.com/watch?v=AYdK6mg0AY	0:07:58	235.652	31.000	80	960	Discussão	Capitalismo
102	23/10/2018	Rita em 5 minutos: ELE NAO - Última Chamada	https://www.youtube.com/watch?v=17v081Vz12M	0:06:14	169.155	25.000	261	610	Discussão	Capitalismo; Gênero; Política Brasileira
103	30/10/2018	Rita em 5 minutos: Remuneração do Professor	https://www.youtube.com/watch?v=17v081Vz12M	0:06:07	154.739	34.000	111	864	Discussão	Classe; Gênero
104	13/11/2018	Rita em 5 minutos: Remuneração do Professor	https://www.youtube.com/watch?v=17v081Vz12M	0:06:07	154.739	34.000	111	864	Discussão	Classe; Gênero
105	20/11/2018	Rita em 5 minutos: Remuneração do Professor	https://www.youtube.com/watch?v=17v081Vz12M	0:06:07	154.739	34.000	111	864	Discussão	Classe; Gênero
106	27/11/2018	Rita em 5 minutos: Remuneração do Professor	https://www.youtube.com/watch?v=17v081Vz12M	0:06:07	154.739	34.000	111	864	Discussão	Classe; Gênero
107	11/12/2018	Rita em 4 horas: não, porral	https://www.youtube.com/watch?v=Zu6f4mVuto	0:06:06	114.384	20.000	45	738	Discussão	Política Brasileira
108	18/12/2018	Rita em 5 minutos: Gênero e Natureza	https://www.youtube.com/watch?v=3k8k1Mv6A	0:02:54	20.940	3.600	10	221	Promoção	Curso
109	24/12/2018	Rita em 5 minutos: Gênero e Natureza	https://www.youtube.com/watch?v=3k8k1Mv6A	0:05:36	151.741	24.000	585	692	Discussão	Gênero
110	31/12/2018	Rita em 5 minutos: Gênero e Natureza	https://www.youtube.com/watch?v=3k8k1Mv6A	0:05:36	151.741	24.000	585	692	Discussão	Gênero
111	07/01/2019	Ritinha desaja Feiz Zk 9f	https://www.youtube.com/watch?v=N_CVFA4	0:05:36	148.064	27.000	96	699	Basidiótes	N/A
112	14/01/2019	Ritinha desaja Feiz Zk 9f	https://www.youtube.com/watch?v=N_CVFA4	0:05:36	148.064	27.000	96	699	Basidiótes	N/A
113	21/01/2019	Eu sobrevivi: Alexia On The Rocks	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:04:44	13.345	2.300	28	93	Humor	N/A
114	28/01/2019	Eu sobrevivi: Alexia On The Rocks	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:04:44	13.345	2.300	28	93	Humor	N/A
115	04/02/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
116	11/02/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
117	18/02/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
118	25/02/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
119	03/03/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
120	10/03/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
121	17/03/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
122	24/03/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
123	31/03/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
124	07/04/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
125	14/04/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
126	21/04/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
127	28/04/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
128	05/05/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
129	12/05/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
130	19/05/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
131	26/05/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
132	02/06/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
133	09/06/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura
134	16/06/2019	UNIVERSIDADE PARA QUEM?	https://www.youtube.com/watch?v=6d0XgUG7A	0:06:01	214.171	34.000	59	132	Discussão	Gênero; Cultura

135	23/07/2019	VESTIBULAR PARA XS TRXNS	https://www.youtube.com/watch?v=h8HJLrR2TJI	0:08:37	113.294	21.000	97	989	Discussão	LGBT+; Classe; Capitalismo; Negritude
136	30/07/2019	O CANUDO DE ELÁSTICO NÃO É O SEU INIMIGO	https://www.youtube.com/watch?v=5Q8R2CUI0	0:09:14	254.495	39.000	187	1.270	Discussão	Capitalismo; Ambientalismo
137	06/08/2019	MUITO OBRIGADA! Agraridão	https://www.youtube.com/watch?v=EBLyoUCL1Y	0:12:08	137.591	29.000	59	1.556	Basílores	N/A
138	13/08/2019	Mulheres Foda #03: Carolina Marriá de Jesus	https://www.youtube.com/watch?v=U3ONEEznWVI	0:13:37	84.031	13.000	41	867	Discussão	Gênero; Negritude; Classe; Cultura
139	20/08/2019	MEDICINA NÃO É SAÚDE	https://www.youtube.com/watch?v=Hv3K8CMXWVI	0:08:44	231.397	36.000	135	1.263	Discussão	Saúde; Capitalismo
140	27/08/2019	ESSA AMAZONIA NÃO É NOVIDADE	https://www.youtube.com/watch?v=Ev75v0J9RlQ	0:12:59	222.261	37.000	221	1.519	Discussão	Capitalismo; Ambientalismo; Colonialidade/Decolonialidade
141	03/09/2019	TEMOS UM PIENDO	https://www.youtube.com/watch?v=VWE5Bz_aRA	0:00:42	49.177	9.500	29	388	Promocão	Capitalismo; Ambientalismo
142	05/09/2019	BRECHTE E O NOSSO TEMPO	https://www.youtube.com/watch?v=BMDD199IQOQ	0:09:46	176.143	29.000	148	833	Discussão	Capitalismo; Fascismo; Ódio
143	10/09/2019	MULHERES FODA #04: Rosa Luxemburgo	https://www.youtube.com/watch?v=V7L8aaT_JER	0:16:31	84.218	11.000	34	462	Discussão	Gênero; Classe; Capitalismo
144	17/09/2019	O MEDO DE ESTAR PERDENDO	https://www.youtube.com/watch?v=V7L8aaT_JER	0:09:49	300.534	45.000	117	1.219	Discussão	Saúde; Tecnologia
145	24/09/2019	O DEUS PROBLEMA	https://www.youtube.com/watch?v=V7L8aaT_JER	0:10:09	721.833	99.000	2.900	6.913	Discussão	Religião; Marxismo; Cultura
146	01/10/2019	ANTI-CAP feat. Sabrina Fernandes (Tese Onize)	https://www.youtube.com/watch?v=HhJlLgCmO	0:11:26	221.622	35.000	309	1.477	Discussão	Capitalismo; Ambientalismo; MST
147	08/10/2019	MARCO E ECO	https://www.youtube.com/watch?v=ak6BPMAR4RY	0:10:36	324.339	50.000	197	1.458	Discussão	Colonialidade/Decolonialidade; Negritude
148	15/10/2019	Mulheres Foda #05: Angela Davis	https://www.youtube.com/watch?v=83C7tadAos	0:14:19	75.596	12.000	39	643	Discussão	Negritude; Gênero; Classe
149	22/10/2019	AS 5 LINGUAGENS DO AMOR	https://www.youtube.com/watch?v=ag35fM5S8o0	0:10:52	597.802	82.000	222	2.543	Discussão	Relações/Sociabilidade
150	29/10/2019	REPENSAR A PRISÃO	https://www.youtube.com/watch?v=KtHAcN8tWkA	0:12:34	225.274	34.000	184	1.160	Discussão	Capitalismo; Sistema Prisional; Negritude
151	12/11/2019	VOLTEI! QUE HORAS SAO?	https://www.youtube.com/watch?v=Z7VFN0V7S	0:16:48	315.286	44	227	1.246	Discussão	Política Brasileira
152	19/11/2019	Mulheres Foda #06: Nise de Silveira	https://www.youtube.com/watch?v=UcUcUcUcUcUc	0:16:48	79.403	13.000	44	798	Discussão	Gênero; Saúde
153	26/11/2019	RELIGIÃO COMO DISCURSO DE ÓDIO	https://www.youtube.com/watch?v=EQ8NB8RVPJA	0:11:20	465.092	73.000	629	2.784	Discussão	Religião; Política Brasileira; Ódio
154	10/12/2019	ADORNÓ E A INDÚSTRIA DA CULTURA	https://www.youtube.com/watch?v=F8lGd0R0R88	0:12:59	400.405	62.000	259	2.074	Discussão	Cultura; Capitalismo; Classe; Relações/Sociabilidade
155	17/12/2019	GUERRA AS DROGAS	https://www.youtube.com/watch?v=J5Z7es8HE	0:17:09	439.554	68.000	376	2.411	Discussão	Capitalismo; Sistema Prisional; Negritude; Classe
156	24/12/2019	RECADINHO NATALINO*	https://www.youtube.com/watch?v=02dMowm9z6E	0:02:26	120.959	24.000	147	739	Humor	N/A
157	31/12/2019	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL...*	https://www.youtube.com/watch?v=E147D7D7vml	0:16:16	356.502	51.000	304	1.810	Discussão	Capitalismo; Ambientalismo
158	07/01/2020	MULHERES FODA #07: POR QUÊ?	https://www.youtube.com/watch?v=ba2zbQaZic	0:14:31	95.593	18.000	76	1.506	Discussão	Gênero
159	14/01/2020	O BANHEIRO PARA TRANS?	https://www.youtube.com/watch?v=504AaBzBzk	0:15:10	333.136	59.000	399	3.113	Discussão	LGBT+; Gênero
160	21/01/2020	A REALIDADE É SUBJETIVA	https://www.youtube.com/watch?v=akdHmv0_Rkw	0:12:46	363.979	62.000	243	2.794	Discussão	Ciência
161	28/01/2020	O FUTURO DO TRABALHO	https://www.youtube.com/watch?v=08w1waGXG_U	0:20:01	503.310	74.000	403	2.604	Discussão	Trabalho; Classe; Capitalismo
162	04/02/2020	MULHERES F. D4: LÉLIA GONZALEZ	https://www.youtube.com/watch?v=Zuzd3Mf6c	0:17:19	135.951	23.000	80	1.042	Discussão	Gênero; Negritude; Classe
163	11/02/2020	O TRABALHO DE NOVO...	https://www.youtube.com/watch?v=hbaD0z9Qw	0:15:42	284.560	44.000	193	1.546	Discussão	Trabalho; Classe; Capitalismo
164	18/02/2020	ENGANÓ O BOBO	https://www.youtube.com/watch?v=XWcZr0NkHEy	0:02:40	106.775	24.000	107	1.366	Basílores	N/A
165	25/02/2020	FALA, CAMARADA!	https://www.youtube.com/watch?v=XP7u0B7Dg	0:08:00	152.530	22.000	133	458	Networking	N/A
166	03/03/2020	DELIVERY DE CONHECIMENTO	https://www.youtube.com/watch?v=5n6z48E4k24	0:16:14	303.293	49.000	153	1.771	Basílores	N/A
167	10/03/2020	MULHERES F. D4: NILMA LINO GOMES	https://www.youtube.com/watch?v=5n6z48E4k24	0:24:10	105.032	13.000	59	490	Discussão	Gênero; Negritude; Capitalismo
168	17/03/2020	PAPEL DE GÊNERO	https://www.youtube.com/watch?v=IHRBfmWUJ	0:16:27	304.046	51.000	189	1.955	Discussão	Gênero; Negritude; Classe
169	24/03/2020	EU NÃO SOU UMA MULHER	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:17:10	311.958	48.000	161	1.659	Discussão	Gênero
170	31/03/2020	HAVERA ARTE DEPOIS DO CORONAVÍRUS?	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:16:52	334.660	55.000	248	2.405	Discussão	Política Brasileira; Capitalismo; Cultura
171	07/04/2020	MULHERES F. D4 #10: Margaret Mead	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:26:03	83.271	12.000	46	533	Discussão	Gênero; Ciência
172	09/04/2020	APÓIE O COLETIVO DI JEJÊ	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:20:59	181.884	28.000	97	1.351	Networking	Rava; Gênero
173	14/04/2020	SLAM E POESIA	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:14:49	250.080	44.000	188	1.605	Discussão	Cultura; Política Brasileira
174	21/04/2020	REVISIONISMO HISTÓRICO	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:16:45	322.053	49.000	156	1.403	Discussão	Capitalismo; Ambientalismo
175	05/05/2020	MULHERES F. D4 #11: MARSHA P. JOHNSON	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:22:05	83.060	13.000	43	535	Discussão	LGBT+; Gênero; Classe; Negritude
176	12/05/2020	IDEOLOGIA	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:14:30	298.466	48.000	228	1.311	Discussão	Gênero; Classe
177	15/05/2020	#15M: EM DEFESA DA EDUCAÇÃO	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:14:30	72.861	14.000	48	423	Discussão	Política Brasileira; Capitalismo; Classe
178	19/05/2020	FELICIDADE	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:18:27	340.731	58.000	189	1.648	Discussão	Trabalho; Saúde; Ambientalismo; Capitalismo
179	26/05/2020	AMOR NA PANDEMIA: PARTE 1	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:15:43	365.381	60.000	163	2.289	Discussão	Relações/Sociabilidade; Capitalismo
180	03/06/2020	AMOR NA PANDEMIA: PARTE 2	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:23:25	267.962	42.000	112	2.105	Discussão	Relações/Sociabilidade; Capitalismo
182	09/06/2020	MULHERES F. D4 #12: Maria Lacerda de Moura	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:21:50	114.713	21.000	81	1.294	Discussão	Gênero; Classe; Anarquismo
183	19/06/2020	RACISMO, COISA DE BRANCO	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:26:17	536.261	91.000	738	4.643	Discussão	Negritude; Classe; Ódio
184	23/06/2020	ESTÁTUA!	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:20:59	242.250	44.000	196	2.115	Discussão	História; Negritude; Classe
185	01/07/2020	FALA CAMARADA #2	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:11:38	136.702	26.000	113	838	Networking	N/A
186	07/07/2020	LINGUAGEM NEUTRA @BELLIE BRASÍL*	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:15:09	295.483	39.000	2.500	2.508	Discussão	Linguagem; LGBT+; Gênero
187	08/07/2020	Rita Von Hunty lê DEOLOGIA, de Terry Eagleton*	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:14:23	71.500	8.400	44	160	Discussão	Capitalismo; Classe
188	11/08/2020	ESPERANÇA E IMAGINAÇÃO POLÍTICA	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:22:29	239.916	44.000	142	2.426	Discussão	Cultura; Política Brasileira
189	03/09/2020	TAXAÇÃO DE LIVROS	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:23:45	242.848	47.000	160	1.960	Discussão	Política Brasileira; Capitalismo; Classe
190	17/09/2020	LIVE COM VIVIANE MOSE / 02.09.2020	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:24:02	142.290	27.000	173	1.697	Discussão	PCD
191	24/09/2020	LIVE COM VIVIANE MOSE / 02.09.2020	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:28:24	57.842	8.300	27	512	Discussão	Gênero; Classe
192	01/10/2020	SETEMBRO AMARELO	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:31:35	259.548	43.000	165	1.592	Discussão	Saúde; Capitalismo; Tecnologia; Relações/Sociabilidade
193	15/10/2020	TÁ RINDO DE QUÊ?	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:22:34	300.800	52.000	240	1.796	Discussão	Humor; Política Brasileira; Classe; Negritude
194	29/10/2020	LITERATURA LGBTQA+	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:24:30	122.789	21.000	96	975	Discussão	Cultura; LGBT+
195	12/11/2020	ESTEREOTIPO	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:19:10	208.743	39.000	149	1.399	Discussão	Gênero; LGBT+; Negritude; Classe
196	15/11/2020	MUITO OBRIGADA! versão 2020	https://www.youtube.com/watch?v=Kl6f6e0Yg	0:04:11	42.940	14.000	15	1.364	Basílores	N/A
TOTAL					39.06.43	27.754.348	4.154.433	30.452	154.087	

LEGENDA
 Campos em branco indicam dados colhidos na pré-análise (02/01/2021); campos em azul indicam dados provenientes da análise; campos em amarelo claro indicam vídeos incluídos no recorte das análises
 *Como o YouTube não informa mais o número exato de likes e dislikes a partir de certo número, estes valores foram arredondados.

APÊNDICE B – CONTROLE DE ANÁLISES DE EXPRESSÃO E AVALIAÇÃO

#	DATA	TÍTULO	ENDEREÇO	DURAÇÃO	VISUALIZ.	LIKES*	DIS/LIKES	COMENT.	TEMA	PALAVRAS-CHAVE	CONST. ARGUM.	TOM	VOCABULÁRIO	EXG. DIRETAS POS.	ORIENTAÇÃO	AVALIAÇÕES INTENSIDADE
82	05/06/2018	Rita em 5 minutos: Perfil de Beleza	https://www.youtube.com/watch?v=fn0j0id6f5Q	0:04:54	431.166	58.000	220	853	Discussão	Relações/Sociabilidade, Classe, Gênero	clara	calmo	acessível	não	negativa	banda
87	18/09/2018	Rita em 5 minutos: Monogamia	https://www.youtube.com/watch?v=PKy0BIL1k	0:05:00	400.388	67.000	391	1.423	Discussão	Relações/Sociabilidade	clara	calmo	pouco acessível	sim	neutra	banda
117	13/03/2019	FOCO, FURCA E FEUERBACH	https://www.youtube.com/watch?v=7Z6VXZ8A18	0:03:30	342.595	59.000	277	1.303	Discussão	Religião, Classe	clara	calmo	pouco acessível	não	negativa	intensa
121	23/04/2019	MASCULINIDADE TÓXICA	https://www.youtube.com/watch?v=6E-CIO-TNK5Q	0:03:50	467.077	71.000	638	2.741	Discussão	Gênero; Relações/Sociabilidade	clara	calmo	pouco acessível	não	negativa	intensa
125	2/05/2019	BIBLIA: A ESCRITURA SAGRADA?????	https://www.youtube.com/watch?v=6E-CIO-TNK5Q	0:10:22	923.731	118.000	5.200	9.076	Discussão	Religião, Ciência, Gênero	clara	afresado	pouco acessível	sim	negativa	intensa
132	02/07/2019	INDÚSTRIA DO MEDO	https://www.youtube.com/watch?v=5Q-WK4LE-F4g	0:06:31	321.910	50.000	265	1.484	Discussão	Capitalismo; Sistema Político	clara	calmo	pouco acessível	não	negativa	intensa
133	11/07/2019	AI, NÃO ACREDITO!	https://www.youtube.com/watch?v=4K4SP42pV08	0:19:58	408.335	71.000	292	4.729	Discussão	LGBT, Gênero	clara	afresado	pouco acessível	sim	negativa	intensa
145	24/03/2019	O PELO ROBAL EIA (ou "titi" e o seu "titi")	https://www.youtube.com/watch?v=60B8L1G8A8E	0:14:03	721.833	99.000	3.900	6.913	Discussão	Religião; Mito; Cultura	clara	calmo	pouco acessível	não	negativa	intermediária
147	09/10/2019	MARCO E ECO	https://www.youtube.com/watch?v=4Z8H9MAY7	0:10:28	324.339	50.000	197	1.477	Discussão	Cultural/Arte/Disconvulção; Negritude	clara	calmo	acessível	não	negativa	intermediária
148	27/10/2019	AS 5 LINGUAGENS DO AMOR	https://www.youtube.com/watch?v=69L5K56559g	0:10:52	597.602	82.000	222	2.543	Discussão	Relações/Sociabilidade	clara	calmo	acessível	não	positiva	banda
151	12/11/2019	VOLTEI QUE HORAS SÃO?	https://www.youtube.com/watch?v=77FV1WV78I	0:16:46	315.296	44.000	227	1.246	Discussão	Política Brasileira	confusa	calmo	pouco acessível	sim	negativa	intermediária
153	28/11/2019	REUGIAO COMO DISCURSO DE ODI	https://www.youtube.com/watch?v=FCBN8B8Y7PA	0:11:20	485.092	73.000	629	2.784	Discussão	Religião; Política Brasileira; Odi	clara	calmo	acessível	não	negativa	intensa
154	17/12/2019	GUERRA AS PROVAS	https://www.youtube.com/watch?v=5Z788N8E	0:17:09	438.502	66.000	378	2.411	Discussão	Capitalismo; Sistema Político; Negritude; Classe	clara	calmo	acessível	não	negativa	intensa
157	31/12/2019	DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL...*	https://www.youtube.com/watch?v=El17D1vwi	0:16:18	358.502	51.000	304	1.810	Discussão	Capitalismo; Ambientalismo	clara	calmo	acessível	sim	negativa	intermediária
159	14/01/2020	UM BANHEIRO PARA TRANS?	https://www.youtube.com/watch?v=I-CO-AD8Zk	0:15:10	333.136	58.000	359	3.113	Discussão	LGBT, Gênero	clara	afresado	pouco acessível	sim	negativa	intensa
160	21/01/2020	IA BEMALDIE E SUBLETIVA	https://www.youtube.com/watch?v=8hTm0V4K3U	0:12:46	383.979	62.000	243	2.794	Discussão	Gênero	clara	calmo	pouco acessível	não	positiva	intensa
161	28/01/2020	O FUTURO DO TRABALHO	https://www.youtube.com/watch?v=8b0V4K3U	0:20:01	303.310	74.000	403	2.804	Discussão	Trabalho; Classe; Capitalismo	clara	calmo	acessível	não	negativa	intensa
162	04/02/2020	LIBERDADE DE ESCOLHA	https://www.youtube.com/watch?v=8b0V4K3U	0:18:45	322.053	48.000	156	1.403	Discussão	Capitalismo; Ambientalismo; Cultura	clara	calmo	acessível	sim	negativa	intermediária
179	19/05/2020	AMOR NA PANDEMIA - PARTE I	https://www.youtube.com/watch?v=nc08_rkx88c	0:15:27	340.731	58.000	189	2.269	Discussão	Trabalho; Saúde; Ambientalismo; Capitalismo	clara	calmo	acessível	não	positiva	intensa
183	19/06/2020	RACISMO, COISA DE BRANCO	https://www.youtube.com/watch?v=8b0V4K3U	0:26:17	536.261	91.000	738	4.643	Discussão	Negritude; Classe; Odi	clara	afresado	pouco acessível	sim	negativa	intensa
TOTAL				8:18:19	11.688.326	1.751.000	16.240	89.544								

LEGENDA
 Campos em branco indicam dados colhidos na pré-análise (02/01/2021); campos em azul indicam dados provenientes da análise temática; campos em roxo indicam dados provenientes das
 * Como o YouTube não informa mais o número exato de likes e dislikes a partir de certo número, estes valores foram arredondados.

APÊNDICE C – FICHAS PARA ANÁLISES DE EXPRESSÃO E AVALIAÇÃO

(VÍDEO 1/25)

Título: *Rita em 5 minutos: Padrão de Beleza*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=fng9olefeSQ>

Data de publicação: 5 de junho de 2018.

Número do vídeo: 82 de 196.

Número de visualizações: 431.168 (11º mais visto).

Descrição: “Enquanto a Polícia Federal não retorna seus bens, Dona Rita continua pedindo comida via iFood e militando na internet. No vídeo de hoje, ela resolveu largar o filtro dos stories e vir de cara lavada, água e sabão, discutir um pouco esses padrões maluquinhos que a sociedade impõe pra gente.”

Resumo: Rita argumenta que o padrão de beleza (ocidental), que rege nossas relações, é uma imposição da classe dominante: ser bonito geralmente está associado ao estilo de vida que a riqueza proporciona. Ela comenta ainda que essa lógica vitima principalmente as mulheres devido ao seu status histórico de objetos/posses dos homens.

Palavra(s)-chave: Relações/Sociabilidade; Classe; Gênero.

Como Rita se dirige à audiência? Rita desenvolve a temática de modo dialogado, fazendo diversas perguntas retóricas (como “E aí eu te falo: por que que esse é o padrão de beleza durante o renascimento?”) para avançar e desenvolver seus argumentos. As palavras escolhidas são bastante acessíveis.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

Rita se despede da audiência com apenas a seguinte recomendação: “da próxima vez que você achar alguma coisa – ou alguém, porque a gente trata tudo igual – bonito[sic], para para pensar: será que é bonito mesmo, ou será que essa coisa é de rico?”

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita não pede, por exemplo, que a audiência pare de ver pessoas classicamente bonitas como bonitas.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita não emite uma avaliação direta sobre o assunto, mas a argumentação indica que ela considera o padrão de beleza negativo em função de ser uma norma socialmente imposta pela classe dominante, com consequências especialmente negativas para as mulheres.

Referências¹³³: Platão.

(VÍDEO 2/25)

Título: *Rita em 5 Minutos: Monogamia*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Px2dVBIUq1k>

Data de publicação: 18 de setembro de 2018.

Número do vídeo: 97 de 196.

Número de visualizações: 400.386 (14^o mais visto).

Descrição: “Em pleno século 21, nossos compromissos amorosos são cada vez mais colocados a prova, né? Já parou pra pensar como a gente encara as relações sentimentais de exclusividade hoje em dia? Então, aperta o play e vem com a Ritinha!”

Resumo: Partindo de um vídeo anterior sobre relacionamentos abertos, Rita dá uma visão mais nuançada (e, em última análise, neutra) da monogamia.

Palavra(s)-chave: Relações/Sociabilidade.

Como Rita se dirige à audiência? Rita desenvolve a temática com clareza, de modo dialogado. Ela ocasionalmente usa palavras mais rebuscadas, como “primórdios” e “hegemônica”, e conclui o vídeo com uma piada em inglês.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Rita solicita mais engajamento de sua audiência, pedindo que o espectador “se inscreva em meu canal, acione o sininho para novas notificações, (...) curta esse videozinho e comente se gostar”, e que “deixe nos comentários” o que “pensa sobre o assunto”. Não há apelos significativos em relação à questão discutida.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita não pede, por exemplo, que a audiência deixe de ser monogâmica ou experimente um relacionamento não-monogâmico.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita avalia a monogamia como “uma receita de amadurecimento interpessoal” que vai na contramão de uma cultura que valoriza a independência pessoal extrema e a ideia de que se pode ter tudo (ao mesmo tempo). No entanto, ela ressalta que a monogamia tem aspectos complicados, e opina que a busca desesperada por um relacionamento monogâmico (e a consequente falência da monogamia) advém de “nossa velha e conhecida mania de

¹³³ Campo inserido posteriormente, após a análise do vídeo *NARCISO E ECO* (11/25).

confundir felicidade com estabilidade”. Ela também destaca que é “importante (...) pensar: será que eu estou confortável ou será que eu estou feliz?”

Referências: não há.

(VÍDEO 3/25)

Título: *Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=lmT7H09jR18>

Data de publicação: 6 de novembro de 2018.¹³⁴

Número do vídeo: 103 de 196.

Número de visualizações: 837.661 (2º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: Rita discorre sobre a importância de consciência de classe, atacando “pobre de direita” que não percebe que está longe de fazer parte da elite brasileira. Ela defende que os discursos que proferimos provêm da coletividade (“a nossa classe fala por nós”) ou mesmo do inconsciente.

Palavra(s)-chave: Capitalismo; Classe.

Como Rita se dirige à audiência? Rita inicia identificando sua audiência como progressista (“olá, amiguinho politizado”), mas depois se lança num ataque feroz contra “você pobre de direita ou classe média baixa que tem certeza que é rico”. Ela debocha desse interlocutor invisível (“Tudo que a gente tem na vida, anjo, é a nossa *força de trabalho* para vender; “Vou dar até cinco segundos pra você se recompor do choque que foi esse vídeo”), formula perguntas retóricas em tom sarcástico (“Nós somos o oitavo melhor país para se morar? Nós somos o oitavo lugar em educação? Em saúde? Em saneamento?”) e usa uma boneca que “acha que é uma Barbie” para simular a situação risível de seu alvo (“A gente, que sabe o que é uma Barbie, olha pra Roxellycsen e fala ‘Hihihi! Que ridícula ela se fazendo de Barbie’ e é mais ou menos isso que a *elite* sente quando olha para você, classe média, posando de rico, de hipster do Instagram”). Aqui e em outros momentos, Rita evidencia que se considera intelectualmente acima da(s) pessoa(s) a quem se refere, supostamente buscando iluminá-la(s) acerca da situação em que, de fato, se encontram. Algumas palavras usadas, como “ínfima”, “hipster”, e “vocífera”, são menos acessíveis que outras; no entanto, o raciocínio é bastante claro e fácil de acompanhar.

¹³⁴ Primeiro vídeo publicado após a eleição de Jair Bolsonaro, em 28 de outubro de 2018.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim. Rita estabelece que “a ideia central aqui é que você entenda que, até que você desnude sua visão para entender quem é você na pirâmide social e qual classe você ocupa, o seu discurso será alheio, inclusive pra você mesmo”, pedindo que sua audiência “olhe para o lugar que vocês ocupam na sociedade e tentem entender de qual lado vocês deveriam estar da história”. Ela admite que este não é um processo fácil “porque muitas vezes, para que nos conscientizemos dos nossos privilégios, a gente precisa passar por uma dor”, mas que considera esse processo indispensável, desejando “boa dor, bom crescimento”. Assim, a (suposta) audiência sem consciência de classe é instada a adquirir essa consciência.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?
Não.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita avalia que a consciência de classe é “famosa” e “saudosa”, que “faz falta”, e que é “decisivo” tê-la, indicando que avalia o tema positivamente e de modo bastante intenso.

Referências: não há.

(VÍDEO 4/25)

Título: *FOCO, FORÇA, FÉ E FEUERBACH*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=s7-FkAIXDR4>

Data de publicação: 19 de março de 2019.

Número do vídeo: 117 de 196.

Número de visualizações: 342.595 (18º mais visto).

Descrição: Sem (só equipe).

Resumo: A partir de Feuerbach, Rita tece uma crítica à religião como ferramenta de dominação, assinalando suas supostas funções de domesticar e confortar populações de “possíveis rebeldes” e evidenciando casos, no Brasil e na história ocidental, em que a fusão entre religião e “vidas sociais e políticas” gerou “episódios tenebrosos”. A ênfase aqui é na religião a nível de macroestrutura.

Palavra(s)-chave: Religião; Classe.

Como Rita se dirige à audiência? Rita se dirige à audiência de modo bastante direto, acessível, pacífico e calmo, desenvolvendo a temática de modo dialogado. Ela inicia

e termina com uma brincadeira, satirizando canais de milionários *self-made* que alegam ensinar os segredos de seu sucesso no YouTube.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita não pede diretamente, por exemplo, que a audiência deixe de acreditar em Deus ou aderir a determinada religião.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita inicia o vídeo reclamando de ter que falar sobre religião, visto que considera o tema “démodé” no século XXI, mas observa que se trata do “Brasilzinho” – um país atrasado, na “periferia do capitalismo”, onde coisas terríveis são feitas em nome da religião e um debate a respeito se faz necessário. Ela professa uma visão bastante cínica do pensamento religioso, vendo nele simplesmente um instrumento de dominação (“sempre que a gente pensa religião, é fundamental se perguntar: ‘a quais propósitos essa religião serve?’”), e fica “alarmada” com as coisas “problemáticas” e “nefastas” que ocorrem quando a religião se imiscui na política. Para Rita, a religião não passa de uma “invenção”, e “quem dá sentido às nossas vidas somos nós, não uma entidade inventada mística com poderes que guia os cursos das nossas existências”. Nesse sentido, o vídeo parece se destinar a educar a audiência para que ela fique tão estarecida com a interferência da religião no Estado quanto Rita: ela conclui dizendo que “a religião não é o único instrumento através do qual a gente consegue respeito e amor ao próximo; vida social coesa, coerente e de compartilhamento; ou então, achar um sentido na vida”, observando que, “se o seu deus te ensina a odiar ou discriminar alguém, talvez você não esteja se religando com um deus”.

Referências: Ludwig Feuerbach.

(VÍDEO 5/25)

Título: MASCULINIDADE TÓXICA

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=E-q0OTiNKcQ>

Data de publicação: 23 de abril de 2019.

Número do vídeo: 121 de 196.

Número de visualizações: 467.707 (8º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: Guilherme aparece no lugar de Rita para discutir masculinidade tóxica, dando prosseguimento à discussão de *Rita em 5 Minutos: Gênero e Natureza*. Ele usa

Laban e Connell para argumentar que os seres humanos são socializados a respeitar papéis de gênero desde a infância, resultando em homens privilegiados, mas incapazes de reconhecer ou lidar com suas fragilidades, predatórios em relação a mulheres, e pré-dispostos a violência.

Palavra(s)-chave: Gênero; Relações/Sociabilidade.

Como Rita se dirige à audiência? Rita inicia respondendo às pessoas que, em resposta ao vídeo *Rita em 5 Minutos: Gênero e Natureza*, “quiseram debater e dialogar sobre ‘não, homem é quem nasce XY e mulher é quem nasce XX’”. No entanto, sua abordagem é bastante pacífica: ela não debocha da audiência e fala com tranquilidade. Uma pergunta usada para continuar a argumentação é bastante interessante: “quantos homens heterossexuais que vocês conhecem, ou vocês, homens heterossexuais que assistem o canal, têm ídolos mulheres?” Algumas raras palavras usadas são mais rebuscadas: algumas, como “homoparticipativas”, “predatória” e “farsa” (no sentido teatral), recebem alguma explicação, enquanto outras, como “fakear”, “fundamentalizar” e “patológica”, não recebem.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Não há, por exemplo, um pedido direto para que os homens mudem seu comportamento.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? O conceito de “masculinidade tóxica” é, em si, negativo, mas Rita vai além, qualificando a ideia de masculinidade discutida como “tóxica pra quem a valida, aplicada aos outros, e (...) tóxica pra quem a busca, aplicada a si”. Ela entende masculinidade frágil como “aquela que se recusa a se olhar no espelho e perceber os seus defeitos”, gerando homens que, ao não poder aproveitar seus privilégios de forma socialmente aceita, recorrem à violência (ela não entra em detalhes sobre esse mecanismo). Tecendo um elo entre o mito da virilidade e o “mito” Jair Bolsonaro, Rita comenta que “a gente não pode esquecer que todo mito é também uma farsa, e toda farsa é cômica e risível por natureza”.

Referências: Rudolf Laban, Raewyn Connell.

(VÍDEO 6/25)

Título: *BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA?????????*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=bEr4bupz0Yc>

Data de publicação: 21 de maio de 2019.

Número do vídeo: 125 de 196.

Número de visualizações: 923.731 (1º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: Rita apresenta sua visão de que a Bíblia não passa de um “projeto de captura do espírito de um tempo”, e que é “um pouco absurdo” tentar pautar a vida de uma sociedade contemporânea com base nela porque (a) “a Bíblia mente” em relação a fenômenos hoje desmentidos pela ciência e (b) a Bíblia reflete “valores e (...) ideais” representativos do tempo em que foi escrita, estabelecendo normas destinadas a manter a ordem numa sociedade relativamente primitiva, com repercussões particularmente negativas para mulheres.

Palavra(s)-chave: Religião; Ciência; Gênero.

Como Rita se dirige à audiência? Como uma das razões para a produção do vídeo, Rita cita um comentário machista deixado no vídeo *A MULHER NA CULTURA*, que usa passagens bíblicas para justificar a suposta inferioridade da mulher ao homem. Ainda que não haja embates frontais com a audiência, os argumentos de Rita são expressos com um grau significativo de deboche (“espero que você que está vendo o vídeo, consiga aos pouquinhos e de forma muito didática, entender que um livro que não é científico, que foi escrito na Idade dos Metais, não contém verdades!”), destoando diretamente de pessoas religiosas e associando a fé cristã a ignorância (no caso dos fenômenos naturais) e a preconceito e opressão (no caso dos fenômenos socioeconômicos). Rita diz que o que a assusta “é que, em 2019, já sabendo tudo o que a gente sabe, ainda tenha tanta gente que não se atenta para o fato de que a Bíblia mente”. Algumas palavras mais difíceis são explicadas, como “heliocêntrico”, “geocêntrico”, enquanto outras, como “ditame”, “dogma”, e “genealogia”, não são.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Sim. Rita espera que sua audiência não pautar sua vida com base em ensinamentos bíblicos: “a gente não deve olhar pra qualquer escritura, seja ela sagrada, dita sagrada, ou não sagrada ou secular, como qualquer coisa que não seja essa, um projeto de captura do espírito, de um tempo através de uma forma literária”.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita considera que “o que está na Escritura é uma interpretação da realidade criada a partir da imaginação”; nesse sentido, já que a Bíblia foi escrita há milhares de anos, ela contém inverdades

científicas (como geocentrismo e terraplanismo) e normas sociais opressivas que há muito foram (ou deveriam ter sido) superadas. A partir disso, Rita defende que o texto bíblico se resume em “mentiras” que não podem ou não deveriam ser usadas como guia, nem para a vida individual, nem para a vida em sociedade.

Referências: Galileu, Copérnico, Flávio Josefo, Charles Lyell.

(VÍDEO 7/25)

Título: *INDÚSTRIA DO MEDO*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=sGOwKAEFarg>

Data de publicação: 2 de julho de 2019.

Número do vídeo: 132 de 196.

Número de visualizações: 321.910 (24^o mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: Rita argumenta que diversos setores da economia (incluindo não só o armamentista e o penitenciário, mas também o imobiliário e o automobilístico, por exemplo) estão articulados numa “indústria do medo” que se ampara na continuidade do crime. O amedrontamento da população serve também um fim político, evitando a ocupação de espaços públicos para fins de reivindicação política.

Palavra(s)-chave: Capitalismo; Sistema Prisional.

Como Rita se dirige à audiência? Rita desenvolve o conteúdo de forma dialogada, com uma explicação clara e acessível de seu raciocínio e sem grau expressivo de deboche. No entanto, ela usa algumas palavras mais difíceis, como “palpável” e “endêmica”, além da palavra inglesa “*lettering*”, sem explicá-las.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não. No entanto, Rita encerra a argumentação sugerindo que o socialismo é o caminho para a erradicação da “indústria do medo”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)? Não. Não há, por exemplo, um pedido para que a audiência mude seu comportamento de consumo em relação aos componentes da “indústria do medo”.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita não expressa uma avaliação explícita do objeto do vídeo; ao final, no entanto, o emprego de uma citação de Rosa Luxemburgo permite entrever que ela considera a “indústria do medo” como marcada pela “barbárie”.

Referências: Rita Luxemburgo.

(VÍDEO 8/25)

Título: *AI, NÃO ACREDITO!*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=KHSZHcqvfQ8>

Data de publicação: 11 de julho de 2019.

Número do vídeo: 133 de 196.

Número de visualizações: 409.335 (12º mais visto).

Descrição: “‘Rom pom pom pom rom pom man down!’ é com as sábias palavras de Rihanna que apresentamos o vídeo de hoje. Dona Rita, em seu ápice da pistolice, apresenta argumentos que evidenciam a íntima relação entre misoginia e homofobia. Quando em 2019 ainda ouvimos ‘Não sou/curto afeminados’ e ‘por que estamos falando de mulheres num canal LGBTQIA+?’, a única reação possível é ‘ai, eu não acredito!’. Um vídeo que trata de um tema caro porém importante. Só assista!”

Resumo: Rita responde a comentários deixados por um membro da audiência a um vídeo da série *Mulheres Foda*, questionando a produção de conteúdo sobre mulheres num canal supostamente dedicado à população LGBTQ+ (que, a seu ver, sofre mais violência no Brasil que as mulheres). Rita ataca frontalmente o autor do comentário, entendendo-o como um “macho escroto”, e defende que grupos minorizados lutem em conjunto contra seu inimigo comum, “o patriarcado e o capitalismo”, e não entre si. Ela conclui afirmando sua dedicação a produzir conteúdo com e sobre mulheres.

Palavra(s)-chave: LGBTQ+; Gênero.

Como Rita se dirige à audiência? Rita adota um tom bastante combativo, chamando o autor de comentário de “palhaço”, “uma pessoa misógina e atrasada”, e “macho escroto”: “Quando você deixa um comentário descabido desses num canal assim, você foi cooptado pela lógica e eu preciso que você lembre do Paulo Freire, que ‘quando a educação não liberta, o sonho do oprimido é ser opressor’. Quando você, viado, não aceita que a luta dos viados – todos eles, as lésbicas, os viados, as travestis, as trans – que a nossa luta é, sim, paralela à luta feminista, você acabou de se tornar um macho escroto”. Rita demonstra irritação durante quase todo o vídeo, com o uso frequente de perguntas retóricas sarcásticas: “Aí só rapidinho – você já ouviu falar de feminicídio? Você entende que o Brasil precisou que a Jandira Feghali ajudasse a redigir uma lei chamada Lei Maria da Penha porque somos um país que mais agride e mais mata mulheres no planeta? E você sabe que essas mulheres

morrem nas mãos de seus companheiros, dos seus pais, dos seus ‘conjes’, como diria Sérgio Moro, dentro de casa? Esse dado está claro para você? Que além de sermos o país que mais violenta e mata pessoas LGBT, nós também somos o país que mais violenta e mata mulheres. E você está entendendo que os dados são congruentes? Que eles têm a mesma origem?” A ideia geral é de uma intervenção moral, mais que intelectual, conduzida de cima para baixo: “O vídeo de hoje vai ser só sobre isso. Só porque é impossível que, em 2019, dentro de um canal que eu tô construindo há mais de, sei lá, quatro anos, de repente apareça uma pessoa que fale isso, e esse comentário passe sem que a gente se debruce sobre ele e fale: demos errado como civilização. Demos errado como comunidade, e demos errado como seres humanos”. Finalmente, Rita emprega determinadas palavras mais rebuscadas, como “estigmatização” (explicado) e “exacerbação” (não explicado), além de corrigir a gramática do comentário num tom debochado (comportamento que ela havia criticado frontalmente num vídeo anterior, *Rita em 5 Minutos: Modos de Usar a Língua*, de 17 de julho de 2018).

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Em sua repreensão final ao autor do comentário, Rita enuncia uma clara diretriz para a condução das lutas de grupos minorizados: “Ao fazer um comentário desses, você precisa parar e se analisar, e não se deixar cooptar por uma lógica e uma cultura que é, sim, maior do que a gente, mas que é nosso dever ser um movimento de contracultura, que é nosso dever se aliar às pautas feministas, e que é nosso dever, dentro dos nossos espaços e canais, ceder voz e dar espaço pra mulheres que nos apoiam e que caminham juntas conosco na luta contra a homofobia, a misoginia, o machismo, o racismo, todos os outros preconceitos que surgem do patriarcado e do capitalismo”. Além disso, “se você tiver tempo, você, pessoa que está vendo este vídeo, independente da sua orientação sexual e do seu gênero, [Rita precisa] que você, se for iniciante na discussão da masculinidade tóxica e da construção do gênero como construção social, tire aí da sua vida uma horinha, vá pro YouTube e procure um documentário que é *The Mask You Live In*, ‘A máscara que você vive’”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Sim. Rita deixa clara sua visão de que as lutas sociais “não podem se tornar segmentárias, fragmentárias, e dissidências [sic]”.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita faz referência explícita à sua raiva (“pistolice”) durante o vídeo, e seu intenso rechaço do pensamento expresso no comentário é evidente não só no conteúdo de sua fala, mencionado acima (xingamentos, deboche, sarcasmo), mas em seu tom (ela chega a erguer a voz em alguns momentos).

Referências: Jennifer Siebel Newsom (*The Mask You Live In*), Paulo Freire, Angela Davis.

(VÍDEO 9/25)

Título: A TEORIA DO APEGO (ou “qual é o seu tipo?”)

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ODOOoHisQ9E>

Data de publicação: 16 de julho de 2019.

Número do vídeo: 134 de 196.

Número de visualizações: 783.699 (3º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: Rita compartilha com sua audiência a chamada “teoria do apego”, de John Bowlby, descrevendo e explicando as três categorias em que todas as pessoas teoricamente podem ser divididas quando se encontram em um relacionamento monogâmico: aquelas com “um tipo saudável de apego”, que “acha[m] fácil se abrir pros outros e também se fechar”; aquelas com um “tipo ansioso de apego”, que têm medo de perder a pessoa amada; e aquelas com um “tipo distante ou dissociativo” de apego, que ficam desconfortáveis com proximidade. Rita explica que esses tipos de apego têm raízes em experiências durante a infância e diz que a educação sentimental é importante para “desenvolver dinâmicas de apego menos nocivas”.

Palavra(s)-chave: Relações/Sociabilidade.

Como Rita se dirige à audiência? Rita se expressa de modo bastante pacífico e acolhedor, construindo sua explicação de forma dialogada. O uso de termos e expressões menos acessíveis é pequeno: ela usa a expressão latina *ipsis litteris* e a palavra “sobrepujada”.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não. O vídeo convida a audiência a refletir, muito mais do que cobra alguma atitude dela: ao final, Rita apenas compartilha suas referências e diz que “gostaria que, se esse é um tema que te interesse, você pudesse se educar

emocionalmente e afetivamente e quem sabe no futuro desenvolver dinâmicas de apego menos nocivas”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita explicitamente rejeita a ideia de que alguém deve se sentir culpado pela forma como age (e, portanto, responsável por corrigi-la): “Qualquer tipo de dinâmica de apego que você tenha, você não é mau. Você apenas está machucado”.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? A partir da asserção de que “a maioria de nós está em um relacionamento entre uma pessoa distante e uma pessoa ansiosa”, levando a dinâmicas que “sempre serão frustradas e sempre nos levarão a términos mais ou menos traumáticos”, Rita considera “importante entender de onde vem a sua dor para que você possa, a partir daí, se apegar de forma menos nociva”. Assim, ainda que o vídeo foque mais em *explicar* a teoria que tecer uma *opinião crítica* sobre ela, a implicação é que Rita considera a teoria do apego uma ferramenta útil para a autocompreensão e, por consequência, para a condução de relacionamentos saudáveis.

Referências: John Bowlby, Cindy Hazan e Phillip Shaver, Aristóteles.

(VÍDEO 10/25)

Título: *O DEUS PROBLEMA*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=WqBbuLQI9ek>

Data de publicação: 24 de setembro de 2019.

Número do vídeo: 145 de 196.

Número de visualizações: 721.833 (4º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: Rica busca problematizar determinados aspectos do Deus cristão, entendendo-o como uma criação humana usada para a manutenção de hegemonia cultural (do homem branco) ocidental, questionando a doutrina de sua onisciência, onipotência e onipresença, e afirmando que o pensamento religioso impede o pensamento crítico, questionador da realidade posta.

Palavra(s)-chave: Religião; Marxismo; Cultura.

Como Rita se dirige à audiência? Rita se expressa de modo calmo e pacífico, desenvolvendo sua argumentação de forma dialogada. As palavras rebuscadas são raras e, quando não são diretamente explicadas (“politeístas”, “*status quo*”), são

acompanhadas de palavras similares mais acessíveis (“déspota”, “belicoso”, “beligerante”, “inquisidores”).

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Ainda que Rita descreva o vídeo como um “convite para [analisar] a mitologia na qual você está inserido”, ela pede que seus espectadores “contestem as coisas, não aceitem que a realidade é. Percebam que as coisas estão e se elas estão, elas podem ser alteradas”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita não pede diretamente, por exemplo, que a audiência deixe de acreditar em Deus ou aderir a determinada religião.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Partindo do pensamento marxista, Rita demonstra uma visão bastante crítica da religiosidade cristã: ela considera que Deus não passa de uma criação humana, que a classe dominante usa a religiosidade para perpetuar sua dominação sobre a massa; que preceitos teológicos como a onisciência, onipotência e onipresença de Deus podem ser refutados por uma argumentação lógica básica; e, crucialmente, que o pensamento religioso inviabiliza o pensamento crítico.

Referências: não há.

(VÍDEO 11/25)

Título: *NARCISO E ECO*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=kz6HPpM4RyY>

Data de publicação: 8 de outubro de 2019.

Número do vídeo: 145 de 196.

Número de visualizações: 324.339 (22º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: Partindo de uma exposição da artista Grada Kilomba, Rita tece uma reflexão sobre o quanto a cultura brasileira busca “ecoar” uma cultura europeia branca que “não nos pertence, nunca nos pertenceu, [e] nunca vai nos pertencer”. Ela defende o enegrecimento das referências e a descolonização dos desejos e dos parâmetros como forma de combater essa tendência, afirmando, inclusive, que o *Temporo Drag* também está num processo de enegrecer suas referências.¹³⁵

¹³⁵ Para testar esta afirmação, passamos a registrar as referências, citadas por nome ou obra, a autores e pensadores que Rita valida ou promove em cada vídeo (seja por guiarem ou informarem

Palavra(s)-chave: Colonialidade/Decolonialidade; Negritude.

Como Rita se dirige à audiência? Rita se expressa de forma bastante pacífica, mas sua argumentação, por vezes, não é clara: por exemplo, ela diz que “não somos brancos; a gente é latino”, mas depois comenta que “a gente elege pessoas brancas”. Além disso, ainda que ela dedique quase metade do vídeo a recontar os mitos de Eco e Narciso para fundamentar sua reflexão, ela presume que sua audiência conhece, pelo menos, o de Narciso, além de Rapsodo: ela se pergunta por que “a gente esteja mais familiarizado com Rapsodo, né, e com a Odisseia, a Ilíada, Desdêmona, Jasão, Medeia, do que com Griô e, por exemplo, a origem dos orixás, os mitos de fundação da civilização africana, os deuses e das crenças deles”.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Além de replicar a convocação de Lélia González de que “é preciso enegrecer as referências”, Rita pede que sua audiência busque se educar sobre estudos decoloniais: “se você nunca ouviu falar em estudos descoloniais [sic] eu preciso que você saia daqui para sua primeira pesquisa a respeito desse tema”. Em outras palavras, Rita efetivamente busca lançar a audiência num processo de aprendizado autônomo para descolonizar-se.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita não pede diretamente, por exemplo, que a audiência deixe de estudar ou fazer referência a autores brancos ou europeus.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita critica a cultura brasileira como “eco de uma cultura narcísica”, afirmando que “a nossa cultura é africana” porque a maioria das pessoas que vieram para o Brasil no século XVIII eram pessoas negras escravizadas. Nesse sentido, Rita considera que “Descolonizar os nossos desejos, os nossos parâmetros, é o primeiro ditame se a gente quer, de verdade, descobrir” nossa autêntica cultura afro-brasileira, enfatizando a importância dos estudos decoloniais nesse processo.

Referências: Grada Kilomba, Lélia González, Djamila Ribeiro, Simone de Beauvoir.

(VÍDEO 12/25)

Título: AS 5 LINGUAGENS DO AMOR

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=g9Xx5lyjS8oo>

sua reflexão, seja por produzirem conteúdo que Rita recomenda). Para fins de comparação, esta investigação foi estendida posteriormente aos dez vídeos anteriores a *NARCISO E ECO*.

Data de publicação: 22 de outubro de 2019.

Número do vídeo: 149 de 196.

Número de visualizações: 597.602 (5º mais visto).

Descrição: “Artigo Egbert&Polk: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/1..>”

Resumo: Seguindo a proposta de seu vídeo bem-sucedido sobre *A TEORIA DO APEGO*, Rita apresenta as cinco linguagens do amor de Gary Chapman (presentes, tempo de qualidade, palavras de afirmação, atos de serviço, toque físico), explicando sua aplicação na manutenção de relacionamentos saudáveis e usando Bauman e estatísticas de divórcio para dar uma breve contextualização do tema na contemporaneidade.

Palavra(s)-chave: Relações/Sociabilidade.

Como Rita se dirige à audiência? Rita se expressa de modo bastante pacífico e acolhedor, construindo sua explicação de forma dialogada, e usa uma linguagem relativamente acessível.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

Rita se limita a explicar e contextualizar a teoria de Chapman, terminando com um convite para que a audiência comente no vídeo “se vocês acreditam na psicometria, na psicométrica desse teste, se vocês acham que ele é válido, se vocês têm interesse no livro e quais são as linguagens do amor de vocês”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita demonstra julgar a teoria das cinco linguagens do amor importante para fins de educação sentimental: “É importante que a gente entenda que aqui o que está sendo posto pelo Gary Chapman é que a maioria dos nossos relacionamentos fracassa porque duas pessoas falam línguas diferentes e não estão dispostas a fazer uma ponte entre essas linguagens”. No entanto, ela não apresenta a teoria acriticamente: ainda que ela cite um estudo científico posterior que daria credibilidade às linhas gerais da proposta (“apesar de um caráter meio vago, meio abrangente”), ela reconhece que Chapman pode ser entendido como um “guru casamenteiro” e encerra o vídeo pedindo a opinião da audiência acerca da validade da teoria. O conteúdo não é apresentado como verdade absoluta, e sim como uma possível ferramenta útil para navegar relacionamentos na contemporaneidade.

Referências: Gary Chapman, Nichole Egbert e Denise Polk, Zygmunt Bauman, Silvia Federici, Raymond Williams.

(VÍDEO 13/25)

Título: *VOLTEI! QUE HORAS SÃO?*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=77VFnWN7ISI>

Data de publicação: 12 de novembro de 2019.

Número do vídeo: 151 de 196.

Número de visualizações: 315.296 (25º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: Rita discute a crise institucional brasileira no governo Bolsonaro, contextualizando-a na América Latina, relacionando-a com elementos problemáticos da democracia brasileira (como o pluripartidarismo, o presidencialismo de coalizão que dele decorre, e os fundos partidário e eleitoral) e refletindo sobre a recorrência de líderes populistas amparados em mensagens anticorrupção a cada 30 anos. Ela conclui que é alta a probabilidade de que Bolsonaro não termine seu mandato.

Palavra(s)-chave: Política Brasileira.

Como Rita se dirige à audiência? Rita se expressa de forma bastante didática, demonstrando com relativa clareza a construção de seu raciocínio, ainda que determinados pontos soem pouco claros, ou mesmo contraditórios: por exemplo, ela critica o sistema democrático protegido pela Constituição de 1988, ao mesmo tempo em que critica e diz esperar pela queda de um presidente em função dos constrangimentos desse sistema. Além disso, Rita usa algumas palavras inglesas, como “*revival*”, “*chancellor*” e “*establishment*”, sem explicá-las.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Ao final do vídeo, Rita convoca a audiência a participar mais ativamente da política: “Nunca antes na história desse canal eu quis tanto que vocês soubessem que agora já é mais do que hora de vocês fazerem parte de um movimento social ou estarem ligados a um partido onde vocês possam estender, alongar e aprofundar as discussões que a gente tem por aqui. O cenário tá se acirrando e é muito importante que a gente tenha, agora, rede de apoio”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Ao desenvolver sua argumentação sobre a recorrência de líderes populistas a cada 30 anos, Rita parece criticar a organização da democracia brasileira, especialmente no que diz respeito ao pluripartidarismo e ao presidencialismo de coalizão (“a gente partiu de 8 legendas em 1988 para 30 legendas em, agora, quase 2020, o que significa que hoje, para garantir governança, para que projetos sejam aprovados (...), um presidente precisa fazer um acórdão (...), fazer alianças com (...) 16 partidos [sic]”) e aos fundos partidário e eleitoral (“A gente tem tanto partido porque partido político é uma coisa que dá dinheiro no Brasil, tá? (...) Bom, e pras legendas, vai ficar disponível uma quantia, assim, irrisória de 3.7 bilhões [de reais] de fundo eleitoral, dinheiro que será usado para (...) que gente muito bacana, possa se eleger, como, por exemplo, os laranjas do PSL, pessoas que chegaram a usar mais de meio milhão nas suas campanhas e tiveram pouco mais de 100 votos”). No entanto, ela não percebe como negativo que o presidente Bolsonaro seja afastado do cargo em função de constrangimentos estruturais como esses: “Será que o governo Bolsonaro chega até o fim? Talvez eu seja do time das otimistas ou das atidas ao processo histórico, que vai falar ‘moçada, as chances são de que não’” Respondendo à pergunta hipotética “Mas Rita, você tá falando, deixa o homem governar?” ela responde “Não, anjos, primeiro porque ele não tem essa capacidade, a gente sabe que não tem. A democracia, ela impinge [sic] diálogo, diálogo requer escuta, e a gente tá falando de uma pessoa com mais de 30 anos de vida pública que mal aprovou projeto”.

Referências: William Nozaki, João Villaverde.

(VÍDEO 14/25)

Título: *RELIGIÃO COMO DISCURSO DE ÓDIO*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=EQBNqBRyPiA>

Data de publicação: 26 de novembro de 2019.

Número do vídeo: 153 de 196.

Número de visualizações: 465.092 (9º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: Rita problematiza a religião como discurso de ódio a partir de três eventos recentes, que ela entende como versões farcescas de tragédias históricas: o golpe de Estado na Bolívia (as Cruzadas); a aplicação de uma prova com questões homofóbicas num colégio adventista no Pará (Inquisição); e a proposta de

implementar canais de denúncia nas escolas brasileiras para denunciar professores que “atentem contra a moral e a religião ética das famílias” (Santo Índex). Rita ainda oferece algumas ideias sobre como combater discursos de ódio mascarados de discursos religiosos.

Palavra(s)-chave: Religião; Política Brasileira; Ódio.

Como Rita se dirige à audiência? Rita se expressa de forma clara, concisa, calma e bastante pacífica, recorrendo ocasionalmente a perguntas retóricas para avançar sua argumentação.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Rita finaliza sua fala refletindo que “nesses cenários de agravamento de crise e uma possível tragédia ou farsa eminente, a gente precisa ter muito evidente na cabeça quem somos nós e quem são eles, qual é a moral, a ética e os bons costumes deles e quais deveriam ser os nossos”. Nesse sentido, Rita prescreve a união, aparentemente das pessoas e dos movimentos progressistas, como caminho para o combate à direita religiosa: “nunca foi tão importante que a gente tivesse unido para que a gente aprendesse como agir em conjunto”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita não pede diretamente, por exemplo, que a audiência deixe de acreditar em Deus ou aderir a determinada religião.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita avalia que os discursos religiosos adotados pela direita mascaram discursos de ódio, levando-a a comparar casos recentes (um golpe, uma prova, uma proposta de política pública) a barbáries históricas cometidas em nome da religião (as Cruzadas, a Inquisição, o Santo Índex). Em especial, Rita considera o Escola Sem Partido um “golpe antidemocrático”, partindo da ideia de que ele não “vai ser pensado e votado pela sociedade brasileira”; além disso, ela entende que um projeto de educação despolitizado e baseado em ensinamentos religiosos é também “estritamente técnico-profissional, é ensinar as pessoas a desempenharem funções num sistema sem nunca questionar por que, para quem, de que forma, em qual sistema e se há alternativa”. Como resposta a essas tendências preocupantes, Rita prega a distinção entre “nós” (aparentemente, pessoas progressistas) e “eles” (aparentemente, a direita religiosa) e a união (aparentemente, das pessoas e dos movimentos progressistas) contra as “facções criminosas” no poder. Ela finaliza sugerindo que, conforme Žižek, “O verdadeiro teste ético não é a

prontidão em salvar as vítimas, mas também, e até mais, a implacável dedicação em aniquilar as pessoas que as transformaram em vítimas”.

Referências: Antonio Candido, Roberto Schwarz, Alfredo Bosi, Raymond Williams, Karl Marx, Leon Trotsky, Slavoj Žižek.

(VÍDEO 15/25)

Título: *ADORNO E A INDÚSTRIA DA CULTURA*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=F98LqQt0Rd8>

Data de publicação: 10 de dezembro de 2019.

Número do vídeo: 154 de 196.

Número de visualizações: 400.405 (13º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: A partir da obra de Adorno, Rita

Palavra(s)-chave: Cultura; Capitalismo; Classe; Relações/Sociabilidade.

Como Rita se dirige à audiência? Rita desenvolve sua argumentação de forma clara, concisa, calma e pacífica. Em termos de acessibilidade da linguagem, Rita recorre com certa frequência a palavras e conceitos relativamente elaborados, como “espólio”, “expropriação”, “profícua”, “fetiche da mercadoria” e “fetiche no sentido freudiano”, além de palavras estrangeiras, como “*paper*” e “*blockbusters*”, sem providenciar maiores explicações sobre seu significado.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

Rita se limita a usar Adorno para apontar determinados aspectos da realidade contemporânea, ressaltando a importância de “perceber a manufatura dos nossos desejos” e travar batalhas políticas nos campos cultural e psicológico.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita não pede, por exemplo, que sua audiência deixe de consumir os produtos da indústria cultural contemporânea, focando em produtores culturais alternativos ou independentes.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? A construção do raciocínio sugere que Rita está de acordo com o pensamento adorniano, tanto no que diz respeito à fetichização das mercadorias quanto no que diz respeito à função despolitizadora da indústria cultural – “o cinema (...) costuma nos levar para esse lugar da anestesia, da imaginação de outro mundo e, a não ser que ele seja muito bem manejado para nos dar ideias (vou deixar aqui o *Bacurau*), o que ele faz é apenas

anestesiar e desinformar as pessoas”; “a música pop (...) é sempre sobre (...) viver um grande amor e pensar apenas em vida sentimental”. Ela sustenta que “Adorno é fundamental para que a gente consiga perceber a manufatura dos nossos desejos. Aqui no canal eu falo muito sobre a colonização deles, e eu gosto de adicionar o termo colonização é [sic] porque, normalmente, a estrutura de pensamento, a estrutura de venda e a estrutura de consumo vêm de fora”. Rita ainda deixa claro que Adorno “permanece uma de [suas] referências mais queridas” porque ele ressalta a importância de travar batalhas políticas nos campos cultural e psicológico.

Referências: Theodor Adorno, Karl Marx, Sigmund Freud, Walter Benjamin, Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles (*Bacurau*).

(VÍDEO 16/25)

Título: GUERRA ÀS DROGAS

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=-JS27esNdkE>

Data de publicação: 17 de dezembro de 2019.

Número do vídeo: 155 de 196.

Número de visualizações: 439.554 (10º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: Rita discute a ideia de “guerra às drogas” como uma ferramenta de dominação de classe, dizendo que ela “só é guerra quando o corpo que será morto é um corpo marcado por raça e etnia, marcado por pobreza, marcado por um lugar de periferia social”, questionando a narrativa de senso comum sobre vício, e defendendo a legalização de drogas para superação dessa realidade.

Palavra(s)-chave: Capitalismo; Sistema Prisional; Negritude; Classe.

Como Rita se dirige à audiência? Rita tece seus argumentos de forma bastante clara e concisa, deixando entrever sua paixão pela temática na irritação, no sarcasmo e na ênfase que permeiam grande parte do vídeo. Em determinados momentos, ela usa perguntas retóricas para avançar seus argumentos (“Será que não tem consumo de drogas nas festas da Mackenzie? Da PUC? da USP? Será que não tem consumo de drogas na festa do peão de Barretos? Será que não tem consumo de drogas no Vila Country, no Vila Mix? Será que não tem consumo de drogas na The Week?”); em outros, ela usa perguntas para aproximar a audiência do tema de maneira relativamente incisiva (“É só pensar em você que está vendo o vídeo e está, por exemplo, com uma garrafinha de água com você. Vodca é legalizada. E por que, ao

invés de água nessa garrafinha, você não tem vodca? E por que, ao invés de suco, chá, açaí, você não toma vodca com todas as refeições? Provavelmente a resposta na qual você vai chegar é que você não faz isso porque você não precisa, não quer e não depende disso para nada”).

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?
Não.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita abre o vídeo destacando que “detesta” a expressão “guerra às drogas”, pois considera que ela mascara “a institucionalização de uma prática para o encarceramento e o genocídio em massa da população negra e periférica e pobre do nosso país”. Ela argumenta que “o que torna as pessoas viciadas não é exatamente uma posta criminal e nem o entorpecente em questão”, mas a situação social em que elas se encontram, e conclui dizendo que a legalização das drogas é um caminho mais viável do que o proibicionismo: “só a implantação de política e prática pública consciente de integração de pessoas são as coisas que podem resultar numa efetiva guerra às drogas, que vai precisar trocar de nome porque também vai trocar de paradigma”.

Referências: William S. Burroughs, Bruce Alexander, Peter Cohen, Danny Boyle (*Trainspotting*).

(VÍDEO 17/25)

Título: *DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL...*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Ef4T7DrTvmI>

Data de publicação: 31 de dezembro de 2019.

Número do vídeo: 157 de 196.

Número de visualizações: 356.502 (17º mais visto).

Descrição: “Referências:

1) ANA

<https://www.ana.gov.br/noticias/estud...>

2) ESTUDO ANA

<http://www.snirh.gov.br/portaI/snirh/...>

3) PAINÉIS INDICADORES

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrlj...>

4) MAPAS INTERATIVOS

<http://portal1.snirh.gov.br/ana/apps/...>

5) METADADOS

<http://metadados.ana.gov.br/geonetwor...>

6) A revolução é o freio de emergência - Michael Löwy

7) Bem Viver - Alberto Acosta

8) Projeto Colibri - França

9) SABRINA FERNANDES - TESE ONZE

<https://www.youtube.com/watch?v=b4dri...>

<https://www.youtube.com/watch?v=WcpZG...>

<https://www.youtube.com/watch?v=UmefT...>

<https://www.youtube.com/watch?v=fykaC...>

10) THIAGO D'ÁVILA - BEM VIVENDO

https://www.youtube.com/watch?v=IR_-8...

[https://www.youtube.com/watch?v=T-ST3..."](https://www.youtube.com/watch?v=T-ST3...)

Resumo: Rita combate a noção de que o planeta pode ser salvo da catástrofe ambiental por meio do “desenvolvimento sustentável” e/ou do “consumo consciente”, afirmando que esses conceitos são oxímoros que colocam sobre os indivíduos uma responsabilidade que pertence às grandes empresas capitalistas, em função de seu elevado consumo de recursos naturais e de sua elevada produção de lixo.

Palavra(s)-chave: Capitalismo; Ambientalismo.

Como Rita se dirige à audiência? Rita desenvolve sua argumentação de forma bastante clara, evidenciando uma forte preocupação pessoal com a temática. Sua escolha de palavras ocasionalmente inclui termos e conceitos mais elaborados que carecem de explicação, como “exorbitante”, “salário máximo”, “*commodities*”, “promulgada”, e “propelida”, ainda que outros, como “oxímoro” e “obsolescência programada”, tenham sido explicados durante o vídeo.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Para além de sua ênfase na importância do ecossocialismo e de um convite para participar do Subverta, uma vertente ecossocialista do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Rita pede “que vocês se apoderem e se apropriem dos vídeos produzidos pela Sabrina [Fernandes], uma das intelectuais que eu mais respeito nesse assunto, que vocês corram para o canal do Thiago [Ávila], e que a gente possa começar 2020 com um desejo real de mudança real”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita ataca frontalmente a ideia de que “desenvolvimento sustentável” é uma alternativa viável para salvar o planeta, afirmando que “no capitalismo não existe consumo ou desenvolvimento consciente ou sustentável. Esse é um sistema de acumulação infinita onde não existe limite para quanto dinheiro você pode fazer explorando o meio ambiente”. Para além disso, ela rejeita como “mentira” a ideia de que os indivíduos (especialmente os mais vulnerabilizados) devem se sentir responsáveis pelo estado do meio ambiente ou instados a modificar seu comportamento para melhorá-lo, culpando o “capitaloceno”, as grandes indústrias e os bilionários pela destruição ambiental. Nesse contexto, “escolhas pessoais, escolhas individuais, não se configuram como movimentos de resistência política, ou de leito de uma alternativa social”, já que seus efeitos na conjuntura são ínfimos. Rita relata ainda ter se conscientizado “da urgência de que esse seja um dos nossos debates principais”, visto que “pensar uma alternativa da sociedade real para 7 bilhões de pessoas requer pensar o ecossocialismo”, e aponta que “é necessário que a gente comece a rever os nossos conceitos do que é abundância, o que é bem viver, e o que é bem-estar”.

Referências: Herbert Marcuse, Al Gore (*Uma verdade inconveniente*), Jordan Brown (*Forget Shorter Showers*), Kirkpatrick Sale, Sabrina Fernandes, Tiago Ávila, Fidel Castro; a descrição cita, ainda, Michael Löwy e Alberto Acosta.

(VÍDEO 18/25)

Título: *UM BANHEIRO PARA TRANS?*

Endereço do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=t_5O4AbzBZk

Data de publicação: 14 de janeiro de 2020.

Número do vídeo: 159 de 196.

Número de visualizações: 333.136 (21º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: A partir de um caso recente em que uma mulher transsexual foi expulsa de um banheiro feminino num shopping, Rita combate alguns pontos de discussão transfóbicos, argumentando que (a) agressões contra mulheres brasileiras cisgênero são cometidas, em sua grande maioria, por homens que vivem com elas; (b) que implementar um terceiro banheiro para pessoas trans seria promover um novo

apartheid; e (c) que as pessoas trans existem há tanto tempo quanto as pessoas cisgênero.

Palavra(s)-chave: LGBTQ+; Gênero.

Como Rita se dirige à audiência? Rita inicia o vídeo avisando que está “bastante pistola [irritada] e isso pode transparecer no vídeo”, chega a reconhecer que está alterada, e conclui dizendo “até semana que vem, se eu tiver que voltar aqui vai ser para bater mais”. De fato, seu discurso é marcado por um tom combativo que, apesar de não afetar a clareza e a força de seus argumentos individuais (muitas vezes ilustrados com colocações fortes) pode prejudicar seu objetivo central, que, ostensivamente, é educar. Como exemplo, tomamos as seguintes colocações feitas à audiência: “São vocês, cisgênero, que deviam pedir desculpas por terem tomado [das mulheres trans] os seus lugares” e “Ao discutir o absurdo de pensar um banheiro exclusivo para as pessoas trans, eu gostaria muito que você que assiste o vídeo me respondesse: Como é o banheiro na sua casa? O banheiro da sua casa é separado por gênero? Existe um banheiro só para homens e outro só para mulheres dentro da sua residência? Ou será que você faz parte dos ricos cafonas brasileiros, que têm banheiro de empregada em casa? Uma espécie atualizada de senzala, de banheiro de serviçal, que é menor, mais sucateado, e menos confortável do que o banheiro da casa grande”. O tom geral parece ser de expor uma realidade óbvia a uma pessoa ignorante: “acreditar que a norma natural e saudável é o cisgênero é só ignorância. Pensar o mundo humano como maniqueísta, oposto, diametral e dicotômico é uma burrice sem fim e uma aberração histórica”. Rita também se arrisca a incorrer numa implicação problemática de responsabilização da vítima, ao dizer para mulheres cisgênero que a fonte mais provável de agressão que elas enfrentarão virá de “um homem com quem [elas escolheram] dividir a sua vida”. Em geral, a escolha de palavras é acessível, fora o uso raro de termos como “apartheid”, “maniqueísta” e “dicotômico”; em determinado momento Rita usa palavras mais rebuscadas para satirizar possíveis críticas advindas da intelectualidade de esquerda (“esse é um típico tema pós-estruturalista pós-modernista e (...) eu sou uma revisionista trotskista, frankfurtiana...”). No entanto, ela não se detém em explicar os termos centrais do debate, *transsexualidade* e *cisgeneridade*.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Rita pede que quem porventura não se sensibilize com o vídeo de Lanna

Hellen assista aos vídeos de outras mulheres trans sobre o caso (Luiza Marilac, Maria Clara Spinelli e Magô Tonhon).

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?
Não.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita caracteriza o caso que originou o vídeo como “transfobia” e um “show de horrores”, explicitando sua revolta com o que aconteceu com Lanna Hellen. Além disso, ela diz ter ficado “chocada” ao ver “mulheres cis dizendo que não se sentiam confortáveis com o fato de uma mulher trans estar usando o mesmo banheiro que elas”, chamando os argumentos dessas pessoas de “os mais absurdos possíveis”. Entre eles, Rita destaca que a implementação de um banheiro específico para pessoas trans é um “absurdo” que representaria o retorno à lógica do apartheid racial, argumentando que as mulheres cis são vitimadas por homens cis, não por mulheres trans. Ela também rejeita protestos contra a discussão dessa pauta por “alguns entusiastas intelectuais de esquerda”, dizendo que opera “com a noção de que o materialismo histórico opera com a assimilação de novos conceitos”, incluindo a asserção de que, historicamente, “a transexualidade é tão antiga quanto a cisgeneridade”.

Referências: Luiza Marilac, Maria Clara Spinelli, Magô Tonhon, Paul Preciado, Judith Butler, Simone de Beauvoir.

(VÍDEO 19/25)

Título: *A REALIDADE É SUBJETIVA*

Endereço do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=kdHmy0_Rkcw

Data de publicação: 21 de janeiro de 2020.

Número do vídeo: 160 de 196.

Número de visualizações: 363.979 (16º mais visto).

Descrição: Sem (só redes sociais).

Resumo: A partir da ideia de que a realidade só pode ser percebida a partir do momento em que ela é mediada e decodificada por alguma ferramenta (especialmente, e em primeiro lugar, a palavra), Rita defende as ciências humanas por seu papel na expansão da consciência “do que é humano e do que é humanidade, e como essa humanidade se configura e se apresenta em locais e tempos diferentes”.

Palavra(s)-chave: Ciência.

Como Rita se dirige à audiência? Ainda que trabalhe com ideias relativamente complexas, a exposição de Rita é bastante clara e acessível: ela tece seus argumentos com calma (“Se está ficando complicado, eu simplifico”), lança mão de exemplos abundantes, e recorre até a exercícios práticos (“Vou até deixar que você pause o vídeo. Você conseguiria me dizer qual desses cubos é o diferente? Se você está tendo dificuldade em responder, você acabou de passar pela mesma experiência da tribo Himba”). No entanto, alguns termos, como “decodificação”, “primazia” e “filólogo”, carecem de explicações que poderiam ser interessantes. A audiência é tratada com respeito, sem deboche; ao final, Rita diz que quer que o vídeo fique como uma “provocação para que a gente possa repensar quais são as lentes através das quais nós temos acessado a realidade”.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

No entanto, Rita diz que “a gente precisa se instrumentalizar de mais e melhores ferramentas para dar cabo de decodificar a realidade, uma vez que a realidade não pode ser, em si, experienciada, mas ela tem a sua experiência mediada por alguma ferramenta”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)? Não.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita defende que “a realidade não pode ser, em si, experienciada, mas ela tem a sua experiência mediada por alguma ferramenta”, com primazia do discurso: “O que eu quero com esse vídeo é que você entenda que, se não existe a palavra, não existe a realidade. E, a partir do momento, que a gente tem uma palavra específica para dar cabo de uma realidade, a gente consegue enxergar essa realidade através de uma nova perspectiva”. Ao explicar e exemplificar essa lógica com estudos de diversas áreas das ciências humanas, Rita defende e promove o campo das ciências humanas como tendo um papel fundamental na “expansão da consciência” humana.

Referências: Maria Elisa Cevalco, Sigmund Freud, Jacques Lacan, William Gladstone, Lazarus Geiger, Jules Davidoff.

(VÍDEO 20/25)

Título: *O FUTURO DO TRABALHO*

Endereço do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=g8w1wACGX_U

Data de publicação: 28 de janeiro de 2020.

Número do vídeo: 161 de 196.

Número de visualizações: 503.310 (7º mais visto).

Descrição: “Listinha de referências:

Revolução 4.0 e a lição de Marx:

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticia...>

47 dos empregos vão desaparecer nos próximos 25 anos:

<http://www.ihu.unisinos.br/565544-qua...>

60% dos jovens estão aprendendo profissões que a AI vai ocupar em menos de 20 anos:

<http://www.ihu.unisinos.br/maisnotici...>

Um guia para compreender a quarta revolução industrial:

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticia..>”

Resumo: A partir de Marx e Veblen, Rita descreve o caráter duplamente alienante do trabalho moderno e reflete sobre perspectivas para o futuro, criticando a falta de reflexos positivos dos avanços tecnológicos na vida dos trabalhadores e problematizando o desemprego no Brasil como “projeto”, além de enfatizar a importância da organização sindical e partidária para a superação dessa realidade.

Palavra(s)-chave: Trabalho; Classe; Capitalismo.

Como Rita se dirige à audiência? Rita desenvolve sua argumentação de forma bastante clara e acessível, usando poucas palavras rebuscadas sem acompanhá-las de uma explicação. Ela usa perguntas para avançar a discussão (“O seu trabalho hoje poderia ser desempenhado por uma máquina? Se você respondeu que não, você pertence a menos de 30 ou alguma coisa, entre trinta e quarenta por cento da população no Brasil”); se dirige à audiência de proletário para proletário (“Nós, que somos classe trabalhadora, produzimos tudo que existe no mundo”; “[os bilionários] fingem que trabalham para que você também tenha uma noção de ódio menor deles”); e deixa claro que pretende mobilizar a audiência (“Aqui no Tempero Drag, desde sempre a gente faz questão de falar sobre consciência de classe e ódio de classe, (...) porque se você não está consciente de tudo isso e você não tem sentimentos para se organizar e para lutar, a outra classe já está organizada e lutando e aprovando as reformas que ela precisa”).

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Numa ocorrência notável de repreensão à audiência, Rita pede que as pessoas assistam ao vídeo e anotem as referências citadas à mão, em vez

de pedir para que ela as deixe, por escrito, na descrição do vídeo (sarcasticamente, ela chega a pausar o vídeo para mostrar como se pausa para conseguir anotar a referência).

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita expressa choque com a ideia de que, “para que a gente se constitua como ser humano, primeiro, a gente tem que se constituir como trabalhador” e critica duas de suas consequências: primeiro, o fato de que as pessoas desempregadas acabam na “desumanização”, no “embrutecimento” e na “animalização”, especialmente porque “o desemprego é um projeto”; e segundo, o fato de que o desenvolvimento tecnológico se reflete apenas no aumento do lucro, e não na melhoria de vida dos trabalhadores: “com menos horas de trabalho, você é capaz de produzir o mesmo número de mercadorias, e a gente passa a trabalhar menos horas? Não. E a gente passa a receber mais porque está produzindo mais mercadorias? Não”. Nesse sentido, para além de sua já habitual defesa da redistribuição de riqueza como caminho para o progresso (“Eu sempre falo isso em todos os vídeos, gente, vídeo da Rita é sempre o mesmo”), Rita julga “importante estar organizado, sindicalizado, lutando por uma outra realidade do trabalho, para que esse não seja o nosso futuro, essa espécie apocalíptica de feudalismo, não, mas para que a gente possa olhar para o futuro do trabalho como as ditas nações desenvolvidas da Europa”. Ela também avalia como necessário “lutar para que isso [melhores condições de trabalho] não seja um privilégio de uma minoria que tem um emprego que não pode ser substituído por uma máquina, mas que essa seja a realidade da maioria das pessoas. (...) É um momento crucial e decisivo no futuro do trabalho, e a gente precisa lutar aqui, nas periferias do capitalismo, e como classe trabalhadora, para que o futuro do trabalho esteja mais ligado com a emancipação do que com a servidão coletiva”.

Referências: Karl Marx, Thorstein Veblen, Friedrich Engels; a descrição cita trabalhos de Philip Perry, Cesar Sanson, Pablo Roots, e Klaus Schwab.

(VÍDEO 21/25)

Título: *HAVERÁ ARTE DEPOIS DO CORONAVÍRUS?*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=kUP1Qv8w4V4>

Data de publicação: 31 de março de 2020.

Número do vídeo: 170 de 196.

Número de visualizações: 334.660 (20º mais visto).

Descrição: “Trecho original do Prisma 34 de Adorno:

The more total society becomes, the greater the reification of the mind and the more paradoxical its effort to escape reification on its own. Even the most extreme consciousness of doom threatens to degenerate into idle chatter. Cultural criticism finds itself faced with the final stage of the dialectic of culture and barbarism. To write poetry after Auschwitz is barbaric. And this corrodes even the knowledge of why it has become impossible to write poetry today. Absolute reification, which presupposed intellectual progress as one of its elements, is now preparing to absorb the mind entirely. Critical intelligence cannot be equal to this challenge as long as it confines itself to self-satisfied contemplation. (Prisms, 34)”

Resumo: Gravando de sua casa sob um regime de isolamento social, Rita critica a resposta do governo e do empresariado brasileiros à pandemia do COVID-19, vendo nela um processo de reificação do ser humano que lembra a barbárie nazista, e reafirma a importância da arte e da cultura tanto manter a esperança em dias melhores quanto para ajudar a produzi-la.

Palavra(s)-chave: Capitalismo; Política Brasileira; Cultura.

Como Rita se dirige à audiência? Rita fala com clareza e demonstra grande interesse e paixão pelo que diz, especialmente quando imbuí suas palavras e colocações com emoção: além de listar diversas barbáries nazistas para ilustrar seu raciocínio, ela compartilha os nomes de duas pessoas mortas pelo coronavírus para reafirmar que elas “não são dados estatísticos”, mas “pessoas que tinham família, amavam e (...) são insubstituíveis”, e conclui o vídeo lendo um poema escrito por sua avó. Sua exposição é bastante acessível: Rita explica o conceito de “reificação” (“eu peço aqui que, de forma muito simplificada, vocês entendam reivindicação como coisificação”) e, fora isso, não usa muitos conceitos teóricos ou palavras rebuscadas.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

Rita diz esperar apenas que “esse vídeo, como todos os outros do canal, ajude você a enxergar a realidade por uma nova perspectiva, mas acima de tudo, te nutra com esperança para que a gente possa transformar o mundo”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita denuncia a falta de humanidade do governo Bolsonaro e de diversos empresários que o apoiam, citando e rebatendo colocações que ela avalia como evidências de uma postura reificadora e barbárica, e tece uma “crítica de uma cultura que, nesses momentos de crise, se desvela”. Em sua percepção, o descaso em relação à crise sanitária pode se dever ao fato de que os idosos, maior grupo de risco para COVID-19, são “descartáveis” porque a terceira idade é “a fase na qual menos se extrai mais-valia do ser humano, (...) quando o ser humano é menos produtivo (...) e (...) menos consumidor”. Ela entende a burguesia brasileira como “pessoas que traficavam, (...) latifundiários e (...) assassinos de povos originários”, e argumenta que o presidente Bolsonaro não é “apenas despreparado”, “louco”, ou “aparvalhado”, mas que ele “está atendendo a um projeto (...) de uma agenda ultraliberal”. Rita ainda destaca que “a gente não pode se resignar numa visão, numa lógica do mundo que subverte as coisas”, transformando vidas humanas em estatísticas: “E que mundo absurdo é esse que a gente herdou no qual a gente precisa gravar um vídeo alertando as pessoas de que as vidas de seres humanos são mais importantes do que vender hambúrguer?” Para ela, a arte pode ser um caminho para resistir a e superar essa lógica desumanizadora: “a arte tem o poder de ser um espelho da vida, e através dela a gente consegue ver o que está acontecendo”, ressaltando a advertência de Adorno de que “não pode mais haver arte, se a arte não ajudar a transformar essa sociedade”. Rita conclui dizendo que “sempre que eu preciso reavivar a humanidade que existe em mim ou lutar contra o processo de reificação da minha consciência, que é um processo imprimido pela estrutura desse nosso mundo, eu me apego na poesia, eu me apego na arte, nas pessoas que eu amo e nos intelectuais que me inspiram”.

Referências: Theodor Adorno, Jones Manoel, Sabrina Fernandes, Karl Marx, György Lukács, Antonin Artaud, Susan Sontag.

(VÍDEO 22/25)

Título: *LIBERDADE DE ESCOLHA*

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=tbclmqJFTpE>

Data de publicação: 28 de abril de 2020.

Número do vídeo: 175 de 196.

Número de visualizações: 322.053 (23º mais visto).

Descrição: “Estudo Salto Livre | GNT: <https://www.youtube.com/watch?v=e3oDX...> Planet of The Humans | Michael Moore: <https://www.youtube.com/watch?v=Zk11v...>”

Resumo: A partir da discussão e síntese de dois documentários, um sobre consumo e outro sobre a crise ambiental, Rita problematiza a noção de “liberdade de escolha” no capitalismo, destacando o fato de que o processo de escolha é guiado por diversos fatores alheios ao controle individual e problematizando a ênfase capitalista em opções como parte da degradação do meio ambiente.

Palavra(s)-chave: Capitalismo; Ambientalismo.

Como Rita se dirige à audiência? Rita desenvolve sua argumentação com calma e clareza, de modo dialogado, e com palavras relativamente acessíveis.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Rita faz “um pedido encarecido” para que a audiência “assista os dois documentários e perceba a urgência da nossa escolha, que é escolher e construir um sistema que possibilite vida no planeta”. Além disso, Rita reitera sua reprimenda anterior (“se alguém deixar um comentário nesse vídeo falando ‘Tia Rita, tem como, por favor, a senhora deixar listadinho [a referência]’, eu vou falar ‘não, arrombadinho; não, arrombadinha.’ Sabe por quê? Porque eu já gravei o vídeo, já editei o vídeo, já fiz a pesquisa e subi. Não custa nada você anotar, o bracinho não cai”¹³⁶) e conclui com uma exigência/ameaça feita em tom de brincadeira (“corre atrás de assistir os documentários e ler a referência bibliográfica senão vai ter chinelada na bundinha”).

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita não incentiva diretamente, por exemplo, a diminuição no consumo.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Após resumir os argumentos postos pelos dois documentários (o que toma a maior parte do vídeo), Rita oferece alguns comentários a título de síntese: “não existe liberdade ou liberdade de escolha ou escolha numa terra arrasada” e é “um absurdo” pensar numa “economia e num modo de vida de acumulação infinita, de opções infinitas, num planeta com recursos finitos”. Rita considera que “o mundo que a gente está recebendo de todas as gerações que nos trouxeram até aqui é um mundo que desvaloriza a vida, que não

¹³⁶ Esta fala é seguida diretamente pela inserção de um meme em vídeo que mostra um cavalo dando um coice, indicando que Rita ou a pessoa responsável pela edição percebem seu grau de agressividade.

considera os seres humanos iguais, e que destrói o planeta para fazer a riqueza”; nesse cenário, “é a nossa missão histórica como geração transformar esse paradigma, para que a gente possa pensar no futuro”, e isso passa pela “reforma urbana, reforma agrária, isso passa por diminuir o poder dos grandes milionários e corporações, de [sic] criar estado de bem-estar, e de [sic] redistribuir as riquezas”.

Referências: Janaína Brizante, Túlio Custódio, Mariléa de Almeida, Jacqueline Teixeira (todos e todas do *Salto Livre*¹³⁷), Michael Moore, Svetlana Alexiévitch, Janaisa Viscardi, Henrique Vicentini, George Orwell, Sabrina Fernandes, Tiago Ávila, Karl Marx, Herbert Marcuse, Theodor Adorno.

(VÍDEO 23/25)

Título: FELICIDADE

Endereço do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=ncu8_hbk8bs

Data de publicação: 19 de maio de 2020.

Número do vídeo: 179 de 196.

Número de visualizações: 340.731 (19º mais visto).

Descrição: “Referências:

A) Livros:

Carta Sobre a Felicidade (a Meneceu) - Epicuro. Editora Unesp.

A diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro - Karl Marx. Editora Boitempo.

*Para ter em vista uma súmula do pensamento epicurista, ler: Carta a Meneceu; Carta a Pítocles e Carta a Heródoto.

B) Artigos/matérias

Bem vindo ao Estado Suicidário - Vladimir Safatle. N-1 edições. (Disponível em <https://n-1edicoes.org/004>)

Epicurus - The book of Life (Disponível em Inglês em <https://www.theschooloflife.com/thebo...>)

C) Podcast/canções

Desafinados Podcast - Episódio 02 - Produtividade.

Abalos Sísmicos - Letrux

Happiness - Goldfrapp

¹³⁷ Não foi possível determinar as pessoas responsáveis pela direção do programa.

D) Vídeos

Tese Onze - A classe trabalhadora é tudo... (disponível em https://youtu.be/aF_uMKC8E94)

Bem Vivendo - As 8 ações mais importantes na sua quarentena (Disponível em <https://youtu.be/bbmJZorpqyg>)”

Resumo: A partir de conversas pessoais com conhecidos e de suas leituras, Rita tece uma reflexão sobre a perspectiva de produção de felicidade (individual e coletiva) durante e após a pandemia no Brasil, acabando por defender uma reformulação sistêmica de nosso modo de vida como único caminho para a felicidade.

Palavra(s)-chave: Trabalho; Saúde; Ambientalismo; Capitalismo.

Como Rita se dirige à audiência? Rita desenvolve a argumentação de forma bastante clara e calma, partindo da experiência compartilhada de estresse e angústia durante a pandemia (“isso se você não faz parte dos milhões de desempregados, isso se você não faz parte das pessoas que estão precisando do auxílio do governo, ou que ainda não tiveram acesso a ele”) para construir uma forte chamada à resiliência e à luta política – ecossocialista – no pós-pandemia. Determinados termos carecem de maiores explicações que poderiam ser interessantes, como “determinista”, “paradigma”, “impreterivelmente”, “aristotélicos”, “platônicos”, “fascista” e “neofascista”.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)? Não.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Rita avalia que a questão de como produzir felicidade talvez seja “uma das perguntas mais importantes que a gente pode se fazer durante o nosso tempo, durante a pandemia, e pra pensar o que vai ser a nossa organização de corpo social pós pandemia”. Ao buscar em Epicuro uma referência sobre felicidade, ela defende que a ideia de que “a filosofia é uma prática e uma disciplina que visa tornar feliz quem a pratica, e por isso o acesso à filosofia deveria ser de todos” pode ser entendida como “comunismo”, ao passo que a ideia de “da prática do cultivo de reintegrar e enraizar pessoas, de construir comunidades e de mudar o paradigma de abundância e alegria” lembra muito o ecossocialismo. Nesse sentido, Rita avalia que “a felicidade está intimamente ligada com as práticas de vida que a gente é possibilitado de ter e (...) se a gente quer realmente um modelo de vida feliz, a gente vai invariavelmente e impreterivelmente ter que passar pela reformulação

deste sistema [capitalista], porque não existe felicidade em terra arrasada, porque não existe felicidade em terra doente, né?” Ao denunciar o “fascismo” atualmente em voga no Brasil como “a faceta final do capitalismo”, dizendo que “Tudo isso que a gente tá vivendo, é reflexo de uma crise do capital e de um recrudescimento tamanho das políticas neoliberais que tão nos levando pra um novo nazismo, um novo fascismo”. Rita enfatiza que, “nesse momento, o que a gente pode fazer de mais precioso é reforçar, estabelecer, trabalhar sobre as nossas ligações e os nossos afetos positivos, para que a gente pense em produções de felicidade, e exercícios de pré-figuração, para que, assim que esse cenário da pandemia acabar, a gente possa propor novas estruturas de mundo”. Ela conclui com a asserção de que “o nosso canal é basicamente sobre isso”.

Referências: Márcia Fráguas, Ivan Silva, Nancy Silva (todas e todos do *podcast Desafinados*), Tânia Alice, Sabrina Fernandes, Epicuro, Carolina Ferraz, Karl Marx, Tiago Ávila, Frantz Fanon, Vladimir Safatle.

(VÍDEO 24/25)

Título: AMOR NA PANDEMIA: PARTE 1

Endereço do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=PWipa9d_7uQ

Data de publicação: 26 de maio de 2020.

Número do vídeo: 180 de 196.

Número de visualizações: 385.381 (15º mais visto).

Descrição: “A) Livros:

Sofrimentos do Jovem Werther – Johann Wolfgang Goethe (Disponível em <http://lelivros.love/book/download-os...>)

A Condição Pós-Moderna, Jean-François Lyotard. Editora: UNESP

B) Artigos/matérias:

Pandemia, Reprodução e Comuns – Silvia Federici (Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticia...>)

C) Vídeos:

Mais assistidos do canal sobre Deus e amor - Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=bEr4b...> (BÍBLIA: A ESCRITURA SAGRADA?????????)

<https://www.youtube.com/watch?v=g9Xx5...> (AS 5 LINGUAGENS DO AMOR)

<https://www.youtube.com/watch?v=ODOOo...> (A TEORIA DO APEGO (ou "qual é o seu tipo?"))

<https://www.youtube.com/watch?v=WqBbu...> (O DEUS PROBLEMA)

Live de Entrevista com a SP Escola de Teatro (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3-Mdv...>)”

Resumo: A pedidos da audiência e após uma *live* sobre o assunto, Rita reflete sobre a possibilidade de amor durante a pandemia, especificamente no caso de pessoas que estão procurando relacionamentos românticos: após usar o aplicativo de encontros Tinder, ela profere uma visão bastante negativa da possibilidade de estabelecer e manter relacionamentos mediados pela internet durante a pandemia de COVID-19.

Palavra(s)-chave: Relações/Sociabilidade; Capitalismo.

Como Rita se dirige à audiência? Rita inicia o vídeo dizendo que “estavam me pedindo muito que fizesse esse vídeo”, e, mais tarde, reafirma a popularidade da temática de relacionamentos entre sua audiência: “os vídeos mais assistidos aqui [no canal] são sobre Deus e amor”. A discussão é conduzida de forma bastante clara e calma, sem uso excessivo de palavras demasiadamente rebuscadas; contudo, as digressões entretidas por Rita fazem com que o vídeo não consiga cobrir toda a matéria que se propunha a discutir, levando à produção de um segundo vídeo para falar dos casos omissos (pessoas solteiras, sem interesse em buscar novos relacionamentos, e pessoas que entraram na pandemia já em algum relacionamento). Em função da aparente proximidade do tema da realidade de sua audiência, Rita desenvolve seus argumentos de modo dialogado, com diversas perguntas (“Se você estivesse numa sala, cá, sentadinha, e tivesse na sua frente cinco telas de TV passando cinco filmes diferentes, e você ficasse aqui durante duas horas assistindo, e no final perguntassem "De qual filme você mais gostou?" Até pode ser que você tenha tido alguma preferência, e que você tenha fixado sua atenção ali, naquela tela, por mais algum tempo. Mas o fato é: nenhuma dessas narrativas vai criar com você um vínculo porque você não estava presente naquele momento, você sequer estava assistindo as narrativas, você estava passando por um outro tipo de experiência”) e exemplos (“Então, os aplicativos de pegação normalmente obedecem a um *script*. ‘ah, quem você é? De onde você fala? Com o que você trabalha?’), além de usar sua própria experiência no Tinder para ilustrar sua fala (“Muito me espantei no Tinder,

quando muitos dos meus *matches* me perguntavam coisas como: ‘O que você procura aqui?’ ‘O que você quer?’ ‘Afim de quê?’).

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Não.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita não sugere, por exemplo, que a audiência deixe de usar aplicativos de relacionamento ou mude seu comportamento ao usá-los.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Mesmo antes de falar especificamente de relacionamentos românticos, Rita questiona a possibilidade de “falar de amor no país que baleou o João Pedro”, uma criança morta dentro de casa pela polícia, além de problematizar a ideia de amor materno como “trabalho não-remunerado”. Não é surpresa, então, que ela expressa uma visão bastante negativa dos relacionamentos contemporâneos, especialmente aqueles travados por meio de aplicativos digitais (que, segundo ela, são a única maneira ética de buscar amor durante a pandemia, em função da necessidade de isolamento social). Após fazer o “sacrifício” de abrir uma conta no Tinder e usá-lo por determinado período de tempo, Rita sugere que aplicativos como esse “são quase a faceta final da reificação das nossas consciências”, no sentido de que “eles funcionam quase como funcionam os sites de compras: as mercadorias, os produtos ficam todos lá expostos, esperando que você interaja com eles na intenção de consumi-los”. Além disso, em função de uma “falência narrativa” típica da contemporaneidade, que faz com que as pessoas estejam perdendo “a capacidade de sustentar narrativas”, Rita argumenta que “as nossas subjetividades (...) não são capazes de sustentar relações através do discurso, do diálogo, da interação, da troca de ideias”, inviabilizando a condução de relacionamentos num cenário em que o “encontro físico, corporal, sexual” é impossível (ou, pelo menos, não-recomendado).

Referências: Johann Wolfgang von Goethe, Silvia Federici, François de La Rochefoucauld, Jean François Lyotard, Zygmunt Bauman, Heleieth Saffioti, bell hooks, Simone de Beauvoir.

(VÍDEO 25/25)

Título: RACISMO, COISA DE BRANCO

Endereço do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=eBfw2WqNDj0>

Data de publicação: 19 de junho de 2020.

Número do vídeo: 183 de 196.

Número de visualizações: 536.261 (6º mais visto).

Descrição: “Referências

Livros

1. White fragility – Robin DiAngelo
2. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público" – Maria Aparecida da Silva Bento. Tese de Doutorado, disponível em (<https://teses.usp.br/teses/disponivei...>)
3. Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades – Org. Henrique Restier e Rolf Malungo de Souza
4. O que é racismo estrutural (pré venda) – Sílvio Almeida
5. Uma viagem pitoresca ao Brasil - Jean-Baptiste Debret
6. Dicionário Crítico da Pintura no Brasil – José Roberto Teixeira Leite
7. Contornos do (In)visível: Racismo e Estética na Pintura Brasileira (1850-1840) – Tatiana Lotierzo. Dissertação de mestrado, disponível em (<https://teses.usp.br/teses/disponivei...> 134956/publico/2013_TatianaHelenaPintoLotierzo_VCorr.pdf)

Vídeos

1. O que é racismo estrutural – Sílvio Almeida para Tv Boitempo, disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew...>)
2. Marxismo e a questão racial – Sílvio Almeida para Tv Boitempo, disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=jedLb...>)
3. Lélia Gonzales: racismo estrutural – Jaqueline Conceição para Casa do Saber, disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=X2ruq...>)
4. Razão e barbárie do racismo – Jaqueline Conceição para Casa do Saber, disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=2sKP-...>)
5. Liberalismo: escravidão, colonialismo, racismo... – Jones Manoel, disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=YrgiQ...>)
6. White privilege – Kylaj Lacey . Poema declamado em inglês com legenda, disponível em (<https://www.instagram.com/tv/CBBqbL1A...>)

Telas analisadas

1. Um Jantar Brasileiro - Jean-Baptiste Debret. (1827)
2. A redenção de Caan – Modesto Broco (1895)”

Resumo: Rita discute o racismo no Brasil a partir de episódios recentes de violência e discriminação contra pessoas negras, buscando fazer com que sua audiência branca se dispa de sua fragilidade branca, assuma o peso do estresse racial que vem de reconhecer seus privilégios e adote uma posição plenamente antirracista.

Palavra(s)-chave: Negritude; Classe; Ódio.

Como Rita se dirige à audiência? O início do vídeo assume a forma de um quase-diálogo entre Rita e sua audiência branca, a quem ela diz que o vídeo é endereçado (“ele é especial para você, amigo palmitinho¹³⁸, amiga palmitinha”): Rita reproduz e responde a questionamentos hipotéticos de espectadores brancos que se sentiriam confusos com a sua convocação a reconhecer seus privilégios (“‘Não, dona Rita, imagina, não tenho nada a ver com racismo, tenho até amigos que são negros e pretos.’ Eu vou te falar: ainda que você não tenha inventado, participado, que seja uma coisa que começou muitos séculos antes da sua avozinha pensar em engravidar, você se beneficiou de uma estrutura racista, e é isso que eu vou tentar delimitar no vídeo de hoje”). O que se passa, então, é uma sequência de argumentos claros, fortes, enunciados num tom combativo desde a primeira frase do vídeo, quando Rita diz que falará mais rápido do que de costume “porque eu vou precisar de tempo para bater com vontade”. Ela fala com raiva visível (“para encerrar o vídeo, antes que eu tenha uma úlcera (...) ou desista de fazer o que eu tô me pretendendo [sic] fazer aqui”), com nojo (“essa elite nojenta brasileira, racista”; “esse corrupto, esse nojento, esse crápula, esse salafrário”; “essa gente nojenta que se acha branca”, “aquela nojenta da Princesa Isabel”, etc.), e ilustra sua fala com colocações extremamente incisivas e sarcásticas, que conferem ainda mais força à sua exposição (“eu não sei se sabem desse dado bizarro, né, mas depois que brasileiros começaram a ir para Portugal, as construtoras em Portugal estão construindo apartamento com quarto de empregada, um negócio que não existia lá, mas (...) a elite nojenta do brasil, que está acostumada a ter a senzala anexada à casa grande, sonha, né, em ter o quartinho da empregada nos seus apartamentos”). Em determinados momentos, a emoção chega a tomar conta da fala de Rita; ela quase chora ao relatar que Sarí Côrte Real, responsável pela morte do menino Miguel, está sendo processada por homicídio doloso, comentando que “a gente tem uma mulher adulta que coloca um bebê de cinco anos de idade sozinho dentro de um elevador e aperta o nono andar, e ela não tem o dolo, ela não tem a

¹³⁸ Epíteto racial para pessoas brancas.

vontade de matar essa criança”. Também é forte o relato pessoal de Rita sobre sua reação à notícia da morte de Miguel: “Eu cancelei todos os meus compromissos, eu voltei para cama e eu tentei fingir que eu não existia, que eu não morava no Brasil, que eu não estava vivendo essa realidade”. Talvez em função de sua fúria, Rita não pausa para explicar alguns termos mais rebuscados, conceitos mais complexos, e palavras importadas, tais como “branquitude”, “*shablam*”, “concatenaram”, “*tête-à-tête*” e “darwinismo social”.

A audiência é diretamente instada a fazer algo (exigência positiva)? Sim.

Rita explicita que o vídeo tem como objetivo exigir uma mudança de comportamento de sua audiência branca: “Eu tô falando tudo isso porque eu tô chula da vida de ver gente branca tirando o seu da reta e falando ‘eu não vou me meter, não é um assunto que...’ e é exatamente o assunto no qual você tinha que se meter, né, porque você é mais ou menos responsável pelo que está acontecendo, e sem que você se meta, advogue, se torne realmente um antirracista e não ficar apenas fazendo (...) postagem com *hashtag* na internet, a situação muda de forma muito mais difícil. A sua ação é necessária para que esse sistema mude”. Mais tarde, ao final do vídeo, Rita diz que espera “que esse vídeo sirva para alguma coisa, se você ainda faz parte de uma parcela da branquitude que nunca parou para pensar os seus privilégios, ou qual é o seu papel dentro do racismo estrutural. Enquanto a gente não mudar essa estrutura, e enquanto a gente não se valer das nossas posições para alterar o que acontece à nossa volta, para incluir, para agregar, para apoiar, para fomentar projetos, a gente nunca vai ver a barbárie da sociedade brasileira acabar”.

A audiência é diretamente instada a não fazer algo (exigência negativa)?

Não. Rita não pede diretamente que a audiência deixe de ter determinada atitude racista, por exemplo.

Como Rita avalia a(s) questão(ões) discutida(s)? Ao longo do vídeo, Rita apresenta diversos dados e casos que evidenciam o racismo estrutural na sociedade brasileira: “quando a gente está falando disso, a gente tá falando sobre genocídio da juventude negra, a gente tá falando sobre o encarceramento em massa dos homens negros, a gente tá falando sobre empobrecimento e superexploração da força de trabalho de mulheres negras, e a gente está falando, por exemplo, de polícia”. Nesse sentido, Rita ressalta, em diversos momentos, a “urgência” da luta antirracista, dizendo que “Não é

possível vencer a barbárie, lutar contra a barbárie, sem lutar contra o racismo” e atribuindo às pessoas brancas a responsabilidade por travar essa luta: “se você ainda tá desconfortável, é para ficar, porque (...) quem precisa discutir o racismo é a brancaiada filha do Bolsonaro que inventou o racismo”. O primeiro passo rumo ao antirracismo, na visão de Rita, é a educação: “tô deixando tudo na referência [do livro de Robin DiAngelo] se vocês quiserem ler, se educar, que é o primeiro passo para ser antirracista”.

Referências: Djamila Ribeiro, Robin DiAngelo, Jean-Baptiste Debret, Kleber Mendonça Filho (*Aquarius*), Anna Muylaert (*Que Horas Ela Volta?*); na descrição, também aparecem Maria Aparecida da Silva Bento, Henrique Restier e Rolf Malungo de Souza, Sílvia Almeida, José Roberto Teixeira Leite, Jaqueline Conceição, Jones Manoel, Kylaj Lacey.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br